

BR 61

O B R A S I L
E O S
B R A S I L E I R O S

981
B82
V. 205-A

D. P. KIDDER e J. C. FLETCHER

O BRASIL E OS BRASILEIROS

(ESBOÇO HISTÓRICO E DESCRITIVO)

*

Tradução de ELIAS DOLIANITI

Revisão e Notas de EDGARD SÜSSEKIND DE MENDONÇA

*

—
2.^o VOLUME

1
3423
10/15/41
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1941

Do original Norte-Americano:

BRAZIL AND THE BRAZILIANS
(PORTRAYED IN HISTORICAL AND DESCRIPTIVE
SKETCHES)

7.^a ed. — Childs and Peterson —
1867, Filadelfia E. U. A.

Ampliação da obra de Daniel Parrish Kidder:

SKETCHES OF PRESIDENCE AND
TRAVELS IN BRAZIL

1845 — Sorin and Ball — Filadelfia — 2 vols.

50-1687

ÍNDICE

CAPÍTULO XVI

Visita às Províncias do Sul — São Sebastião — Santos — São Vicente — Paranaguá — São Francisco do Sul	1
---	---

CAPÍTULO XVII

Província do Paraná — O mate — Província de Sta. Catarina — Colonização alemã — Joinville	19
---	----

CAPÍTULO XVIII

Colônia Dona Francisca — O mestre escola — São Francisco do Sul — Província de Sta. Catarina — Desterro — Minas de carvão — Província do Rio Grande do Sul — Rebanhos e vaqueiros — Uso do laço — Antigas revoltas; atual tranquilidade	35
---	----

CAPÍTULO XIX

Viagem a São Paulo — Serra do Cubatão — Formigueiros — Tropeiros — Ipiranga — A cidade de São Paulo	59
---	----

CAPÍTULO XX

História de São Paulo — Academia de Direito — Homens ilustres — Esforços missionários	74
---	----

CAPÍTULO XXI

Interior da Província de São Paulo — Campinas — Limeira — Ilicaba — Os Vergueiros	102
---	-----

CAPÍTULO XXII

Uma nova doença — Cultura do chá no Brasil — Campinas — Cafezais — São Bernardo — Novamente Santos; regresso ao Rio	127
---	-----

CAPÍTULO XXIII

O Norte do Brasil — Rumo a Minas Gerais; via Petrópolis — Correias — Rio Paraíba; visita a uma plantação — As formigas brancas — O tamanduá — A paca — O carro musical — Recursos minerais — Recursos vegetais — Navegação do Rio São Francisco — Província de Goiás — Província de Mato Grosso — Navegação pelo Prata — Cuiabá — Malefício das minas de ouro e diamantes	146
---	-----

CAPÍTULO XXIV

Cabo Frio — Campos — Litoral da Província do Espírito Santo — Príncipe Maximiliano de Neuwid — Índios, origens e civilização — Os Abrolhos — A cidade da Baía — Baía de Todos os Santos — Lenda do Caramurú — Ataque dos holandeses — Capital espiritual do país — Pesca da baleia — Arredores da Baía — Monteserrate — Instituições — Festas oficiais — “Fábrica de imagens” — Santo Antônio — São Tomé no Brasil — Fábrica de Valença — Volta à Baía	186
---	-----

CAPÍTULO XXV

Viajando para o Norte — Os Morcegos — A “sucurujú” — O “uistiti” — Província de Alagoas — Pernambuco — Palmares — Peculiaridade das casas de Recife — Olinda — O “recife” — Fanatismo no interior — Os sertanejos — Açucar — As jangadas — Paraíba do Norte — Rio Grande do Norte — Ceará — Litoral do Nordeste — Clima do Nordeste — Maranhão — “Brasileiros” — Mangues — A “montaria”	234
---	-----

CAPÍTULO XXVI

Norte do Brasil; magnificência da natureza — A cidade do Pará — Entrada do Amazonas — Revolução de 1835 — Efeitos da navegação a vapor — Progressos urbanos — As “canôas” — Produtos do Pará — A borracha — “Sapatos do Pará” — O Rio Amazonas; Wallace — Tartarugas — Manteiga de tartaruga — Aves e insetos do Amazonas — Visita a um moinho de arroz — Excursão pela floresta — O Bispo do Pará e o Dr. Kidder — Orellana — Lenda das Amazonas	283
---	-----

CAPÍTULO XXVII

O Amazonas; sua descoberta — “El Dorado” — Denominações do grande rio — Pedro Teixeira — La Condamine; explorações científicas — Navegação a vapor — “Victoria-Regia” — Navegabilidade do Amazonas — Herndon e Gibbon — Companhia de Navegação do Amazonas — As cartas do tenente Maury — Futuro do Amazonas	319
Conclusão	350
Notas dos Autores	373
Apêndices: A) Versos do Imperador D. Pedro II	375
B) Tabela das cunhagens de ouro e prata	376
C) A febre amarela no Brasil	377
D) Recentes descobertas de carvão no Brasil	384
As minas de ouro no Norte do Brasil	396
Um vulcão no sul do Brasil	398
E) Escravidão no Brasil	400
F) Os trabalhos do Professor Agassiz no Amazonas	401
Notas do Tradutor	

CAPÍTULO XVI

Visita às Províncias do Sul.

Embora tendo eu residido vários anos no Império, nunca visitei as províncias do sul. Em Junho de 1855, o dever, somando-se á vontade, proporcionou-me o ensejo que ha muito desejara.

Bondosamente munido por amigos brasileiros, alemães e ingleses do Rio, de cartas de apresentação, e principalmente amparado por forte carta de recomendação do veneravel Senador Vergueiro, (um dos últimos dos patriotas da Constituinte), tinha toda a facilidade para visitar o sul do Brasil em condições vantajosas.

Desejando viajar descansado, procurei meu passaporte, vários dias antes da minha partida, na repartição conveniente. Uma das primeiras lições aprendidas pelo viajante no Brasil, é ter paciência e conformidade com todas as formalidades existentes. Não importa quanto sejam absurdas as exigências, como, por exemplo, a de obter um passaporte para deixar a cidade do Rio de Janeiro em demanda das províncias, (onde nunca ele seria exigido), devemos nos submeter a isso. Protestos motivam apenas um dar de ombros do funcionário tomador de rapé, e ai de nós si a hora de fechar o escritório chega antes de se ter obtido o documento necessário. Para estar perfeitamente dentro da regra, o cidadão que parte ou o estrangeiro deve ter seu nome registrado na alfândega ou estampado em algum jornal, três dias antes de ser seu passaporte concedido, para que seus credores possam ter a oportunidade de conhecer os seus passos. Mas o sistema de passaporte, assim como o de quarentenas, nunca evita o "adit" ou o "exit" dos velhacos ou das pestes.

Sabendo disso, eu havia preparado desde o dia anterior, a minha bagagem, que se compunha de uma mala e alguns

caixotes de livros, e tinha feito um ajuste com um empregado subalterno de uma casa mercantil, para ter a bagagem colocada no vapor bem cedo. Acreditando-me perfeitamente seguro, ocupei-me em escrever até meia hora antes da partida. Ao entrar no estabelecimento mercantil referido, encontrei minha bagagem descansando quietamente onde eu a tinha deixado na véspera. Havia sómente tempo para leva-la a toda pressa num carro para o Consulado. Saímos a toda pressa e, ao alcançar este lugar, passamos por uma série de formalidades para embarcar as caixas; então, tomando um bote, (pois os navios não atracam em docas), chegamos ao vapor, e tivemos o desgosto de ser informado pelo segundo piloto brasileiro que os motivos de nossa pressa não podiam ser recebidos a bordo naquela hora, sem uma permissão especial do official do vapor, que estava na rua, a uma milha distante do Consulado.

Os negros remaram comigo rapidamente em direção à terra, onde saltei para um tilburi e percorri barulhentemente as ruas até o ambicionado escritório da "Southern Steam-Packet Company". Obtive a permissão, e, voltando com a mesma rapidez com que vim, cheguei logo a bordo. Deixo ao leitor julgar quão mais facil e mais razoavel seria tudo na Inglaterra ou nos Estados Unidos, mesmo me cabendo a culpa de não atender à minha própria bagagem para ve-la belamente no vapor um dia antes.

Uma vez a bordo, verifiquei não ter havido necessidade da minha grande correria, pois a máquina roncou e assobiou mais de uma hora antes de deixarmos o ancoradouro. Nossos passaportes foram todos examinados pelo official de policia, e nossas identidades pessoais verificadas pelo agente do paquete, para descobrir si todos os passageiros tinham pago sua passagem: o capitão tomou seu posto sobre a casa do leme e à voz de "pequena volta para frente" movemo-nos através do ancoradouro dos navios de guerra e outras embarcações carregando e descarregando, até se ouvir a voz de "para a máquina", quando estavamos sob os canhões de Villegagnon.

Recebemos aqui a última visita do agente, e depois os oficiais do governo abordaram-nos para ver si estava tudo conforme, e — si imaginam os leitores que navegamos fóra da baía, a sua imaginação o teria completamente enganado, — pois ficamos em frente de Villegagnon por duas horas mortais, flutuando para cima para baixo em ondas que nos chegavam diretamente do asulado Atlântico. Alguma coisa tinha sido esquecida pela esposa do comandante (de mais valor que uma caixa de chapéus), que se verificou ter sido uma grande caixa contendo dinheiro e despachada “expressa” para o Sul; daí a nossa demora.

Já passavam das cinco horas quando transpuzemos as gigantescas sentinelas do Pão de Açúcar e Santa Cruz. Os passageiros, com exceção da minha pessoa, de um francês e um lombardo, eram brasileiros ou portuguezes. O capitão, natural de Baltimore, tinha renunciado a seus direitos nos Estados Unidos, e se naturalizado brasileiro. Logo chegou a noite, e um forte e revoltoso mar obrigou-me a ir para o camarote, — não antes de ter visto os brasileiros horrivelmente enjoados pelo mar; e tinham todos uma tal aparência biliosa que se podia prever para elles um gráo extraordinário de sofrimento no alto mar.

Cedo, na manhã seguinte, pude ver da janela do meu camarote as montanhas da costa. O mesmo magnífico cenário que agrada tanto os viajantes nas vizinhanças do Rio de Janeiro se reproduzia em todo o trajeto até o Rio Grande do Sul, apenas as montanhas variam de forma, e em alguns lugares as palmeiras são mais exuberantes. Quando me dirigi ao tombadilho, estávamos justamente entrando na linda baía de Ubatuba. Dois navios estavam ancorados; e, tratando-se de um pequeno lugar, havia consideravel comércio de café, que era trazido do interior e daí embarcado para o Rio.

Ubatuba.

A vila de Ubatuba estende-se por uma praia circular, e suas casas, muito brancas, ficam em forte contraste com as montanhas verdejantes que se erguem ao fundo. A tempestade tinha cessado; raramente tenho presenciado uma cena mais agradável que essa paisagem sulina. O capitão, vendo a tranquilidade da água, teve o bom senso, nessa ocasião, de convidar os passageiros para um almoço mais substancial, pois quasi todos a bordo se tinham plenamente preparado para ele com o seu tributo noturno pago às ondas enraivecidas.

Todos os olhares brilhavam de prazer (sem dúvida o almoço tivera o seu papel em tal efeito) quando se passou em revista a beleza que surgia em nossa frente. Afabilidade e bondade são característicos predominantes dos brasileiros; até um pobretão teria ficado *alegre* naquelas circunstâncias.

Nós apenas tratámos da nossa correspondência e comprámos as laranjas, (cem das mais deliciosas podem ser compradas por tres pence inglêses) e, despedindo-nos de Ubatuba, em curto tempo estavam navegando de novo entre as ilhas e a costa cobertas de matas. O mar estava manso, os passageiros foram todos para o tombadilho, e os melhores sentimentos dominavam todos os presentes. Desejando aproveitar a ocasião, desci á minha mala e levei para cima uma Bíblia Portuguêsa; que ofereci a um passageiro conforme as regras da Sociedade Bíblica Americana (American Bible Society). Pouco tempo foi necessário para eu dispôr de todos os volumes da Sagrada Palavra que estavam ao meu dispôr e, de todos os lados, os meus amigos de viagem estavam lendo com curiosidade um livro que nunca haviam visto antes. De vez em quando chamavam-me para dar explicações, e convenci-me mais uma vez da falta de fanatismo que é uma qualidade característica dos brasileiros. Um oficial da Marinha Imperial que tinha voltado da esquadra brasileira no Rio da Prata, voltando ao seio de

sua família em Santos, desejou a Sagrada Escritura para dar de presente a seus filhos, e, adquirindo-os comentava. “Embora eu seja um homem de quarenta e cinco anos de idade, nunca tinha visto até agora a Santa Biblia escrita em língua que eu pudesse compreender”.

Ubatuba difere de certo modo de muitas cidades vizinhas, pois foi dotada de uma denominação indigena sonora, como outras, já encontrada em toda a região quando se deu a descoberta. A não muitas leguas dessa vila, está a grande cidade de Angra dos Reis e a ilha denominada Ilha Grande dos Magos, cujos nomes foram dados por Martin Afonso de Souza. Embora vários destes portos e ilhas tenham sido previamente descobertos e provavelmente batizados, — devido à circunstância de Souza ser um colonizador de fato, circunstancia esse somada ao fato de que, respeitando o calendário romano, ele correspondia aos preconceitos peculiares aos seus compatriotas — os nomes impostos por êle são os unicos conservados pela posteridade. O dia 6 de Janeiro, designado em inglês como a Epiphania, é chamado em Português, *Dia dos Reis Magos*. A Ilha de São Sebastião e o porto de S. Vicente foram denominados de maneira semelhante, nos dias 20 e 22 do mesmo mês. Os nomes indigenas das cidades brasileiras podem incluir-se entre os mais fluentes e sonoros encontrados em qualquer lingua: — como Itaparica, Pindamonhangaba, Inhomerim, Guaratinguetá Paraiiba e seu diminutivo Parahibuna, etc.

São Sebastião.

De Ubatuba até o nosso seguinte ponto de escala, foi apenas uma corrida de algumas horas. Percorremos continuamente uma das mais íngremes e pitorescas costas que tenho observado. Junto á ilha e a cidade de São Sebastião (esta em terra firme), vicram-me à lembrança as margens do Reno o cenário dos lagos e montanhas da Suíça, embora aqui a perpétua vegetação embeleze penhascos e rochedos, os vales estejam cobertos com plantações de café e açúcar,

e as laranjeiras sejam pródigas em seus frutos dourados. A costa escarpado e alta, e promontórios bem arborizados projetam-se com grande nitidez de detalhes na brilhante e pura atmosfera. A ilha de São Sebastião está separada do continente apenas por um estreito braço de mar, e parece-me, ao contempla-la, uma das fabulosas ilhas Hespérides. As íngremes e rochosas encostas de suas cadeias de montanhas são entremeadas de faixas de floresta, de cuja folhagem espessa, cascatas de beleza verdadeiramente alpina deixam cair suas aguas espumantes de centenas de pés de altura.

Foi numa aldeia dessa romântica ilha que Wilberforce — um jovial e imaginoso “guarda marinha inglês — diz ter visto traços de mãos portuguesas em uma linda e branca igreja que se ergue no meio das casas de barro. “A antiguidade da construção”, escreve êle, “não era a única prova

de sua origem. A presença de uma igreja é em si suficiente para mostrar que portugueses ou brasileiros haviam encontrado a vila. Costuma-se dizer que a primeira construção que colonos portugueses erigiram é uma igreja; e a primeira que os brasileiros constroem é uma taberna de bebidas”. E Wilberforce acrescenta significativamente: “Nós regulamos essas coisas melhor na Inglaterra e construimos as duas ao mesmo tempo”.

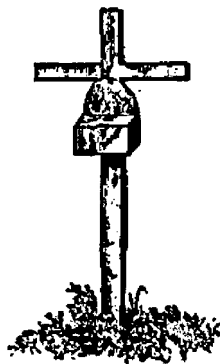


Venda á beira da estrada

Não posso dizer que as observações do guarda marinha inglês sejam inteiramente exatas; mas é um fato que os brasileiros já tenham demasiado igrejas para os sacerdotes, e também que principiem os nucleos de suas povoações por uma venda, que não serve apenas como casa de bebidas, mas como lugar para repousarem e comer.

Os brasileiros são um povo moderado, como já observei, e não dado a bebidas como os povos do Norte; por conseguinte, “taverna de bebidas” não é o termo correto para expressar a fundação de uma colônia brasileira. A religião e a venda não são sempre inseparáveis; pois se encontrará frequentemente uma pequena cruz perto da estrada da venda e algumas vezes uma caixa de almas pregada na sua porta, na qual estão pintadas “almas brancas e pretas” que elevam mãos de súplica das chamas do purgatório, e duro deve ser o coração que possa resistir a tão piedoso espetáculo.

O guarda marinha é, todavia, inteiramente justo em sua observação sobre mosquitos e os maléficos borra-chudos. A indignação juntamente com a poesia, nasceram do aborrecimento que êles lhe deram; pois êle eloquentemente expandiu-se no seguinte trecho: — “Quem escrevesse uma ode à paisagem brasileira em [São Sebastião] provavelmente começaria,



Caixa das Almas

“Ye mountains, on whose woody heights
The greedy borra-chudo bites;
Ye forests, in whose tangled mazes
The dire mosquitos sting like blazes!”

e assim por diante até o fim do canto. Coisas que seriam poeticas tristemente se estragam com a intromissão desses utilitários complementos — os mosquitos. Vorazes animais! Envergonho-me em vosso nome. Não poderíeis dispensar o vosso jantar e deleitar a vossa mente com a poesia da paisagem?”.

São Sebastião tem doze ou quatorze milhas de extensão, e quasi tanto de largura. É bem cultivada e algum tanto populosa. Bem como a Ilha Grande, era o ponto de reunião

dos navios empenhados no comércio de escravos. Essas embarcações tinham grandes facilidades de desembarcar as suas cargas de seres humanos nesses e noutros pontos contíguos; e quando não precisavam ir fazer reparos no porto do Rio, podiam munir-se em S. Sebastião dos papéis necessários para nova viagem. Não foi por outro objetivo que o vice-consulado de Portugal se estabeleceu na vila do lado oposto.

O sol estava se pondo quando o nosso pequeno vapor saiu da Baía de S. Sebastião, e antes do amanhecer estávamos nos aproximando dos Alcatrazes, duas ilhas rochosas de forma curiosa, bem conhecidas por todos os paulistas viajados.

Antes de me retirar para o camarote, tive uma interessante conversa com um português que estava orgulhoso de seu pequeno reino peninsular, e jactava-se de seus grandes feitos e passados esforços, mas não falava de sua gloria presente. O passageiro lombardo entretinha-se com narrativas da revolta milaneza de 1848, e com canções bélicas em que o nome de Carlos Alberto "Il Ré di Sardegna" vinha sempre à baila.

Santos.

Na manhã seguinte chegámos a Santos, situada algumas milhas acima do rio do mesmo nome, que é o principal porto da florescente província de São Paulo. Aqui desembarquei minhas duas caixas destinadas ao interior, e que esperava chegariam o seu destino antes que eu voltasse a Santos, para que eu pudesse cavalgar com presteza sem o estorvo das mesmas, sem me atrazar nas excursões análogas que eu fizera na zona rural da província do Rio de Janeiro. Tive que vencer algumas dificuldades na alfândega; e ninguém, a não ser os estrangeiros que tenham feito semelhante experiência no Brasil, pode imaginar os vários prejuizos a que cada objeto está sujeito. Não houve objeções para os livros porque eram Biblias, mas tive que pagar direitos (pe-

quenos, é verdade) mais uma vez pelas mesmas. Pensei que já tendo pago direito no Rio, seria suficiente; mas aqui ha uma tarifa provincial, da qual ninguem está isento. Tinha cartas do Senador Vergueiro para seus dois filhos, que têm uma casa comercial aqui, e, assim como o pai têm imensas plantações no interior; e foi para uma dessas plantações que resolvi me dirigir, e, enquanto trabalhava pelo bem, habilitar-me a ver, por mim próprio, a condição dos milhares de colonos europeus que os empreendedores Vergueiros têm sob suas ordens.

O Sr. José Vergueiro, chefe da casa de Santos (Vergueiro & Filhos), estava ausente, e seu irmão, o quarto filho do Senador, estava indisposto. Mas, por sua ordem, fui tratado com a maior gentileza pelos empregados do estabelecimento; e, por um deles, meus livros foram logo despachados na alfândega. Declinei seu convite para jantar no Trapiche, pois já tinha accitado a boa oferta de meus companheiros de viagem brasileiros no hotel do Sr. Francisco. Diziam que este era um perfeito poliglota; mas achei, experimentando falar com ele em tres linguas, que apenas falava um pouco de cada uma. O jantar foi abundante e excelente. Achei que as joviais qualidades dos brasileiros, eram tão notaveis como as de John Bull, — não que houvesse bebidas em excesso, mas comem com gosto, e divertem-se muitíssimo em cada brinde ou saudação, que, pareceu-me, o nosso banquete foi tão abundantemente provido como de substanciosos alimentos e doces. Os brasileiros são grandes fazedores de brindes; numa mesa em que vinte ou mais pessoas estavam reunidas, vi cada qual propor pelo menos uma "saude", enquanto alguns propunham, no fim da refeição a saude de nada menos de seis diferentes pessoas. Alguns destes brindes terminavam por hinos cantados por todos em tão altas vozes que parecia serem estudantes alemães os seus executores.

O grupo em casa do Sr. Francisco, era composto de mercadores, médicos, alguns funcionários civis do Govêrno, e um coronel do exército regular. Vinho em abundância foi

posto sobre a mesa; mesmo assim foi usado com grande moderação pelos que beberam, alguns se abstendo totalmente. No ajuste de contas, (\$1 cada), nenhum deles permitiu-me participar da despesa; e durante a refeição, sabendo que eu era um sacerdote protestante, foram mais respeitosos em suas expansões aprovando todos o trabalho em que me achava empenhado. Refiro-me a esse particular, por causa de alguns escritores e visitantes do Brasil, que certamente nunca viram mais do que casas de armadores de navios, hotéis, ou, no máximo alguma cidade costeira, e por isso se queixaram de que os brasileiros são inhospitos, interesseiros e inteiramente desconfiados para com o estrangeiro. Quanto á falta de hospitalidade, fóra das grandes cidades, não é propria dos brasileiros; e mesmo no Rio e na Baía, as maiores cidades do Brasil, sempre recebi o mais cordial tratamento dos brasileiros, a quem nunca vira antes de entregar as minhas cartas de apresentação. Entre as mais agradaveis lembranças de minha vida ficarão as provas da boa hospitalidade manifestada para comigo pelos brasileiros na metropole, onde mais do que em qualquer outro lugar costuma haver frieza. Quanto a egoísmo e desconfiança para com os estrangeiros, possuem do primeiro o que faz parte da natureza humana, e do segundo não mais do que o manifestado por ingleses ou americanos quando se aproximam de estrangeiros recém-chegados sem cartas de recomendação.

Do hotel do Sr. Francisco fomos para bordo. Esta tarde num grupo de passageiros, juntamente com o capitão e o piloto, estivemos acordados até alta noite conversando a respeito da literatura desmoralisante que presentemente enche a França. Eles ouviam com grande atenção as opiniões que aconselhavam cortar o mal pela raiz, e a religião corrompida foi avaliada pelo único e verdadeiro padrão, — a grande Regra de Fé que nos é dada por Deus em Seu verbo.

No dia seguinte, nosso vapor só deixou Santos á noite, tanto assim que tive oportunidade de ir outra vez ao armazem do Sr. Vergueiro & Filhos. Fiquei satisfeito por saber que o mais jovem Vergueiro poude ir a seu escritório, em-

bora o Sr. José não tivesse ainda voltado do interior. Ele sentiu muito que eu não pudesse então aceitar a hospitalidade de sua casa, expondo que seu pai tinha escrito para êles pedindo-lhes que me prestassem todas as atenções, mas desejava que na minha volta de São Francisco do Sul lhes concedesse uma longa visita. Tudo isto foi dito de uma maneira tão natural e cordial que excluía toda idéia de formalidade e insinceridade.

As oito horas o vapor deixou Santos, e pouco depois passávamos velozmente pela barra.

São Vicente.

Santos está situada sobre a porção norte da ilha de S. Vicente, que é destacada do continente apenas pelas duas bocas do Rio Cubatão. O rio principal permite a entrada de grandes navios na maré alta, e é usualmente chamado "Rio de Santos", até o ponto em que está a cidade. Na sua saída, na margem norte, fica a fortaleza de S. Amaro. Esta reliquia dos tempos antigos está ocupada por alguns soldados, cuja principal ocupação é ir a bordo dos navios quando saem e entram no porto, para servirem de guarda contra o contrabando. O curso do rio é sinuoso e seu fundo lodoso. Suas margens são baixas e cobertas de mangues, tanto assim que o fundo não é muito convidativo; mas da casa do leme contempla-se uma bela vista da região costeira e das montanhas distantes, que se vêem ao norte. O capitão apontou o local de São Vicente, — a primeira colônia regularmente estabelecida no Brasil. Como Martim Afonso de Souza pode escolher este lugar de preferência aquele em que atualmente está o Rio de Janeiro, é verdade difícil de justificar, exceto pelo motivo de serem os índios Tamoios demasiado numerosos nas redondezas da Baía de Niteroi.

Paranaguá.

Tornando-se o mar agitado, tomei o meu velho e soberano remédio contra o enjôo: — um bom leito, — e não

me levantei sinão quando o sol já ia alto acima das montanhas, e estávamos entrando no intrincado porto de Paranaguá. Antes de atravessar a barra, vimos fóra uma escuna brasileira ancorada e baloiçando sobre as ondas. O capitão,



Vista de Paranaguá

com seu óculo, percebeu que era um navio fretado pela "Steam Packet Company", e estava carregado com carvão de que ele se devia abastecer para o resto da viagem. Era da maior importância, pois que a escuna atravessasse a barra. Com o presente vento seria impossível. A proa do vapor foi dirigida para a escuna. Essa gente do mar dificilmente se anima: e a maior indiferença foi manifestada

pelo capitão do pequeno navio a vela a essa proposta de reboque, que teria feito um marinheiro inglês ou "yankee" dançar de prazer. Sua resposta descançada foi, "Se o Sr. quizer". Essa resposta estava perfeitamente de acôrdo com a falta geral de energia, que caracteriza uma certa classe de brasileiros. O navio foi amarrado ao P..., e fomos logo para a barra, subindo o difficil canal.

Um certo número de cartas que escrevi a um amigo durante a viagem foram guardadas por ele e depois devolvidas a mim; e julguei que seria melhor intercalar aqui alguns trechos das mesmas, que possuem pelo menos o interesse de terem sido escritas no meio das cenas que descrevem. A seguinte foi escrita do porto immediato ao sul de Paranaguá.

"São Francisco do Sul — Província de Santa Catarina.

"Este não é o São Francisco das maravilhas de progresso, dos aventureiros e dos sonhos dourados. Quanto ao ouro, não ha nenhum; quanto aos aventureiros, apenas dois marinheiros desertores; e quanto ao progresso, este está revirado, pois aqui ha uma porção de casas para alugar, precipitando-se depressa. (a única pressa aqui notada) para uma ruína geral.

"Mas eu voltarei atraz um dia ou dois em minha viagem.

"Deixei Santos no dia 15. E' agradável viajar em um vapor brasileiro, desde que não se esteja com pressa. Consideram tudo tão fácil: quero dizer, os vapores e as pessoas. E deixe-me dizer que, de todos os viajantes com quem tenho viajado, os brasileiros são os de melhor temperamento e mais agradaveis depois de travar amizade com eles. São muito cortezes, mas mesmo assim de vez em quando podem demonstrar egoismo como outros sentimentos humanos em um navio, — esse pequeno mundo em miniatura, onde tudo que é mau é facilmente tornado conhecido. *Paciencia* é a palavra de ordem deles. Quando se chega a uma finalidade, depois de ter sido terrivelmente sacudida pelo jogo do navio e sofrido o mal do mar, pode-se contar com umas boa vinte e quatro ou trinta e seis horas em terra. É um grande luxo. Os passageiros abandonam o navio, (muito embora bons jantares se lhes proporcionem a bordo), e correm para os hotéis; ou, na falta destes, procuram as "Casas de pasto", e entregam-se a tais violencias que se poderia julga-los meio famintos.

"A "ordem de exercícios" a bordo do vapor em alto mar, pode ser facilmente dada. Toda manhã ás seis horas o moço do

camarote desperta-nos para dar uma chicara de café, e trinta ou quarenta minutos depois uma grande tigela de mingau, (araruta ou maizena), bem salpicado de canela e açúcar, é colocada na mesa, e um corpulento camarada, reforçado com uma colherona, está pronto para servir-nos com toda a graça e celeridade dos bemfazejos genios que se encontra no "Faubourg du Temple" em Paris. Às dez horas um imenso almoço composto de "roast-beef" e carne cozida, carne de porco, peixe fresco, *pirão*, (preparado com mandioca), etc. etc., é colocado deante de nós. Comece a servir-se ou do contrario os seus vizinhos farão a mesma coisa sem a menor demora, e, quando se julgam satisfeitos ou fatigados com esta operação, variam de occupação bebendo o chá que o dispenseiro trouxe fervendo. Depois sóbe-se para o passadiço. Si o mar não está forte, os cachimbos, charutos e passeios são o número seguinte do programma. O panorama litoraneo é o meu charuto; e até agora não houve diminuição no meu prazer em contempla-lo. Pelo contrario, as montanhas são ainda mais fantasticas e variadas do que no Rio, e as baías e ilhotas são grandemente pitorescas. Os passageiros se mostram fecundos em anedotas e gracejos durante uma ou duas horas, e depois dormem a sesta ou lêm. Eu me arriscarei a afirmar que até agora nunca houve tantos leitores da Biblia á bordo de um navio brasileiro. Por causa do ardor do clima, cada um destes vapores costeiros tem, em redor de todo o passadiço superior, pequenos camarotes, ou, mais propriamente, respeitaveis casas de cachorro, com uma janela de correr. Embora haja confortaveis leitos nos de baixo, estes camarotes superiores são os mais agradaveis; pois, de noite e de dia, tem-se sempre ar fresco e puro. Os meus companheiros de viagem estavam todos occupando esses pequenos camarotes com as janelas de correr levantadas, e assim tive a oportunidade de ve-los quando passeava no tombadilho. Fui muitas vezes chamado para explicar as Escrituras, e alegrava-me com a oportunidade de espalhar a semente, que, embora semeada em região aparentemente impropria, o Senhor pode fazer com que se multiplique cem vezes.

"Chegamos a Paranaguá na manhã do primeiro sabado depois de deixar o Rio, e agora posso dizer que estive na mais nova provincia brasileira — a de Paraná. A entrada da baía é um perfeito "quebra-cabeça", e as montanhas ao fundo da cidade são altas e pitorescas. Enquanto o sol estava batendo sobre o tombadilho do nosso vapor, fiz um rápido esboço a lapis de um trecho do porto, esboço que junto a esta carta, explicando-lhe de antemão a impossibilidade de corresponder á beleza de toda esta costa sem o poder de um Constable, um Turner ou um Calame.

"Paranaguá foi antigamente um celebre ponto de reunião para aventureiros de todas as nações empenhados no comércio de escravo;

e quando o governo britânico, há alguns anos passados, ordenou seus cruzadores que fizessem uma vigorosa demonstração na costa brasileira, o "Cormorant", da Marinha Real, navegou por esses canais, entrou no porto, e acabou um ninho inteiro de navios negreiros. O forte estava bem situado perto da barra, e H. B. M. "Cormorant" devia passar neste ponto. Depois de uma leve resistência antes de render-se aos seus navios, os capitães dos piratas e tripulações correram por terra para o forte e apontaram os canhões, esperando ansiosamente o "Cormorant" quando êle se encaminhasse para o mar, arrastando seus trofeus consigo. Orgulhosamente navegou outra vez através a sinuosa saída para o oceano. Os canhões do forte estavam bem apontados, mas H. B. M. "Cormorant" provou ter tanto de uma sagaz raposa como de uma ave de rapina, pois, percebendo a armadilha arranjada para ele, preparou um golpe mais engenhoso. A tripulação muito habilmente colocou os maiores navios piratas entre o navio e o forte, e assim foi navegando para a frente o "Cormorant". Ruidosamente troou o canhão da fortaleza: mas as balas não atingiram a ave de rapina; num momento, ella se adiantou inesperadamente na frente dos navios piratas, descarregou os pesados canhões de sua prôa, e os desmantelados canhões do forte, que digam como foi certa a pontaria dos artilheiros da H. B. M. Os navios piratas, todavia, prepararam-se para responder; mas o prudente "Cormorant" astutamente escondeu-se por traz de um grande navio, embora apenas por um instante. Navegou uma vez mais para a frente, e descarregou seu tiro de despedida com tal efeito sobre o velho forte, que os piratas não fizeram mais tentativas para estorvar o "Cormorant", que logo ganhou o mar alto, e em poucos momentos, habilmente pondo-os a fundo, retirou os navios piratas do trafico, que é como chamam os brasileiros o amaldiçoado comércio de escravos.

A maior parte dos nossos passageiros desembarcou aqui, muitos delles destinando-se a Curitiba, a capital dessa jovem província. Nunca me hei de esquecer das suas gentilezas; e sinto-me feliz por pensar que levarão consigo a Bíblia, talvez pela primeira vez, para lugares que provavelmente nunca presenciaram casos de salvação.

"Eu tambem fui á terra. Paranaguá é uma linda e asseada cidade, — um pouco em decadência, pensei à principio; mas a segunda inspeção mostrou-me que não fizera justiça ao único porto do Paraná. Esta cidade tem cerca de três mil habitantes, e exporta anualmente um milhão de dolares de herva mate. O mate é a folha seca e a haste nova de uma espécie de planta que é colhida no interior e trazida para o litoral em pelos de couro crú, muito apertadamente amarrados, sendo aqui embarcada para as Repúblicas hispano-americanas.

“Encontrei um certo numero de grandes armazens atacadistas fazendo bom negócio com os que vão buscar os produtos do interior. Um desses negociantes convidou-me a ir para a casa de seu irmão para examinar o mapa da provincia, que em vão eu procurara no Rio de Janeiro, os limites não tendo anida sido definitivamente fixados. Imaginem o que senti, quando, depois de passar por numerosas ruas, entrei numa casa onde uma recente lavagem do assoalho fez tudo parecer húmido, e um grande mapa me foi apresentado, que parecia estar tão embebido de humidade quanto possivel sem se desfazer e, embora estivesse todo o resto em estado perfeito, só estava destruido na parte que justamente eu desejava ver, — isto é: o limite entre Paraná e S. Paulo. A humidade, o mofo e os ratos tinham destruido cuidadosamente todo o desenho do engenheiro e todo o trabalho do gravador, tanto assim que tive de regressar, lamentando a inconstância dos mapas e o descuido dos homens de Paranaguá.

“Em uma destas ruas as ruínas de uma igreja atraíram minha atenção; e informaram-me que era um edificio quasi concluido pelos Jesuitas quando foram expulsos. Pode-se raramente viajar centenas de milhas ao longo do litoral do Brasil (que se estende, com suas baías e ilhas, aproximadamente por quatro milhas) sem se encontrar, em algum rico vale ou sobre alguma pitoresca eminência, uma imensa igreja, capela ou convento dessa ordem, cujos membros entraram no Brasil quando sua prosperidade estava no auge e quando sua ambição não fôra ainda embaraçada por circunstâncias externas. Surpreendeu-me mais a grandeza excessiva de alguns dos edificios de conventos do Brasil do que todos os do mesmo gênero que vi na França, Alemanha ou Italia.

“Quando a pequena canoa na qual fomos do vapor para a cidade, se aproximava do porto interior, onde os navios estavam ancorados junto á costa, percebi dois que pareciam notavelmente desolados e abandonados. Eram navios russos que se encontravam nas imediações desse porto no início das hostilidades, e que, temendo ser apanhados inesperadamente por algum H. B. M. Bulldog, Grabber, ou Jowler, refugiaram-se nesse remoto esconderijo. Parece muito singular ver estes pássaros do oceano do Norte, com suas asas aparadas aqui. Eles estão verdadeiramente deslocados; pois suas vergas estão arrebatadas, os mastarcos caídos, e, com seus sólidos cascos, cobertos por um toldo em estilo de telhado de casa, e com sua falta geral de cordoalha, parecem os vulcões “Fury” e “Hecla” em seus trajes islandeses, ou melhor que a frigidíssima Baía de Archangel fosse seu lugar de descanso, e êle e as margens que o circundam fossem repentinamente cobertas pelas mãos divinas com o calor, as flores e a vegetação dessas terras de perpétuo verão.

“Quando, na minha volta, entrei no vapor, reparei que uma senhora, cujo gosto singular de vestir-se tinha atraído a atenção de todos a bordo, recebia as atenções de uns guapos senhores, cujos bigodes bem elegantes e sapatos bem lustrosos indicavam que pertenciam a uma classe bem diferente aos daqueles passageiros, vestidos de ponche, que se dirigiam a Curitiba e aos sertões. Pouco depois fui informado que a senhora em questão era a “brilhante estrela” de uma companhia teatral, que viajava então pelas províncias, e que os senhores eram da mesma companhia, tendo chegado alguns dias antes da sua *prima donna assoluta*”.

“Os passageiros que se destinavam a Santa Catarina permaneceram esta noite no vapor; mas no dia seguinte, (Domingo), muito cedo, saíram todos, com exceção de minha pessoa, para passar as horas do dia de descanso em Paranaguá, onde havia uma grande festa em honra daquela santa. Uma das maiores atrações foram as representações teatrais dos atores viajantes, que deviam emprestar dignidade e honra à festa com comédias tolas e vulgares. Dirás talvez: “Qual a vantagem de propagar a palavra de Deus entre pessoas como essas?” Responderei: “Não se poupe em fazer o bem”; e estas são as próprias palavras de Deus. Meu dever é espalha-lo em todas as partes, prega-lo pelo exemplo sempre que possa, e deixar o resto por conta d’Ele. Já encontrei mais de um notável caso no Brasil, onde a Bíblia, semeada sob circunstâncias justamente tão adversas, produziu seus frutos.

“Passei o dia a bordo, mas tive muito pouco descanso por estar o vapor passando a sua carga de carvão da escuna para o costado, carvão esse do qual, coisa inconcebível para o capitão do navio — havia muitas toneladas a menos. Eu tinha tudo o de que necessitava, uma grande mesa provida com comida; mas, sendo de natureza sociável, convidei o engenheiro (um jovem de bom senso e inteligente de Manchester) e o segundo piloto brasileiro, para se associarem comigo. Descobri do inglês que seus filhos e muitos de seus compatriotas residiam na Saude, (um distrito municipal da cidade do Rio de Janeiro) abandonados moral e intelectualmente. Moram muito longe da Igreja Inglesa para assistirem ao serviço religioso: mas este pretexto da distância talvez seja apenas para esconder o único real — o da indiferença. Mas a verdade é que se podia arranjar alguma coisa para eles. São trabalhadores, e tanto os adultos como as crianças não fazem o que deviam fazer, uma classe correndo para a cachaça e a outra para a ignorância, e para eles o “domingo não é domingo”. No próximo ano milhares de trabalhadores ingleses e irlandeses, virão para a Estrada de Ferro Pedro II, e por causa da distância e dos deveres do sacerdote Rev..., este não poderá atendê-los intelectual e espiritualmente.

Sobre o assunto aqui referido, algumas senhoras inglêsas e um estudante americano de teologia (então em visita ao Brasil) tomaram-no a si, e interessaram negociantes americanos e inglêses em seu plano.

Forneciam os meios, e por coincidência, quando tudo estava bem organizado, encontraram um homem competente na pessoa de um piloto inglês, que então viajava para a sua pátria, vindo da Australia, e tencionando devotar o resto de seus dias a Deus de outro modo, que não fosse o de percorrer o oceano, foi persuadido a se encarregar da nova escola, que em curto espaço de tempo estava em completo funcionamento, espalhando sua influência benéfica sobre os pais e os filhos. Esta escola em 1865 estava ainda muito florescente.

São Francisco do Sul.

"No dia seguinte (Segunda-feira) deixámos Paranaguá. Após uma agradável corrida de oito horas ao longo da costa, em que abundavam as repetições de Corcovados e Picos da Tijuca, entramos na segura Baía de São Francisco do Sul.

"Cartas de apresentação são uma grande coisa no Brasil. Facilitaram o caminho para mim, em qualquer parte antes da chegada a este porto, e não encontrei aqui nenhuma excepção á regra geral expressa nas linhas acima. O Sr. V., o agente da companhia de vapores, recebeu-me muito gentilmente, e minhas caixas foram logo despachadas e desembarcadas na praia, que estava cheia de pescadores, mulatas, crianças semi-núas, e uma indescritivel porção de diferentes coisas, arroz espalhado para secar, canoas viradas para cima, etc. etc. Em mais uma hora o vapor tinha contornado o promontorio, e perdeu-se de vista em sua rota para Desterro. E eu, desta vez, vou dizendo: Adeus." (42).

(42) Nota de 1866 — A Escola da Saude, referida neste capítulo, tem sido agente de muitos benefícios no Rio; e, embora sua patrona chefe, Srs. Jane S. D. Garrett, tenha voltado á Inglaterra, deixando assim um vazio difficilmente preenchivel, está cumprindo regularmente a sua boa tarefa. Um reconhecimento pela hospitalidade recebida é devida aqui aos Srs. Garrett, cuja lembrança de sua casa em Laranjeiras, será por muito tempo um dos meus "prazeres de memória". O autor mais moço, durante suas visitas de 1862, 63, 64 e 65, recebeu no Rio muitas gentilezas da familia suíça do Sr. Gustave Lutz, e nas casas americanas do sr. George N. Davis, Sr. Henry E. Milford, e Sr. John Hayes. Sentimos prazer tambem em reconhecer as cortezias do Almirante Tamandaré, Senhora Andrade Pinto (da Rua Santo Ignacio), do Barão de Mauá, Sr. Militão Maximo de Souza, Sr. Pinto W. G. Ginty e Sr. Bennett,

CAPÍTULO XVII

Província do Paraná.

A província do Paraná, cujo porto principal, Paranguá, acabamos de deixar, merece ainda outras referências. Começou a sua existencia independente como província no ano de 1853, embora já havia alguns anos tivessem sido discutidos na Assembléa Geral do Rio de Janeiro, projetos visando separar a comarca de Curitiba como província distinta de São Paulo. Quanto aos seus limites, são essencialmente os mesmos do antigo distrito de Curitiba. Seu primeiro presidente, Zacarias de Goes e Vasconcelos, foi Ministro da Marinha em 1852-53, e é um dos exemplos frequentes no Brasil de um homem moço que, subindo rapidamente pelo seu talento, atingiu as mais altas posições officiais. E' provavelmente o mais jovem de todos os que têm sido chamados a ocupar um lugar no Gabinete Imperial, onde, por sua eloquencia e pela presteza de suas respostas (pois os ministros são interpelados como antigamente na França e como presentemente na Inglaterra), elevouse a um eminente lugar entre os homens de estado do Brasil.

Em 1854, abriu pela primeira vez as sessões da Assembléa Provincial do Paraná, e seus Relatórios (mensagens) desse e dos seguintes anos, que tenho deante de mim, demonstram habilidade e capacidade de estudos.

Avalia a população em 62.000 habitantes, apenas um sexto da qual é composta de escravos; si suas estatísticas são exatas, a província do Paraná deve gozar de uma salubridade acima da de qualquer outra parte do mundo, — os nascimentos excedendo os falecimentos de dusentos a trezentos por cento.

Insiste junto aos legisladores pelo dever de tornar a educação primária muito mais obrigatória do que é. A ins-

trução primária, insiste êle, é mais do que um mero direito da criança, um dever cumprido para com ela; é uma rigorosa obrigação. E' assim que vós (os deputados) deveis considera-la e providenciar sobre ela na legislação da nova província.

“O povo toma a si a obrigação de se vacinar. Responde sem falta a esse apelo, pois a vacinação é um preservativo contra a peste fatal.

“Ora, a instrução primária é, por assimi dizer, uma vacina moral, que preserva o povo da peor das pestes, — a ignorância, — dessas idéas erradas que abaixam o homem ao nivel do bruto, e que o transformam no pronto e facil instrumento do roubo, do assassinio, da revolução, emfim, de todo mal”.

“A educação primária é mais: é uma espécie de baptismo, com o qual o homem é regenerado da triste ignorância em que nasceu, e faz verdadeiramente sua entrada na sociedade civil e no gozo dos direitos e privilegios que são a sua herança”.

Quando levamos em conta o que pensa o Catholicismo Romano a respeito do baptismo, podemos avaliar a força das palavras do Sr. Zacarias.

O Presidente não limitou sua atenção à instrução da juventude, mas as suas observações relativas aos vários ramos da agricultura, mostram ser êle um homem de largas vistas, e que se mostra tão resolvido a combater a indolência como a ignorância. Alude ao fato de que o trigo foi antigamente, não apenas um artigo de cultura na fértil comarca de Curitiba, mas também de exportação. Esse ramo da agricultura está presentemente quasi abandonado, e, segundo seus relatórios, isto se deu porque grande parte da população fugiu ao trabalho exigido pela produção dos cereais, e corre para as florestas virgens, onde tirando as folhas sempre verdes e os tenros galhos da *Ilex Paraguayensis*, converteram-nos facilmente na popular heberagem sul-americana conhecida como a “*yerba mate*” ou “*herva Pa-*

raguaia", acumulando assim fortunas ou obtendo o necessário para o seu sustento sem a intervenção de uma perseverante indústria e grandes esforços.

O mate.

Grandes quantidades dessa espécie de chá são anualmente exportadas da província do Paraná. O Sr. Zacarias não precisaria mandar arrancar do solo a *Ilex* produtora do chá para conseguir os mesmos resultados do enérgico Marquês de Pombal quando, para conseguir o intento que tinha em vista mandou destruir, no século passado as vinhas de Portugal; desejou apenas controlar a sua colheita, para moderar as inclinações e as causas que levaram o povo a se ocupar em tal ramo de trabalho que o ocupa por alguns meses apenas e depois o deixa indolente durante o resto do ano.

O mate do Paraguai, sem dúvida devido a um preconceito, é considerado superior em qualidade ao do Paraná; mas os habitantes do interior das nações vizinhas, preferem este áquele, pois estão acostumados a usar a bebida sem açúcar; enquanto na cidade de Buenos Aires e Montevideo o primeiro é o favorito, e é quasi sempre adoçado antes do consumo.

No interior da província de São Paulo, depois da minha visita a Santa Catarina, encontrei um médico americano, homem de grande experiência e conhecimentos científicos, que fixou sua residência na América do Sul com o propósito de realizar pesquisas nos domínios da sua ciência favorita, a botânica. No decorrer de muitas interessantes conversações que tive com êle, a respeito das várias riquezas vegetais e maravilhas das regiões que visitávamos, não fiquei pouco satisfeito verificando que êle estava perfeitamente ao par do modo de preparação, bem como da classe e família a que pertence a planta em questão. Mate, como já tenho dito é o nome do artigo preparado da árvore ou

arbusto comumente conhecida pelos botânicos como *Ilex Paraguayensis*. É classificada por Von Martius como pertencendo à família das *Rhamnáceas*, dando-lhe o nome científico de *Cassine Congonha*. Os espanhóis a denominam usualmente *Yerba de Paraguai* ou mate.

Quando estive em Paranaguá, observei muitas peles de couro crú, que os pretos estavam descarregando das mulas ou transportando para os navios ancorados na linda baía. Indagando dos mesmos, soube que esses fardos, pesando cerca de cento e vinte libras cada um, continham mate. Essa substância, tão pouco conhecida fora da América do Sul, forma em verdade a principal bebida refrigerante dos hispano-americanos ao sul do equador, e milhões de dolares são anualmente gastos em Buenos Aires, Bolívia, Perú e Chile no seu consumo. Esta cidade de Paranaguá, com apenas cerca de três mil habitantes, exporta cada ano mate no valor quasi de um milhão de dólares.

No Brasil e no Paraguai, o mate pode ser colhido durante todo o ano. Os interessados vão para a floresta, ou lugares onde ele é abundante, e quebram os seus galhos juntamente com as folhas. Um processo de secagem ao forno é empregado nas matas, e depois os galhos e folhas são transportados para um tosco moinho, onde, pela força da agua, são triturados em pilões.

A substância, depois dessa operação, fica quasi reduzida a pó, embora pequenas hastes, despojadas de suas cascas, sejam toleradas na mistura. Por este simples processo, o mate é preparado para o mercado. A preparação da bebida é igualmente simples. Uma pequena quantidade das folhas, com ou sem açúcar, é colocada em uma cuia comui, sobre a qual se derrama agua fria. Depois de algum tempo, adiciona-se água fervendo, e está pronto para o uso. Os americanos que visitaram Buenos Aires ou Montevideo podem lembrar-se de ter visto, numa bela tarde de verão, os habitantes dessa parte do mundo, empenhados em chupar, através de longos tubos metidos dentro de cuias de côco al-

tamente ornamentadas, um líquido que, embora não tão saboroso como o julepe gelado, é certamente muito menos prejudicial. Esses cidadãos de Montevideo e Buenos Aires estavam saboreando em suas "bombilhas", um refrescante gole de mate. Deve ser absorvido através do tubo, por causa das partículas de folha e hastes que flutuam na superfície do líquido. Este tubo tem um coador fino e globuloso na extremidade.

Grandes virtudes são atribuídas a esse chá. Substitue a carne e as bebidas. Os índios que passam remando todo o dia, sentem-se imediatamente refrescados com um copo da herva misturada simplesmente com a água do rio. No Chile e no Perú o povo acredita que não podem passar sem êle, e muitas pessoas tomam-no a todas as horas do dia. Seu uso foi aprendido dos nativos; mas, tendo sido adotado, espalhou-se entre os espanhóis e portugueses, até que a procura do mate tornou-se tão grande que a herva do Paraguai tornou-se uma ocupação para os índios dessa parte da América tão imperiosa como as minas e a pesca de pérolas em outras partes do mundo.

O mate cresce em estado selvagem, e nunca foi cultivada com sucesso, muito embora tenham sido feitas tentativas pelos Jesuitas do Paraguai de transplanta-lo das florestas para as suas plantações. Tais tentativas foram consideradas por muitos como infrutíferas; todavia, ha outros que consideram que a experiência justifica novos esforços, e que já está tardando o dia da *domesticação*, por assim dizer, e da cultura, do mate por um processo regular.

O que mais me surpreendeu porem na conversa do doutor, foi a afirmação de que um arbusto similar a *Ilex Paraguayensis*, era natural dos Estados Unidos, e que o cozimento de suas folhas e galhos estava sendo atualmente usado como beberagem na região onde a planta dá.

A vida do meu interlocutor tem sido cheia de aventuras em varias partes do globo; quando era mais jovem, vagou por todos os estados do Sul e do Oeste, dos Estados Uni-

dos, procurando a planta silvestre que era vulgarmente suposta causar a doença ali conhecida por "*milk-sickness*". Embora não encontrasse a causa dessa doença, que tem prejudicado tantos negócios nas cidades e vilas do Oeste (dos Estados Unidos), fez conhecimento de uma pequena árvore da Carolina do Norte, com cujas folhas muitos dos habitantes do velho Estado do Norte fazem chá. Si bem me lembro informou-me ele que era a *Ilex euponia*; mas os cientistas que me lêem não me devem responsabilisar por esse nome, pois meu caderno de notas pode me ter possivelmente traído. Alguns anos depois, o Dr. F... estava aqui, no mais esplêndido campo de ação para um botânico no mundo, — neste Sul do Brasil, cuja magnífica flora tem sido uma fonte virgem de satisfação para todos os felizes continuadores de Linnaeus que nele puderam penetrar. No decorrer de suas excursões, o Dr. F... encontrou a *Ilex Paraguayensis*, e imediatamente saudou-a como sua velha conhecida da Carolina do Norte (apenas um pouco modificada). Passados alguns meses, visitou Paranaguá e ficou quasi tão surpreso diante de outra descoberta, que, desta vez, não foi, porem nos dominios da botânica. Encontrou, nessa parte remota do Brasil, uma mulher americana empenhada na agradável arte de preparar *feijões* e *toucinho* para os nacionais e estrangeiros que frequentavam o seu estabelecimento. Em conversa com o Dr. F. referindo-se ao mate, ela disse: "Pois fique sabendo Dr., que isto é o mesmo *truck* que usamos na Carolina para fazer chá". Eis uma mais admiravel confirmação das verdadeiras conclusões da ciência.

Ora, si essa árvore ou arbusto, realmente existe em abundancia na California do Norte, porque os seus cidadãos, não tomam a iniciativa de somar o mate às suas exportações? (que são, como vem declarado em qualquer geografia, alcatrão, fumo, terebentina e madeiras). O Brasil e o Paraguai estão recolhendo milhões de dólares de um arbusto que cresce espontaneamente, e o assunto merece realmente ser estudado nos Estados Unidos.

Província de Sta. Catarina.

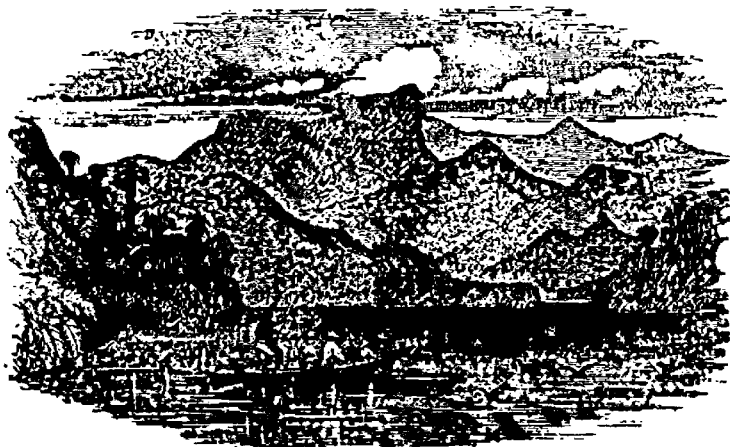
Voltando da jovem província do Paraná, a nossa atenção será agora dirigida para a província de Santa Catarina.

São Francisco é uma antiga cidade que, evidentemente, teve melhores dias. A chegada de um estrangeiro com uma profissão tão singular como a que tenho, produziu sensação na sociedade habitualmente estagnada desta parte norte da província de Santa Catarina. Todas as pessoas desocupadas, conservadoras, e mesmo alguns homens de negócio, e até mesmo o padre, vieram ver os novos livros. O sacerdote não encontrou objeção para fazer, e não se havia passado duas horas e já os tinha todos distribuídos, fazendo em seguida os meus preparativos para subir o rio São Francisco do Sul, até as colônias alemãs e francêsas, fundadas nas terras que pertenceram ao Príncipe de Joinville.

Entrementes, na companhia do Sr. V. e de dois novos conhecidos, ambos alemães, demos uma volta pela cidade, que está lindamente situada na ilha separada do continente apenas por um pequeno estreito. Deante de nós extendia-se uma baía de tres milhas de largura e seis de comprimento. E' bem protegida do oceano, e nela desagua o rio São Francisco do Sul, que corre das montanhas que erguem seus verdes cumes muito ao longe. Essa escarpada serra, em sua maior altura, tem mais de quatro mil pés acima do nível do mar, e da sua raiz no interior até á rica planície em que está situada Curitiba, ha uma elevação gradual de vinte milhas. Com uma população ativa, essa região — que, no que respeita á fertilidade e ao clima é uma das melhores do mundo — teria uma cultura florescente não excedida pelos ricos campos da Lombardia ou pelas plantações modelo de Midlothian.

Havia grandes esperanças, no começo deste século, de que São Francisco do Sul se tornaria um florescente mercado, em virtude da estrada que veio abrir as altas planícies

ao comércio da baía de São Francisco. Além disso, houve grande atividade nessa época, consistindo a principal ocupação dos habitantes na construção de navios e no corte de madeiras. Embarcações de grandes dimensões foram antigamente construídas em São Francisco, bem como navios costeiros, por ordem de negociantes do Rio, Baía, e Per-



Subindo o Rio São Francisco do Sul

nambuco. A madeira usada era tão forte, segurando o ferro tão firmemente, que os navios construídos com ela eram da mais durável qualidade, e mais estimados pelos portugueses e espanhóis do que os construídos na Europa. Em 1808, o Sr. Mawe, um dos primeiros viajantes ingleses no Brasil, escreveu que, por causa de sua construção de navios, "o porto de São Francisco do Sul é provável que se torne um porto de considerável valor para o Brasil; e si fosse ligado a Curitiba, cujo gado é julgado superior ao do Rio Grande, havia toda a probabilidade de que, em dia não muito distante, a frota portuguesa viesse aportar aqui para se suprir de provisões salgadas."

Quando contemplava as socegadas ruas de São Francisco, — quando observava a sua baía privada de qualquer navio que não fossem os pequeninos costeiros, e os seus estaleiros, ativos em tempos passados, com apenas duas pequenas chalupas de mandioca em concerto, — pensei quanta diferença havia entre a realidade do presente e as considerações de meio século passado relativas á atividade comercial e o futuro progresso desta cidade, situada nas aguas da Bahitonga, nome pelo qual a baía era conhecida dos indigenas. Pensava-se que o estabelecimento de uma colônia de europeus na vizinhança da decadente cidade a faria resurgir; mas até aqui não se deu tal resultado, e temo que muitos anos se passarão ainda sem que isto se venha a dar.

Determinei partir para a colônia muito cedo na manhã seguinte, e para este fim, o Sr. V. procurou uma canoa que pertencia a um corpulento escravo que desfrutava do nome apropriado de José Grande. Depois do anoitecer, o africano apareceu, e ficou estabelecido que iniciariamos nossa caminhada às três e meia da manhã.

O Sr. V. sentiu que as condições da sua pensão o impedissem de me oferecer hospitalidade, mas recomendou-me um hotel, ou, mais propriamente falando, uma regular estalagem da roça, que havia ha pouco sido aberta por um alemão, da colônia de Dona Francisca. A minha experiência nesse estabelecimento foi, então, relatada em carta a um amigo do Rio:

Colonização alemã.

"Herr Sneider, o meu hospedeiro, e toda a sua família falam difficilmente outra lingua que não o alemão, e de Inglês e Português, apenas sabiam dizer "Yes" e "Sim, Senhor". Diga-se de passagem, eu havia colhido, aqui e allí, certa quantidade de expressões dessa lingua de Goethe e Schiller, tão dura de pronunciar que esqueci desde meus tempos de universidade em proveito das linguas do sul da Europa. Minha ceia foi perfeitamente alemã, pois terminou por cerveja, que, na falta de cevada, é feita de arroz, abundante

nesta zona. Tendo terminado minha refeição, dei ordens para que, como tivessem preparado ceia suficiente para tres homens, o resto fosse guardado para o meu almoço no dia seguinte, na canoa, pois seria demasiado cedo almoçar na pensão antes de embarcar.

"Fizemos então uma sociedade de ensino mútuo, — uma troca de inglês e alemão. Quantos alunos ao todo não sei dizer; mas certo número de sadias e jóvens "frauleins" de dezenove anos ou menos, juntamente com alguns robustos e rosados rapazes. Ha tanto tempo não via crianças de olhos azuis e cabelos louros, que foi para mim uma curiosidade. Tendo ocasião de ver o Sr. V. antes de me retirar, disse-lhes, vou agora para a casa do Sr. V.: quando voltar, desejo ter um quarto grande e uma cama boa e limpa. Um empregado da pensão informou-me que eu seria perfeitamente bem acomodado.

"Quando entrei novamente em casa de Herr Sneider, disseram-me que meu quarto estava pronto, e declarando ser minha intenção ir para a cama, toda a família, — Herr Sneider, Fräu Sneider, Frauleins Sneider, e os rapazes, — com espanto meu, seguiram-me ao apartamento, procedimento esse que não imaginava, por não parecer proprio tendo em vista a parte feminina do acompanhamento. Comtudo, deixei-me conduzir aos meus apartamentos, pois estava ansioso por conhece-los. A minha expectativa foi correspondida no que dizia respeito ao tamanho do quarto; mas, desgraçadamente, a minha cama não era a única pois havia quatro ou cinco outras, ocupadas com pessoas que roncavam. Decidi ser agradável e não fazer queixas, pois certamente meus limpos lençóis compensariam um pouco o excesso da companhia. Mas, puxando para baixo o cobertor, verifiquei que era um acolchoado de plumas feito para o inverno prussiano. Estes alemães, quando deixam a terra natal, não conhecem região onde o inverno e a neve pudessem ser estranhos. Descobri tambem que, em vez do bom, saudavel e duro colchão brasileiro, havia um segundo e imenso acolchoado de penas; e eu devia meter-me entre os dois. Quando pude tirar os olhos do primeiro, dei com meus limpos lençóis da côr do sujo algodão de Minas que tão abundantemente (ou escassamente, conforme o caso) veste os escravos por toda a estensão do Império. Uma inspeção mais acurada esclareceu-me que eles haviam tido dias mais alvos e tinham tambem travado conhecimento com muitos outros locatários. Resolvi, entretanto, passar por cima de tudo isso, esperando que me deixassem dormir mas o fato é que o acompanhamento que me levava ao quarto não se ia embora. Um jovem alemão que vendia material para navios tinha sua cama no mesmo quarto, e, sem cerimônia, começou a despir-se deante dos presentes. Semelhante coisa eu não conseguiria fazer, sentei-me e comeci a ler. Finalmente a família deixou-nos com muitos "*schlafen Sie wohl*". Tendo lido á vontade, resolvi meter-me na cama, pro-

tegido por um par de calções, (não esqueci os lençóis), que, passado alguns momentos, pareceram-me um tanto desconfortáveis num leito com cobertas de penas, e atirei-o do lado. Mas esta operação causou ao meu companheiro, o jovem vendedor, sérias apreensões; pois, ouvindo-me dar voltas na cama no escuro, e supondo-me doente, gritou pela família, e a cena que se seguiu foi de fato indescritível: somente o lapis de Rembrandt podia pintar a profundeza da sombra e o rico claro-escuro, e o de Teniers as feições rosadas e alegres do grupo de jovens alemães que despertaram para ver o que acontecera com o americano, que por este tempo estava comodamente escondido em sua cama e quasi estourando de rir.

“Dormi muito mal, e ás tres e meia horas ouvi os pesados passos de José Grande. Seguindo-o através da profunda escuridão que nos rodeava, (pois dera permissão a um alegre alemão para ir comigo) entramos na canoa, que foi logo empurrada para a costa, e fomos impelidos por José até Dona Francisca. O jovem alemão e eu iamos sentados no fundo da estreita embarcação.

“A manhã estava escura e brumosa, e um sentimento de solidão se apoderou de mim enquanto eu ouvia o gotejar dos pingos da chuva e o barulho dos remos, perturbando o silêncio opressivo. Pensei nos que me são caros, agora separados de mim por milhares de milhas de oceano; mas senti-me menos só quando preferi uma oração em sua intenção e senti em meu coração o sempre animado sentimento do pobre Pringle:

“A still small voice comes through the wild,
(Like a father consoling his fretful child,)
Which banishes bitterness, wrath, and fear, —
Saying, “Man is distant, but God is near!”

“Tentei dormir, mas foi impossível; e passadas três horas, disse para José, “Vamos almoçar”. Ao abrir a sacola, encontrei dois pratos, dois pedaços de carne, e — nada mais, — nem mesmo uma faca ou um garfo; mas, como não sou leão, nem abutre, nem sequer um *gaucho* de Corrientes, não podia almoçar somente carne. A chuva tinha cessado, e propuz ao José desembarcar e comprar alguma coisa numa das casas de fazenda, da costa. “Não tem nada, não senhor”, foi a grave resposta de José. Não obstante isso, a meu pedido, entrou numa linda enseada, ao sopé de uma montanha, e saiu a negociar. Voltou logo, acompanhado por um rapaz de aparência doentia, trazendo laranjas, bananas e farinha para quatro homens. O jovem alemão, e eu começamos a comer enquanto os fortes braços de José nos impeliavam sobre as aguas espelhantes. No Rio de Janeiro presenciei muitas vezes os escravos nos botes fartando-se com atirar farinha

dentro da boca; mas nunca imaginaria então que haveria de empregar meus dedos em semelhante officio. Devo admitir, todavia, que nem havia graça nem destreza de minha parte; pois minha face tornou-se empoirada com os esforços de comer farinha *à la Brésilienne*. Tínhamos um outro companheiro de viagem mas este não comia. Velha e fiel mala! Que descrições poderias dar da Europa, America (Norte e Sul) e das ilhas africanas! — que cenas não testemunhaste em três zonas, nos Oceanos Atlantico e Pacífico, no Estreito de Magalhães e no istmo do Panamá, no Golfo do México, e, finalmente, no Rio São Francisco do Sul! Cada vez que te abro, e vejo impresso “W. S. Chase, fabricantes de malas e arreios, Providence, R. I.”, meus pensamentos voltam ao passado, e evocam o luminoso dia de verão em que te comprei, na vespera de minha primeira viagem “pelos longínquos mares”. Evocas-me um punhado de lembranças,

“the fond recollections of former years, —
And the shadows of things that have long since fled
Flit over the brain like the ghots of the dead”.

Envio-lhe um desenho que fiz de mim próprio e dos meus companheiros de viagem. Lembram (na verdade, muito de longe) uma mistura de Gainsborough e Turner, com um leve complemento de Wilkie e Kenny Meadows”.

O rio se foi estreitando, e a cada momento grandes aves aquáticas se espantavam com as nossas vozes e com as pancadas dos remos. Ora um lindo e branco ibis, ora uma garça real azul ou um bando de saltitantes grou. Do intrincado dos mangues e das matas mais distantes podíamos ouvir o som da “araponga”, por vezes impertinente e por vezes musicalmente solene, fazendo o ar vibrar com a sua nota peculiar e solitária. Ouvi frequentemente o grito dessa ave em minhas viagens por diferentes partes do Brasil, mas nunca tivera a boa sorte de ver uma delas sequer e tal só se deu na província de São Paulo. O som que a araponga (que doce onomatopéia indígena!) emite, varia pouco, mas pode-se sempre dizer que é metálico. Ouvido de longe não parece muito com o badalar de um sino; mas, quando a distancia não abranda a cadência, semelha mais o bater do malleto na bigorna ou o limar de um pedaço de ferro. Ouvi-lo

em uma floresta brasileira ao meio dia, retinindo seu lúgubre dobre, quando todos os outros cantores estão mudos, nos predispõe poderosamente.

“To musing and dark melancholy”.

Diz Wallace, em sua descrição das regiões amazônicas, “Tivemos a boa fortuna um dia, de topar com um pequeno bando dos raros e curiosos passaros sinos (*Casmarhynchos carunculata*), mas estavam em uma árvore muito espessa e alta, e voaram antes que pudessemos atirar neles. Embora estivessem eles numa floresta cerca de quatro milhas distante, voltámos novamente no dia seguinte, e encontramos-os comendo na mesma árvore, mas não tivemos melhor successo. No terceiro dia, voltamos ao mesmo lugar, mas desta vez não os vimos mais. O pássaro é de côr branca, do tamanho de um melro, tem um bico largo, e come frutas. Da base do bico para cima, cresce um tubérculo carnudo, de duas ou tres polegadas de comprimento da espessura de uma pena de tubo para escrever, parcamente revestido de diminutas penas; é bem frouxo, e pende para baixo, de um dos lados da cabeça do animal. O pássaro é notavel por sua nota retumbante, alta e nítida — tal como um sino, — que êle emite ao meio dia, quando a maioria dos demais passaros se conservam silenciosos.”

Waterton, em suas excursões por Demerara, alude muitas vezes ao *campanero* (araponga). Em uma passagem, diz êle. “Nunca deixa de atrair a atenção do viajante: a uma distância de quasi tres milhas pode-se ouvir este pássaro, da brancura da neve, soar cada quatro ou cinco minutos, como o distante sino de um convento. Das seis às nove da manhã, as florestas ressoam com os misturados sons das representantes do mundo das penas; depois cessam gradualmente. Das onze às três, toda a natureza está tranquila no silêncio da meia noite, e raramente uma nota é ouvida, exceto a do *campanero*.”

Nenhum pássaro tem sido mais mal representado pelos artistas do que a araponga. O erro provem de copiarem-no de espécimes empalhados. A ilustração que damos junto é uma das muitas que representam a araponga com um chifre rijo, de estilo unicornio. O corpo está accitavel, mas o apêndice rinóceros discorda totalmente do natural.

Fui surpreendido pelo fato de que, embora as aves aquáticas ficassem a princípio sobressaltadas pela nossa presença, não pareciam ter muito medo. Batiam suas grandes asas e moviam-se lentamente alguns passos longe de nós, e rapidamente retomavam a sua antiga posição.

A nossa canoa caminhava para a frente, com as vigorosas remadas de José. O cenário era ainda mais maravilhoso e lindo. Um fundo de altas montanhas era prefaciado por suaves eminências e por uma margem coberta de matas verde-claras. Até o corpulento africano, que ninguém teria suspeitado que tivesse gosto para apreciar esses lindos cenários, exclamava, de vez em quando, "É muito bonito senhor!" Diga-se de passagem: José deu-me a conhecer a ideia que fazia dos protestantes: pessoas que não foram batizadas, e destinadas ao inferno.

Joinville.

Depois de algumas horas de remagem, o rio tornou-se extremamente estreito, tanto assim que as árvores, com suas ricas parasitas, dobravam-se por sobre as nossas cabeças. Já nos encontravamos próximos da nova vila de Joinville, na colônia de Dona Francisca. Saltámos em terra, amarrámos nossa canoa a um tronco de árvore recentemente caída, e viajámos sobre — ou antes, dentro de uma estrada encharcada como uma esponja dentro d'agua. O lugar em que nós achávamos era, na verdade, o início de uma nova cidade no deserto, — casas fincadas no recesso de matas e abundancia de lama e de criança; mas, não fosse a diversidade da flora, ter-me-ia acreditado para lá do Missouri,

nos limites de Kansas. Por todos os lados a floresta e aqui e ali, uma clareira, no centro da qual estava a cabana de um colono. O tamanho e o aspéto novo das casas, as árvores derrubadas, as trilhas enlameadas, a aparência geral de tudo, recordava-me uma colonia pioneira no Oeste. Era curioso ver homens do Reno, e alguns dos arredores de Berlim, *plantados* aqui entre matas virgens, em cabanas da mais rude construção, cobertas com folhas de palmeira.

O "Hotel" de Herr Palma era o meu alvo, e nele me aguardava uma cordial acolhida; as cartas do Sr. V., somada à perspectiva de tirar lucro do estrangeiro, contribuíram para isso. Os alemães não podem esquecer sua terra natal; e um golpe de vista mostrou-me que, embora o trabalho pesado deva necessariamente ser o regime da manhã, da tarde e da noite do colono nessas matas, mesmo assim ali estavam todas as instalações para as diversões, — um salão de baile e estrado para a orquestra. O meu hospedeiro mandou chamar imediatamente o professor, para que eu pudesse receber todas as homenagens e provas de distinta consideração da vila (43).

(43) *Nota de 1866* — Relativamente à emigração do sul dos Estados Unidos, insiro aqui a circular publicada pelo Sr. Galvão, o agente oficial no Rio, e referendada pelo Consul Geral Brasileiro em New York:

"EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL"

"O Governo Imperial olha com simpatia e interesse a emigração americana para o Brasil, e está resolvido a dar-lhe a mais favoravel consideração. Os emigrantes acharão uma abundancia de terras ferreís, adequadas para a cultura de algodão, cana de açúcar, café, fumo, arroz, etc.. Estas terras estão situadas nas provincias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espirito Santo, e Rio de Janeiro; e cada emigrante pode escolher suas próprias terras. Logo que o emigrante tenha escolhido sua terra, será essa medida pelo Governo, e dada posse em pagamento do preço estipulado. Terras desocupadas serão vendidas ao preço de 23, 46, 70 ou 90 centavos por

acre, a serem pagos antes de tomar posse, ou vendidas por tempo limitado de cinco anos, pagando os emigrantes seis por cento de juros anualmente, e recebendo o título da propriedade, somente depois de ter pago a terra vendida. As leis em vigor concedem muitos favores aos emigrantes, tais como isenção de direitos de importação sobre todos os objetos de uso pessoal, utensílios de comércio e utensílios de agricultura e maquinaria. Os emigrantes gozarão, sob a Constituição do Império de todos os direitos e liberdades civis, que pertencem aos brasileiros natos. Eles gozarão da liberdade de consciência em assuntos religiosos, e não serão importunados por suas crenças religiosas. Os emigrantes podem tornar-se cidadãos naturalizados depois de dois anos de residência no Império, e estarão isentos de todos os deveres militares exceto a Guarda Nacional (milícia) na municipalidade. Nenhum escravo pode ser importado para o Brasil de qualquer país. A emigração de agricultores e mecânicos é particularmente desejada. Bons engenheiros são procurados no Império. Ha estradas de ferro em construção e outras em projeto: além disso ha muitas estradas a serem construídas e rios para serem navegados. A' venda, á disposição dos emigrantes, terras das melhores qualidades, pertencentes a particulares. . Essas terras, variando, em preço de \$1.40 a \$7.00 por acre, são próprias para a cultura de café, cana de açúcar, algodão, fumo, arroz, milho, etc., e podem ser obtidas em todas as condições, desde a floresta virgem até terras em estado de serem cultivadas".

CAPÍTULO XVIII

Colônia Dona Francisca.

A Colônia Dona Francisca é um novo empreendimento, cuja origem pode ser exposta em poucas palavras. Em 1843, o Príncipe de Joinville casou-se com Dona Francisca, a irmã do Imperador do Brasil. Recebeu, então, como dote, grande extensão de terras cobertas de matas na província de Santa Catarina. Não faz muitos anos, numa das estações de água da Alemanha, o Príncipe encontrou-se com o Senador Schroeder, de Hamburgo, que lhe propoz um plano para valorizar o seu dote, — isto é: conceder uma certa porção das terras para uma companhia, que nela fundaria uma colônia. O Príncipe concedeu nove leguas quadradas, reservando uma certa quantidade de acres para si próprio, nas melhores situações. A companhia se constituiu, e concordou em trazer uns mil e seiscentos colonos num dado prazo de tempo. De Março de 1851 a Março de 1855, o numero estipulado no contrato havia sido atingido. A maioria dos colonos eram alemães-suiços, embora franceses e alemães estivessem representados por considerável minoria. A vila de Joinville contém cerca de sessenta casas; nas regiões adjacentes ha cento e vinte, e outras em construção. Deduzidas as mortes, ha aproximadamente mil e quinhentos habitantes nessa colônia; por outro lado, ha um considerável numero de franceses, e franceses-suiços, nas colônias adjacentes fundadas pelo Príncipe de Joinville em suas próprias terras. Dois terços da totalidade dos colonos são sem dúvida protestantes, e o outro terço é constituído por católicos.

Qual será o successo da colônia, esperemos para ver. Os colonos, com poucas exceções, não são da melhor classe dos que procuram o Novo Mundo; naturalmente a companhia, desejando cumprir seu contrato quanto á quantidade, não

poude ser mais cuidadosa na seleção dos emigrantes. Estes são obrigados a pagar a sua terra, que é muito mais cara do que nos Estados Unidos, e, tendo uma densa floresta para derrubar, ficam logo sem dinheiro. Sua distância de qualquer mercado, e a impossibilidade de obter colheitas remunerativas, até que os pesados trabalhos do pioneiro sejam executados na mata virgem, influem contra poderosamente, por mais ardoroso que seja o ânimo dos colonos. Nas terras, entretanto, (que a companhia obteve presentemente), longe dos distritos baixos que margeiam o rio, a perspectiva será mais brilhante. Estou convencido todavia que o melhor meio de colonisar o Brasil, não é por exploração particular em lotes urbanos e terrenos para plantação.

O mestre-escola.

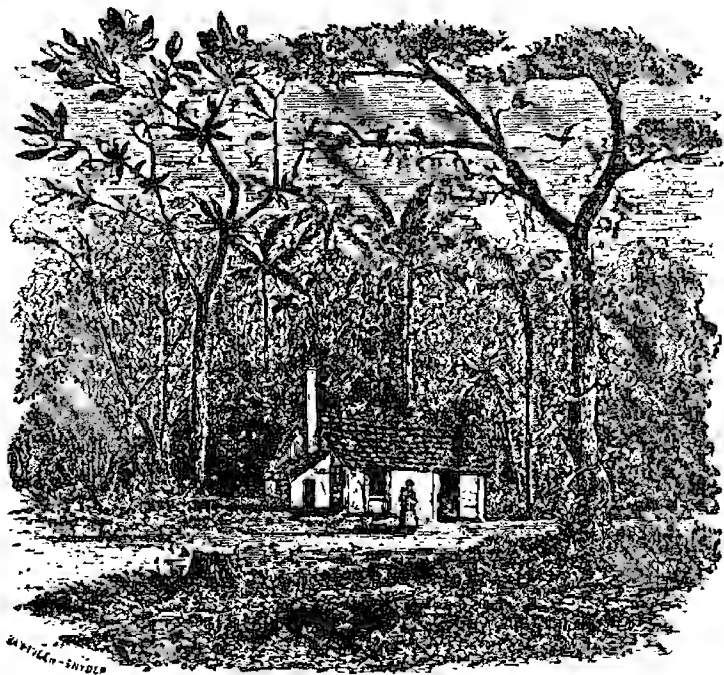
Herr Palma voltou acompanhado pelo professor da escola local. Este era um senhor de aparência elegante, vestido pela última moda de Paris, e, além disso, pessoa a quem não faltavam habilitações e conhecimentos, pois em seus quartos encontrei aparelhos químicos, com os quais estava constantemente experimentando, e também certifiquei-me que era um engenheiro e um artista de mérito não ordinário. Ofereceu-me seus serviços para acompanhar-me ao sacerdote luterano, ficando à minha inteira disposição. Para o sacerdote eu não trouxera recomendação escrita. Pouco tempo depois estávamos em sua casa, modestamente mobiliada; com efeito, raramente eu vira, nas zonas mais primitivas dos Estados Unidos um ministro rodeado de tão pouco conforto, com tão pouco do que é indispensável á vida. Não falava francês nem português, e seu cabedal de inglês excedia muito pouco o meu de alemão, de forma que tive grande dificuldade em faze-lo compreender a minha missão. Tentei ser mais explicito por intermedio do professor, a quem eu me dirigia em francês, e que traduzia em alemão. Mesmo assim êle não parecia compreender, e deixei sua casa um tanto desanimado com a recepção, especialmente quando con-

trastei-a com a viva cooperação que tinha recebido do sacerdote luterano em Petrópolis.

Nesse interim, um rumor correu pela vila que um estrangeiro chegara trazendo Bíblias, e quando voltei para a pequena casa de pensão, tive que atender tanto quanto podia aos visitantes. Entre êsses havia uma senhora bem educada e fina, a filha de um L. L. D. de Hamburgo, e esposa do principal diretor da colônia do Príncipe de Joinville, que não deve ser confundida com a colônia hamburguesa de Joinville. Minhas Bíblias alemãs e Testamentos brasileiros, foram logo exgotados, mas tinha deixado ainda alguns exemplares em São Francisco, que adiantadamente me pagaram e que lhes enviei no dia seguinte ao de minha volta.

O sacerdote veio ter conosco, um pouco mais cordial desta vez. Ele e o professor convidaram-me para tomar chá. Durante a minha visita, este último deixou-nos por alguns momentos, e depois voltou; mas durante a sua ausência, o sacerdote me disse: "Como tornou-se conhecido do professor? Ele é um *vira-casaca*." E então compreendi sua reserva, e a não compreensão de minhas observações, que lhe fizera na presença do pedagogo quando visitávamos junto o prebistério. O professor nascera na Bulgária, e era maometano: foi depois para a Alemanha, e finalmente veio para o Brasil com alguns sábios belgas cujo objetivo era realizarem explorações científicas. O jovem afeiçoou-se por uma moça brasileira de vinte anos de idade, renegou à sua religião, tornou-se católico romano e casou-se com ela. Pude apreciar ainda mais a prudência do sacerdote, quando êle me informou que o professor era um boêmio de nascimento, educado em Viena; e que, por causa de converter setenta papistas ao protestantismo, fôra expulso da Austria. Embora recebesse o melhor dos tratamentos do professor, a verdade obriga-me a dizer que entre os habitantes da vila, êle tem a reputação de ser católico romano apenas em *teoria*, pois na *prática* era tão turco como si residisse no coração do Império Otomano. A sociedade

que nos rodeava era uma mistura, sendo alguns católicos romanos, outros protestantes. Nessa tarde um suíço Berbesse, de aparência honesta, veio para o nosso quarto. Saudei-o e falei-lhe da Bíblia, mas observei que êle me olhava com olhos desconfiados. Pouco depois o pastor, também presente, saiu em sua companhia. Voltaram alguns minutos de-



Casa de emigrante alemão na Colônia de Dona Francisca

pois; Berbesse chamou-me à parte e disse: “Estou convencido de que tens um bom propósito em vista. Tive receio que fosses um jesuita, “(êle não esquecera o *Sonderbund* no seu próprio país); “mas o pastor assegurou-me que não o és. Desejei certa vez ser missionário, mas circunstâncias contrárias m’o impediram —, mas apesar disso, devo estar

contente por trabalhar por intermedio de outrem. Assim sendo, aceita por favor, essa pequena soma de dinheiro, e tudo o que desejo que faça é divulgar as boas novas do abençoado Salvador.” Depois que elle saiu, o pastor entregou-me uma outra pequena quantia, que o mesmo Berbesse lhe dera para mim. O total era apenas de nove francos; mas essa quantia corresponde a cem francos nos Estados Unidos. Enviei-lhe depois, de São Francisco do Sul, Bíblias de valor equivalente á sua dádiva, desejando que elas se tornassem o instrumento da divulgação “das boas novas do abençoado Salvador.”

Já era tarde quando meus visitantes retiraram-se. Na manhã seguinte, muito cedo, montado em um cavallo de aparência selvagem, e passando por cima da lama e do lodo, fui almoçar com o diretor da colônia hamburguesa (a de Joinville, não a do Príncipe). Enquanto cavalgava, vi dos dois lados da estrada as pequenas cabanas dos colonos (que se distinguem das casas brasileiras por suas chaminés), erguidas entre as largas e protetoras folhas das bananeiras, nesta região onde não ha inverno. Mas elles têm uma dura sorte, pois a região de floresta é difficil de limpar; o solo não é tão rico para cereais e outros productos que estão acostumados a cultivar, e, sobretudo, o povo é pobre, e pertencendo muitos deles ás mais baixas classes na Alemanha, entregam-se em grande número á bebida. Foi por causa disso que o pastor pediu-me mais publicações sobre temperança.

Ao passar por uma casa, metida entre dezenas de palmeiras e outras soberbas árvores, ouvi uma doce voz de mãe ensinando o filho a balbuciar seu A B C.

Para mim foi um espetáculo novo observar a floresta virgem dos trópicos derrubada pelo cruel machado dos mateiros. Por todos os lados, nobres palmeiras e raras e gigantes cas parasitas estavam espalhadas pelo solo em selvagem confusão. Perto da casa do Sr. H., vi um desses reis da floresta erguendo sua altura solitária entre suas companheiras caidas. O monarca estava coroado e ornado com

magníficas orquídeas e trepadeiras silvestres. Sua própria folhagem verde clara exprimia vida e vigor; e as gotas de orvalho pareciam lágrimas lamentando a desolação em redor. Mas, para tornar este mundo habitação apropriada para o homem, a natureza, bem como o homem, devem fazer seus sacrifícios: e assim, a utilidade reconciliou-me.

Os passarinhos de longa cauda (que muito se assemelham aos "*whidah*" da África) que muitas vezes vira presos em gaiolas, estavam aqui em gloriosa liberdade, pulando deante de mim, saltitando graciosamente de feto em feto, ou volteando em destemida alegria sobre as baunilhas pendentes que enchem o ar da manhã com o seu rico perfume.

A casa do Sr. H. ocupava uma bela situação, e, nesse remoto recanto do mundo, era tão interessante como extranho depararem-se, nessa pequena casa, o último "Illustrated New" de Londres, "La Presse" e a "Illustration" de Paris. A Senhora H., filha da bela França, mostrava assim que outras mulheres, além das americanas, podiam residir nas matas virgens e suportar com contentamento as fadigas e as emoções de uma vida pioneira.

Quando o Sr. H. e eu estávamos prontos para voltar á vila, trouxeram os nossos cavalos; o meu tinha o mau gosto de tomar o cabresto nos dentes, e, bufando uma despedida, saiu correndo pela estrada até Joinville. Na sua disparada, sacudindo a crina, e ventas dilatadas, parecia a todo mundo um dos corseis dos mármores de *Elgin*; o cavalo parecia, mas excetuado o cavaleiro. Quando desapareceu de vista, lançou as patas para o ar, e deu para despedida uma série de couces e outros gestos clássicos bastantes para provocar o riso mesmo na mais melancólica das pessoas. O Sr. H. ofereceu-me gentilmente outro cavalo, e a última vez que vi o meu indomável corseil, foi justamente quando chegámos a Joinville; estava pacificamente gosando, numa pequena plantação de açúcar, uma agradável refeição de canas tenras e apetitosas.

Antes de entrarmos na vila, tomámos um desvio da estrada, subimos um morro coberto de florestas, em cuja encosta via-se o cemitério rural, onde eram enterrados os colonos da colônia hamburguesa. Era um lugar triste embora lindo. O sol da manhã já se tinha elevado acima das florestas, si bem que a densa folhagem tivesse ainda os vestígios do orvalho matinal. Cada dia e cada ano o sol brilhará sobre este remoto e pequeno cemitério; mas, os que lá descansam, jamais contemplarão as soberbas manhãs dessa esplêndida região. A terra que cobria os restos de um dos melhores homens da colônia, estava ainda fresca; umas corôas de *sempre vivas* tinham sido penduradas com singelo bom gosto por alguma bondosa mão perto da humilde sepultura; mas nem o pai nem a mãe ou a gentil irmã, derramariam silenciosas lágrimas sobre o morto.

Do alto desse morro, podia-se ter uma bela vista do povoado. Os vivos e os mortos eram assim colocados uns perto dos outros; mas o homem é uma creatura esquecida, e as lições dos cemitérios e das sepulturas recém abertas, são tão facilmente esquecidas nesse recanto solitário, como entre o importuno barulho das grandes cidades.

Antes de deixar a colônia, visitei a escola, que é sustentada pelo fundo escolar comum da província, e verifiquei que o Bulgaro não se descuidara dos seus encargos, que soubera dar instrução em alemão e português.

Percorrendo Joinville, fiz uma rápida visita a um colono, cujo irmão está em Nova York, e, quando estava em sua casa, um homem de aparência distinta entrou. Pela sua conversa verifiquei tratar-se de um médico. Logo que êle soube quem eu era, e em que carater visitava a colônia, segurou-me efusivamente as mãos e vi que era um destes médicos que cuidam da alma tão bem como do corpo de seus pacientes. A minha palestra com êle foi muito agradável; pois, além da sua devoção, mostrou-se uma pessoa de espírito cultivado, tendo sido educado na Universidade de Halle;

e o que particularmente interessou-me, ao lado de seus estudos profissionais, frequentara as lições de Tholuck.

Ele, juntamente com o sacerdote luterano, aprovaram vivamente a proposta de um outro pastor alemão no Império, que devia ser um missionário regular, que também distribuisse livros religiosos, para ir de colônia em colônia através de todo o Brasil, com Bíblias e folhetos, encorajando essas comunidades a ter pastores; pela Palavra impressa e trabalhos religiosos congregando os que vivem privados de sacerdote; e efetuando as cerimônias do casamento onde, na falta de um ministro, isso que é tão essencial á pureza de uma comunidade, tem sido muitíssimo descuidado.

Ha colônias alemães espalhadas por toda a extensão da costa brasileira, e ha, em virtude desse fato, uma alta missão para os alemães evangélicos de nossa terra, a de cuidar do progresso espiritual de seus compatriotas no Brasil. Acredito que tal palavra, levada por algumas das igrejas luteranas dos Estados Unidos, redundaria em um grande bem. Podiam assim dirigir os trabalhos daquele, que seria estimulado em sua tarefa melhor do que uma grande sociedade beneficente que tem cinquenta outras regiões para cuidar. Tal empresa é da mais imperiosa necessidade, não apenas por conservar viva a piedade evangelica, mas também tornar mais conhecida a Cristandade protestante.

De volta ao hotel, verifiquei que uma grande cesta de orquideas, das espécies mais raras, havia sido preparada por ordem minha, para eu mandar de presente a um bom amigo no Rio de Janeiro. As orquideas mais a cesta, custam apenas tres dólares: na Inglaterra valeriam um preço fabuloso, considerando a mania que existe atualmente entre os horticultores nobres e reais por estes curiosos súbditos do reino da Flora. Podem ser facilmente transportadas por mar, si se tomar todo o cuidado afim de evitar o contato com a água salgada. Soube de um naturalista, não muito longe do Rio, que mandava muitas vezes orquideas para a Inglaterra. O Brasil é extremamente rico em parasitas e plantas trepadei-

ras; mas nenhuma, entre a grande variedade delas é mais graciosa do que a baunilha, encontrada em maior ou menor abundância, desde o extremo norte do Império até à província de Santa Catarina. Sua pequena flôr estrelada, sua linda folha, e sua deliciosa, fragrancia, tornam-na um objeto de beleza e admiração. Todavia, nunca pude compreender porque a fava da baunilha é importada para o Rio do México e da América Central, via New York, quando a própria planta é tão abundante no Brasil.

Deixei a colônia com sincero pesar, mas não podia permanecer por mais tempo e conhecer melhor o povo: de acordo com o anunciado, o vapor que me levaria de volta a Santos devia chegar na manhã seguinte. Assim, disse adeus ás minhas amizades recentemente feitas, e, depois de várias horas de duro remar numa estreita canoa, cheguei a São Francisco do Sul.

São Francisco do Sul.

O vapor estava no porto no dia marcado, e passei o tempo muito agradavelmente com o Sr. V. e alguns alemães, um dos quais era um jovem médico educado em Breslau, que estava para se retirar desgostoso da colônia e do Brasil. Certamente estava mais aditado a uma sociedade já formada do que a uma em formação. Alegou, como sua principal razão, que o Brasil era um grande campo para o charlatanismo; os pretenciosos e espertos podem sempre substituir com vantagem os regular e cientificamente preparados. Ele exemplificou com o caso de um barbeiro do exército de Schleswig-Holstein, que emigrou para a nova província do Paraná e é agora o médico ali da mais alta reputação. Eu soube depois que esse ex-espadachim mostrara-se recentemente no teatro de Paranaguá tendo uma decoração brilhando-lhe no peito, dizendo que a mesma lhe fora conferida na Europa por seus distinguidos serviços cirúrgicos! Meu amigo de Breslau era evidentemente um homem cultivado, e bem versado em sua profissão, mas a sua nostalgia foi sem

dúvida o mal que o fez olhar tudo desvirtuadamente; duvido que encontrasse no Continente ocidental um país onde o Governo e a faculdade de medicina sejam mais rigorosos do que no Brasil. Ha charlatães bem sucedidos debaixo das proprias vistas das escolas médicas de Paris, e não é portanto estranho que ocorram exemplos em um vasto e pouco populoso país.

Muitas vezes, deixando meus companheiros, perdia-me nos caminhos umbrosos que se encontram espalhados por toda a região, e aí podia estar tão retirado como si estivesse distante nil milhas da convivência dos homens. Um de meus passeios favoritos era ás ruinas de um velho convento no alto de um morro coberto de trpadeiras, perto do qual estavam as novas fundações de um hospital mandado construir em obediência a um voto de alguma rica senhora de São Francisco: temo que tendo ela falecido, a sua obra piedosa esteja em breve nas mesmas condições da dos Jesuítas.

Em uma de minhas excursões, fiz uma visita á cadeia, cujo único occupante era um alemão que, num acesso de raiva, atirou no diretor da colônia hamburguesa. Atualmente, é perfeitamente lícito, no Brasil, chamar um homem dos mais fortes qualificativos e engana-lo tanto quanto se queira impunemente; mas atirar em um homem excede a todos os limites da tolerância, e a cadeia ou alguma outra pena será a consequência certa de talato. O prisioneiro parecia muito feliz, dadas as circunstâncias, tendo um quarto melhor do que o que ocupei em casa de Herr Sneider, e perfeita liberdade para ir onde lhe aprouvesse, em certas horas do dia.

Da cadeia, entrei na grande igreja, situada perto do centro da vila. O soalho era todo construido de madeira, podendo ser levantado em secções, o que era sempre feito quando havia enterros. Aproximadamente ha dois séculos, eram aqui enterrados os que morriam com a ardente esperança de serem levados mais depressa para o céu, por terem

seus corpos no interior desses recintos feitos pela mão do homem. Um velho negro estava cavando uma sepultura, e de cada vez que a sua pesada enxada (a pá é raramente usada) descia, esmagava ou quebrava cruelmente crâneos e costelas e tudo que era fragil na nossa pobre compleição humana. Os fragmentos eram jogados fora como si fossem a terra comum.

Fui perturbado nas meditações sugeridas por essa cena, pelo gordo, alegre e arredondado padre, que, com sua face risonha, deu ordens, em voz alta e um tanto solene, a uma pessoa que estava segurando um caixão no centro da igreja. Era um pequenino caixão, embora suficientemente grande para a sua finalidade. Estava descoberto, e nele jazia, no descanso da morte, uma criancinha de doze meses. Um doce sorriso cobria a sua face; suas delicadas mãos estavam juntas, e seus olhos abertos brilhavam com uma expressão tão agradável, que pareciam estar contemplando o céu. Dificilmente pude ver os ornamentos com que o corpo estava enfeitado. Tres mulheres, cobertas de profundo luto, e com mantilhas do mais rico pano, caindo-lhe da cabeça até o chão, caminhavam arrastada e silenciosamente pela igreja, dando um aspecto lúgubre áqueia inocente morte. O sacerdote aproximou-se e saudou-me. Eu o conhecera logo que chegara ao lugar, e por isso animei-me em fazer algumas perguntas a respeito da criança. Informou-me que estava justamente preparando-se para dizer missa em sua intenção: eu, entretanto, lembrando as palavras do nosso Salvador, disse, "Destes é o reino do céu," e que o pequeno ser remido pelo Salvador, era já um anjo nos reinos da luz, e que não havia necessidade de dizer missa em sua intenção, mesmo deixando de lado a questão do direito da dizer missa para qualquer um. Ele replicou com um *é verdade, senhor*, mas, não obstante, continuou no seu trabalho, — porque com isto receberia dinheiro, — pois a igreja o ambiciona, e o homem procura novas invenções, ao envez de seguir os verdadeiros preceitos da verdade.

Depois de falar-lhe contra os enterros intermúraes, espreitei um púlpito, e perguntei-lhe si êle pregava: respondeu-me, "Algumas vezes, especialmente nos dias Santos." A todas as minhas observações de apenas se dever pregar as verdades de Cristo, êle balanceava a cabeça, sorria, proferia muitos "é verdade" e "muito obrigado"; deixei-o, profundamente convencido que um terremoto moral seria necessário para sacudir a indiferença do clero brasileiro antes que as suas mentalidades se orientem como deve.

O vapor entrou na baía, e novamente levou-me em direção do norte.

Província de Santa Catarina.

A província de Santa Catarina, na qual a colônia de Dona Francisca está situada, é a maior das províncias do Sul do Império. Em fertilidade e salubridade não tem segunda. Seus recursos, no entanto, só têm sido desenvolvidos a apenas cinquenta ou sessenta milhas da costa: além disso, os índios ainda existem aí abundantemente, e no interior distante são combatíveis, e nutrem um odio mortal pelo homem branco. Mesmo assim não quero dar através dessa narrativa a impressão de que a província é um medonho deserto; pois as cidades na costa do mar, as vilas, e as pequenas e florescentes plantações mais afastadas do litoral, e as numerosas colônias fundadas pelos governos imperial e provincial, por companhias particulares e por simples indivíduos, na faixa de terra que se estende do Rio São Francisco do Sul ao Mambituba, tudo fala de uma certa soma de civilização e progresso. A população está avaliada em noventa mil habitantes.

Desterro.

A capital da província é muitas vezes chamada Santa Catarina, embora seu verdadeiro nome seja Nossa Senhora do Desterro. Está situada na ilha que dá o nome á pro-

víncia, e seu porto, embora pequeno, é comparado com o do Rio de Janeiro em excelência e beleza. Desterro é ponto de consideravel comércio, embora os colonos não estejam empenhados em grandes operações agricolas, como na provincia mais ao norte. O café que daqui se exporta goza de alta reputação, e é de superior qualidade.

A ilha de Santa Catarina é montanhosa e lindamente arborizada, e o cenário que cerca a cidade do Desterro tem merecido os elogios de todos os viajantes que têm o privilégio de visitar essa pitoresca região. Um amigo que residiu muitos anos passados, nas ilhas do Pacífico, ao visitar a de Santa Catarina, escreveu para casa suas impressões, declarando que o aspecto geral de tudo em volta dele, era tão semelhante ao dos ares do Sul, que se sentiu como que repentinamente transportado para lá e novamente vivendo as cenas que vivera anos passados. E, acrescentou: "As palmeiras, lançando seus plumosos galhos ao vento, as largas folhas das bananeiras sussurrando á briza, o perfume das flores de laranjeiras e jasmims do Cabo, as canas de açúcar, os cafeeiros, os algodoeiros, as palmas Christi e as goiabeiras, bem como as ligeiras canoas sobre as águas, e as rudes cabanas de vez em quando aparecendo nas praias, — tudo me fez surgir na imaginação as Marquesas, a Sociedade, e as Ilhas Sandwich".

Ha aqui um comércio em flores artificiais feitas de azas de escaravelho, escamas de peixe, conchas do mar e penas, que atraem a atenção de todo visitante. São feitas pelas mulheres de quasi todas as classes, que assim conseguem não só dinheiro para seus alfinetes, como avultadas quantias no negocio. Os ornatos de colares e braceletes feitos com as escamas de um grande peixe não são apenas curiosos, mas extremamente lindos. Seu efeito á noite é o do mais brilhante colar de pérolas, e são tão superiores em esplendor ás pequenas amostras de flores de escama de peixe, manufaturadas na Irlanda, e expostas no Sydenham Palace,

em Londres, como o diamante sobrepuja em resplendor o vidro lapidado.

Não apenas as flores e frutas tropicais são aqui encontradas em profusão, como também as mais finas hortaliças da Europa podem ser cultivadas perfeitamente; e, tal é a salubridade do ar, que Desterro é muitas vezes visitado por inválidos das províncias mais ao norte, e mesmo de regiões mais distantes.

A história natural de Santa Catarina é peculiarmente interessante. Entre as conchas que abundam na costa, ha uma espécie de *Murex*, de cujo animal se pode extrair uma linda tinta vermelha. Mas são os dominios da entomologia que têm excitado a mais viva admiração dos naturalistas que visitaram a província. As borboletas são as mais esplendidas no mundo. Langsdorff diz que não são como os mansos e pequenos lepidópteros da Europa, que podem ser apanhados com um paninho de seda. Pelo contrário, elas se elevam no ar, com um vôo pronto e rápido. Algumas vezes elas poisam e descansam nas flores no alto das árvores, e raramente arriscam-se ao alcance da mão. Parecem estar constantemente alerta, e, para serem apanhadas deve ser no vôo, por meio de uma rede presa na ponta de uma vara. Algumas espécies são observadas vivendo em sociedade, centenas e milhares algumas vezes encontradas juntas. Essas espécies geralmente preferem os lugares mais baixos e as margens dos rios. Quando uma delas é apanhada e fincada por um alfinete sobre o solo, bandos da mesma espécie se reúnem em redor dela, e podem ser apanhadas à vontade.

Minas de carvão.

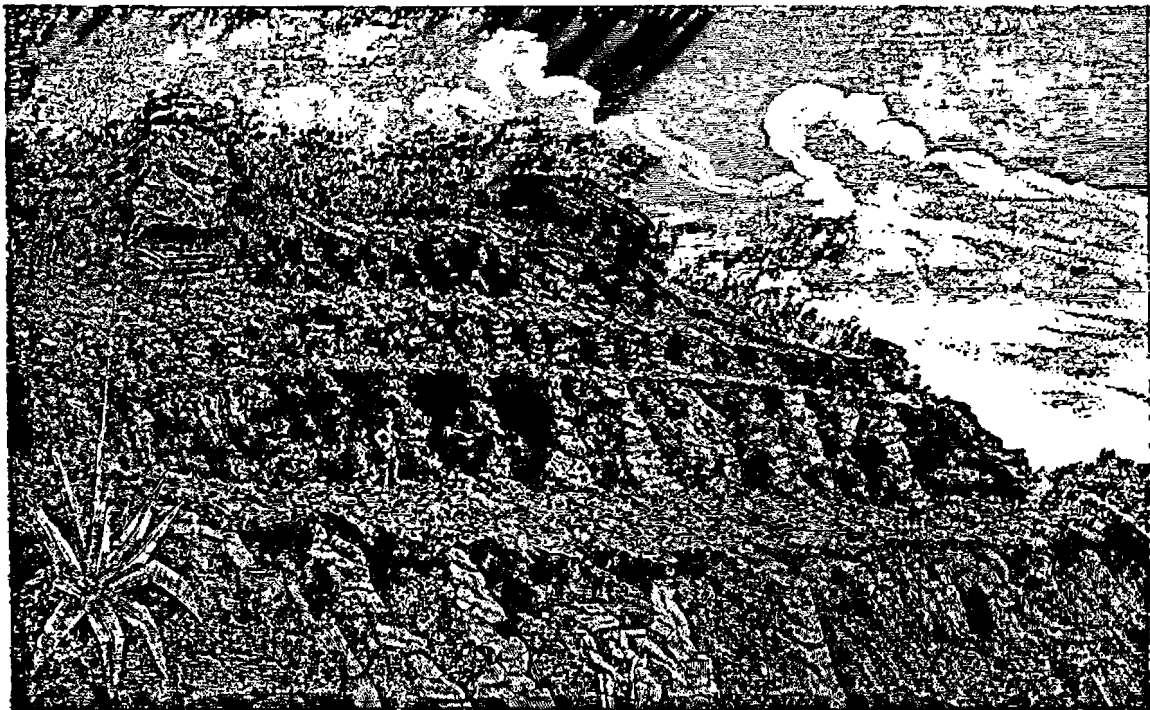
Tem-se propalado há muitos anos a existencia de minas de carvão dentro dos limites desta província; mas, apesar de algumas pesquisas feitas por ordem do Govêrno, ainda não foram feitas descobertas satisfatórias. O Dr. Parigot (*66) que estava empenhado em realizar tais pesquisas

na província em 1841, informou a existência de um stratum carbonífero, de vinte a trinta milhas de largura e cerca de trezentas de comprimento, atravessando de norte a sul a província. O melhor veio de carvão que descobriu, foi por ele declarado semi-betuminoso, e situado entre espessas camadas de óxido hidratado de ferro e xisto betuminoso; mas até a presente época não se conhece nenhum resultado verdadeiramente animador dessas explorações. Na província vizinha do Rio Grande do Sul, carvão de melhor qualidade, si bem que algum tanto argiloso, foi encontrado pela mesma época em um lugar chamado Herval, não distante de S. Leopoldo. Mas em 1861 a mais importante descoberta mineral feita no Brasil, foi devida ao Sr. Nathaniel Plant, no Rio Grande do Sul; e o nome de Candiota, ligado ao carvão, será tão famoso no Brasil, como Cardiff na Inglaterra. Para maiores informações sobre essa grande descoberta, veja-se o apêndice.

Província do Rio Grande do Sul.

A província de São Pedro do Rio Grande do Sul (mais comumente conhecida simplesmente como Rio Grande do Sul) constitue o extremo sul do Império do Brasil. E' assim denominada por causa da primeira Igreja Paroquial de São Pedro, e do rio chamado Grande, (ver no mapa, Barra do Rio Grande), perto de cujas margens foi edificada. Em muitos dos documentos officiais do Império, esta província aparece como S. Pedro, para distingui-la do Rio Grande do Norte. Pela salubridade do clima e fertilidade do solo, assemelha-se á República do Uruguai, com a qual confina. E' admiravelmente adaptada á emigração europea, e a mais bem sucedida de todas as colônias estabelecidas pelo Governo Imperial é a de S. Leopoldo, fundada em 1825, que hoje conta uma ativa e próspera população de mais de onze mil almas.

Todos os cereais e frutas da Europa Central podem ser cultivados nesta província, e outrora havia aí plantadas imen-



Camadas carboníferas no Rio Candiota, Província do Rio Grande do Sul

sas quantidades de trigo não apenas suficientes para supri-mentos locais, como para exportação. Este ramo da agricultura tem presentemente diminuído de tal forma que a farinha de trigo é, em grande escala, importada dos Estados Unidos.

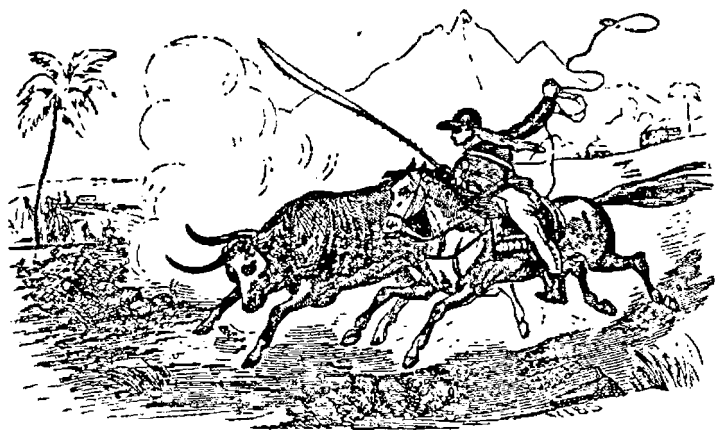
Rebanhos e vaqueiros.

A grande riqueza do Rio Grande do Sul consiste naquilo que outrora foi a fortuna dos patriarcas, — rebanhos de ovelhas e de gado. Os "*gauchos*" de Buenos Aires não são mais habéis em montar à cavalo ou usar o lasso do que os Rio Grandenses, cuja ocupação desde a infância é cuidar da criação dos rebanhos de gado que erram pelas vastas campinas ou pradarias. Avalia-se que na província do Rio Grande do Sul, não mencionando as terras de Santa Catarina e S. Paulo que são dedicadas a mesmo fim, quinhentas mil cabeças de gado são anualmente mortos para fornecer couros e carne, enquanto outro tanto é mandado para o norte para o consumo ordinário. A maior parte da carne seca, comumente comida em todo o Brasil, é aqui preparada. Depois de retirado o couro do boi, a carne é esfolada igualmente de cada lado do animal, em faixa de meia polegada de espessura. A carne é então, sob essa forma, estendida ao sol para secar. Muito pouco sal se emprega na sua conservação, e, quando suficientemente curada, é embarcada para todas as províncias marítimas, e é a única forma pela qual se utiliza no país a carne de vaca conservada. Montões de carne seca (que exalam um odor não muito agradável) jazem empilhadas, como lenha, nas casas de mantimentos do Rio de Janeiro.

No ano financeiro de 1853-54, o Rio Grande do Sul exportou quasi \$3.000.000 (dolares) em couros, chifres, peles e lãs, \$1.000.000 dos quais foram importados pelos Estados Unidos.

O carater do povo é um tanto peculiar, devido às circunstâncias do seu modo de viver. São geralmente altos, de

aparência ativa e enérgica, com feições gentis, tendo a pele mais clara do que a que se encontra mais comumente entre os habitantes das regiões norte do Império. Ambos os sexos estão acostumados, desde a infância, a montar a cavalo, e conseqüentemente adquirem grande habilidade, no manejo destes nobres animais, com que realizam seus folguedos, fazem suas viagens e perseguem o gado selvagem nas planícies.



O laço

Uso do laço

O uso do laço lhes é ensinado entre os primeiros exercícios da juventude, e isso é levado avante até adquirirem uma destreza quasi inconcebível. Criançinhas, armadas de laços ou bolas, fazem guerra aos frangos, patos e gansos do terreiro, até que a ambição e a força os levem para um campo de atividade mais amplo.

Para a perseguição do gado bravo, os cavalos são admiravelmente adestrados, tanto assim que, quando o laço é atirado, sabem precisamente o que devem fazer. Algumas vezes, no caso de um animal furioso, o corredor estaca o ca-

valo e desmonta, enquanto o touro está puxando todo o comprimento da corda de couro cru. O cavalo dá um giro em redor e entesa suas pernas para sustentar o choque que o impulso do animal capturado inevitavelmente lhe transmite. O touro, que não espera ser apanhado tão de repente, é atirado, ao chão, enlaçado. Levantando-se, precipita-se sobre o cavalo para mata-lo; mas este conserva-se a distância, até que o touro, achando que nada poderá conseguir por esse lado, tenta fugir outra vez, mas a corda atira-o uma segunda vez ao chão. Assim o pobre animal é atormentado, até ficar inteiramente á mercê de seus perseguidores.

Não é apenas no Rio Grande do Sul ou São Paulo que cenas desta espécie podem ser observadas. Eram antigamente testemunhadas no próprio Rio de Janeiro. No Matadouro público, situado na Praia da Ajuda, antes que os matadouros municipais fossem removidos para as espaçosas instalações de São Cristóvão, grande quantidade de gado era diariamente abatido. Entre as manadas de gado que chegavam á capital, dos distantes sertões, acontecia varias vezes vir um boi tão bravio e possante que não estava disposto a entregar a vida sem uma luta desesperada. Fugia de seu cercado e lançava-se pelas ruas da cidade, ameaçando destruir quem se opusesse á sua passagem. Um cavalo, aparelhado com sela e redea, e, com um laço amarrado a êle por uma forte cilha, estava sempre pronto para a emergencia, e era logo utilizado para a perseguição do animal fugido. A caçada era bem diversa em suas peripécias da que se faz em campo aberto; mas o interesse era o mesmo nas rápidas voltas das esquinas de ruas, no forte bater dos cascos no calçamento, e na rapidez com que se aglomeravam os espectadores. Em poucos momentos, geralmente, o laço se enrolava nos chifres do fugitivo, uma área ficava desembaraçada, e a cena acima descrita se passava, até que o boi desertor fosse morto no local ou conduzido em triunfo para o matadouro. O laço, além disso, é de uso frequente no

Campo de Sant'Ana, na mesma cidade, onde grandes tropas são frequentemente reunidas para a venda. O comprador tem apenas que indicar qual o animal, que, na indômita multidão, êle gostaria de examinar, e o tropeiro prontamente o traz preso pelo focinho na extremidade de sua longa corda, com a qual o segura ou o conduz à vontade.

O Rio Grande do Sul era habitado no periodo colonial por duas características tribus de selvagens. Na parte leste da atual provincia e em Santa Catarina estavam os Carijós, que diziam ser os mais humanos de todos os aborigenes, e eram os mais acessiveis aos costumes europeus. Ao norte do Rio Grande, estavam os Guaicurus, — “cavalaria indígena”, — assim chamada porque os portugueses encontraram-nos prontos a combater-los a cavalo. Onde obtinham seus cavalos é um inexplicavel mistério, mas provavelmente buscavam-nos ou entre os espanhois na costa do Pacifico, ou em alguma das primitivas colônias do Prata. Tenho em minha posse uma velha gravura de Guaicurus atacando soldados, e sua posição na montaria lembra a dos selvagens Camanches do Novo México.

O Rio Grande do Sul é, em população e comércio, a quinta ou sexta provincia do Império. Até o rápido aumento da exportação do Pará, ocupava o quinto lugar.

Antigas revoltas — Atual tranquilidade.

Por uma série de anos, o Rio Grande esteve em rebelião aberta contra o govêrno imperial, fato esse a que já aludimos. O efeito dessas lutas foi a proclamação da liberdade dos escravos, por ambos os partidos, tanto assim que o número deles foi grandemente diminuido. A proximidade dessa provincia em relação aos govêrnos hispano-americanos, sem dúvida muito contribuiu, antes que o Império do Brasil estivesse inteiramente consolidado, para imbuir-lhe de princípios republicanos, e julgou-se mesmo em certa época que o Rio Grande se separasse do Império, e, como a Banda Oriental, ou Uruguai, (antigamente uma

provincia do Brasil), se tornasse um Estado independente. Mas, por generosas concessões e enérgicas medidas o Rio Grande foi trazido à obediência, e hoje nenhuma de suas provincias irmãs excedem-na em lealdade para com o regime existente. Todavia, o Brasil, tomou medidas eficazes e preventivas para que seu limite sul não seja por muito tempo perturbado. O tirano Rosas (44) foi derrubado com a cooperação do exército e da armada brasileira, e o Brasil está presentemente (1866) esforçando-se em conquistar a paz, derrubando um novo despota, — Lopez Junior. O Brasil está empenhado em uma justa guerra, embora por ele não desejada e a queda do segundo Lopez, produzirá um benefício tão grande como a vitória sobre esse outro perturbador da paz sul americana, — Rosas.

(44) Tendo aqui aludido á parte que o Brasil tomou na queda dos Nero-Borgia do Novo Mundo, a nota seguinte de um livro do Sr. Hadfield, dará a idéia geral dos acontecimentos desenvolvidos na Confederação Argentina:

“Em Janeiro, de 1831, as provincias de Buenos Aires, Entre Rios, Corrientes e Santa Fé, formaram entre si uma união federal, á qual todas as outras provincias posteriormente se viéram reunir. A união era uma aliança voluntária. Nenhuma constituição geral foi promulgada, e a adesão dos vários membros ficou para ser assegurada por aquele que viesse a obter a direção dos negócios. Esta Confederação Argentina, como a República que a sucedeu, caiu logo em estado de anarquia; e antes da eleição do General Rosas como governador ou capitão geral, com quasi absolutos poderes, em 1835, nem mesmo uma tranquillidade temporária poude ser assegurada. Mas a crueldade e o despotismo assinalaram a sua passagem pelo poder e sua ambição, que continuamente o inspirava a estender o seu dominio sobre toda a região banhada pelo Prata e o Paraná, levou-o a entrar em luta com governos estrangeiros; e estes finalmente causaram a sua queda.

“Com a morte de Francia, ditador do Paraguai, Rosas recusou-se a reconhecer a independência desta nação, insistindo que ella deveria se unir a Confederação Argentina. Ao mesmo tempo recusou-se a permitir a navegação do Paraná por navios destinados ao Paraguai. Lopez o novo ditador do Paraná, entretanto, entrou em aliança com a Banda Oriental, actualmente chamada Uruguai, com que Rosas estava em guerra. Essas forças apelaram para o auxilio do Brasil. A guerra se prolongou até que abrangeu todo o territorio de ambas

as margens do Prata e do Paraná. A Grã Bretanha ofereceu sua mediação, mas foi rejeitada por Rosas. A Inglaterra e a França tentaram várias medidas junto a Rosas de 1845 a 1849, mas em vão. Com a final queda dos dois grandes poderosos em 1850, o Brasil decidiu uma interferência ativa. Em fins de 1850, o Brasil, o Uruguai e Paraguai assinaram um convenio, a que Corrientes e Entre Rios, representadas pelo General Urquiza, vieram se reunir, convenio pelo qual concordaram em continuar as hostilidades, até que tivessem efetuado a deposição de Rosas, "cujo poder e tirania" êles declaravam ser "incompatível com a paz e felicidade desta parte do mundo". Imediatamente na primavera de 1851, uma esquadra brasileira bloqueou Buenos Aires, e logo depois, uma força argentina, comandada por Urquiza atravessou o Uruguai. O General Oribe, que comandava o exército de Rosas em Montevidéu, capitulou. Seus soldados, pela maior parte reunidos ao exército de Urquiza, que — á frente de uma força, que se compunha, dizem, de setenta mil homens — atravessou o Prata, direção a Buenos Aires. Uma batalha geral teve lugar nas planícies de Moron, a 2 de Fevereiro de 1852, quando o exército de Rosas foi inteiramente destroçado. Rosas, que comandara em pessoa, conseguiu escapar do local, e disfarçado de camponês, chegou em segurança á casa do ministro britânico em Buenos Aires. Daí, com sua filha, seguiu a bordo do vapor H. B. Locust, e a 10 de Fevereiro, viajava no vapor "Conflict" para a Inglaterra".

Nota de 1866 — A Guerra do Paraguai de 1865-66 — Em 1862, Lopez Senior, o segundo ditador do Paraguai, morreu. Em 1859, criara para o governo brasileiro dificuldades com a sua discordância para com os solenes tratados feitos em 1850, que garantiram o direito de trânsito para vapores que fossem para Mato Grosso, acima do rio Paraguai, e tambem por sua recusa de estabelecer a questão de limites entre o Paraguai e o Brasil. Assim tratava ele o poder que tinha salvo o Paraguai do tirano Rosas. As coisas se haviam arranjado porque o Brasil fez importantes esforços diplomáticos, acompanhados por uma energica demonstração de força. Em 1862, Lopez morreu. O segundo assumiu o governo, e tornou-se o terceiro ditador do Paraguai. Enviou mecânicos para Europa, importou grandes quantidades de maquinaria e ferro, nominalmente para estrada de ferro de Assuncion a Vila Rica, mas na realidade, como mostraram os acontecimentos posteriores, para fins de guerra, quando começaram a votar intenso ódio ao Brasil por supôr que esse país, por intermédio do estadista Paranhos, estava interferindo nos negócios paraguaios. Em 1863-64, a Banda Oriental, ou República do Uruguai, dividiu-se por lutas internas: aos "blancos" se opuzeram os "colorados", condu-

zidos pelo General Flores. Os cidadãos brasileiros no Uruguai, sofriam da parte dos "blancos", e o Brasil viu-se compelido depois de longos e pacíficos protestos, a enviar o Vice-almirante Visconde de Tamandaré, com a esquadra brasileira para proteger seus cidadãos. Isso, no verdade, foi feito para ajudar Flores, e o governo do Uruguai a cair nas mãos dos "colorados". Forçado a pegar em armas para proteger súbditos seus no Uruguai contra o mau tratamento e extorsão, o governo brasileiro mostrava com a sua moderação na hora do triunfo, que as práticas condiziam com as suas promessas, e que nenhuma idéia de conquista ou opressão se misturara á exigência de reparações que tinha por tanto tempo e em vão procurado conseguir por meios pacíficos. Mas Lopez, antes que o partido "blanco", caisse, dissera ao Brasil, "Si o Uruguai for atacado, eu vos atacarei". Isto foi um mero pretexto, como sua completa preparação o mostrava. No dia 13 de Novembro de 1864, sem declaração de guerra, Lopez mandou apreender o navio mercante brasileiro "Marquês de Olinda", que se dirigia a Mato Grosso, levando-o para Assunção, juntamente com seus passageiros, incluindo o Presidente de Mato Grosso, e vários oficiais do exército e da marinha brasileira, que foram postos na prisão, onde estão até hoje, (Março de 1866).

O Ministro brasileiro, Vianna de Lima, não pôde obter seu passaporte sem a intervenção do Ministro dos Estados Unidos, Sr. Washburn. Vapores paraguaios subiram, então, o rio, bombardearam e apoderaram-se de Coimbra, tomaram Albuquerque, Corumbá e outros pontos do Brasil, e cometeram grandes violências para com seus habitantes quasi indefesos. Mas o Brasil, como os corpos volumosos, move-se lentamente, e nesse interim Lopez, (cujo objetivo teria sido assegurar a neutralidade da Confederação Argentina), sem julgamento e sem conhecimento da lei internacional, pediu que a Confederação Argentina desse passagem às armas paraguais através do estado argentino de Corrientes. O Presidente (Mitre) da Confederação respondeu: "Estamos em paz com o Brasil; não podemos fazer semelhante coisa". Em vista disso Lopez apreendeu, sem declaração de guerra, vapores pertencentes à Confederação. O Uruguai, a Confederação Argentina e o Brasil formaram então uma aliança, em virtude dos bons officios do enviado brasileiro, Sr. Octaviano. Em 11 de Junho de 1865, num certo ponto do rio Paraná, não distante de Corrientes, teve lugar a primeira batalha naval entre paraguaios e brasileiros. Barroso comandava a frota brasileira. As desigualdades (em número de navios paraguaios e baterias de terra) eram contra os brasileiros; mas a vitória alcançada foi das mais brilhantes nos anais da América do Sul. As tropas de Lopez tinham invadido Corrientes

e o Rio Grande do Sul, mas foram destroçadas em Yaty (ou Ytati) no dia 17 de Agosto de 1865, e em Uruguaiana (Rio Grande do Sul) no dia 18 de Setembro de 1865, o Imperador comandando em pessoa. O grande conflito nas margens do Paraná e do Paraguai extinguirá sem dúvida para sempre o despotismo do Paraguai, que conservou um dos mais belos países do nosso globo como um Japão interno sem progresso nem desenvolvimento.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 66) Julius Parigot, autor de "Minas de Carvão de Pedra de Santa Catarina", 1841, e "Memória sobre as Minas de Carvão de Pedra do Brasil", 1841.

CAPÍTULO XIX

Viagem a São Paulo.

No meu regresso da província de Santa Catarina, toquei outra vez em Paranaguá, e, com a usual lentidão que caracterizava os viajantes da costa brasileira, há alguns anos passados, vim devagar para Santos, e daí segui viagem para a cidade de São Paulo. Um jovem brasileiro teve a intenção de acompanhar-me à capital da província; mas quando o informei que tencionava partir para o interior no mesmo dia de minha chegada a Santos, êle à princípio riuse de mim, considerando isso uma impossibilidade, e deu a entender que eu aceitaria de bom grado a hospitalidade que me haviam oferecido alguns amigos. Quando êle me viu firme na minha resolução, deixou de sorrir e olhou para mim com a piedade que é concedida aos loucos sem esperança de cura.

Às cinco horas e meia da tarde parti só. Ouvi frequentes exclamações de surpresa, dos que nunca estiveram no Brasil, diante da idéia de viajar sem um companheiro numa região que suas imaginações têm representado como habitação de bandidos e animais ferozes. Embora tenha andado muitas leguas desacompanhado, nunca encontrei com os primeiros e os segundos têm sido bastante inofensivos. O meu cavalo, em estatura e arreiamto, e também pelo seu aspeto, parecia-se com um tártaro calmuco. Nunca travara conhecimento com um pente de crina, mas percorreu a bela estrada que conduz a Cubatão (*) com uma ligeireza digna de um animal de melhor aparência. Estava escuro quando cheguei à ponte que atravessa o Rio do Cubatão; e, não tendo certeza de encontrar uma hospedaria, fui

(*) No original: Cubitão. (N. do tr.).

à cavalo até uma pequena venda à beira da estrada e minhas perguntas foram respondidas muito satisfatoriamente em francês. Encontrei esse mesmo homem na minha volta, e soube dele que viera para o Brasil ha vinte anos passados, sob a impressão de que o ouro neste país era tão abundante como as pedras de calçamento. Ele me dirigiu para uma estalagem mantida por um alemão, além da ponte. Tendo escrito meu nome no *registro*, e tendo pago uma pequena quantia, reclamei pressa e vi-me logo em casa do alemão. Senti-me meio inclinado em prosseguir para a frente até o alto as montanhas, afim de alcançar São Paulo antes do meio dia do dia seguinte. Resolvi, comtudo, reparar as forças, minhas e do cavalo e dei ordens para a ceia. Esse descanso pelo menos no que dizia respeito ao sono, foi em quantidade mínima, pois muito cedo estava eu novamente montado em meu cavalo e prosseguindo em meu caminho serra acima. A estrada que atravessa esta cadeia de montanhas é provavelmente a mais bela do Brasil, com exceção da estrada real Imperial para Petrópolis. Quando o Dr. Kidder visitou essa parte do Império, existia uma excelente estrada, feita com grandes despesas, mas, devido à sua forte declividade, era totalmente impraticavel para carros. Assim descreveu-a êle :

“Compreende cerca de quatro milhas de sólida pavimentação e para mais de cento e oitenta voltas em seu percurso em zigue-zague. A conclusão desta grande obra de melhoramento do país, foi julgada digna de comemoração, como um acontecimento notavel na história colonial de Portugal. Foi o que descobri, passando de volta pela mesma estrada. Parando no pico da Serra, minha atenção foi atraída por quatro pedras lavradas, provavelmente importadas. Correspondiam em tamanho e fôrma às colunas miliárias dos Estados Unidos, e estavam tombadas. Uma jazia com a sua face para baixo, tão metida na terra que — por mim pelo menos — não poderia ser desenterrada. Das outras, tendo removido com a ponta de meu martelo o musgo e a calça, que escondiam a escultura das letras, decifrei o que segue:

"MARIA I. REGINA,

NESTE ANO, 1790

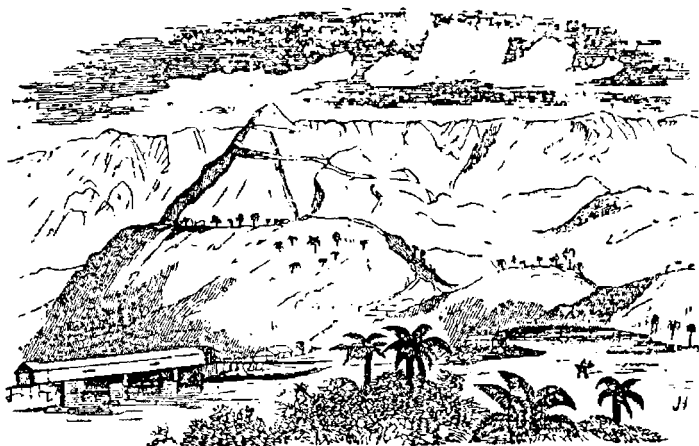
OMNIA VINCIT AMOR SVBDITORVM

FES SE ESTE CAMINHO NO FELIS GOVERNO DO ILL^o E EX^o BERNARDO JOSE DE LORENO, GENERAL DESTA CAPITANIA

Uma sólida pavimentação foi julgada essencial para essa subida de montanha para defender da estrada dos estragos causados pelo contínuo passar de animais, e também das águas torrentosas, que frequentemente se precipitam sobre elle e ao lado della, durante as grandes chuvas. Apesar da primitiva excelência do trabalho, conservado como tem sido por frequentes reparos, havíamos de encontrar alguns regos e deslizamentos de terras, que seriam considerados formidaveis, si não tivessem parecido insignificantes em comparação com a altura das montanhas e a profundeza dos fossos, que a cada momento se abrem em baixo em grandes precipicios. Nestes pontos, alguns passos em falso do animal, teriam abismado a elle e ao seu cavaleiro, sem esperança de salvarem-se. A nossa subida se tornou mais divertida pelo encontro de successivas tropas de mulas. A principio se ouvia a aspera voz dos troupeiros tocando os animais, e soando tão por cima de nós que parecia vir das próprias nuvens: depois distinguia-se o bater dos cascos e á distância os animais, *erectis auribus*, pois quasi que irresistivelmente arriam com as suas pesadas cargas. Foi necessário procurar um lugar resguardado para deixar passar as varias secções da tropa; passado algum tempo, seu tropel ressoava longe, com os ecos afastados da sua voz perdendo-se nos precipicios em baixo".

A descrição acima da estrada era rigorosamente verdadeira, ha quinze anos passados; mas presentemente, graças a uma providente engenharia, as subidas não são tão ingremes, e com grandes despesas toda a estrada foi macadamizada. Mas mesmo assim, a subida é demasiadamente forte para veículos pesadamente carregados. Isso será em breve remediado. Engenheiros ingleses estão procedendo ao le-

vantamento de uma estrada para o interior, que se pode estender até a província de Goiaz; e a grande esperança dos Vergueiros é que não está longe o dia em que o café de Campinas, Limeira e Itú, venha a ser trazido sobre rodas até Santos. Na gravura, a atual estrada real, relativamente ainda muito sinuosa, mostra o seu forte contraste com a estrada quasi vertical feita pelos primeiros Jesuitas, antes daquela que o Dr. Kidder nos descreve. A estrada dos Jesuitas é a linha escura que parece dividir a montanha cônica em partes iguais.



Ponte e Serra do Cubatão

Serra do Cubatão.

Quando subi a serra montado num cavalo de aspeto tão desanimado, o nevoeiro cobria tudo, apenas podendo eu ver uma vara diante de mim; mas, na volta, não só as montanhas estavam banhadas pela luz em cheio do sol, como as planícies em baixo e o oceano distante, pareciam ter sido aproximados, como por um efeito de mágica. Havia uma

primitividade e uma sublimidade tais na paisagem que não as vira excedidas nem mesmo nos arredores do Rio de Janeiro. Do cume da montanha os escuros e ásperos desfiladeiros, não estavam ainda revestidos da abundante vegetação que se encontra em outros lugares. As torrentes jorravam de alguns dos mais altos cumes e estrondavam em baixo nas grotas fundas.

O Jesuíta Vasconcelos (*67) fez a subida desta Serra ha duzentos anos passados, e sua descrição do cenário é esboçada com mão de mestre; mas a sua avaliação da altitude foi certamente exagerada:

“A maior parte do caminho não é para ser propriamente viajada mas salgada com mãos e pés, segurando as raizes das árvores; e isto no meio de tais penhascos e precipícios que, confesso, meu corpo tremia quando olhava para baixo. A profundidade do vale é tremenda, e o número de montanhas, uma por cima da outra, parece tirar-nos a esperança de atingir o fim. Quando se imagina estar no alto de uma delas, está-se no fundo de uma outra de não menor importância. Mas na verdade, o trabalho de subir é recompensado de vez em quando; pois quando me sentei num desses penhascos, e lancei meus olhos para baixo, era como si eu estivesse do céu da lua olhando para baixo, e que todo o globo da terra ficasse abaixo de meus pés. Uma vista de rara beleza pela diversidade de aspectos tanto no mar como na terra, planícies, florestas e filas de montanhas, tudo variado e imensuravelmente belo. Essa subida, intervalada de porções planas, continua até se alcançar as planícies de Piratininga, na segunda zona do ar, que é aí tão leve que chega a parecer que os recém-chegados não poderão respirar o ar de que necessitam”.

O Dr. Kidder assim critica Vasconcelos:

“A última frase é tão falsa como as precedentes bem descritas e lindas. Entretanto, não julgaria necessário corrigir a narração, si Southey, não tivesse, com a sua autoridade, repetido a afirmativa de que a estrada se prolonga por oito léguas até à cidade de São Paulo que fica nas planícies de Piratininga. A verdade é que, do alto da Serra, que se sabe estar a três mil pés acima do mar, a distância até S. Paulo é de cerca de trinta milhas, sobre uma região

ondulada, cuja declividade dominante, representada pela direção dos cursos d'água, volta-se para o interior. No entanto, tão leve é a variação do nível geral, que o ponto mais alto da cidade de S. Paulo foi avaliado como tendo precisamente a mesma altura que o cume mencionado. Os inconvenientes experimentados com a rarefação da atmosfera em tal elevação podiam ser facilmente determinados".

Todavia, parece-me que a altitude avaliada da Serra, feita pelo bom *frei* Vasconcelos, foi justa, admitindo-se o seu padrão de medida; pois, mesmo considerando que elle não tivesse asma, subir uma montanha escarpada, ("o céu da lua"), não viajando, porem, subindo com pés e mãos, "segurando as raizes das árvores", e isto entre penhascos e precipícios, sem dúvida alguma seria sufficiente para fazer qualquer um palpar e sentir-se como si estivesse "na segunda região do ar" e "não pudesse respirar todo o ar de que necessita". Encontrei certa vez um alto e magro californiano no Istmo do Panamá. Foi no fim de um quente e sufocante dia: o pedestre cavador de ouro estava dirigindo-se para o Pacífico, enquanto eu estava procurando o porto de Aspinwall. Abordei-o e perguntei-lhe a distância para Obispo, (nesta época o término da Estrada de Ferro Panamá). "Estrangeiro", respondeu-me "êles chamam a isto cinco milhas; mas posso assegurar-lhe que tem cerca de quinhentas, pois nunca fiquei tão cansado em toda minha vida". Elle avaliou a distância como o Padre Vasconcelos avaliou a altura da Serra do Cubatão.

Tendo afinal atingido o cume da montanha, galopei sobre as planícies superiores, sentindo-me mais incomodado do que nunca pelo frio no Brasil. As dez horas cheguei ao hotel do sr. Lefevre, um francês de Roussillon, cuja bem provida mesa fez meu frio immediatamente desaparecer.

Formigueiros.

A planície entre este hotel e São Paulo, na qual se viam culturas, estava coberta de montículos de formigas

brancas cujas dimensões e forma lembravam uma vila de Hotentotes. Em alguns pontos os laboriosos e pequeninos seres tinham cavado totalmente o solo por muitas jardas em redor. A terra que compõe a crosta exterior destas habitações de insetos, fica tão endurecida pela ação do sol, que mantém a sua primitiva posição em pé e sua forma oval por muitos anos.

A região que percorri, excluindo-se a notável aparência ferruginosa do solo, assemelha-se às que são chamadas "oak-openings" no oeste dos Estados Unidos. Na vizinhança da vila de São Bernardo ha consideraveis plantações de café e chá chinês.

Tropeiros.

Encontrei constantemente tropas de mulas carregadas de café, em sua caminhada para Santos, e outras que voltavam do litoral para o interior. Note-se que o transporte comum de ida e volta é feito com bastante regularidade e ordem não obstante o meio empregado. Muitos plantadores mantêm uma quantidade sufficiente de bestas, para transportar toda a sua produção para o mercado; outros não o fazem, e dependem mais ou menos de tropeiros profissionais. Quanto a esses, cada tropa está a cargo de um condutor, que superintende suas viagens e trata de seus negócios. Eles geralmente carregam açúcar e outros produtos agrícolas, transportando, de volta, sal, trigo e qualquer variedade de mercadoria importada. Fui informado que, anualmente, duzentas mil mulas chegam com suas cargas a Santos. Um senhor, que durante muitos anos empregou esses meios de condução no transporte de mercadorias, disse que raras vezes ou nunca, soubera de um artigo que não chegara ao seu destino.

Os tropeiros paulistas, como classe, diferem muitissimo dos mineiros e condutores que visitam o Rio de Janeiro.

Têm uma certa rusticidade de aspeto, que, misturadas a inteligência e algumas vezes a benignidade, dá às suas feições uma expressão peculiar. Usam geralmente uma grande faca pontuda, metida atrás na cinta. Essa faca de ponta é para eles talvez mais essencial do que a faca do marinheiro é para este. Serve para cortar mato, para consertar arreios, para matar e preparar um animal, para cortar o alimento, e, em caso de necessidade, para defender ou para assaltar. Sua lâmina tem uma curvatura peculiar e, para ser aprovada, deve ter uma têmpera que lhe permite cortar espessa placa de cobre sem curvar-se ou quebrar-se. Sendo sua companheira favorita, é muitas vezes montada num cabo de prata, e encaixada numa bainha também de prata, embora seja geralmente usada sem bainha. Muitos estrangeiros (entre eles os ingleses) compram essas facas, para ter em casa como curiosidade, não sabendo que foram fabricadas na Grã Bretanha, ou no norte da França. Lady Emeline Stewart Wortley, em sua interessante correspondência sobre o Novo Mundo, escreve que procurou no Perú, como uma grande curiosidade, um poncho da região, para que pudesse mostrar aos seus amigos da Inglaterra a vestimenta característica e as artes populares dos descendentes dos aventureiros Castelhanos, súditos de Atualpa. Antes de deixar a América do Sul, um seu bom amigo, comerciante, não desejando que Lady Emeline fosse enganada, quebrou a sua fagueira ilusão, informando-lhe que o poncho em questão viera dos teares da Escócia. Podia-se também mencionar que muitas das lindas talhas para agua, que os estrangeiros admiram no Rio de Janeiro são produtos das fábricas de louça de Staffordshire, donde são mandados em grande quantidade para a América do Sul. Os mistérios do abastecimento a países distantes dos produtos considerados peculiares a essas terras, formariam um curioso livro, muito mais interessante do que os "blue-books" da velha Inglaterra, ou o anual "Commerce and Na-

vigation" publicado pelo departamento financeiro dos Estados Unidos (45).

Ipiranga.

Antes do pôr do sol, avistei à distância a cidade de São Paulo. Sua posição elevada num pequeno planalto que se vai alteando a partir da planície, suas numerosas torres e campanários e velhos edifícios conventuais, dão-lhe um aspeto muito mais imponente do que o de uma cidade de maior população. Antes de galgar a elevação, passei pelo pavilhão erigido à margem do Ipiranga, para comemorar a declaração da Independência Brasileira, solenemente levada a efeito por D. Pedro I, quando (7 de Setembro de 1822) nesse local exclamou "Independência ou Morte"! Esse local deve ser reverenciado em pensamento por todo brasileiro, e também ser memorável em todo o mundo; não é, portanto, muito lisongeiro para os créditos do Brasil ou da província de São Paulo, fértil em patriotas, que um monumento mais digno de "bronze ou mármore" mais durável", até agora não haja sido erigido em comemoração de um acontecimento de tão grande interesse para o país.

A cidade de São Paulo.

A noitinha estava chegando quando me enlameei atravessando o Tieté, o primeiro dos afluentes do Prata que eu

(45) O papel fabricado na Nova Inglaterra leva a estampa "Bath Post" e "Paris".

Grandes estabelecimentos perto de Nova York importam rotulos e papel de embrulho da França, para collocarem dentro e em volta dos chapéus que enchem os Estados Unidos, como sendo feitos nas margens do Sena. Staffordshire não apenas fabrica talhas para água julgadas na América do Sul como sendo nela fabricados, mas faz um bom comércio de estátuas da Virgem, supostas constituir produção da Itália e França, onde adornam tantas casas de camponeses.



Vista da Cidade de São Paulo (por Richards, seg. desenho do Sr. Elliot, de São Paulo)

atravessava; logo depois, subindo, atingi a cidade. Quando entrei na primeira rua, senti-me mais convencido do que nunca que estava ao sul do trópico de Capricornio; pois, embora pudesse ser vista por toda a parte, uma vegetação perene mesmo nas noites de Junho (que corresponde a Dezembro no hemisfério setentrional) estava sentindo um frio que pedia sobretudo. O meu tinha sido acidentalmente esquecido e não somente os meus sentidos falaram-me de sua ausência, como observando vários estudantes de direito bem encapotados, vi-me forçado a lembrar do meu descuido e suas desagradáveis consequências. Comecei a conversar com os jovens "membros da justiça", e achei-os extremamente afáveis e comunicativos, quando gentilmente me levaram ao hotel do Senhor C. Observando um grande convento junto do qual passávamos, chamei-lhes a atenção para o fato de que um país novo como o Brasil, pouca necessidade tinha de tais corporações de monges e frades. Fiquei um tanto surpreso diante da viva e pronta resposta de um deles, que visivelmente interpretando os sentimentos do grupo, disse, "Não, Sr., não necessitamos de nada disso: eles são uns preguiçosos; nós aprovamos o que o Rei da Sardenia fez ha pouco tempo com os conventos". O Brasil tem poucos monges em seus esplendidos edifícios conventuais, e esses poucos, com exceção dos capuchinhos italianos, são indolentes, ambiciosos e licenciosos. Muitos dos seus edifícios, já secularizados, são usados como arsenais do império, palácios provinciais, livrarias, hospitais, etc.

Não podia deixar de contrastar a minha estréia em S. Paulo com a entrada de Mawe, quando ha quasi meio século travou conhecimentos com a mesma cidade. Da minha parte, entrei a cavallo na cidade e fui para o hotel da mesma forma como teria feito em Boston, Liverpool ou Genebra. Mas o conhecimento de Mawe com o Brasil foi imediatamente posterior à abertura do país pelo decreto real de 1808. Em sua obra "Travels", bastante digna de leitura, diz êle:

“Nosso aparecimento em S. Paulo despertou grande curiosidade entre todas as camadas do povo, que parecia assim, nunca ter visto antes um inglês. Até as crianças manifestavam espanto, — algumas correndo, outras contando os nossos dedos e declarando que tinhamos tantos como elas. Muitos foram os bons cidadãos que nos convidaram para suas casas, e mandaram chamar os amigos para que viessem nos ver. Como a casa que ocupámos era muito grande, divertiam-se frequentemente vendo os ajuntamentos de jovens de ambos os sexos que nos vinham ver comendo e bebendo. Agradável nos foi, então, perceber que essa admiração geral se convertia num sentimento mais social: encontrámos um tratamento cortez por toda parte, e grande satisfação em companhia mais refinada e polida que nas colônias espanholas”.

Embora São Paulo se distinga ainda por sua “refinada e polida” sociedade, é difícil hoje conceber tal curiosidade em ver um estrangeiro, o que representava por certo uma consequencia direta da política japonesa de Portugal para com a colônia do Brasil.

A cidade de S. Paulo está situada, entre dois pequenos rios, numa elevação do solo, cuja superficie é muito desigual. Suas ruas são estreitas, e não delineadas de acordo com qualquer sistema ou plano geral. Têm calçadas estreitas e são pavimentadas com um conglomerado ferruginoso, muito semelhante ao velho arenito vermelho, porem diferindo dessa formação por conter maiores fragmentos de quartzo, — aproximando-se assim da “breccia”.

Alguns edificios são construidos com esse tipo de pedra; mas o material mais geralmente usado na construção de casas é a terra comum, (“casas de taipa”) que levemente umedecida e amassada pode constituir uma sólida parede. O processo para isso é cavar no terreno vários pés de profundidade, como si se tratasse das fundações de uma casa de pedra, e depois encher os buracos com terra umedecida, que é batida de modo a ficar tão dura quanto possível. Quando as paredes se elevam acima da terra, uma armação de táboas ou pranchas é feita para dar-lhes as de-

vidas dimensões, utilizando-se uma delas como guia, que se eleva à medida das necessidades até que tudo esteja pronto. Essas paredes são geralmente muito espessas, especialmente nos grandes edifícios. São capazes de receber um belo acabamento por dentro e por fora, e são geralmente cobertas por telhados salientes que as preservam dos efeitos das chuvas. Embora se tome essa razoável precaução, esse esse tipo de parede é conhecido como podendo durar mais de cem anos sem a menor proteção. Sob a ação do sol endurecem e ficam como tijolo massiço, impenetrável à água, sendo que a ausência de geada favorece sua estabilidade.

De São Paulo, escrevi uma carta para um de meus amigos no Rio, da qual transcrevo os seguintes trechos:

“26 de Junho de 1855.

“Estou num quarto frio, — tão frio como nunca senti antes no Brasil. A lua está brilhando friamente; os homens quasi tiritam de frio de baixo dos seus capotes, (desejava ter um), e a unica coisa que possui calor é a vela que derrama sua luz baça sobre esta folha de papel. Devo, todavia, excetuar o ativo esforço de uma corneta distante, que realmente enche o ar da noite com a sua quente melodia.

“Estou aqui parado, porque ninguem faz nada de *apressado* no Brasil. Despachei minhas duas caixas em Santos, no dia 14, e ela só foram remetidas no dia 23; e hoje passei pelo rancho onde a tropa acampou a última noite. Esta tarde alcançaram um ponto duas milhas distante de São Paulo, — e nessa velocidade atingirão seu destino — Limeira — lá para o dia 14 de Julho, data essa em que devia partir do Rio para as províncias do norte. Mas si fôr possível, alugarei mulas extraordinárias, apanharei minhas caixas, transferindo-as para os meus animais, e assim poderei chegar sábado à noite à colônia de Vergueiro (a mais de cem milhas daqui).

“Diga ao Sr. Fernando Rocha que seu amigo Sr. Seraphim tem sido muito util e bondoso para mim, correndo toda a cidade, em procura dos animais de que necessito. Pensa o Sr. que um negociante americano ou inglês teria feito outro tanto, tarde da noite, por um estrangeiro três horas depois de sua chegada?

“Reccio que me julgues por demais queixoso, e coloque-me na categoria dos viajantes que, como Smollett, estão sempre aborrecidos e vivem murmurando contra os inconvenientes que encontram no país

em que viajam. Asseguro-lhe que aceito as coisas tanto quanto possível como um filósofo, comendo toda espécie de alimento em toda sorte de lugares, e dormindo onde teria escrúpulos de fazer um exame á luz do dia. Imagine que dormi, ou pelo menos tentei dormir, na noite passada, em uma imunda hospedaria alemã, com um papagaio não domesticado em cima da cabeça e meu cavalo Calmuck amarrado com uma corda do outro lado de uma estreita divisão; assim, entre a música de um sacudindo os seus arreios, e do outro trincando seu milho, foi muito pequena a parte que me coube na "natur's sweet restorer" (no doce reconforto da natureza").

"Ontem deixei Santos, embora me informassem que era impossível partir para o interior no mesmo dia que cheguei; ainda foram os meus bons amigos, os Vergueiros, que me permitiram manter a palavra que dei á bordo de que a noite me veria em caminho. Hoje cavalguei trinta e duas milhas, e vê o Sr., sabendo como os Paulistas viajam, que foi um bom dia de viagem. Ainda nas proximidades de São Paulo, contemplando os verdes prados semeados de rebanhos de gado, as casas brancas rodeadas de árvores, e, no fundo, as montanhas distantes, parecia estar vendo, como em anos passados, os aspétos semelhantes da Burgúndia, Piemonte e Northumberland.

"Senti um mais profundo respeito por São Paulo, do que por qualquer outra cidade sul americana que tenha visitado. E' maior do que eu esperava, e suas casas, com suas goteiras pendentes, dão-lhe uma aparência não muito diferente das de Vevay, no Lago de Genebra. Essas goteiras avançam sobre as ruas, cinco ou seis pés, protegendo os transeuntes da chuva e do sol, e dão ao conjunto um pitoresco suiço.

"Meu sentimento de respeito, todavia, não se originava do tamanho da cidade, nem de seu pitoresco, mas de se notar um ar mais intelectual e menos comercial em seus habitantes do que eu vira em outra qualquer parte do Brasil. Não se ouvia a palavra dinheiro constantemente soando aos ouvidos, como no Rio de Janeiro. Ha nada menos de quinhentos estudantes de direito na escola que aí funciona, cujo aspeto realmente evoca as escolas de direito dinamarquêsas da Universidade de Harvard e dos estudantes de Heidelberg. O gênero estudante é o mesmo no mundo, — cheio de travessura, graça e malícia. Na semana de minha chegada, algumas dezenas de estudantes tinham "promovido uma algazarra" no teatro, (como um deles elegantemente a denominou), tanto assim que o Presidente da província ordenou que forte contingente de polícia estivesse presente á próxima representação, e não foi sem dificuldade que manteve a ordem.

"Ao entrar na cidade, topei com um grupo desses jovens cultores do direito, que me conduziram ao hotel onde muitos de seus colegas

estavam perdendo o tempo jôgando bilhar; e, a julgar pelo som das bolas rolando e pelas belas tacadas em hora tão adiantada, era facil imaginar que teriam pouca oportunidade para preparar as suas lições da manhã. O proprietário do hotel é um jovem brasileiro, educado em..., em Nova Friburgo, e fala muito bom inglês. Ele tem, entretanto, projeto de mais, para ser bem sucedido. Seu último plano é estabelecer uma espécie de Jardim Zoologico do tipo Surrey, para concertos, exhibições e recreação em geral, no Rio de Janeiro. Seu lugar escolhido para este fim é na Praia Vermelha, não distante do Pão de Açucar. Por falar de jardins, hoje vi imensas plantações, que à principio supús fossem de café, mas verifiquei tratar-se do genuino chá verde da China.

"E agora para a cama: si as bolas de bilhar me deixarem dormir, estarei descansado para a viagem de amanhã.

"P. S. Quarta-feira pela manhã. — Tenho um cavallo, um condutor, e duas mulas, e partirei dentro de alguns momentos. Receberá noticias minhas de Limeira". (46)

(46) Nota de 1866 — A Estrada de Ferro São Paulo e Jundiaí, está presentemente quasi terminada de Santos até Jundiaí. O efeito destas várias estradas de ferro está se tornando sensivel, e embora algumas delas no Império não estejam dando muito rendimento, devem acabar por ser de grande utilidade para o país. A estrada de São Paulo foi muito bem localizada, pois penetra no interior de uma das mais fertes provincias do sul.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 67) "Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil", 1663, por Simão de Vasconcelos, padre jesuita; 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1864.

CAPÍTULO XX

História de São Paulo.

A história de São Paulo faz-nos recuar às primitivas épocas do estabelecimento dos europeus no Novo Mundo. Já anteriormente disseramos que, em 1531, Martin Affonso de Souza fundou S. Vicente, a primeira cidade da capitania, que por muito tempo conservou esse mesmo nome. Anteriormente a isso, havia naufragado nas costas um indivíduo de nome João Ramalho, que aprendeu a lingua das tribus indigenas e conseguiu influencia sobre elas, casando com uma filha de um de seus principais caciques. Por sua intervenção, foi assegurada paz com os selvagens e os interesses da colônia foram garantidos. Pouco a pouco a colonização se foi estendendo para o interior, e em 1553, alguns dos Jesuitas que acompanhavam Thomé de Souza, o primeiro governador geral, encaminharam-se para a região chamada planícies de Piratininga, e escolheram a posição elevada occupada presentemente pela cidade, para a fundação de uma vila, onde começaram a reunir e instruir os índios.

Tendo erigido uma pequena construção de taipa, no local em que seria erigido mais tarde o seu collegio, consagraram-na por uma missa, que foi dita no dia 25 de Janeiro de 1554. Sendo este o dia em que a conversão de São Paulo é celebrada pela Igreja Romana, deram à cidade o nome do apóstolo, e consequentemente à província. São Paulo é ainda considerado o santo padroeiro de ambas. Uma carta confidencial, escrita por um destes Jesuitas aos seus irmãos em Portugal, alem de muitas particularidades interessantes a outros respeito, contem a seguinte passagem, que pode servir para mostrar como a terra se apresentava aos que a viram ha quasi trezentos anos passados. Esta carta existe em um livro manuscrito, tomado dos Jesuitas

na época de sua expulsão do Brasil, e conservado ainda na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Data de 1560. Nenhum trecho da mesma ao que se sabe foi até agora traduzido para o Inglês, antes da tradução feita pelo Rev. Dr. Kidder (* 68).

“Por amor de Cristo, caríssimos irmãos, lhes peço que percam a má opinião que até aqui do Brasil tinham — porque lhes falo a verdade, si houvesse paraíso na terra, eu diria que agora o havia no Brasil. E si penso assim, sou incapaz de conceber quem não o conceberá. Os negócios espirituais e o serviço de Deus, estão prosperando, como antes já lhe disse; quanto aos interesses temporais, nada ha a ser desejado. Não pode ser aqui encontrada melancolia, a menos que se cave mais fundo para isso do que as fundações do palácio de S. Roque. Não ha um lugar mais saudavel no mundo, nem uma região mais agradável, abundando todas as espécies de frutos e alimentos, tanto assim que não me deixa desejar os da Europa. Si têm em Portugal galinhas, cá acha muitas e mais baratas; si tem carneiro, cá ha tantos que caçam nos matos, e de tão boa carne que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinho, ha tantas águas que a olhos vistos me acho melhor com elas, que com os vinhos de lá; si têm pão, cá o tive eu por vezes e fresco, e comia antes do mantimento da terra que dele, e está claro ser mais sã a farinha da terra, que o pão de lá; pois, as frutas, coma quem quiser as de lá, das quais cá temos muitas, que eu com as de cá me quero. E alem disso há cá estas cousas em tanta abundância, que, alem de se darem todo ano, dão-se facilmente e sem as plantarem, que não ha pobre que não seja farto com pouco trabalho. Quanto às diversões, as daí não podem de modo algum ser comparadas com o que aqui temos.

Agora, estou desejoso que algum de vós saisse para pôr tudo isso à prova; pois não hesito em dar minha opinião, que, quem quer que deseje viver num paraíso terrestre, não terá que estacionar longe do Brasil. Que aquele que duvida de minhas palavras, venha e veja. Alguém dirá. Que espécie de vida pode este homem levar, dormindo em uma rêde suspensa no ar? Deixe-me dizer-lhes, que não fazem nenhuma idéia do que isso possa ser. Tive uma cama com colchão, mas, meu médico aconselhou-me a dormir em uma rêde, e achei esta muito preferivel, que nunca fora capaz de ter a menor satisfação, ou descansar uma simples noite, em uma cama. Outros podem ter sua opinião, mas esta é a minha, fundada na experiência”.

Os Jesuitas, infelizmente, não achariam este paraíso perene. Sua benevolência, e sua devoção filantrópica para

com os índios, chamaram sobre eles o ódio de seus concidadãos, os portugueses, e dos mamelucos, como os meio-sangue eram denominados. Estas duas classes iniciaram desde os primeiros tempos a escravidão dos aborígenes, e continuaram-na por gerações sucessivas, com uma perseverança feroz e sanguinária, que raramente encontra semelhante. Quando os Jesuitas se opuseram firmemente às suas crueldades, os portugueses valeram-se de todos os meios para combatê-los. Eles ridicularizavam os selvagens por qualquer condescendência com as formalidades religiosas, em que foram tão diligentemente instruídos, — encorajando-os a continuar nos seus vícios pagãos, e mesmo nas abominações do canibalismo. No entanto, esses missionários trabalharam com considerável sucesso. O Governo estava do seu lado, mas foi incapaz de protegê-los contra as perseguições de seus irmãos, que, embora se chamassem Cristãos, eram tão insensíveis ao temor de Deus como descuidados dos direitos do homem. Na luta pelos seus imaginados interesses, nada podia detê-los senão a força. Quando os índios foram rechassados para as selvas do interior, pelo medo dos caçadores de escravos, os Jesuitas buscaram-nos, e levaram-lhes a oportunidade do culto e da instrução cristã. Foi assim que puderam dar começo às celebres Reduções do Paraguai, que ocuparam tão grande espaço na história primitiva da América do Sul. Costumavam os paulistas se disfarçar com as vestes dos Jesuitas, para apanhar os nativos, a quem desejavam capturar. Outras vezes assaltavam as Reduções, ou vilas de neofitos, jactando-se de que os sacerdotes eram muito serviçais em reunir assim para eles as futuras presas.

Expedições voluntárias desses caçadores de escravos, denominados *bandeiras*, gastavam mezes, e algumas vezes anos, na mais cruel e desolante luta contra as tribus nativas. Instigados pelo desejo ardente do roubo humano, alguns penetraram no interior até às regiões hoje ocupadas pela Bolívia, ao oeste; enquanto outros atingiam o Amazonas ao

norte. Quando os índios tornaram-se reduzidos devido a estas agressões deshumanas, uma outra empresa apresentou-se como um estimulante da cobiça. Foi a procura do ouro. O sucesso nesta empresa creou novos motivos para prosseguirem na primeira. Os escravos deviam fazer os trabalhos das minas. Assim, o extermínio das tribus nativas do Brasil progrediu, por muitos anos, com espantosa rapidez. Resultado destas expedições foi o aumento dos territórios de Portugal e mais extensa colonização. Pelo aumento destas colônias, quatro grandes províncias foram povoadas. Foram depois separadas da de São Paulo, na seguinte ordem: Minas Gerais, em 1720; Rio Grande do Sul em 1738; Goiás e Mato Grosso, em 1748.

Durante o período em que Portugal e suas colônias estavam sob o domínio da Espanha, um considerável número de famílias espanholas vieram habitar a capitania de S. Paulo; e quando, em 1640, este domínio terminou, um numeroso grupo dispoz-se a resistir ao governo de Portugal. Chegaram a proclamar rei um certo Amador Bueno; mas esse homem teve a sagacidade e o patriotismo necessários para peremptoriamente declinar da dignidade que seus amigos estavam anciosos para conferir-lhe. Os paulistas posteriormente se tem mostrado sem rival na sua lealdade para com o legítimo governo do país; a não ser, na verdade, as infelizes perturbações que ocorreram entre eles nos anos de 1841-42 que formam uma exceção a essa afirmativa. E' presentemente uma das mais prósperas províncias do Império.

Academia de Direito.

Meu colega o Dr. Kidder permaneceu muitos dias na capital da provincia, e dá a seguinte descrição de suas instituições e grandes homens:

"A Academia de Direito, ou, como é frequentemente denominada, a Universidade de São Paulo, coloca-se em primeiro lugar, entre todas as instituições letradas do Império. Tive uma excelente opor-

tunidade visitando-a, sendo apresentado pelo secretário e pelo presidente efetivo, o Dr. Brotero (*69). Este senhor, — cuja senhora é natural dos Estados Unidos — merece uma menção especial não só pelo zelo e habilidade com que administra os negócios da instituição da qual é presidente, mas também como autor. Publicou um trabalho modelo sobre os Principios do Direito Natural, e um tratado sobre “Prezas Marítimas”

“O prédio do Curso Jurídico foi originalmente construído com a forma de um convento pelos monges franciscanos, a quem o Governo fez abandoná-lo para seu atual e mais proveitoso uso. Sendo espaçoso e bem construído, com algumas alterações tornou-se apropriado aos fins que se desejavam. As salas de aula e repetição, estão no primeiro andar, as salas dos professores e biblioteca no segundo; estas, juntamente com um amplo pátio, compõem todo o estabelecimento, salvo duas imensas capelas ainda destinadas ao seu primitivo objetivo. Em uma destas, encontrei várias pinturas muito razoáveis, e também um imenso andaime, sobre o qual estavam trabalhadores empenhados em terminar o trabalho de estuque, no arco principal do tecto abobadado. Ambas as capelas são abundantes em representações mitológicas do santo padroeiro, ambas em imagens e cores. A biblioteca da instituição, contendo sete mil volumes, é composta da coleção antigamente pertencente aos Franciscanos, uma parte da qual foi legada ao convento pelo Bispo de Madeira; a biblioteca de um falecido bispo de S. Paulo; uma doação de setecentos volumes do primeiro diretor; e alguns acréscimos por ordem do governo. Não estava repleta de obras sobre leis ou humanidades, e era bem deficiente no departamento da ciência. A única compensação para tais deficiências era uma superabundância de volumes de teologia não lidos e ilegíveis. Entre todos estes, porém, não se encontrava um único exemplar da Bíblia, — fonte de toda teologia correta — na linguagem vernácula do país; livro mais raro do que este, pelo menos nos primeiros anos, dificilmente se poderia mencionar em S. Paulo. Essa particular deficiência, tive a felicidade de supri-la com a doação da tradução portuguesa de Pereira, escrevendo essa dedicatória:

A' BIBLIOTECA DA ACADEMIA JURÍDICA DE S. PAULO — A SOCIEDADE BÍBLICA AMERICANA PELO SEU CORRESPONDENTE

D. P. KIDDER.

Cidade de S. Paulo, 15 de Fev^o. de 1839.

“A história e as estatísticas da instituição me foram gentilmente dadas pelo secretário, uma publicação, na qual extraio os seguintes trechos:

“A Academia de Ciências Jurídicas e Sociais da cidade de São Paulo, foi creada, por um decreto datado de 11 de Agosto de 1827. Foi solenemente inaugurada, pelo primeiro professor, Dr. José Maria de Avellar Brotero, no 1.º dia de Março de 1828, — sendo seu primeiro diretor o Tenente General José Arouche de Toledo Rendon.

“Os estatutos pelos quais se regula, foram aprovados por lei, em 7 de Novembro de 1831.

“Os estudos do curso preparatório são — Latim, Francês, Inglêss, Retórica, Filosofia Racional e Moral, Geometria, História e Geografia.

“O curso regular se estende por cinco anos. O professorado está assim designado:

“PRIMEIRO ANO — Primeira cadeira, Filosofia de Direito, Direito Público, Análise da Constituição do Império e Direito Romano.

“SEGUNDO ANO — Primeira cadeira, continuação dos assuntos acima, Direito Internacional, e Diplomacia; segunda cadeira, Direito Público Eclesiastico.

“TERCEIRO ANO — Primeira cadeira, Direitos Civis do Império; segundo curso, Direito Criminal, Teoria do Processo Criminal.

“QUARTO ANO — Primeira cadeira, Continuação do Direito Civil; segunda cadeira, Direito Mercantil e Marítimo.

“QUINTO ANO — Primeira cadeira, Economia Política; segunda cadeira, Teoria e Prática de Direito Geral, adaptado ao Código do Império.

“Eram requisitos para entrar no curso regular, a idade de dezesseis anos e um conhecimento de todos os estudos preparatórios. Nenhum estudante pode passar de ano sem ter passado por um exame satisfatório, nos estudos do ano precedente. Quando os exames do quinto ano são passados satisfatoriamente, a Academia confere o gráu em Bacharel em Artes; e cada bacharel está habilitado a apresentar teses, em que possa ser examinado como candidato ao gráu de Bacharel de Direito.

“Nos exames do curso, os estudantes são interrogados por três professores, pelo espaço de vinte minutos cada um. Aos concorrentes do doutorado se exige arguição sobre suas teses, com nove professores sucessivamente cada discussão durante meia hora. No fim de cada exame, os professores, por voto secreto, determinam a aprovação ou reprovação do candidato.

Para explicar as peculiaridades do curso mencionado, observamos que, em seus dispositivos, a Universidade de Coimbra foi seguida como modelo. A educação fornecida por ela, pode ser formal e exata na sua maneira de ser, mas nunca popular. O povo brasileiro olha mais para a utilidade do que para as fórmulas antiquadas de uma universidade portuguesa; e compreendi que será necessário, brevemente, para assegurar a preferência dos estudantes na Universidade de S. Paulo, condensar e modernizar-lhe o curso”.

Em 1855, a prosperidade da Academia de Direito não se podia pôr mais em dúvida, pois nessa época havia duzentos e noventa e seis estudantes nas cinco classes, e mais trezentos no curso preparatório. Lendo a lista das matérias desse curso, achei (salvo a língua grega) ser muito semelhante a da maior parte dos institutos congêneres nos Estados Unidos. Sob a direção o Sr. Brotero, a Faculdade Paulista, tornou-se extremamente popular, e, sem dúvida, muito mais prática do que nos primeiros anos de sua existência. E' aqui e na Escola de Direito de Pernambuco (que contem trezentos e vinte estudantes no curso regular) que os estadistas do Brasil, recebem o tipo de educação que tanto convem, muito mais para o Parlamento Imperial e as várias assembléias legislativas de sua terra, do que os cursos que, para o mesmo fim, existem nos países espano-americanos.

“A minha estada em S. Paulo”, continua o Dr. Kidder, “se tornou cada vez mais interessante, pelas repetidas entrevistas que tive com vários cidadãos notáveis da província. Uma tarde, quando passeava em companhia de vários senhores nos vastos jardins do Sr. Raphael Tobias d'Aguiar, (*70) um popular ex-presidente da província, e um de seus maiores proprietários de terras, a conversação discorreu sobre os diferentes viajantes estrangeiros no Brasil. Mawe foi lembrado por alguém; mas St. Hilaire, o botânico francês, gozava da mais alta consideração de todos, por ter o executado a sua missão da maneira mais perfeita.

“O Sr. Raphael relatou uma anedota muito interessante, que lhe foi transmitida por St. Hilaire. Um pobre homem na Inglaterra, lendo o trabalho de Mr. Mawe, tornou-se tão entusiástico com a idéia das riquezas minerais e vegetais do Brasil, que, se fez criado de servir, para deixar incontinente o seu país. Depois de chegar ao Rio de Janeiro, encontrou meios de encaminhar-se para as serras do interior, onde seus esforços inteligentes foram bem recompensados, tendo o botânico francês o encontrado como detentor de boa fortuna.

Homens ilustres.

“Entre os notáveis homens de S. Paulo, mencionarei primeiro os Andradas, — três irmãos, originários de família residente em Santos. Estes irmãos foram educados na Universidade de Coimbra, em Portugal, e receberam os grãos de Doutores em Jurisprudência e Filosofia, e o mais jovem o de Matematicas.

“José Bonifácio, o mais velho, depois de receber gráu, viajou vários anos nos países do norte da Europa, — dedicando-se a pesquisas científicas, cujos resultados era sua intenção publicar no Brasil. Voltando a Portugal, foi nomeado Professor de Metalurgia em Coimbra, e de Medicina em Lisboa. Durante o período em que lecionou publicou diversos tratados de muito mérito, entre os quais, uma dissertação sobre “A Necessidade de Plantar Novas Florestas em Portugal”, e particularmente pinheiros ao longo das costas arenosas do litoral. Seu valor foi proclamado pela invasão de Portugal, quando êle organisou e chefiou um corpo de estudantes que resolveram fazer tudo seu alcance para repelir o exército de Napoleão. Em 1819, voltou ao Brasil a tempo de tomar parte saliente na revolução da independência. (Morreu na Praia Grande, em 1838).

“Antonio Carlos voltou ao Brasil logo depois de ter completado a sua educação. No ano de 1817, enquanto exercia o officio de ouvidor em Pernambuco, foi preso como cúmplice dos conspiradores em uma revolta que irrompeu nessa época. Foi mandado para Baía e metido na prisão, onde permaneceu quatro anos. Como uma prova de sua filantropia, assim como de sua indomável energia de espírito, lembremo-nos de que êle empregou esses anos de detenção quasi que exclusivamente ensinando alguns jovens prisioneiros retórica, linguas estrangeiras e elementos de ciência. Sendo por fim libertado, voltou a São Paulo, onde foi logo depois eleito deputado por essa província, nas côrtes de Lisboa. Cumpriu o seu dever nessa assembleia, e permaneceu nele até que os crescentes insultos e fatos que se foram acumulando contra os brasileiros, sem esperança de se atenuarem, forçaram-no e a vários de seus colegas, entre os quais estava Feijó, a retirar-se e embarcar secretamente para a Inglaterra. Tendo chegado em Falmouth, publicaram uma solene declaração dos motivos que os induziram a desertar das Côrtes e abandonar Lisboa. Daí voltaram para seu país de origem.

“Martin Francisco, o irmão mais novo, ganhara altas distinções como estudante e, desde da mocidade, recebeu grandes honrarias políticas. Na primeira organização do Govêrno Imperial, foi nomeado Ministro das Finanças, e neste carater prestou ao país importante serviço, — sendo seu irmão mais velho, nesse tempo, Ministro de

Estado e dos Negócios Estrangeiros. Nessa época, os três irmãos foram todos eleitos membros da Assembléa que se reuniu para preparar uma Constituição para o Império.

“Antes que as discussões dessa Assembléa chegassem a termo, o Imperador foi levado, pela união de duas minorias, a demittir o Ministério Andrada e indicar realistas para seus sucessores. A poderosa opposição que os irmãos immediatamente dirigiram contra os que os tinham suplantado, tornaram embaraçosa a posição do novo Ministro, bem como a do Imperador. Os ataques produziram reacção, até que o Imperador afinal resolveu tomar o precipitado e desesperado expediente de dissolver a Assembléa à força, o que foi conseguido, tendo então mandado prender os três irmãos Andrada e alguns outros chefes da opposição. Foram todos, sem o mínimo exame ou julgamento, transportados para bordo de um navio pronto para largar, e levados para a França.

“O tempo que passaram na Europa não foi gasto ociosamente. Já ambientados com as mais importantes linguas modernas, devotaram-se á profissão literária e a sociedade dos homens doutos com todo o entusiasmo de estudiosos.

“No ano de 1828, os dois irmãos mais novos voltaram ao Rio, e, depois de uma curta permanência na prisão da Ilha das Cobras, receberam um perdão total do Imperador. José Bonifácio veio da França em 1829.

“O almirante francês, que o conhecera na Europa, mandou immediatamente prestar-lhe todas as atenções; mas Andrada pediu-lhe para não fazer nenhuma demonstração, pois estava muito incerto de como seria recebido. Mas, logo que se soube da chegada do vapor, Calmon, o Ministro das Finanças, foi immediatamente a bordo apresentar suas congratulações, tratando-o com a máxima cortezia. Na conferência de Andrada com o Imperador, dizem que este prontificou-se em abraça-lo, propondo que todo o passado fosse esquecido. Andrada replicou, com firmeza romana, que o abraço êle daria muito alegremente, mas, esquecer o passado, era impossivel.

“O Imperador então propos-lhe entrar no Ministério, mas êle declinou, assegurando a Sua Majestade que apenas voltou ao Brasil, para voltar á sua vida privada. Não obstante foi a José Bonifácio, na sua velhice, aquele a quem o Imperador, na sua abdicção, confiou a tutela de seus filhos. Êle lhe provou então a deslealdade de muitos dos seus fingidos partidários que o haviam levado a tentar fazer a destruição dos homens que eram seus mais antigos e devotados amigos. O Imperador aprendeu, em penosa experiéncia, como apreciar o real patriotismo.

“Antonio Carlos e Martin Francisco logo que voltaram à sua província natal, foram imediatamente incumbidos por seus compatriotas de importantes encargos, e retiveram desde então posição proeminente nos conselhos nacionais. Além disso, continuaram os mesmos ardentes e destemidos defensores de seus princípios, como na sua vida progressa.

“Dizem, e talvez justamente, que “os Andradas, quando no poder, eram arbitrários, e, quando fora d’ele, facciosos; mas suas vistas foram sempre largas, e suas probidades irrepreensíveis”. Seu desinteresse foi manifesto, e só merece elogio. Título e riqueza estavam ao seu alcance; mas retiraram-se do cargo público sem condecorações, e em honrosa pobreza. Em muitos de seus atos foram sem dúvida censuráveis; mesmo assim, quando se leva em consideração as circunstâncias críticas do Brasil, nesse período de sua existência nacional, certamente se pode desculpar alguns de seus erros. Quando a idade avançada obrigou José Bonifácio a retirar-se dos negócios públicos, ele procurou a linda ilha de Paquetá, na Baía do Rio de Janeiro. Morreu em 1838; e, si houvesse qualquer fato que mais altamente do que outro demonstrasse a falta de empreendimentos seria esse de que não foi publicada qualquer obra em memoria de personalidade tão notavel, nem, conforme pude ouvir de seus próprios irmãos, nenhuma foi sequer projectada.

“Antonio Carlos e Martin Francisco são notáveis e poderosos oradores. Este é claro, expressivo e puro na sua dicção; aquelle é fluente, impetuoso e algumas vezes extravagante. Antonio Carlos gosta particularmente da arena de debate, e poucos assuntos chegam para debate diante da Assembléa Provincial ou Nacional, que não se sujeitem ás análises de sua acurada intelligência e aos ataques muitas vezes terríveis de sua veemente retórica. Suas orações abundam em lindas citações de poetas francezes, espanhóis, italianos e ingleses; e, quando discute questões de jurisprudência e diplomacia, as referências que faz demostram um conhecimento crítico dos autores ingleses sobre o assunto. Como uma prova fortuita de seu estilo eloquente traduzirei um parágrafo de seu discurso na Assembléa Geral no Rio de Janeiro, em 1839, na muito debatida questão de saber se as tropas estrangeiras deviam ser alugadas para compor o exército permanente do Império.

“Depois de ter desenvolvido essa cuidadosa argumentação, disse ele, acho-me pouco desejoso de cansar os meus colegas. Provei que a medida é anti-constitucional, que é injuriosa para a dignidade do Brasil, que é inutil, que é impolítica, e que será oppressiva para a nação.

“Agora devo concluir. Aflige-me pensar que tal medida pode possivelmente ser aprovada. Tanta é a aversão que nutro contra ella,

que sou levado a temer que, si ela passasse, alguns de nossos cidadãos desejar-se-iam alienar da terra do seu berço; alienar-se, ia mesmo dizer, de uma nação degradada. Mas a minha lingua não pode proferir uma tal infâmia, nem o meu coração antecipa uma tal injúria para o povo brasileiro.

“Todas as noites, quando procurava descanso no meu modesto leito, o primeiro ato de devoção, que fazia a Deus, era um agradecimento por haver nascido neste abençoado solo, — em um país onde a inocência e a liberdade eram nativas, mas do qual elas temporariamente fugiriam pela aproximação destes grilhões de ferro do cativeiro social, que Cabral, o descobridor, importou por acaso para o Brasil juntamente com a limitada civilização de Portugal.

“Eis, descobre Cabral os Brasis não buscados,
C’os salgados vestidos gotejando,
Pesado beijas as douradas praias,
E às Gentes que te hospedam, ignaras
Do Vindouro, os grilhões lanças,
Miserandos! Então a liberdade,
As asas não manchadas de baixa tirania
Soutou isenta pelos ares livres”.

“Assim foi uma infâme série de opressivas leis e vergonhosas proscricções, que eram impostas aos nossos pobres antepassados, e teriam pesado sobre nós, ainda hoje, não tivcsse o grande feito heroico de nossa independência nacional, nos tornado livres. Permita-me observar uma notavel coincidência. Amanhã é o aniversário dessa independência, — um acontecimento para ser sempre lembrado. Hoje, invidam esforços, que, si bem succedidos, trarão nuvens e trevas sobre isto, e assim se apagará a mais brilhante imagem de nossa história.

“Como é que nós, que somos capazes de lançar fóra o jugo do cativeiro estrangeiro sem a ajuda de tropas mercenárias, somos julgados incompetentes para destruir a rebelião dentro das nossas próprias fronteiras? Vergonhosa reflexão! E’ Bento Gonsalves algum aventureiro europeu? Não! êle é um brasileiro, como nós; e no mínimo pode resistir a brasileiros.

“Meu coração está transbordando, mas minha lingua falha na expressão dos meus pensamentos. Si esta medida passar, nada mais terei que fazer, senão esconder minha cabeça, e lamentar e suspirar na lingua de Moore, —

“Alas for my conuntry! her pride is gone by,
And that spirit is broken which never would bend:

O'er the ruin her children in secret must sigh, —
For it's treason to love her, it's death to defend".

"Um íntimo amigo e associado político de Antonio Carlos é o Senhor Alvares Machado, um outro ancião paulista, também célebre por sua pronta e muitas vezes apaixonada eloquência. Um breve resumo de um de seus discursos na Câmara dos Deputados, muito bem exprime o orgulho provincial que os paulistas nutrem juntamente com os seus sentimentos de independência. "Como, diz ele, pode a presente administração esperar intimidar-nos, nós que nunca sucumbimos ao fundador do Império? Nós falamos a lingua da liberdade, da justiça e da verdade, para um rei e os descendentes de reis.

"Em certa ocasião foi-nos proposto elaborar a nossa constituição, conforme o modelo monárquico, e para tal fim intrigas foram tomando pé em todas as províncias. Qual foi então a nossa linguagem? "Senhor", dissemos para o monarca, "o despotismo pode ser plantado na província de S. Paulo, mas será sobre os ossos do último de seus habitantes".

"Um outro proeminente membro da legislatura provincial de S. Paulo, foi Vergueiro, Senador do Império. Este cavalheiro, português de nascimento, fora ha muito famoso no Brasil. Antes da independência da colônia, êle era um dos deputados das Côrtes de Lisboa, e tinha-se distinguido da maioria de seus colegas, pela clara e explícita maneira com que defendia os interesses e privilégios da terra de sua preferênciã. Posteriormente, quando no Senado Brasileiro, soube manter a sua reputação de habil argumentador sincero amigo das instituições liberais. Durante as cenas relacionados com a abdicação do primeiro Imperador, foi apontado em primeiro lugar para a Regência provisória.

"Durante uma de minhas visitas á Assembléa Provincial de S. Paulo, este cavalheiro fez um longo e interessante discurso, sobre o levante e as desordens de Vila Franca.

"As sessões deste corpo legislativo são realizadas num salão do antigo Colégio dos Jesuitas, que desde ha muito foi apropriado para uso do Governó. Minha assisténcia a essas deliberações não era muito frequente, si bem que várias de minhas visitas fossem bem interessantes. Provavelmente nenhuma outra legislatura provincial do Império, apresentou maior soma de doutrina, experiência e talento, do que esta. No periodo a que me refiro, Martim Francisco de Andrada ocupava a cadeira presidencial, emquanto os Senhores Antonio, Carlos, Vergueiro, Alvares Machado, Raphael Tobias, os Bispos de S. Paulo, de Cuiabá, e Moura (*71) o Bispo eleito do Rio de Janeiro, com vários outros cavalheiros de distincção, tomavam parte nos debates.

“No fim de uma das sessões, tive o prazer de encontrar vários desses cavalheiros em um salão junto á sala de debates, e de ouvir deles as mais ardentes expressões de sentimento americano e de um generoso interesse pelos Estados Unidos.

“Antonio Maria de Moura foi considerado o representante especial dos interesses ecclesiasticos nessa legislatura. Conquistara grande notoriedade alguns anos antes. Foi nomeado pelo Governo Imperial para preencher o bispado vago do Rio de Janeiro. O Papa de Roma ficou, por alguma razão descontente com a nomeação, e consequentemente recusou-se a consagra-lo. Esta circunstância deu occasião a longas negociações diplomáticas, e por algum tempo ameaçou de interromper as relações amigaveis entre o Brasil e a Santa Sé. Por vários anos, as questões relativas a este assunto foram frequente e livremente discutidas perante a Assembléia Nacional. Durante estes debates, foram muitas vezes usadas expressões, não muito elogiosos para com Sua Santidade, e fatos de escandaloso carater foram trazidos á baila. Por exemplo, um padre reverendo, falando sobre o assunto, aludiu á objeção canónica á referida candidatura a qual, disse êle, era de todos conhecida, — isto é: ilegitimidade de seu nascimento: o que, entretanto, era um assunto ridículo, tendo sido dispensado no caso de dois atuais bispos do Império. Mas o candidato havia assinado uma nota declarando-se contra o celibato forçado do clero, quando interrogado por Sua Santidade sobre o assunto, recusou-se a dar explicações. (47).

“Quanto mais esse assunto era discutido, maior era a separação entre as partes. O Papa não se mostrava desejoso de voltar atraz e os brasileiros resolveram não aceitar imposições do Papa.

“A proposta para tornar a igreja brasileira independente de Sua Santidade, foi mais de uma vez proposta, e estava encontrando crescente favor entre o povo. Mas a questão foi considerada sómente em sua significação politica. Consequentemente, tornou-se um cuidado para o Governo coloca-lo no caminho mais facilmente praticavel. Com a execução de um novo ministério, foram adotadas medidas para satisfazer Moura e induzi-lo deixar livre o caminho. Assim foi êle por fim persuadido a abandonar sua pretensão, e a resignar a um cargo que não lhe era permitido exercer pacificamente. A questão foi assini facilmente arranjada. O Governo fez uma outra nomeação, que o Papa aprovou, — ao mesmo tempo agraciando o candidato rejeitado com o título e dignidades de bispo *in partibus infidelium*. Quando o encontrei, o Padre Moura não parecia ter mais de trinta e cinco anos de idade. Suas maneiras eram afaveis e sua conversa interessante. Era conhecido como sendo o conselheiro confidencial

(47) Veja Jornal do Comércio, 30 de Junho de 1839.

e assistente do velho bispo de S. Paulo. Estivera durante vários anos na vida política, e provavelmente continuará nela desde que não haja incompatibilidade da mesma com as obrigações de seu cargo como bispo *in partibus*.

“Tive a honra de ter mais uma entrevista com o ex-Regente Feijó. A primeira foi em companhia de um seu amigo íntimo, na sala de baixo de uma grande casa, aonde êle ia como convidado, na cidade de São Paulo. Não havia cerimônias. Sua reverência parecia ter sido deixada numa alcova adjacente. Seus trajes não eram os de padre. Com efeito, sua vestimenta era feita de algodão riscado claro, e não parecia ser nova; e a sua barba era por demais comprida para aquele clima quente. Era baixo e corpulento, de cerca de sessenta anos de idade, mas de uma aparência robusta e saudavel. Seu semblante e sua cabeça guardavam um cunho intellectual de expressão benevolente embora houvesse algo de peculiar no seu modo de olhar, que justificava a observação que me fora feita, antes de ve-lo, que êle tinha “uma fisionomia de gato”. Sua conversa era fluente e muito interessante. Meu amigo referiu-lhe que eu fizera várias perguntas a respeito dos costumes do clero e do estado da educação e da religião no país. Passou então a comentar esses vários temas, e expressou não pequeno descontentamento para com o atual estado de coisas, particularmente no seio do clero. Afirmou que “raros eram os sacerdotes em toda a província que cumprissem o seu dever como a Igreja o prescrevia, especialmente no que respeitava à catequese de crianças no domingo”.

“Êle estava na véspera de seguir viagem para Itú e Campinas, e, sendo interrogado quando iria, replicou, “dizem que é no Domingo”; mostrando assim que êle próprio não tinha muito respeito a instituição do descanso semanal. Em outro ocasião visitei-o em sua própria casa no Rio de Janeiro, quando tomava parte no Senado, de que foi por muito tempo presidente. Foi pela manhã, e encontrei-o só em sua sala, ocupado com seu breviário, enquanto que, sobre a mesa, perto da qual estava sentado, via-se uma faca de ponta, da espécie já descrita, metida numa bainha de prata. Presenteei-lhe com exemplares de algumas publicações que eu mandava fazer em língua portuguesa, para circulação no país. Recebeu-os cortezmente, e entrou novamente em conversa a respeito de vários planos para os professos religiosos no Brasil. Todavia, parecia ter pouca fé, e menos ainda ânimo, para fazer mais esforços, tendo sido repetidamente iludido em seus ardorosos projetos para tais progressos. Tão pouco estímulo, na verdade, êle encontrara entre seus irmãos do clero, que estava inclinado a comparar alguns deles a um cão na mangedoura, desde que êles nem faziam bem a si próprios, nem permitiam que outros o fizessem.

“Feijó é um homem notável. Como muitos outros membros do clero brasileiro, entrou na carreira política muito cedo, e deixou de lado os deveres da prática do sacerdócio. Seu abandono das Cortes de Portugal, para a qual fora eleito no reinado de D. João VI, já foi mencionado.

“Depois do estabelecimento do Governo independente do Brasil, tornou-se um membro proeminente da Câmara dos Deputados. Durante um debate nessa Casa, ouviu o que à primeira vista o teria surpreendido como uma estranha proposição — isto é: “que o clero do Brasil não estava preso pela lei de celibato”. Sendo isso todavia, afirmado por um cavalheiro de grande erudição e probidade, atraiu a sua cândida atenção. Posteriores reflexões, quando meditava sobre os meios de reformar o clero, e examinava os anais do Cristianismo, convenceram-no de que não só a proposta era aceitável, como também que a mais abundante fonte de todos os males que afetavam aquela importante classe, era o celibato forçado. Por conseguinte, quando membro da Comissão dos Negócios Eclesiásticos, êle apresentou à Câmara uma proposta sobre o assunto sob a forma de um relatório da minoria.

“Neste relatório êle propôs, que, “desde que o celibato não era nem imposto ao clero pela lei divina nem pelas instituições apostólicas, mas, pelo contrário, era fonte de imoralidade no seu seio; achava, portanto, que a Assembléa devia revogar as leis que o obrigavam, e notificaria o Papa de Roma da necessidade de revogar as penas eclesiásticas contra o matrimônio clerical; e, no caso de não serem estas revogadas dentro de um certo prazo, que elas ficariam anuladas”.

“Como era de esperar, semelhante relatório, provindo de um eclesiástico de alta consideração, excitou grande atenção. Com surpresa de muitos, foi recebido com grande benevolência pelos sacerdotes e pelo povo. Essa circunstância, tomadas às suas próprias convicções, levaram o autor a desenvolver longamente suas opiniões, em um tratado sistemático. Daí se originou o seu célebre trabalho sobre o celibato do clero. Das observações de um competente crítico sobre tal trabalho, escolhemos o seguinte trecho: “E’ realmente uma novidade no mundo literário. Podemos, na verdade, dizer nada menos do que isto: — que o livro encerra inquestionavelmente o melhor argumento proposto, em qualquer país papalino ou protestante, contra o celibato forçado de sacerdotes e freiras. Contem tudo o que um protestante poderia dizer, e que um sacerdote católico romano, a despeito de todos os velhos preconceitos, é forçado a dizer, contra a cruel e artificiosa lei, ordenada contra a imutável lei do onipotente Creador”.

“O autor é mestre tanto na antiga como na moderna dou-

trina católica, — no direito canônico, nos dizeres dos padres; e ficaríamos mais surpreendidos do que instruídos si víssemos qualquer de seus irmãos prelados da América ou da Europa saírem a público para dar uma resposta racional à "*Demonstração da Necessidade de Abolir o Celibato do Clêro*", de Feijó".

"Não obstante os violentos ataques feitos a êle por essa ousada tentativa de inovação, ainda assim êle foi subsequentemente elevado aos mais altos cargos públicos concedidos pela nação. Foi sucessivamente, Ministro de Estado, Regente do Império e Senador vitalício.

"Foi, além disso, eleito pelo Governo Imperial Bispo de Mariana, diocese que abrangia a rica e importante província de Minas Gerais. Não se achou, entretanto, capaz de aceitar essa dignidade, e, resignando à Regência, voltou para as suas plantações, a algumas milhas da cidade de S. Paulo, onde residia por ocasião da minha visita a essa parte do Brasil.

"Depois dessa época, sua saúde declinou, e uma pensão de quatro contos de réis por ano foi-lhe concedida, em consideração aos seus distinguidos serviços no passado. Em 1843, morreu".

Depois que as linhas acima foram escritas por meu colaborador neste trabalho, muitos dos principais homens que êle encontrou em São Paulo já descansam. Antonio Carlos, Martim Francisco de Andrada e Alvares Machado estão mortos. O Império constitucional que, com sacrificio próprio, êles ajudaram a instituir, e pelo qual sofreram tantas perseguições políticas, está firmemente consolidado e seus esforços não serão esquecidos, embora até agora nenhum sublime monumento tenha surgido para dizer do verdadeiro patriotismo de tais homens.

Antonio Carlos de Andrada expirou no dia 5 de Dezembro de 1845, e da Necrologia do Anuário do Brasil de 1846, extrai o seguinte testemunho de seu talento, valor e qualidades. Seja dito de passagem que si o estrangeiro que investiga o carater dos falecidos, encontra tantos motivos para a sua admiração, devemos perdoar a alta expressão de elogio pronunciada por seus compatriotas sobre aquelle que, por tantos anos, ocupou nobremente os primeiros lugares nas graças do monarca e do povo.

"Dissolvida a Assembléia Geral de 1844, Antonio Carlos de Andrada foi, em 1845, novamente eleito deputado por sua provincia natal. Mas apenas informado de sua eleição pelos paulistas, soube de sua

escolha para senador por Pernambuco, depois de ter também recebido os votos populares da provincia de Pará, Minas, Ceará e Rio de Janeiro. Tomou assento, portanto, tarde, na Câmara do Senado, — uma tardia recompensa para os seus grandes méritos.

“Na literatura, no Parlamento, e em todo o Império, sua morte deixou um grande vazio que será por muito tempo sentido por todos os seus compatriotas.

“Sem outra ambição, que não fosse a de servir seu país, — a única glória desejada por seu generoso coração — nem desejou nem procurou obter honras.

“O Conselheiro Carlos Antonio de Andrada era de estatura média e de constituição robusta: todas as suas feições expressavam engenho, sentimento e energia de espirito. De simples e graciosas maneiras, docil e jovial na conversação familiar, tornava-se agradável a qualquer um que dele se aproximasse. Severo para consigo, era indulgente para os outros, e pronto a perdoar uma ofensa ou uma injustiça que lhe fosse feita. Foi um amigo devotado, e um adversário generoso para seus competidores na vida pública: nunca empregou seu poder para prejudicar os outros, e sempre protegeu o fraco. Um excelente pai, um marido amado, o melhor dos irmãos, — não havia uma simples virtude doméstica que não fosse encontrada em Antonio Carlos!”

Que importa para tal homem, que nenhuma pedra monumental seja erigida?

“The fame is lost which it imparts:
Who for his dust a tear would claim
Must write his name on living hearts”.

As últimas palavras do elogio do falecido estadista são o mais alto louvor que podia ser pronunciado sobre um homem público, num país em que, muitas vezes, os que estão no poder não têm escrúpulos em se enriquecerem às expensas do Estado.

Ha o mais nobre e eloquente dos louvores no simples fato e na afirmação seguinte: “Tal era o Conselheiro Antonio Carlos de Andrada: viveu e morreu pobre!”

Esforços missionários.

As seguintes particularidades dos esforços missionários de meus colegas e meus predecessores, acredito que sejam julgadas interessantes:

“Embora já se tenham passado duzentos anos depois da descoberta e da primeira colonização da província de São Paulo, não se sabe de um ministro protestante do evangelho, que a tenha visitado até agora. Embora colonizado com o ostensivo propósito de converter o gentio, e posteriormente habitado por dezenas de monges e sacerdotes, não ha nenhuma probabilidade que uma pessoa tenha antes entrado nos seus domínios, carregando exemplares da palavra da vida em lingua vernácula, com a intenção expressa de coloca-los nas mãos do povo.

“E’ necessário lembrar ao leitor, que, em todo o continente a que aquí nos referimos, são totalmente desconhecidas as assembléias públicas para communicações e ensino. O povo muitas vezes se reúne nas missas e nas festas religiosas, e quasi tão frequentemente nos teatros; mas em lugar algum ouviam discutir princípios ou revelar a verdade. Os sermões ouvidos nas igrejas raramente são mais alguma coisa do que elogios às virtudes de um santo, com exortações para seguir o exemplo do mesmo. Na verdade, todo o conjunto de recursos pelos quais, nos países protestantes, se alcança a mentalidade do público aquí não se conhece. Não obstante isso, o estrangeiro, e especialmente os pseudo-hereticos, que trabalham para o adiantamento da verdadeira religião, devem aproveitar as oportunidades providenciais, em vez de confiar em planos previamente determinados. O missionário, em tais circunstâncias, aprende uma lição de grande importância pratica para si próprio, — saber que lhe é grato aproveitar qualquer ocasião, por menor que seja, para tentar fazer o bem em nome de seu Senhor. As noções românticas que alguns sustentam sobre os campos de ação missionária podem ser moderadas e positivadas ao contacto da fria realidade dos fatos; mas o coração cristão não se tornará mais duro, nem a fé genuína menos susceptivel de uma inteira confiança em Deus.

“A inesperada amizade e ajuda do meu velho hospedeiro em São Bernardo, a que já me referi, não foi uma circumstância para ser subestimada. Um tanto menos esperada foi a provisão feita em meu favor, na cidade de São Paulo, de cartas de apresentação para pessoas da mais alta consideração nos vários lugares do interior que eu desejava visitar. Em um desses lugares, a pessoa a quem uma dela era dirigida, e por quem fui hospedado, era um sacerdote católico romano; e isso dá-me sincera satisfação em poder dizer que a hospitalidade, que recebi sob seu teto, foi tudo o que um estrangeiro em uma terra estranha pode desejar.

“Quando, ao chegar à sua cidade visitei pela primeira vez a sua casa, o padre estivera ausente havia duas semanas, mas a sua volta era esperada a qualquer hora. Seu sobrinho, um jovem que

tomava conta de seus bens, insistiu na minha permanência, e indicou ao meu guia um pasto para as suas mulas. Num país em que, viajar a cavalo é quasi o único meio de transporte, constitue um ato de polidez convidar o viajante, logo de chegada, para descansar em uma cama ou um sofá. Aceita a gentileza, seguiu-se-lhe um banho quente, e depois um excelente jantar, é verdade que a sós. Antes que minha refeição terminasse, um grupo de pessoas a cavalo passou pela janela, entre os quais o padre que eu esperava. Depois de ler a carta que eu trouxera, entrou na sala e deu-me um cordial "seja bemvindo". Chegara em companhia do ex-Regente Feijó, de cuja agradável palestra já compartilhara na cidade de S. Paulo, e de quem recebera notícias da minha pessoa como tendo-o interrogado sobre a situação religiosa do país. Tornou-se-me pois facil communicar-lhe o assunto especial da minha missão. Ao mostrar-me sua biblioteca, — uma coleção de livros bastante respeitável, destacou como sua obra favorita, a Bíblia de Calmet, em francês, em vinte e seis volumes. Não possuía uma Bíblia ou Testamento em português. Disse-me que ouvira dizer que uma edição estava para ser publicada no Rio, anotada e comentada, sob o patrocínio e sanção do Arcebispado. Esse projeto de publicação fora anunciado para frustrar a circulação das edições das sociedades bíblicas, mas nunca foi levado a efeito. Nada sabia a respeito. Ouvira dizer, todavia, que as Bíblias, em lingua vulgar, haviam sido remetidas para o Rio de Janeiro, assim como para outras partes do mundo, e que podiam ser procuradas gratis, ou por uma insignificante quantia. Julgue-se da feliz surpresa com que ouvi de seus lábios que algumas dessas Bíblias já haviam aparecido por ali, a tresentas milhas distante do nosso depositário no Rio. Sua primeira observação foi que não sabia quanto bem poderia vir de sua leitura, tendo conta o mau exemplo de seus bispos e sacerdotes. Informei-o francamente que eu era uma das pessoas empenhadas em distribuir essas Bíblias, e esforcei-me por explicar os motivos de nossa empresa, que elle pareceu apreciar.

"Declarou que o Catholicismo estava quasi abandonado aqui e em todo o mundo. Assegurei-o que vi abundantes provas de sua existência e influencia; mas elle pareceu considerar estas provas como "a forma sem a função". Nossa conversa foi aqui interrompida; mas surgindo uma oportunidade para renova-la à tarde, observei que, vendo que eu era um ministro da religião, razoavelmente compreendeu que eu teria mais prazer em conversar sobre esse assunto do que sobre qualquer outro.

"Disse-lhe então que não comprehendera o que elle quizera dizer com a expressão: o Catholicismo estava quasi abandonado. Passou então a explicar que raramente reconhecia o verdadeiro espirito da

religião entre os sacerdotes ou o povo. Sendo êle apenas um *diacono*, tinha o privilégio de poder criticar os outros. Estava convencido de que as leis que se referem ao celibato do clero seriam abolidas, pois o clero era de fato, todo ele, peor do que casado, com infinito escândalo da religião; tal era a sua ignorância que muitos deviam sentar-se aos pés de seu próprio público para serem instruídos nas doutrinas comuns da Cristandade; que o espírito de infidelidade ultimamente estava rapidamente grassando e infeccionando a juventude, para a destruição deste respeito exterior pela religião e o temor de Deus que costumava ser hereditário. Livros infieis eram comuns, especialmente as "Ruínas" de Volney. Perguntei-lhe si as coisas estavam melhor ou peor. "Peor", replicou êle; "continuamente peor!" "Que meios foram tomados para torna-las melhor?" "Nenhum! Estamos esperando a interferência da Providência". Disse-lhe que havia muitas pessoas devotas, que viriam alegremente em seu auxílio, si estivessem certos que lhes seria permitido trabalhar para Deus. Êle pensava que seriam bem recebidos si trouxessem a verdade; querendo provavelmente dizer, si fossem católicos romanos.

"Perguntei-lhe que notícia daria para o mundo religioso, a respeito do Brasil". "Diga que nós estamos na escuridão, atrazados em relação ao século e quasi abandonados". "Mas que deseja como luz?" Nada desejamos. Nós confiamos em Deus, o Pai das luzes".

"Continuei a perguntar-lhe o que melhor haveria para impedir a influência dos infieis e desmoralisantes trabalhos, a que se referira, que a palavra de Deus. "Nada", foi a resposta. "Quantos benefícios, então, ainda podem os Srs. fazer, para este país e para as almas imortais, devotando-se ao verdadeiro trabalho de um evangelista?" Êle concordou comigo, esperando ainda algum dia estar cunhado nessa tarefa.

"Pusera eu antes em suas mãos dois ou tres exemplares do Novo Testamento, para serem dados a pessoas que pudessem tirar proveito deles, e que o padre recebera com a maior satisfação. Disse-lhe então que sempre que estivesse disposto a tomar parte no trabalho de distribuir as Escrituras, poderíamos mandar-lhas, tantas quanto necessitasse. Êle assegurou-me que se sentiria satisfeito de tomar a si tal encargo; que, quando os livros fossem recebidos, fa-los-ia circular por toda a sua paróquia, enviando-me uma relação da forma por que foram distribuídos. Consequentemente concluímos um ajuste, cuja eficácia ficou depois demonstrada. Quando lhe mostrei algumas publicações em português, pediu-me que as enviasse em quantidade acompanhando a remessa das Bíblias. A' minha pergunta de como o ex-Regente, e outros como êle, julgariam a circulação das Escrituras entre o povo, disse-lhe que êles se alegrariam bastante com isso e que

as vantagens da tentativa não admitiam discussão. "Então", disse-lhe, cu "nós que estamos empenhados neste mister, podemos ter a satisfação de saber que estamos fazendo aquilo que a melhor parte do seu clero aprova?" "Certamente", replicou: "os srs. estão fazendo aquilo que nós próprios devíamos estar fazendo".

"Raramente tenho passado uma noite mais feliz do que a que se seguiu a essa entrevista embora o sono quisesse fugir de minhas pálpebras. Estava dominado pela compreensão da bondade e providência de Deus, dirigindo assim meu caminho para a verdadeira pessoa que, entre as cem melhor qualificadas, estavam em condições ótimas para ajudar-nos a levar avante o nosso grande intento. Este fato foi esclarecido mais tarde pela circunstância de que, embora tivesse uma carta de apresentação muito cordial para o vigário da mesma vila, que deixei em sua casa, não o conseguira avistar, acontecendo estar fora quando o visitei. Para usar a expressão de um cavalheiro ao par das circunstâncias, "êle se escondera", temendo as consequências de uma entrevista, e, sem prestar pelo menos, as gentilezas devidas a um estrangeiro, ofendeu grandemente o senhor que me dera a carta. O padre cuja bondade experimentei, havia interrompido a sua carreira clerical alguns anos antes, e estava se ocupando em questões jurídicas, embora conservasse seu título e o caráter de sacerdote. Diga-se de passagem, raro é o departamento da vida política ou civil, em que não se encontram frequentemente sacerdotes. Após a segunda noite, tive que me despedir do padre e prosseguir na minha viagem.

"Em outra vila, um jovem que fora educado na Alemanha, procurava-me frequentemente no quarto, e muito me agradava por sua franca e inteligente conversa. Falou-me de sua vila como sendo um dos lugares mais religiosos no país, contando um grande número de igrejas e sacerdotes relativamente à população. A uma das igrejas, sobretudo, os padres costumavam-se ser muito rigorosos, e, na opinião do meu informante, fanáticos mesmos. Usavam sempre os seus hábitos sacerdotais, eram corretos em seu comportamento moral, exigindo que pessoas pertencentes à melhor sociedade comungassem repetidas vezes e, além disso, desaconselhavam teatros. Este último fato era uma singularidade, pois, além dos padres estarem muitas vezes presentes a tais divertimentos, havia mesmo nessa localidade um teatro em ligação com uma igreja.

"Expus a este jovem a questão da circulação da Bíblia. Reconheceu logo a importância da empresa, e expressou grandes desejos que isto continuasse; dizendo que os brasileiros, uma vez compreendendo os propósitos dos amigos da Bíblia, não deixariam de louva-los. Êle se propoz a conversar com seus amigos, para ver o que poderiam fazer nesse particular. Entreguei-lhe dois Testamentos em

suas mãos, como amostras. Na manhã seguinte, disse-me, que tendo mostrado, na tarde anterior, a um grupo de rapazes foi geral a vontade de possuí-los, tendo alguns deles se apressado para não serem preteridos na distribuição. Por conseguinte repetiu que tinha certeza de que os livros sagrados seriam recebidos com prazer, pedindo um bom número de exemplares a serem enviados para o seu endereço. Informaram-me que, aqui, na geração que está surgindo, notava-se muito pouco respeito para com a religião, por causa da influência de obras infieis e outros motivos. A desculpa de quasi todas as licenciosidades era essa: "Sou um mau católico". O povo geralmente aprovava os dogmas da Igreja, mas raramente conformava-se com as suas exigências, salvo quando obrigados a assim proceder por seus pais ou impelidos pelo pavor da morte. O preceito que exigia ausência de carnes nas quartas e sextas feiras, bem como durante a Quaresma, fora abolido por uma dispensa do bispo diocesano, nos últimos seis anos, e a Assembléia Provincial pedira justamente uma renovação do mesmo favor. A decisão do bispo ainda não transpirára, mas muitas pessoas expressavam a disposição de viver como bem entendem.

"Pouco antes de minha visita a esta localidade, um rapaz de respeitável família, tendo enterrado sua fortuna numa especulação ligada a uma recente chegada de escravos africanos, suicidou-se. Diziam ser o primeiro caso desse crime, jamais conhecido nas redondezas, e, por isso, teve extraordinária repercussão em todas as classes. Faço observar aqui que o suicídio é extremamente raro em todo o Brasil; e haverá poucas questões como essa em que os preceitos da Igreja, privando suas vítimas do enterro cristão, hajam exercido uma boa influência, envolvendo o suicídio numa justa atmosfera de horror e abominação. Praza aos Céus que influência semelhante fosse exercida contra outros pecados igualmente condenáveis senão mais insidiosos! A mesma abominação moral devia cair sobre outros atos duma comunidade tão pouco fiscalizada.

"Em uma terceira vila foi hospedado por um negociante de idéias verdadeiramente liberais e de hospitalidade ilimitada. Ele também se ofereceu para cooperar comigo na distribuição dos volumes sagrados, não apenas em sua própria vila, mas também em outras.

"Tendo efetuado uma viagem de cerca de duzentas milhas em circunstâncias verdadeiramente favoráveis, voltei mais uma vez à cidade de S. Paulo. Não me demorei em vários lugares o tempo que convinha e que me seria agradável demorar, em vista de urgentes convites. Tinha, todavia, importantes razões para não ceder ao meu prazer nesse particular. Meu espírito meditara intensamente sobre a situação do país, baseado em fatos que eu colheira em fontes variadas e seguras. Informara-me cuidadosamente como se poderia tentar alguma coisa em seu benefício; si qualquer possibilidade de ir

alem dos lentos e circunscritos limites da simples comunicação pessoal da verdade. Em conclusão, a esperança começara a crescer em meu espírito e começava a alimentar-se da mais ardente expectativa.

“Da idéia de distribuir umas dúzias de Testamentos em várias escolas da cidade, fui levado a pensar na praticabilidade de introduzir os mesmos como livros de leitura nas escolas de toda a província. Esse alvitre parecia ainda mais aceitavel pelo fato, universalmente declarado de que nesta província ha uma falta quasi geral, nas escolas, de livros para esse fim. O Catecismo de Montpellier é mais usado como livro de leitura, do que qualquer outro; mas era pouco eficaz para afirmar os princípios religiosos sobre uma base apropriada, de modo a oferecer resistência contra os processos solapadores dos infieis.

“Encorajado pela gratidão geral daqueles a quem oferecera exemplares, e tambem pelo julgamento de todos a quem comuniquei a idéia, resolvi finalmente oferecer ao Govêrno, pela forma que approvasse, uma doação de Testamentos, na quantidade exigida pelas necessidades da província. Felizmente contava, no secretário e professor decano da Academia de Direito, um amigo inteiramente competente para me aconselhar e ajudar na consecução desse empreendimento. Expuz-lhe toda a questão. Informou-me que o meio mais adequado de assegurar o assunto seria por uma ordem da Assembléa Provincial, (no caso de aprovar a medida), mandando os professores das escolas adotarem aqueles livros.

No dia seguinte, pela manhã visitou comigo vários membros prominentes da Assembléa Legislativa, para propôr o assunto. Visitámos cavalheiros que pertenciam aos dois partidos políticos: dois sacerdotes, um, doutor em medicina e o outro, um professor na Academia de Direito; o bispo eleito do Rio de Janeiro, que era conselheiro confidencial do antigo bispo de S. Paulo, — este tambem pertencendo à Assembléa; e, por fim os Andradas. Cada qual desses cavalheiros considerou atenciosamente a minha proposta exprimindo a opinião de que não podia deixar de ser bem recebida pela Assembléa. O bispo, que era o presidente de uma das comissões, a qual seria a proposta naturalmente sujeitada, disse que não pouparia esforços de sua parte para levar a efeito tão louvavel projeto. Ele, juntamente com outro padre a que se referiu haviam adquirido exemplares da Bíblia, no depositário do Rio, para seu próprio uso, tendo aprovado altamente a edição que divulgavamos.

“Nossa visita aos Andradas foi particularmente interessante. Esses venerandos cidadãos, ambos cobertos de cabelos brancos, tendo dado toda a sua vida o serviço de seu país, receberam-me com agradaveis expressões de respeito para com os Estados Unidos, e seguranças de inteira reciprocidade de sentimentos cristãos que não pertencessem à Igreja Romana. Dei-lhes a conhecer e eles os aprecia-

ram, os esforços das Sociedades de Bíblia: além disso, aprovaram altamente o uso generalizado das Escrituras, especialmente do Novo Testamento. Qualificaram o oferecimento que eu estava fazendo, como não apenas irrepreensível, mas verdadeiramente generoso, disseram que nada a seu alcance deixariam de fazer para leva-lo a efeito. Com efeito, Martim Francisco, presidente da Assembléia, na despedida, disse que, diante dessa oportunidade, era com satisfação que via a sua província ser a primeira a dar o exemplo da introdução da palavra de Deus em suas escolas públicas. O Senhor Antonio Carlos, ao mesmo tempo, recebeu alguns exemplares do Testamento, para poder julgar da tradução, que, acompanhados do seguinte documento, apresentou como presidente da Comissão da Instrução Pública, na sessão daquele mesmo dia.

"PROPOSTA A ILUSTRE LEGISLATURA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DA PROVÍNCIA IMPERIAL DE S. PAULO.

"Visto que, tendo visitado esta província como um estrangeiro, e tendo ficado altamente satisfeito, não só com a observação das vantagens naturais do clima, solo e produções, com que a Providência a tem tão eminentemente distinguido, mas também com a generosa hospitalidade que tem recebido de vários cidadãos com quem tem tido relações; e

"Visto que, fazendo alguns inquéritos sobre o assunto de educação, foi repetidamente informado da grande falta de livros de leitura, nas escolas primárias, especialmente no interior; e,

"Visto que, tendo relações com a sociedade Americana da Bíblia, estabelecida em New York, cujo objetivo essencial é distribuir a Palavra de Deus, sem anotações ou explicações, nas diferentes partes do mundo; e, visto que o Novo Testamento do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é uma excelente demonstração de estilo, tanto sobre assuntos históricos, como morais e religiosos, além de conter as puras e sagradas verdades da nossa santa Cristandade, cujo conhecimento é de tão alta importância para o indivíduo, quer na qualidade de ser humano quer na de membro da sociedade; e,

"Visto que, tendo a mais ilimitada confiança na filantrópica benevolência da supra-dita sociedade, e em sua boa vontade para cooperar no bem deste país, juntamente com todos os outros, e especialmente em vista das felizes relações existentes entre as duas proeminentes nações do Novo Mundo: — proponho, portanto, em nome da dita Sociedade Americana da Bíblia, a livre doação de exemplares do Novo Testamento, traduzidos para o português pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo (* 71 bis), em número suficiente para suprir cada escola primária da província com uma dúzia, dos mesmos, — sob

a simples condição que os ditos exemplares sejam recebidos despachados na Alfandega do Rio de Janeiro, e se destinem a ser distribuídos, conservados e usados, nas ditas escolas, como livros de leitura e instrução geral para os alunos das mesmas.

“Com os mais sinceros desejos para a prosperidade moral e cívica da província Imperial de São Paulo, a proposta acima é humilde e respeitosamente submetida.

“*D. P. Kidder.*”

“Cidade de São Paulo, 15 de Fevereiro de 1839.

“No mesmo dia recebi uma mensagem verbal, dizendo que a Assembléa recebera a proposta com especial satisfação, ouvindo-a às Comissões de Negócios Eclesiasticos e Instrução Pública. A seguinte comunicação foi posteriormente recebida:

“Ao Sr. Kidder: Informo-lhe que Assembléa Legislativa recebeu com especial satisfação vossa oferta de exemplares do Novo Testamento, traduzido pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e que a mesma Assembléa tomará uma deliberação sobre o assunto, cujo resultado lhe será comunicado.

“Deus o conserve!

“*Miguel Eufrazio de Azevedo Marquez, Sec.*”

“Palácio da Assembléa Provincial, S. Paulo, 20 de Fev. de 1839”.

“Entre as relações que fiz em S. Paulo figurava um sacerdote, também professor na Academia de Direito. Sua conversa era franca e interessante, e suas vistas geralmente liberais. Fez-me um relato elegante sobre o infeliz abandono em que se encontravam as obras pias e sobre o desmerecimento de muitos representantes do clero. Aprovou a obra empreendida pelas Sociedades da Bíblia, e concordou prazentemente em promover-la dentro do círculo de suas influências, distribuindo Bíblias e publicações, exaltando a sua utilidade. Trocando cartas de agradecimento com este cavalheiro, deixei-o, mantendo alta estima pelas suas boas intenções, e com ardentes desejos que êle possa ainda ser grandemente útil na regeneração de sua Igreja e na salvação de seus compatriotas.

“Foram assim felizmente completados ajustes com pessoas de primeira respeitabilidade e influência, e em cada cidade importante do interior que eu visitara, fiquei certo de que seria divulgada a palavra de Deus entre os seus cidadãos. Todos os exemplares que trouxe já foram vendidos, e havia esperanças de que não estava longe o dia, em que se poderia dizer que uma Assembléa Legislativa Catolica Romana sancionara inteiramente o uso de Escrituras Sagradas nas es-

colas públicas de toda uma província. Disseram-me, autorizadamente, que as comissões da Assembléia estavam elaborando um parccer recomendando que, juntamente com a aceitação da oferta fosse uma ordem ao tesouro para os fundos necessários ao pagamento dos direitos e gastos de distribuição.

“Tais circunstâncias resultante duma curta estada, foram muito além da mais ardente expectativa, tanto assim que, ao partir, não pude reprimir meus sentimentos de gratidão e satisfação pelo que meus olhos viram e meus ouvidos escutaram.

“Finalmente, devo acrescentar que, devido à agitação e intrigas comuns nas assembléias políticas, o processo relativo à minha proposta demorou-se mais do que esperavam os meus amigos. A última informação direta que tive do assunto, foi recebida em conversa com o presidente da Assembléia. Encontrei este senhor quando foi ao Rio de Janeiro cumprir os seus deveres de membro da Câmara dos Deputados. Informou-me que tais eram as animosidades políticas existentes entre os dois partidos em que a Assembléia estava dividida, que muito pouca coisa de interesse foi tratado durante a sessão legislativa. A minoria como partido, e representantes da maioria, foram a favor do projeto, mas, devido áquelas circunstâncias, não desejavam insistir imediatamente sobre o assunto. Nesse interim, algumas falsas acusações espalhadas por um sacerdote católico inglês, residente no Rio, despertaram as suspeitas do velho bispo de São Paulo receioso de que a tradução não era realmente fiel, mas sofrera alterações.

“Foi proposto um exame, mas, ou por inhabilidade ou premeditado descuido, não foi iniciado; e assim o supersticioso capricho do velho diocesano colocou a minha oferta entre outros assuntos aguardando decisão. O presidente exprimiu-lhe a sua esperança de que na próxima reunião da Assembléia, a proposta seria inteiramente aceita.

“Mais tarde, vi num jornal que a comissão a quem o assunto fora entregue, ou provavelmente seu presidente, em contradição diréta com a promessa voluntária que me fizera, mas em obediência aos estúpidos temores do velho bispo, enviara à secretaria uma nota desfavorável à proposta. Provavelmente esta nunca será efetivada. Em bem dos créditos da província, certamente, nunca será formalmente rejeitada (*72).

A propagação da verdade, todavia, não depende dos atos legislativos, ou da ajuda de estadistas, embora possamos saudar com prazer todos os movimentos dos poderes constituídos em favor da instrução e da religião. A circulação das Escrituras não é uma questão de seita; e todos se alegrariam com a difusão daquilo que (como os chefes bárba-

ros de Northumberland diziam a seus companheiros quando o primeiro monge visitou a Bretanha) “ensina a origem e o destino de nossas almas”.

Visitei a província de S. Paulo mais de dezesseis anos depois dos acontecimentos acima narrados, e encontrei a mesma boa vontade manifestada por todas as camadas sociais na recepção da palavra que meu companheiro experimentara entre os paulistas, e estava assim habilitado a difundir muitos exemplares da Escritura Sagrada. De tempos em tempos, nessa encantadora porção do Brasil, encontrei muito que pudesse encorajar os meus trabalhos entre os humildes e ignorantes, assim como entre os mais abastados e inteligentes. Não foi menos agradável poder acompanhar os resultados das sementes da verdade, semeadas tantos anos antes pelo Dr. Kidder. Encontrei um eminente brasileiro que fora levado, pela leitura da *A Santa Biblia*, para “os caminhos do saber”, e tornou-se o mais ardente advogado de sua divulgação. Bem no interior desta província, encontrei dois cavalheiros que não se confessavam claramente ser cristãos, mas que, como filântropos, tomaram um profundo interesse pela causa da Bíblia. Um deles disse-me que um brasileiro veio a êle alguns dias antes com uma Bíblia Portuguêsa, dizendo que estava muito alegre por ter a Bíblia em sua própria lingua”. Meu informante pensa que esta Bíblia deve ter vindo ou do meu predecessor ou das Bíblias deixadas na casa de um negociante americano no Rio de Janeiro. Fui também informado por um relojoeiro inglês em Campinas, que êle encontrara com um brasileiro que tinha em seu poder uma Bíblia Portuguêsa, e que tinha grande prazer em leva-la consigo todos os domingos para a igreja católica romana.

Na parte mais fértil e mais densamente populosa da província, fiz conhecimento com um médico que residira no Brasil onze anos, — viajara, para fins científicos, grande parte do Império, — ganhara o respeito e a estima dos brasileiros por sua afabilidade, bem como pela sua habili-

dade profissional. Desfrutava, assim, de grande influência. E' sua opinião que o Brasil, num certo sentido, está pronto para uma reforma; mas que os seus habitantes tiveram sacerdotes tão corruptores e são, por si, tão descuidados no ponto de vista moral, que não se poderia desde logo romper as peias do Romanismo. Todavia, não são fanáticos e aceitam ler a Biblia. Foi esse medico estrangeiro que me citou o exemplo de um padre, que, tendo lido alguns dos trabalhos de Luthero desviados da Alemanha para o Brasil, pregava sermões tão protestantes que foi atacado pelo bispo, e finalmente expulso de sua paróquia, mas não de seus sentimentos. Parecia-me, ouvindo contar esse incidente, que o velho Reformador Alemão estava ainda arremessando o seu tinteiro...

NOTAS DO TRADUTOR

(* 68) O autor se refere á confissão apologética do Jesuita Rui Pereira, escrita em 1560. Em alguns trechos da citação, transcreveu-se a parte citada em "Populações Meridionais do Brasil" de Oliveira Viana, pags. 162-163.

(* 69) José Maria de Avelar Brotero, professor de Direito Natural e Público e Diretor da Faculdade de Direito de São Paulo de 1854 a 1858.

(* 70) Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que chefiou o movimento republicano de Sorocaba, em 1841.

(* 71) D. Antonio Maria de Moura.

(* 71 bis) Padre Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797), o primeiro tradutor da Biblia, segundo a "Vulgata Latina" para a lingua portuguesa, cuja publicação foi iniciada em 1778, tendo sido a tradução do pastor evangelico português em Batavia, João Ferreira de Almeida, feita em 1691 do original grego, do "Novo Testamento". O padre Pereira de Figueiredo, considerado um dos maiores latinistas do seu tempo, foi grande apologista da divulgação da Biblia; por esse fato e pela sua tradução, teve, em seus últimos momentos, de sofrer forte coação da parte do Nuncio Apostólico em Lisboa, Mons. D. Bartolomeu Pacca, para que se "retratasse", coação essa a que resistiu com exemplar vigor de convicção e consciencia de sua missão cristã.

(* 72) Refletindo o ambiente da época, aqui damos a relação das publicações de um dos principais defensores da Igreja official: "Desagravo do Clero e do Povo Católico Fluminense ou Refutação das Mentiras e Calunias do Impostor que se intitula Missionario", 1837; "Antídoto Católico contra o veneno metodista ou Refutação do Relatório de P. G. Tilbury" 1838; "O Católico e o Metodista ou Refutação das Doutrinas Heréticas e Falsas", 1839, ed. I. P. da Costa, Rio.

CAPÍTULO XXI

Interior da Província de S. Paulo.

Na manhã de 21 de junho, deixei a cidade de São Paulo e parti para Limeira. Antes de partir, visitei os Srs. E. e C., dois engenheiros ingleses que se achavam ausentes realizando estudos para uma estrada de rodagem no interior. Na estante de Mme. E. encontrei alguns velhos amigos. Quão curioso era ver "Windings by the Waters of the River of Life" de Cheever, "*Life in Earnest*", de Hamilton, e outros bons livros, nessa cidade distante, cuja verdadeira existência fosse talvez desconhecida dos autores! Estava triste por deixar a agradável companhia do dr. E.; mas as minhas mulas, os meus cavalos e o meu guia estavam todos prontos, e, pronta a cavalgada — *vamos*.

Meu guia era um preto velho de sessenta anos, cujas vestimentas consistiam numa jaqueta usada, um par de calças e um velho chapéu de palha. Seus calcanhares nús e ossudos não ostentavam o mais leve sinal de espora. Como eu tinha de viajar depressa, para fazer a minha viagem em um dado tempo, vi que não poderia conservar o velho Congo assim desarmado nas extremidades dos pés; e, dirigindo o cavalo para uma loja de ferragens, dei ao velho um par de esporas de ferro, cujas pontas eram do tamanho do esporão de um galo de briga. Com um pedaço de corda êle amarrou-as em seus tornozelos descarnados e, montando, puzemo-nos logo em caminho e em minutos, estávamos saindo da cidade de São Paulo.

Às dez horas, num clima como este, o sol não é nada frio. Os animais de carga, vendo-se fóra das ruas, mostravam grande disposição para correr pelas planícies de Piratininga, e grande parte no nosso tempo foi perdido em andar

daqui para ali na estrada à procura dos fugitivos. Devido a estar pouco acostumado com aquele violento exercicio e ao calor do dia, a resistência parecia fugir pouco a pouco do velho Congo. Apelava, em altas vozes, para Santa Maria e o diabo. E sinto lembrar que a maioria dos seus apelos sagrados eram para este último, cujo nome, embora não figurando no calendário, é mais frequentemente usado no Brasil do que o de todos os santos juntos. Ouvindo um barulho de cascos atraz de nós, voltei-me e vi dois paulistas galopando na nossa mesma direção. Passando à nossa frente, caíram num acesso de riso imoderado. Não pude a princípio adivinhar o que excitava tanto as suas capacidades cômicas, até que um deles exclamou, "*Olha as esporas*".



Olhando para baixo, percebi que a corda, que amarrava as pontas de ferro aos calcanhares do velho Congo, descrevera uma volta e a espora se colocara mesmo por cima do seu peito do pé. O velho preto, em sua árdua perseguição às mulas errantes, não percebera isto, e continuou espancando os flancos do animal com o seus ossudos calcanhares.

Depois de corrermos uma legua, encontrei as minhas caixas; mas o Joaquim Antonio da Silva, o arrieiro que as transportara, não as quiz entregar sinão depois que eu verifiquei que tudo estava certo. E, mais uma vez, para frente!

Até esta data sempre tive negros ainda moços ou rapazes alemães como guias, e agora temia que a ambição do velho Congo estivesse morta, e que nenhuma esperança de recompensa a ressuscitasse. Foi muito vagaroso: a viagem

devia realizar-se, inclusive condução de caixas, em quatro dias, ou eu não sairia dela vencedor. A jornada era avaliada, pelos arrieiros, em oito dias; assim, não precisando acelerar a velocidade de meus animais, resolvi não me separar do velho congo.

Percorremos, tão rapidamente quanto possível, uma bela região da província, abundante em plantações de café e açúcar. Conversei muito com o velho negro, que ainda se lembrava de quando, havia mais de meio século, fôra roubado da costa d'África, mas não se lembrou de ter jamais ouvido a história da Creação e da Redenção; por isso, esforcei-me em dar-lhe umas noções sobre o maior de todos os assuntos que interessam o homem. Achou muito interessante, qualificando-o de: *muito bonito*.

Com todos os empurrões, desvios e sacudidelas que demos nos animais, apenas perfizemos vinte e quatro milhas — o que representa bom dia de trabalho para os brasileiros, mas que a mim não me satisfizeram. A' luz de um claro luar, chegámos a uma casa onde não pudemos encontrar comida nem para os homens nem para os animais. Dirigimo-nos para uma mera cobertura do outro lado da estrada, e à nossa pergunta, "*Tem lugar*"? recebemos a resposta, "Não podemos receber vocês; não temos quarto." Isto nos foi dito por uma mulata de aspeto desleixado. Tudo era contra nós; mas não podíamos continuar a caminhada. O velho congo, porém, falou com tal eloquência que o quarto desejado foi obtido. Mas que quarto! Nenhum outro na Velha Irlanda, ou abrigo de madeira no "Far West", excede-lo-ia na exiguidade do tamanho, não falando já da imundície. O chão era de terra e as paredes de argila seca, cobertas uê dedadas de gordura. Tinha seis pés por oito, e nela estávamos alojados eu, as selas, os sacos e o congo. Não era, pois, de admirar que dissessem não haver quartos. Tivemos para ceia feijão, pirão de milho mal cozido e ovos, cujo estado de conservação não era ocasião para se averiguar. Nós (isto é, eu, primeiro, e, depois o con-

go), ficamos de pé (pois não havia cadeiras na casa) em frente a uma mesa um tanto semelhante a um comedouro para animais. Suporto tudo. Minha cama foi uma esteira estendida sobre uma táboa, servida por um traveseiro e um lençol. Cobertor não existia nessa casa. O africano tinha mais senso do que eu, pois trouxe um "poncho" grande e pesado. A luz de uma candeia enterrada no barro da parede, li para o pobre velho congo o primeiro parágrafo da Palavra Sagrada que êle, sem dúvida, nunca ouvira em lingua que pudesse compreender; assim, orando em português, deitei-me na táboa, e êle no chão, que penso, ter sido uma cama mais macia do que a minha. Em carta a um amigo, assim descrevi a situação. "Em lugar do cobertor, juntei a minha manta de montar e o meu "Mackintosh", sentindo mais frio do que na noite anterior, e o sono não me vencia. Coloquei então por cima o meu capote; mas isto não impediu o frio nem as pulgas, que então calmamente estavam andando por cima de mim. Sacudi as pernas para todos os lados, mas não aguentei por muito tempo, e então (é a custo que ousou escreve-lo) despertei o velho Congo do seu bom sono, e fiz com que êle viesse para a minha táboa, para aquecer-me. Não era exatamente o caso do velho monarca de Israel; pois era cruel transferir o velho negro do confortavel seio da mãe terra para as duras realidades de uma prancha e um homem enregelado de frio. Mas pouco me adiantou o recurso, pois não pude pegar no sono e o pensamento em certos *bichos*, mantinha-me ainda mais acordado si tal fosse possível".

Antes do cantar do galo, ordenei que as mulas fossem ensilhadas, e á luz do dia, estavamos outra vez em viagem. Cavalguei, muito na frente do meu guia e, passando uma milha além da vila de Jundiáí, cheguei ao hotel do Senhor José Pinto. Encontrei um bom numero de hóspedes almoçando ao meio dia, refeição essa que foi perfeitamente à *la brésilienne*. Pensavam que eu desejava outra comida, mas tranquilizei-os sentando, dizendo-lhes que eu não era

um estrangeiro, e manifestando minha sem cerimonia para comer de seus pratos tão à vontade como si estivesse acostumado com eles toda a minha vida. Isto abriu seus corações, oferecendo-se-me assim, então e depois, a oportunidade de falar-lhes dos mais altos interesses que dizem respeito ao homem aqui na terra.

Em duas horas ou mais minhas mulas de cargas chegaram. Percebi, que naquela velocidade em que iamos seria impossivel para mim concluir todos os meus negócios em Limeira e Ibicaba e voltar ao Rio de Janeiro para continuar minha viagem para o norte. Felizmente, encontrei em casa do José Pinto os dois paulistas, cuja alegria fora tão excitada pela mudança de lugar das esporas do velho africano. Dirigiam-se para o interior, e tinham um animal extra, que aluguei, e apressei-me a partir, acompanhado por êles, deixando o velho congo atraz, podendo chegar dois dias depois de mim.

Tinha agora uma boa oportunidade para conhecer melhor os *moradores*, ou habitantes da beira da estrada, de cuja classe meus companheiros eram representantes. Cantaram para mim melodiosos fandangos, cantos etiópicos em mau português, e divertiram-me de várias maneiras. De volta, dei-lhes alguma informação acerca do resto do mundo, alem do Brasil, não esquecendo, no fim, de referir-me à "Benaventurada Terra."

Campinas.

Nosso local de descanso seria a importante cidade de Campinas, (ou São Carlos), a mais de cem milhas no interior. Quando nos aproximavamos dessa cidade, fui surpreendido pela beleza e fertilidade da região circundante. As grandes e antigas montanhas haviam sido deixadas muito para traz de nós, e em redor, até onde pude ver, estendiam-se extensas planícies, ou antes, prados ondulosos, com quasi todos os acres ocupados. Havia muitas plantações de café

superiormente cultivadas, entre cujo verde escuro podia-se avistar, aqui e ali, as grandes residências caiadas de branco dos proprietários das terras. Foi na tarde de 28 de Junho que chegámos aos arredores de Campinas. A radiosa beleza da noite tropical tornava-se ainda maior pela iluminação da cidade, pelas imensas fogueiras espalhadas pela planície, e brilhantes fogos de artifício lançados de todas as ruas e de todas as plantações circundantes. Os clarões e o barulho eram tais, que sem qualquer esforço de imaginação, ter-se-á acreditado estar perto de alguma cidade sitiada, durante um violento bombardeio. Era a "véspera de S. Pedro"; e todo homem que tinha um Pedro ligado a seu nome, sentia-se na obrigação de acender uma imensa fogueira deante de sua porta, e soltar uma porção de foguetes, além de descarregar inúmeras pistolas, mosquetes e morteiros. Sob semelhante tormenta, entrámos em Campinas. Meus dois paulistas conduziram-me pelas estreitas ruas, até chegarmos finalmente a uma fileira de pequenas casas caiadas de branco. Estas eram as residências dos amigos dos meus paulistas; mas eu não podia pensar em poisar aí e desejava que alguém me levasse a um hotel. Todos se mostravam muitos bondosos, mas os nossos animais estavam tão cansados que nenhum pode ser utilizado para tal fim. O hotel, si assim se pode chamar, era muito distante e os amigos me sugeriram que era melhor poisar em sua companhia, embora mal acomodado. Achei que não poderia ser peor do que na noite passada. Entrei: era a residência do Sr. Theobaldo, carpinteiro. O Sr. Theobaldo, todavia, não empregava os seus conhecimentos em sua própria casa, pois os assoalhos e paredes eram feitos da mesma substância que a estrada. Durante a noite só vira o alpendre de fora. Agora ia ter oportunidade de ver o interior da casa. O Sr. Theobaldo era meio índio, meio mulato, e penso que, si pudesse ter ainda um meio *extra*, seria de português amarelo. Êle e seus filhos formaram uma aliança tão estreita com a substância de que eram feitos seus assoalhos, que se podia dizer lite-

ralmente que todos (a julgando pelo seu aspéto) eram da “poeira da terra.” A cozinha, que servia de sala de visitas e sala de jantar, não tinha chaminé, nem cadeiras, nem qualquer dos objetos que fazem parte da vida civilisada. Umas vasilhas de barro eram os utensílios culinários, e um fogo num dos cantos da sala, no estilo dos Patagônios (pois eu vira coisa semelhante entre os habitantes da Terra do Fogo,) servia para cozinhar, a fumaça escapando como pudesse. Quando vi o Sr. Theobaldo, a Sra. Theobaldo e todos os pequenos Theobaldos acorados em redor do fogo, e a branda luz das cinzas quentes não atenuando os seus rostos pálidos, que, a não ser os olhos brilhantes, não apresentavam um simples traço de beleza ou graça, pensei que Borrow, nas suas mais extranhas aventuras entre os boêmios da Espanha, não teria testemunhado um grupo mais primitivo, mais sujo e mais pitoresco. Mas logo verifiquei que, embora tivessem as casas sujas, tinham corações grandes, e achei que a minha missão era também destinada a eles, tanto como para os mais civilizados; portanto, considere-me em casa, deixando-os à vontade. Falámos sobre os Estados Unidos, e finalmente tirei um Novo Testamento em português, e, reunindo os brancos, da mais variada mistura, desde o branco, passando ao vermelho, até o negro, comecei a ler o Livro Sagrado. O auditório ficou muito interessado, pois era provavelmente pela primeira vez que ouvia a mensagem da salvação. Nunca esquecerei esta noite, e a bondade do povo mais humilde que jamais encontrei, — humilde, pelo menos, em relação aos bens deste mundo; e o meu mais ardente desejo e as minhas preces são para que a verdade possa alcançar e iluminar essas almas.

O quarto que me destinaram era ainda menor do que o que eu ocupara na noite anterior, e o seu espaço tinha que ser dividido entre pranchas cepilhos, escopros, serras, arreios, selas, um paulista e a minha própria pessoa. Na hora em que me retirei para a cama, uma imensa gamela de madeira, do tamanho de uma tina de banho, foi me trazida

cheia d'agua. Não foi preciso que eu a pedisse; mas quem teria pensado nela, entre gente que parecia nunca ter feito qualquer especie de ablução?

O descanso da noite foi na verdade delicioso; na manhã seguinte, parti muito cedo, deixando a minha benção e mil réis com o bom Theobaldo. Aceitou a benção, mas declinou do dinheiro, até que o forçasse a receber como *lembrança*.

O nosso percurso foi ainda mais pitoresco do que o do dia anterior. A bela estrada estava sombreada por árvores e arbustos silvestres; e os pássaros chilreando e os paulistas cantando fizeram as dez leguas parecerem curtas. O nosso grupo foi aumentado por dois jovens alemães que se dirigiam para Ibicaba. Todas as casas à beira da estrada, e mesmo as imensas igrejas, são construídas, (ou antes, socadas) de terra ou argila. Os grandes edificios conventuais de S. Paulo e as imensas igrejas de Campinas (cujas paredes têm cinco pés de diâmetro), são feitos de barro comprimido.

Todo o aspéto da região mudara: o sublime cenário da costa não mais se contemplava aqui, mas, em seu lugar, aspéto que me recordava os Estados Unidos. O carater recente das construções e plantações, me faria acreditar facilmente que estava na parte norte do Ohio. Constantemente vadeávamos pequenos cursos d'agua, que eram os primeiros formadores do rio da Prata. Caminhámos até à noite, iluminados pela lua cheia num céu sem nuvens, que nos levou á cidade de Limeira. Fora antes informado que encontraria aqui um médico americano, Dr...., original da Pennsylvânia. Fui bater à sua casa, onde tive agradável recepção. Desejava viajar à luz do luar até à plantação do Senador Vergueiro; mas o doutor não aceitou desculpas e para persuadir-me mais, disse que um outro americano chegara naquele mesmo dia, e que nós todos juntos comporíamos um trio como nunca antes se vira na distante vila de Limeira.

Limeira.

Limeira está situada em uma região fertilíssima, banhada por cursos que enviam seus tributários ao poderoso Paraná. Si o Dr... se surpreendeu com a minha inesperada chegada, eu não menos admirado fiquei por saber que outro americano chegara no mesmo dia, tendo percorrido a província, na prática de sua profissão de dentista. Em que nação que se diz civilizada não se encontrará um dentista americano? Ser-me-á permitido demonstrar um pequeno orgulho patriótico ao falar dessa profissão cujos representantes, mais do que de qualquer outra no meu país, podem ser encontrados em quasi todas as partes do mundo. Sua superioridade tem sido muitas vezes reconhecida por ingleses e franceses da mesma profissão. O segredo de sua perfeição e o sucesso são devidos a várias causas, entre as quais a menor não são as boas escolas de dentistas que existem nos Estados Unidos, sendo as primeiras instituições no gênero e até ha pouco tempo as únicas no mundo. Encontrei com dentistas americanos no Rio de Janeiro, Valparaiso e em Nova Granada. Em Paris os dentistas *à la mode* são os americanos (48). Um colega meu de escola, com quem, em anos passados, digeri muitas páginas difíceis de latim, é

(48) Dentistas Americanos. Mr. Walsh, o correspondente em Paris do "Jornal do Comércio", em uma carta recente, diz:

"Ha alguns dias passados, tive ocasião de solicitar ao principal livreiro de Paris, na secção de medicina, algum recente trabalho sobre "*Dentistry*". Êle escreveu-me a seguinte resposta: "Sinto que não esteja em meu poder satisfazer os seus desejos: não ha nada recente nem bom na França sobre a arte e a ciência da odontologia. Nossos cirurgiões são obrigados a pedir emprestado dos americanos sua proficiência e tratados sobre o assunto, reconhecendo que os vossos concidadãos estão muito mais avançados do que êles próprios neste importante ramo da arte médica. Ê-me desnecessário mencionar-lhe trabalhos publicados ha quinze anos passados! Vossos dentistas merecem elogios por testemunho. O sucesso dos americanos da profissão que se têm estabelecido nesta capital, demonstra a justiça da apreciação".

atualmente o mais afamado dentista de Berlim. Em todo este hemisfério, nas cidade do interior, encontram-se dentistas "yankees", e, si o professor ou doutor, não tem a vantagem de ser um cidadão de uma grande república, publica em caractéres visiveis nos seus anúncios, que estudou sua profissão nos Estados Unidos, ou que obtura os molares à *la mode americaine*.

Mas, voltando ao Dr.... Ele deu-me uma recepção à moda da Pennsylvania, e, já tarde da noite, levou-me até o quarto. Este quarto era adjacente a um outro de medicamentos, onde estavam não só muitas essencias engarrafadas cujo aroma no Brasil é frequentemente sentido", como também estava adornado com muitos especimens dos ricos reinos vegetal e animal do Brasil. Não havendo porta que fechasse a abertura entre os dois quartos, fui frequentemente perturbado durante a noite por um estranho ruido, que não podia provir das drogas guardadas ou dos especimens secos e empalhados que estavam pendurados em redor em profusão. Quando amanheceu, verifiquei que o singular ruido provinha dos movimentos constrangidos de uma bellissima giboia constrictora, que dormira (ou antes, tentara dormir) cerca de oito pés distante da minha cama. Esse meu companheiro de quarto fôra um presente recebido pelo doutor, e era um dos principais componentes do seu gabinete médico.

A vida do doutor pertencia a essa espécie romântica, que de vez em quando, encontramos reunida a um devotado estudo e penosa realidade. Um grande amante da natureza, desde cedo voltou sua atenção para a botânica e a geologia. Percorreu todos os Estados Unidos, e veio finalmente com alguns outros para o Brasil, ha muitos anos passados, para explorar a flora e a mineralogia deste Império. Sendo um entusiástico naturalista, revelou-se completamente no glorioso campo de seus estudos predilétos; mas a doença de um membro da expedição fê-lo regressar ao Rio de Janeiro, onde foi induzido pelo ministro americano, a ocupar o lugar

vago de mineralogista, a bordo de uma fragata americana, que ia examinar as minas de carvão de Borneo. Não esquecerei tão cedo a interessante nota que me deu dessa expedição, durante a qual visitou Madagascar, as costas de Zanzibar, China, Tonquim, Manilla, etc. etc. Suas notas ilustram as publicações do "Smithsonian Institute". Depois que completou seu tempo de serviço na fragata, voltou ao Brasil, penetrou na floresta, e resumiu, em suas próprias notas, tais explorações; mas, para obter os meios necessários, exerceu primeiro a sua profissão de médico.

De outras bocas soube a consequência das aventuras do doutor, em terreno muito diferente do da botânica.. Abriu seu escritório na praça de uma importante cidade do interior de São Paulo. No lado oposto da praça morava uma jovem viuva brasileira, dotada de saúde e de beleza. Não tardou que o doutor se aproximasse dela por meio de *empenhos* (49) tendo verificado que a brasileira acharia nele um consolo para todas as suas aflições. O doutor respondeu-lhe que já estava casado com as florestas virgens, e, não projetando outro casamento, fugiu para suas belas matas. De volta, porém, um empenho mais poderoso influiu sobre a sua decisão. O doutor cedeu, — foi levado à igreja, e a bela paulista desposou-o. Sua união foi abençoada por uma robusta criança, a que o patriótico médico chamou de George Washington, na doce esperança de que fosse a primeira criança nascida no Brasil carregando o ilustre nome. "Mas," disse êle, imagine meu desgosto quando, outro dia, soube que certo sertanejo amarelo antecipara-se-me, e batisou o seu filhote côr de terra também de George Washington!"

(49) Empenho: esta palavra é usada no Brasil para exprimir a idéa, em política, comércio, etc., etc., de ajuda solicitada, promoção e favores, não por aproximações directas. Assim, A deseja um favor de D: A assegura que B é muito bem relacionado com C, que é um amigo muito influente de D, e a quem deve obrigações. B vai a C, dirigí-se a D, e assim o favor é obtido através intermediários. O verbo *empenhar* significa *to lay, to pawn, to pledge, to persuade*. *Di-neiro, Diabo e Empenho* são muito frequentemente usados no Brasil.

Atendendo a um pedido de pessoas influentes, fixou residência em Limeira; mas seus planos de pesquisas botânicas foram-se perdendo com o tempo, mas não de todo abandonados; é sua intenção mesmo, num futuro próximo, explorar a densa selva do interior, onde a natureza é tão exuberante no gigantesco, no maravilhoso e no belo.

Ibicaba.

Na manhã seguinte depois de minha chegada a Limeira, acompanhado pelo Dr. . . . , fui para a Fazenda de Ibicaba, a plantação dos Vergueiros. Estava um dia claro e agradável, e cavalgamos por sobre um arcada de árvores da floresta, muito delas cobertas com os mais curiosos epífitos e orquídeas. De vez em quando o doutor mostrava-me algum representante mais notável desse departamento do reino da Flora, descrevendo suas peculiaridades e qualidades, como sómente o pode fazer aquele cujo coração está voltado para as belezas da natureza. Paramos numa espécie de clareira, e meu companheiro indicou uma das palmeiras comuns desta região. Na árvore em si, nada havia que a tornasse digna de atenção maior entre as suas semelhantes para os que estão acostumados com sua graciosa forma; mais havia nela um interesse accidental, que atraiu a admiração entusiástica do doutor. Não era de apenas um botânico e um mineralogista amestrado era também um ornitologista amador, e gostava de observar o desenvolvimento dos singulares e magníficos pássaros do Brasil. Da coroa copada da palmeira, pendiam vinte ninhos dos grandes oriólos chamados "guache" (*); e os habitantes com penas desta cidade baloiçante estavam rodando em volta do mesmo e chilrando como "crianças levadas soltas da escola." O doutor informou-me que embora muitas léguas separassem Limeira do litoral, ele faria em que a árvore fosse cuidadosamente cortada, serrada em secções, e o tronco; o topo e o ninho transportados para Santos, e de lá embarcados para Filadélfia.

(*) No original: "iguash". (N. do tr.).



Um "dandy" botocudo



Seu destino, chegada a cidade do Amor Fraternal, seria a Academia de Ciências Naturais. Os ninhos também seriam mandados, com vários espécimens do *guache*. Todo este projeto, todavia, seria executado com uma condição *sine qua non*: os Diretores da dita Academia de Ciências Naturais deviam mandar replantar novamente a palmeira, com seus longos tufos de folhas, no centro ou outra parte visível do edifício; pois, a não ser sob essa garantia, o doutor acrescentou, "palmeiras, pássaros, tudo, seria desde logo destinado ao esquecimento". Era uma grande idéia — e ponho minhas dívidas, si já foi antes pensada por um naturalista — transportar uma grande árvore coberta de ninhos em ombros humanos por mais de duzentas milhas, para que pudesse ser enviada milhares de leguas pelo oceano como um espécimen das maravilhas da vegetação bem como da arquitetura dos pássaros do hemisfério meridional.

Terminámos a nossa caminhada, e em alguns minutos alcançámos o velho-congo, que, fiel à sua palavra, conduzira-se e desembaraçara-se bem, vencendo maior distancia em quarenta e oito horas, do que antes em cinco dias. Saimos da estrada limitada pela floresta, e vimos a distância a plantação do Senador Verguei-

ro. Embora tivesse ouvido falar mais deste estabelecimento do que de qualquer similar, no Brasil, não ficou quem da minha expectativa. Passámos por um grande portão, e fomos bem recebidos pelos alaridos de um bando de papagaios alegremente coloridos, que baixavam por vezes, e por vezes esvoaçavam em redor dos cimos de um grupo de altas árvores. Dois pares deles descansaram sobre diferentes ramos, e pareciam estar em amigável diálogo, a respeito dos recém chegados. Entre Campinas e Limeira, e também em Ibicaba, contemplei as mais sublimes árvores que encontrei em qualquer outra parte do país. Tres nobres reis da floresta foram poupados a não grande distância da residência do Senhor Vergueiro, e formam um detalhe distinto da paisagem. A distância podia-se ver a casa de campo e a capela, e de um e outro lado delas várias construções externas que serviam como lojas, depósitos para café e telheiros para os maquinismos. A' nossa esquerda viam-se as pequenas e elegantes cabanas pertencendo aos colonos. A peculiaridade de Ibicaba consiste no fato de ser o trabalho livre empregado na execução de suas vastas operações; esses homens que o Senador Vergueiro e seus filhos trouxeram para substituir os africanos são homens das classes trabalhadoras da Alemanha e da Suíça. Com vistas progressistas e verdadeira economia, veremos em seguida que êles adotaram um plano que não apenas se tem mostrado fecundo em grandes e proveitosos resultados para si, como também ajudaram a elevar e beneficiar grandemente a condição dos que estavam em precarias condições em seu país de origem. Os Vergueiros resolveram a questão, tantas vezes formulada: "Qual o verdadeiro modo de realizar a colonização no Brasil?"

Ao aproximarmo-nos do seu solar, vimos por todo lado, provas de progresso. Pela primeira vez fóra do Rio de Janeiro, vi carros cujas rodas não eram da antiga e primitiva espécie romana, porem movendo-se sobre eixos como um carro de rodas civilisado. Note-se também que estes

carros, todos os utensílios agrícolas e maquinismos, são fabricados na fazenda. Quando examinei sucessivamente os trabalhos dos carpinteiros, marceneiros, ferreiros e carroceiros, dos Cantões de Vaud e Valais, e das vilas do interior da Prussia, verifiquei que elles não só não perderam suas habilidades, mas conseguiram aperfeiçoá-las sob a direção de seus esclarecidos patrões.

Os Vergueiros.

O Sr. Luiz Vergueiro recebeu-nos atenciosamente. O doutor era, naturalmente, um velho conhecimento; mas o Sr. Vergueiro fez logo com que eu me sentisse em casa, tendo eu sabido depois que tomou um profundo interesse na minha visita ao Brasil, pelas notas que lera no Correio Mercantil sobre a minha exposição, no Rio de Janeiro, de várias amostras de artes e manufaturas americanas, para o Imperador e para as diferentes sociedades científicas da metrópole.

Foram-me permitidas todas as facilidades para um completo exame dos livros da plantação e condição da colônia, o que habilitou-me a fazer uma justa e clara comparação entre esse sistema de colonização e as de Petrópolis e Dona Francisca, e também para ver mais claramente os resultados dos trabalhos livre e escravo. O dia inteiro foi assim occupado; mas, antes de detalhar qualquer noticia desse exame, será melhor dar uma noticia mais completa da familia Vergueiro, cujo veneravel chefe tem sido mencionado, varias vezes, em paginas anteriores deste trabalho.

Nicoláo de Pereira de Campos Vergueiro é nativo de Portugal, e de descendência nobre. Chegou ao Brasil antes do Rei, D. João VI. Advogado de profissão, é um homem de espirito cultivado e disciplinado. Estabeleceu-se cedo na provincia de São Paulo, e tomou parte saliente nos negocios politicos do país. Desde o começo das agitações para estender os direitos de sua terra adotada, permaneceu

na primeira fileira dos patriotas, ômbro a ômbro com os Andradas, Feijó e outros eminentes, na luta pela independência brasileira. Suas virtudes privadas, suas vistas moderadas e esclarecidas, e sua grande firmesa, fizeram-no objeto de confiança por parte do povo. Foi deputado às Côrtes de Portugal, tendo por colegas José Bonifácio de Andrada e Feijó. Todavia, não fugiu para a Inglaterra com estes quando foram ameaçados pelas Côrtes, mas pediu intrepida e firmemente seu passaporte, logrando obtê-lo. Voltou ao Rio de Janeiro, e desde então tem sido o chefe do partido dos políticos liberais e é presentemente chamado um "Santa Luzia". Desde a independência do Brasil até hoje tem sido Deputado ou Senador. Na agitada noite em que o povo no Campo Santa Ana reclamou a reintegração do Ministerio demitido no dia anterior, D. Pedro I, antes de valer-se do último expediente deixado a êle pela Constituição, mandou chamar Vergueiro, sabendo que êle era o que possuía a confiança do povo, para pedir-lhe que formasse um ministério de acôrdo com os seus desejos. Vergueiro não foi encontrado, e a revolução ou teria sido apaziguada ou adiada para uma época mais remota. Foi por varias vezes Ministro do Império, recebeu eminente investiduras do povo, mas recusou firmemente todos os títulos de nobresa, e toda honra do Executivo Imperial, exceto a Grã Cruz do Ordem de Santa Cruz.

Antes de me despedir para o sul do Brasil visitei o Senador Vergueiro no Rio de Janeiro. Achava-se por esse tempo na capital, durante a sessão da Assembléa Geral, e residia no lindo subúrbio de Botafogo. Foi de tarde que entrei em sua residência, sendo recebido por suas filhas, que achei inteligentes e possuidoras de uma cultura que tantas vezes falta a uma senhora brasileira: sabiam conversar. Poucos momentos depois entrou o veneravel Senador. Seus cabelos já eram brancos, e seu corpo curvado ao peso de oitenta anos; mas no olhar ainda havia alguma coisa que dizia que a alma não estava nem descansando nem decré-

pita. Seu semblante risonho também proclamava que nem o peso da idade nem o seu passado e o seu presente de serviços públicos e privados, afetaram no mínimo gráo a alegria de sua natureza. Quer conversando acerca dos exemplares do livro sagrado, quer de minha visita a Ibicaba, — quer fazendo uma jovial observação à sua família, ou prestando-me uma informação — era das mais agradáveis personificações de um ancião, sadio e feliz com suas forças mentais não diminuídas, e com a esperançosa confiança da mocidade. O velho estadista conserva-se quasi só na Camara do Senado Brasileiro; pois os patrióticos e sempre impetuosos Andradas já se foram; o eloquente, irresistível, senão perigoso Vasconcelos jáz desde ha muito no túmulo; o velho Marquês de Valença morreu recentemente; uma nova geração de brasileiros tomou os seus lugares: no entretanto, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro ainda representa uma constituição admirável, não mais como nos periodos mais violentos, batalhando pelo direito, mas como advogado de todas as medidas visando o progresso do seu amado país.

Poucos homens no Brasil, têm sido favorecidos com tais filhos; poucos, podemos acrescentar, envidaram tantos esforços para ter seus filhos dignamente educados. Em cooperação com o pai, dão, com a sua colônia, um modelo para seus compatriotas. Seus quatro filhos foram educados no Brasil, na Alemanha e na Inglaterra. O mais velho, Sr. Luiz estudou direito na Universidade de Göttingen. O Sr. José (chefe da casa de Santos) foi educado na escola militar da Prussia, e foi promovido ao posto de primeiro tenente da trigésima sétima divisão de infantaria prussiana, durante as lutas entre a Bélgica e a Holanda.

O terceiro filho (que tinha a seu cargo a firma de Vergueiro & Filhos) do Rio foi educado como comerciante em Londres e Hamburgo, e o mais jovem teve uma educação perfeita de homem de negócios nessas mesmas cidades. Por sua educação europea, estão êles habilitados a dirigir com maior facilidade o programa de seu pai relativo à imigração.



Fazenda do Senador Vergueiro, em Ibicaba

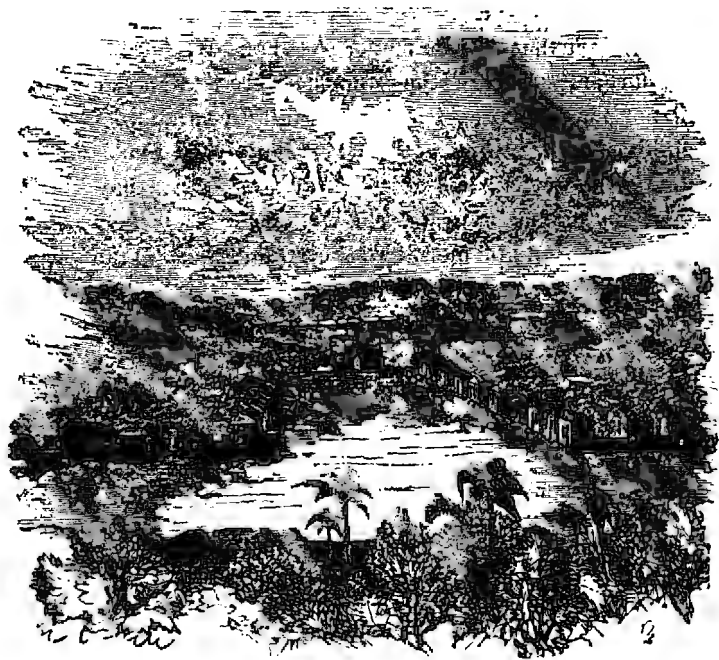
Em 1841, o Sr. Vergueiro, contra a opinião geral, mandou vir da Alemanha quarenta famílias de colonos; mas o Governo Central estava em tal opposição ao velho senador durante as lutas de 1842, na província de S. Paulo, que a colônia foi dissolvida. Em 1846, começou outra vez a realisar o projeto; e, dessa vez, foi totalmente bem sucedido. O próprio Governo, pelos seus órgãos officiaes, tem louvado o sistema de Vergueiro como um sistema digno de imitação.

Pode ele ser demonstrado em poucas palavras. O Sr. Vergueiro tem na Europa um agente, que se comunica com autoridades comunais e cantonais, ou diretamente com os interessados, oferecendo vantagem aos homens pobres e capazes que desejem emigrar com as famílias para o Novo Mundo. O emigrante, por sua opção, pode pagar suas próprias despesas para chegar ao Brasil, ou, aceitar que o Sr. Vergueiro o transporte, concordando, nesse caso, em reembolsar em tempo oportuno o preço de sua passagem, mais um pequeno juro. O agente em Hamburgo freta um navio, e assim um grande número de colonos estão habilitados a procurar um novo lar com uma despesa verdadeiramente módica.

O Sr. Vergueiro garante, por sua parte, pagar todas as despesas dos colonos, desde o litoral até às suas plantações, e, na chegada ao destino final, fornecer a cada chefe de família uma casa, tantos mil pés de café, proporcionalmente ao número de membros de cada família, e suprir com todas as provisões, roupas, etc., a preços por atacado. O colono, por sua parte, concorda em cuidar fielmente da porção de pés de café que lhe foi concedida, partilhar os proventos e gastos da colheita, não deixar de prestar contas anualmente e pagar seus débitos (si existir) pela passagem adiantada.

Este contrato é muito simples, e é uma segura garantia para ambas as partes contratantes.

Durante o ano de 1854, o resultado da cultura de café na plantação de Ibicaba, foi de um milhão e seiscentas mil libras (peso), do qual metade dos gastos e proveitos pertence aos trabalhadores.



Colônia Vergueiro

Visitei as casas dos colonos, cerca de uma milha distante da casa da fazenda. Ao passar pelas mesmas, era constantemente saudado por alegres trabalhadores suíços e alemães, alguns dos quais rodeados de crianças, turbulentas, alegres e bonitas que brincavam em volta com tanta vida e alegria como si estivessem ao sopé do Hartz ou nos vales de Oberland.

Antes de alcançar o logarejo (do qual dou aqui um esboço desenhado por um jovem alemão de Ibicaba), atravesssei um pequeno curso d'água sobre uma ponte de construção recente e barata, que por sua simplicidade recomendo a todo colono na Australia ou na América Ocidental, onde os proprietários são muito e os trabalhadores poucos. Pode ser qualificada como uma ponte feita por si própria. Certa quantidade de toros de madeira são unidos longitudinalmente dentro d'água, deixando-se, certamente, espaços entre os mesmos. Sobre eles, colocam-se grandes ramos, e depois galhos mais delgados; e na superfície é colocado certa quantidade de argila e terra solta. Uma parte do curso d'água, acima da ponte, é desviada por uma vala que passa pelas terras ribeirinhas e leva as aguas sobre os cepos e o montão de gravetos. Em poucos dias este pequeno desvio lateral tem aterrado uma imensa quantidade de solo vermelho por cima da ponte, tornando a superstrutura tão firme como a da estrada, enquanto em baixo, através dos ramos e cepos, o "rio corre alegremente". Tendo a água terminado seu trabalho, a vala é fechada, obtendo-se assim uma sólida passagem (50).

No lugarejo, encontrei um inteligente administrador, que guardava os livros dos colonos, e fazia-lhes as encomendas de cada libra de toucinho, jarda de pano, etc. Sem sua assinatura, não podiam obter estes artigos dos armazens da casa do proprietário.

A maior parte dos colonos eram católicos romanos; mas não deixei de aproveitar toda a oportunidade que me foi permitida para que obtivessem Escrituras, em português e alemão.

(50) Em alguns dos distritos minciros, ha um modo simples e filosófico de rachar as encostas das montanhas argilosas. Cavam-se poços, e, durante as pesadas chuvas, estes, por meio de goteiras, ficam cheios d'água. A pressão hidrostática da coluna líquida força as massas de argila nos flancos das montanhas, que exigiriam centenas de homens, durante meses, para executar o mesmo trabalho a enxadão e a pá.

Alguns dos colonos prosperaram notavelmente, tendo num período de cinco anos, lucrado cinco e sete contos de réis (\$2500 e \$3500). A sua moralidade era certamente superior à que tinham nos países de onde vieram. De 1847 a 1855 (período da minha visita) entre várias centenas de trabalhadores das classes mais humildes de alemães e suíços, nenhum filho ilegítimo nasceu. Os Vergueiros encorajam a instituição do casamento, não apenas como essencial à pureza, mas também pelo interesse do proprietário e do colono. Ha presentemente cerca de mil trabalhadores europeus, incluindo crianças.

Ibicaba é uma pequena plantação, contendo apenas cinco ou seis milhas quadradas; mas, nas suas proximidades, os Vergueiros possuem uma fazenda, não tão bem cultivada, porem três vezes maior. Em Angelica possuem uma outra plantação, bem adaptada à cultura de café, que mede doze leguas de circunferência. Até agora os pretos foram empregados nessa grande fazenda; mas é intenção do proprietário, introduzir logo que possível, trabalhadores brancos e livres. Perguntei ao Sr. Luiz Vergueiro si era mera filantropia que inspirava seus esforços para introduzir o trabalho livre, respondeu, muito pronta e decididamente: "Achamos o trabalho do homem que tem sua propria vontade e interesses na empreza, muitissimo mais aproveitavel do que o trabalho do escravo".

Eu não podia deixar de contrastar a feliz e agradável condição destes colonos com os desanimados residentes da colônia Dona Francisca. Embora os alemães de Petrópolis tenham todas as vantagens de uma proximidade do mercado, e uma florescente cidade com muitas necessidades a serem supridas, ainda assim a condição dos colonos em Ibicaba é infinitamente superior, si considerarmos a prosperidade individual de cada colono. A colonização em Leopoldina no Rio Grande do Sul, tem sido a única colonia Imperial verdadeiramente bem sucedida estando a de Petrópolis sob a direção do governo provincial. Pelo relatório do Ministro do Império de 1854-55, verifico que, alem das deze-

sete colônias fundadas pelo governo Imperial ou pelas autoridades provinciais, apenas quatro podem ser consideradas prosperas; e apenas duas "*muito prósperas*". As restantes são classificadas como "não próspera", "confundida com a população", "em decadência", ou "falta informação sobre o seu estado". De vinte e quatro tentativas privadas de colonização, vinte e uma são consideradas prósperas, quasi todas tendo sido fundados depois de 1852, e mais ou menos pelo sistema Vergueiro. Estas colônias estão situadas em cinco províncias, e a excelência do "plano Vergueiro" consiste no seguinte: sua applicabilidade em todo o Império, em grande ou pequena escala. Nove dos vinte e um senhores, têm menos de cento e vinte colonos, habilitando assim os pequenos proprietários a ter, até certo ponto, as vantagens dos proprietários de fazendas maiores. A escravidão (desde as vigorosas medidas de 1850, que foram adotadas contra o comércio de escravos) vem sendo condenada no Brasil. O Imperador e o seu govêrno são contra este deshumano tráfico, e a opinião pública os apoia. A relativa facilidade com que o escravo pode obter sua liberdade, e, na posse dessa propriedade, os direitos de cidadania, provavelmente dentro de vinte anos, porão um fim à escravidão no Império Sul Americano. Deve haver então um abastecimento de trabalhadores em outra fonte diferente da África. A mãe pátria, as ilhas portuguezas, as populações alemãs e suizas fornecerão esse abastecimento. A imigração individual como existe da Europa para os Estados Unidos nunca pode ser bem sucedida no Brasil em grande escala, devido a estrutura peculiar do Governo; mas o sistema inaugurado pelo Sr. Vergueiro e filhos é capaz de indefinida extensão, pois protege os interesses de ambos, empregador e empregado. Embora possam haver exemplos individuais de opressão de um poderoso e injusto proprietário, ainda assim, em conjunto, este plano trará por fim uma grande felicidade para o Brasil e para as classes mais pobres da Europa. Já os suábios, friburguenses, vandenses, valesrenos, portuguezes,

e Ilhéos podem-se considerar homens dignos em suas novas casas: perderam ha muito aquella aparência — por demais comum em suas terras de origem — de oprimidos e servis camponeses, que não pensam além das immediatas necessidades do dia. Quando olhamos suas faces alegres, podemos prontamente acreditar no que o Sr. José Vergueiro disse-me em Santos: — “Eles respiram aqui o ar da liberdade, senhor, — tal como nunca respiraram em sua terra natal”.

Sob um tal sistema, não têm os imperiosos cuidados do pioneiro; não são vítimas de companhias especuladoras, e, ao mesmo tempo, embora gosando de comparativa liberdade, seus próprios interesses evitam-lhes a indolência. No prazo de um ano, depois que aprenderam, sob a tutela e a proteção de um enérgico brasileiro, a cultura de produtos tropicais, podem deixar a colônia e “estabelecerem-se” por si próprios, si o preferem. Podem naturalizar-se facilmente; seus filhos crescem como cidadãos ligados ao solo; e, si tudo correr bem, o Brasil, em meio século, terá uma falange de pequenos proprietários incutindo um novo sangue vital no seu organismo. Sob seu clemente govêrno, nascerá um povo mais intrépido, que será o conquistador das florestas virgens e o pioneiro das vastas, fertes, saudaveis, mas quasi inexploradas regiões do Paraná, Goiaz, Mato Grosso e Minas Gerais, onde as cabeceiras do Amazonas, e do Prata se misturam ou apenas se separam por uma estreita serra divisoria.

Para a pronta e segura execução desse desejado e nobre propósito, o Brasil modificará ainda mais as suas leis, para que possa haver toda facilidade relativa à introdução de colonos. Já o Império desfez algumas das mais censuráveis dificuldades; mas muito ainda está para ser feito. Todo o obstáculo seria removido, si o Govêrno, por um ato geral, proclamasse a sua política em relação aos primeiros passos dos colonos recém-chegados, tão liberalmente quanto generosamente o tem feito em relação à aquisição de propriedades por estrangeiros. Tais medidas promoveriam a imi-

gração, e, com o tempo, uma nova população cresceria neste belo país, digno de seus vastos recursos. Que um puro evangelho possa estar nos corações de um tal povo, e o Brasil, no futuro, será uma terra a todos os respeitos não sobrepujada em toda a face da terra.

O Sr. Vergueiro e seus filhos estão realizando constantes melhoramentos no sentido da agricultura e estão estudando a melhor maneira de aplicar o trabalho e a capacidade do homem do norte à agricultura tropical. Mencionei em paginas anteriores as oficinas de mecânicos, onde os utensílios agrícolas em madeira e ferro são fabricados iguais em qualidade a quaisquer outros feitos na Europa ou na América do Norte. Entre as várias máquinas para facilitar a preparação do café para o mercado, estava uma — invenção do Senador Vergueiro — que limpa nada menos de trinta e duas mil libras de café por dia.

Fomos gentilmente convidados para jantar, e é desnecessário que eu particularize os componentes desse opimo jantar. Basta dizer que havia em profusão, a comida da terra e que a “festa da razão”, foi dignamente dirigida pelo Sr. Luiz V., o Dr. e um inteligente padre, que conversava fluentemente em francês e alemão.

O doutor e eu deixámos Ibicaba muito tarde, e, depois de um agradável passeio a cavalo, ao luar, chegámos a Limeira (51).

(51) *Nota de 1866* — O Senador Vergueiro morreu em 1860. Em razão de dificuldades financeiras e de outra espécie, dizem que Ibicaba, embora ainda conservada, não está em condição tão florescente como antigamente. A conclusão de uma longa luta interna nos Estados Unidos obrigou a muitos plantadores do sul a procurar o Brasil. O Governo Imperial, como se tem dito, está determinado a recebe-los da forma a mais liberal; e a colonização que, deve ser confessado, não tem cumprido a expectativa de seus amigos, dará lugar a imigração, que tem feito tanto pelos Estados Unidos; si o Governo do Brasil fosse decididamente liberal e cumprisse suas promessas, a saber, vender a terra barata e cortar o burocratismo dos funcionários públicos e inferiores fiscais e sub-delegados, nova gente será introduzida a qual multiplicará o bem estar e a honra do Império.

CAPÍTULO XXII

Uma nova doença.

No dia seguinte ao de minha visita a Ibicaba, estive ocupado em conversar com o Dr. . . . — pois estava certo de ter encontrado nele um homem de inteligência e capacidade e, além disso, ha muito residindo no país. Fiz-lhe muitas perguntas a respeito das doenças do Brasil, e as observações deste experimentado médico confirmaram a minha própria opinião, varias vezes formulada, de que poucas partes do mundo podiam gabar-se de tão grande salubridade como este Império.

Acredito que nenhum outro país tropical tem sido isento de doenças em geral como o Brasil. Tão sómente nos últimos cinco anos a febre amarela invadiu seus saudáveis domínios e até 1855 não tinha este temivel flagelo, o cólera, aportado às suas costas. Os maleficios dessas duas pestes vorazes — que se limitaram a uma estreita faixa do litoral — foram grandemente exagerados. Durante o surto do cólera na cidade da Baía, eu estava nessa cidade de cento e vinte mil habitantes. Li, seriamente demonstrado em jornais americanos e inglêses, que tão grande foi a mortalidade e o pânico nessa cidade, que nem havia gente bastante para enterrar os mortos! Na realidade si os responsaveis por essa tétrica ficção tivessem dito a verdade, teriam descrito uma grande quantidade de casos entre os pretos e grande pânico entre os brancos; que, numa população da provincia de quasi um milhão, 9.490 morreram de todas as doenças no ano administrativo de 1855-56, a maioria dos casos de cólera, mas que os negócios continuaram normais. Estive no Rio de Janeiro durante vários períodos de febre amarela, e por conhecimento pessoal, pois visitava os hospi-

tais e examinava as listas dos mortos — verifiquei que uma proporção verdadeiramente grande de estrangeiros na cidade havia adoecido antes da terrífica doença e que em geral, havia tantos nacionais morrendo de tísica todos os dias como de febre amarela.

Embora nenhuma peste geral tenha assolado o país, ha comtudo algumas doenças peculiares em diferentes regiões do Império. Em alguns dos distritos montanhosos, existe a mesma inchação da garganta e do pescoço conhecida na Suíça por "*goître*". Os brasileiros chamam-na *papos*; e Von Martius diz que encontrou no vale do Rio Paraíba exemplos dessa inchação maiores do que os que são observados na Europa, mas não acompanhados da melancolia e aspeto idióta que tantas vezes se liga ao *goître* na Suíssa, Alemanha e Itália Setentrional.

Em Limeira puzeram-me ao par de uma nova doença, que, como o *goître*, parecia estar restrita a certas localidades. Estava sentado no escritório do Dr. — conversando com êle a respeito do Brasil, quando vi um portuguez, tendo aproximadamente sessenta anos, entrar, indagar com grande anciedade, si o Dr. achava que ele podia viver naquele estado. Logo depois, veio um brasileiro de meia idade, e, parecendo agarrar-se às palavras do médico tão tenazmente como às de um oráculo divino, fez-lhe quasi a mesma inter-rogação. Nenhum destes homens parecia estar enfermo, e, si eu não os ouvisse dizer que tinham grande dificuldade de engulir, te-los-ia considerado em perfeita condição de saúde. Procurando informar-me, soube do doutor que esses homens tinham uma doença que se manifesta largamente em algumas partes do interior do Brasil, mas que nunca lera um estudo sobre a referida doença até então, em qualquer publicação médica. Os brasileiros chamam-na *mal de engasgo* (* 72 bis). O primeiro sintoma de sua existência é certa dificuldade em engulir. O paciente pode engulir substâncias secas melhor do que líquidas. Vinho ou leite podem ser bebidos com mais facilidade do que água; todavia, tanto uns

como outros, são tomados com dificuldade. Tomar caldo é impossível. Em alguns casos os líquidos são introduzidos no estômago acompanhados de algum sólido. As pessoas assim afetadas parecem gosar boa saúde, mas em cinco ou seis anos morrem verdadeiramente de fome. Os sofrimentos de tal doença foram-me descritos como sendo os mais horríveis.

Alguns médicos na província de São Paulo pensam tratar-se de uma paralisia do esôfago; mas o Dr. —, que tem tido muitos casos de *mal de engasgo*, inclina-se a acreditar que é um espessamento da membrana mucosa. Como o esôfago é em geral o menos afetado pela doença de qualquer parte do corpo, e muito raramente é paralisado, êle não pode acreditar que uma doença tão disseminada como o *mal de engasgo* possa provir de semelhante paralisia. Vivendo como vive no interior, é difficil obter material para exame, ou permissão para fazer um exame post-mortem, não tendo tido, assim, oportunidade para uma completa investigação sobre a doença; é sua intenção faze-lo logo que as facilidades se apresentem, para depois apresentar o resultado ao mundo médico. Informou-me que foi chamado a visitar um homem sofrendo desta enfermidade, a oitenta milhas de Limeira, e com espanto seu, encontrou, no mesmo quarto, nada menos de nove pessoas de mal semelhante. Apesar de tudo nenhum remédio foi ainda encontrado. Não se conhece a extensão total do país onde grassa o *mal de engasgo* mas, sabe-o com certeza, abrange entre Limeira (duzentas milhas do litoral e Goiaz, — uma distância de quatrocentas milhas. Não é encontrada na costa e uma viagem até beiramar é sempre benéfica para o paciente. Em 1855 comuniquei os fatos acima, referentes ao *mal de engasgo* ao “Jornal do Comércio” de Nova York. Alguns dias depois de sua publicação, um médico de Brooklyn sugeriu, pelas colunas do mesmo jornal, que podia ser *erisipelas* a base da doença. Deu como exemplo, um de seus próprios pacientes que apresentava sintomas parecidos com os descritos, e que por fim se verificou tratar de erisipela. Sei que um caso de

semelhança em medicina não prova uma regra geral: Mesmo assim, o assunto é digno de investigação.

Cultura do chá no Brasil.

Um tópico de nossa conversa apresenta um interesse maior do que a natureza de uma nova doença: a cultura do chá chinês no Brasil.

Não ha provavelmente outro país do mundo onde a cultura desse arbusto asiático dê tão bons resultados, fóra do seu país de origem. A lingua portugueza é o único idioma europeu que conservou o nome chinês (chá) dessa planta, e quando o estrangeiro no Rio de Janeiro e outras cidades do Império passa pelas *vendas* vê na certa um cartão impresso suspenso, annunciando *Chá da India* e *Chá Nacional*: aquella é a designação dada ao chá da China, e esta ao mesmo produto colhido no Brasil.

Em 1810, foram introduzidas no Rio de Janeiro as primeiras destas plantas exóticas, e sua cultura, durante algum tempo, limitou-se principalmente ao Jardim Botânico perto da capital e à Fazenda Real de Santa Cruz. Para assegurar o melhor tratamento possível para o chá, que se esperava dar tanto resultado que poderia suprir os mercados europeus, o Conde de Linhares, primeiro ministro de Portugal, tentou fazer a imigração de várias centenas de colonos, não da misturada população das costas da China, mas do interior do Celeste Império, — pessoas conhecedoras do processo total de cultura da planta e da preparação do chá.

Foi essa provavelmente a primeira colonização asiática que jamais se estabeleceu no Novo Mundo, da qual temos documentos autênticos. Todavia, os colonos, não ficaram contentes com sua expatriação: não prosperaram, havendo atualmente desaparecido. Devido em parte, sem dúvida, as características diferentes do solo do Brasil e da China, e talvez em muito aos imperfeitos meios de preparação da

folha, depois de desenvolvida, os chinêses não lograram produzir os melhores chás. O entusiasmo das previsões, não se confirmando pela experiência, cedo morreu; e perto da cidade do Rio de Janeiro a cultura do chá veio diminuindo, não passando hoje de uma plantação exótica em grande escala no Jardim Botânico.

Como empreendimento oficial, foi um fracasso; mas vários cultivadores paulistas retomaram a cultura, e, embora encontrassem anos de dificuldade, ainda viveram o bastante para ve-la, embora ainda na infância, constituir um dos mais florescentes e remunerativos ramos da agricultura brasileira.

Entre Santos e São Paulo, perto de São Bernardo, vi grandes e produtivas plantações de chá. O seu processo de cultura difere pouco do adotado na China. O chá é plantado de semente, que, conservada em açúcar escuro, pode ser transportado para qualquer parte do país. Essas pequenas mudas de chá são plantadas em canteiros, e depois, como se fez com o cafeeiro, são transportados para o campo e colocados a cinco pés de distancia uns dos outros. Os arbustos são conservados em terreno bem limpo pela enxada, ou pelo arado, que, embora de introdução recente, tem em algumas plantações dado excelentes resultados.

Não se deixa que os arbustos tenham a altura superior a quatro pés; e as folhas são consideradas em condições de serem colhidas, no terceiro ano de plantio. A cultura, a colheita e a preparação de chá não são difíceis, e as crianças são aproveitadas e eficientemente empregadas nas varias operações de seu preparo para o mercado. O maquinismo usado é muito simples, consistindo em: 1) Cestas, onde se depositam as folhas quando colhidas; 2) Utensilios vasados de madeira nos quais são revolvidas, 3) Fornos abertos, ou grandes panelões metálicos, nos quais o chá é seco por meio de um fogo colocado em baixo. As mulheres e as crianças reúnem as folhas e carregam-nas para os fornos, onde os escravos estão empenhados em manter o

fogo, revolvendo, comprimindo e mexendo o chá, — cujas operações se fazem antes de empacota-lo em caixas para o consumo interno ou para exportação para as províncias vizinhas.

O arbusto do chá é uma planta resistente que pode ser cultivada em quasi todas as partes do Brasil, embora se adapte melhor no sul, onde prevalece a geada, a que ela resiste. Si deixada crescer por si própria nos tropicos, torna-se em breve uma árvore. O cafeeiro requer solo rico e novo, e um clima quente que não conhece geadas; mas o arbusto do chá floresce em qualquer solo. O Dr. —, que visitou várias partes da China, é de opinião que o chá pode ser cultivado em qualquer parte dos Estados Unidos, da Pennsylvania ao Golfo do México. Não ha muitas variedades dessa planta, como geralmente se pensa, pois os chás pretos e verdes, são apenas as folhas da mesma árvore, obtidas em diferentes estações do ano. O gosto varia algumas vezes, como o dos vinhos da mesma espécie de uva colhida em diferentes solos. A planta não é decídua como na China, e no Brasil é colhida de Março a Julho, que no hemisfério septentrional corresponde ao período de Setembro a Janeiro.

Informaram-me que alguns milhões de libras (peso) são anualmente preparadas nas províncias de São Paulo e Minas Gerais, onde a sua cultura está em progresso.

Ha alguns anos passados os plantadores de chá mostraram-se grandemente desencorajados; pois o chá era muito mal preparado, vendido demasiadamente novo, e por isso não podia prosperar. Mas, depois de uma maior experiência em sua cultura e preparação, estimulou-se um artigo melhor dessa estimada bebida. Antigamente os cultivadores diziam que, si pudessem obter dezesseis centavos por libra na venda por atacado, seria tão remunerativo como o café. Em 1855, obtiveram vinte centavos pelo mais pobre artigo, e para superiores qualidades — a maior porção da colheita — quarenta centavos por libra na venda por atacado

recebiam pronta encomenda. A procura portanto vem constantemente aumentando. Quando bem preparado, não é inferior ao importado da China. Muito, em verdade, do chá vendido na província de São Paulo como chá da Índia, fez apenas a viagem por mar de Santos ao Rio de Janeiro e aí, depois de ser empacotado em caixas chinesas, é recambiado para os paulistas como a genuína e aromática folha do Celeste Império. Tenho visto estrangeiros no Brasil que se dizem conhecedores de chá e que são enganados pelo melhor chá nacional.

Ha alguns anos passados, Mr. John Rudge, da província de São Paulo, mandou chá de sua plantação como presente a seus parentes no Rio de Janeiro. Este chá foi preparado muito delicadamente, cada folha de per si sendo enrolada pelos escravos entre o dedo polegar e o indicador até ficar com o aspeto de uma pequena bala de chumbo. Apresentava assim uma aparência de estrangeiro, empacotado em pequenos envólucros chineses e embarcado em Santos para a capital. Foram apreendidas na Alfândega como uma tentativa para fraudar o fisco. Insistiu-se por outro lado que continham chá nacional, embora por descuido, não figurasse no manifesto. As pessoas para quem o chá foi mandado, offereceram-se para submetê-lo a exame. Os envólucros foram abertos, e os funcionários da alfândega soltaram exclamações de triunfo, somando às suas primeiras suspeitas a evidência que lhes forneciam os sentidos, pois tanto a vista, o gosto e o cheiro do chá, delicadamente preparado, proclamaram enfaticamente que se tratava de chá da Índia, e que era uma tentativa de fraude contra a alfândega de Sua Magestade Imperial. Quando, em resposta a cartas enviadas para Santos, foram recebidos os certificados da alfândega provincial, os coletores da Alfandega ficaram satisfeitos por não se tratar de fraude, e por que a província de São Paulo podia produzir chá tão bom como os que chegavam via Cabo da Boa Esperança.

Há alguns anos ainda podia-se ler nas páginas do “Comércio e Navegação” da Grã Bretanha e dos Estados Unidos que o chá fazia parte em grande escala da lista de artigos importados do Brasil. Quinze anos apenas passaram-se desde que o primeiro carregamento de café foi embarcado no Rio de Janeiro, e atualmente o Brasil fornece dois terços do café do mundo. A revolução de Haiti foi o começo de uma nova era para o café do Brasil.

Em 1846, o Dr. ... soube que vários plantadores estavam dispostos a destruir seus arbustos de chá. Suplicou-lhes que não levassem adiante o seu propósito; “pois”, disse êle, “está para haver uma grande revolução na China, (em 1845 fora informado no Celeste Império da existência da Sociedade *Triad*), e o preço dos chás certamente subiria em poucos anos. Os desanimados plantadores foram encorajados e continuaram; e, pouco tempo antes de minha visita a Limeira, um destes fazendeiros enviou para o Dr. — várias libras do mais excelente chá, e ao mesmo tempo assegurou-lhe a sua profunda gratidão por lhe ter impedido a destruição de suas plantações. Tornava-se para ele extremamente remunerativo, e no ano seguinte, pretendeu entrar em operações mais vastas.

Por todo o mundo, o uso do chá está se tornando tão universal como o do café, e qualquer perturbação mais demorada na China deve trazer agradáveis resultados para a cultura do chá do Brasil. A “*récolte*” é hoje quasi que totalmente usada no Império; mas a adaptabilidade da cultura a quasi todas as partes do imenso território, e a facilidade de ser transportado, terão sem dúvida, em breve espaço de tempo, inteiramente desenvolvido esta nova fonte de riqueza nacional.

Foi na manhã de 2 de Julho que resolvi minha partida de Limeira. Nunca esquecerei a bondade e a atenção de meu generoso hospedeiro, assim como a benévola recepção que recebi na plantação modelo do Senador Vergueiro. Os

poucos dias passados aí tão agradavelmente deram-me grandes esperanças e animação pelo futuro do Brasil (52).

A lua brilhava claramente quando me despedi dos dois americanos, e voltei-me pela primeira vez naqueles meses, na direção Norte, na direção da minha patria. Viajei em silêncio por meia hora, tendo sido alcançado por um "cavaleiro solitário" que ia em direção de Campinas. Viajámos juntos, e à noite parámos perto de um regato claro e murmurante, e sob a sombra de altas e carregadas árvores, participamos de um sáboroso prato de farinha de milho e frango assado, que a boa esposa do paulista preparara cuidadosamente para a viagem. Tive muitas vezes ocasião de falar da bondade manifestada pelos brasileiros de todas as classes para com os estrangeiros. Um visitante ocasional do Brasil pode, na cidades do litoral, entrar em contacto com os comerciantes portuguezes, cujas tendências exploradoras não são excedidas por seus colegas de Londres, Paris ou Nova York; daí poder ele generalizar e escrever para algum jornal obscuro de sua terra, que os brasileiros são a maior corja de velhacos do mundo.

Meu companheiro de viagem era carpinteiro, mas conhecia tambem outros officios. Tendo meu cavalo perdido duas de suas ferraduras, dirigimo-nos a uma venda à margem da estrada e comprámos os artigos necessários, que o Sr. Tomaso collocou com toda a habilidade de um pratico ferreiro.

Campinas.

Chegámos a Campinas às quatro horas da tarde. Fui immediatamente para uma hospedaria; mas o hospedeiro pareceu-me tão perfeitamente indifferente no seu modo de tratar

(52) Em Limeira encontrei um engenheiro alemão, que, com sua espôsa hamburguesa, uma senhora bastante instruida, (a quem sou devedor dos esboços da ponte de Cubatão e da casa de colono alemão) formam uma agradável companhia para o Dr....

que dei-lhe bom dia e fui procurar a casa de um daguerreotypista, para quem trazia cartas de recomendação. Tive lá uma boa acolhida e o resto do dia foi gasto em errar por essa cidade construída de barro em companhia de meu hospedeiro e um médico italiano, para quem o Dr. — de Limeira dera-me uma carta de apresentação. Vi muita coisa digna de interesse na vasta catedral, construída totalmente de *taipa*: os trabalhos de madeira lavrada (lembrando antigos conventos europeus) eram devidos a um escultor mulato da Baía, e teria aumentado os créditos dos melhores artistas italianos da profissão. O médico, que era um apaixonado, entretinha-me com palavras intermináveis a favor de suas idéias favoritas, até que finalmente obtive uma trégua, levando-o a contar-me algumas maravilhosas histórias sobre cobras que, embora igualando em comprimento (as histórias, não as cobras) seus argumentos Malthusianos, eram muito mais interessantes.

Consegui na casa de um negociante de mulas um animal extra, para me conduzir no dia seguinte, quando o meu Rosinante desse mostras de cansaço. O meu novo quadrupede devia chegar juntamente com um guia, ao nascer do sol. Veio o amanhecer, e passaram-se duas horas; mas nem o bípede nem o quadrupede apareceram. Finalmente, quando eu já quasi me desesperava, o par longamente esperado bateu à porta. As desculpas usuais, de “mulas no pasto”, “dificuldade para apanhar”, etc., foram dadas e aceitas. Percebi logo que meu guia, ao envês de ser um mero empregado, era o filho do proprietário dos animais que montávamos, — que não era simplesmente José, mas Senhor José, — e que era além disso músico. Todavia, temi que sua posição de “gentleman” viesse a interferir um tanto com as ordens para aumentar a velocidade que, de vez em quando, eu teria necessidade de dar.

Cafesais.

Viajamos por uma região muito bem cultivada, de grandes plantações de café estendendo-se de um e outro lado, até onde a vista podia alcançar, entremeadas com campos de cana de açúcar ou tufos de matas umbrosas. Meu companheiro alegrou o caminho com muitas canções à Virgem e “às sobranceiras de sua amada”; mas quando o sol baixou no horizonte, o Sr. José concluiu que tínhamos viajado bastante para um dia, e propoz que pousássemos à noite na casa de um plantador das proximidades. Opuz forte objeção a essa proposta, pois o contrato era que eu fosse conduzido até um determinado ponto, várias leguas mais adiante, por determinada soma. Verifiquei que não se tratava de um sujeito disposto a ser contrariado em seus desejos; resistiu firmemente. Podia te-lo deixado onde estava, sem mais dificuldade; mas, sabendo da dificuldade em separar animais que viajam juntos, achei melhor conciliar a questão, estabelecendo que podíamos passar a noite ali, mas, nesse caso, a compensação seria de vários mil réis a menos que si tivéssemos caminhado a quantidade de leguas combinada. Mas êle não era homem de conciliações: pediu o pagamento integral pelo menor trabalho. Resolvi então, a todo risco, seguir sem êle. Achei meu perverso cavalo tão teimoso como o Sr. José. Procurei guiá-lo em direção a São Paulo: mas êle estava resolvido a viajar sómente na direção de sua casa. Esporeei a mula, que montei, depois dele, procurando tocar o cavalo: verifiquei que isso era trabalho mais difícil. Enquanto isso, o Sr. José, sentado, imóvel como uma estátua, gozava secreta e maliciosamente os meus esforços mal sucedidos. Sentia-me indescritivelmente fatigado, mas a minha vontade era indômita, (assim como a do meu cavalo) até que afinal a vitória coroou os meus esforços: soltando triunfalmente para o Sr. José, um “Boa noite” e exclamando, “Eu sei defender os meus direitos”, trotei para São Paulo, com Rossinante à frente.

Olhando por cima dos ombros, avistei meu guia ainda como uma estátua, montado em sua mula, comparável a um monumento da "Paciência sorrindo para a desgraça". Poeticamente falando, êle estava *plantado*.

Meu caminho era agora por uma boa estrada, embora as árvores que o ladeavam impedissem quasi todos os raios do luar. Meu animal marchava alegremente, deixando, todavia, tempo bastante para algumas reflexões. Entre elas, a mais dominante era, "Suponha que o Sr. José venha cavalgando atraz de mim e me saude pelas costas com a sua comprida faca de ponta, que parecia tão inocente repousando em sua bainha ou cortando uma laranja". Em todas as minhas viagens pelo Brasil, nunca levei comigo arma de qualquer espécie, e foi a primeira vez que senti certa suspeita de que todos podiam não estar perfeitamente seguros. No meio dessas reflexões e pensamentos acêrca da comprida faca, caminhara mais de meia legua, quando vi o rápido movimento dos cascos de uma mula. O Sr. José vinha estrondando morro acima, e alcançou-me. Todavia, em vez de uma saudação à faca, ou palavras em voz alta, na mais doce voz possivel, foi logo propondo que trocássemos as bestas, que êle estava muitissimo fatigado, e que a diferença na andadura dos dois animais seria um alívio para nós ambos. Continuamos tão bem como si nada tivesse acontecido, e às onze horas chegámos à casa de um Sr. João Baptista, cuja residência fôra batisada com o melífluo e aurífero nome de "Califórnia"

Despertamos cedo o Sr. J. Baptista, que, enquanto estavam bebendo nosso chá, tocou ao violão "várias redondilhas". Declarei ao Sr. J. Baptista que o dia seguinte era o dia da independência dos Estados Unidos, e pedi-lhe o favor de cantar o "*Hail Columbia*". O Sr. J. Baptista desculpou-se, alegando não possuir a música em questão; mas (como um hábil comerciante que, não possuindo certos artigos, sugere ao seu comprador um outro, que, na opinião é igualmente bom si não superior) o Sr. J. B. propoz o *Brasileiro* por mais se aproximar da melodia nacional pedida do

que qualquer outro do seu repertorio musical. Suas canções cheias de vida estavam soando em meu ouvido e eu pensava quanto difficil seria encontrar nas matas virgens do Wisconsin ou Minnesota, músicos aperfeiçoados como o Sr. J. B. ou o Sr. José, que era tambem habil na sua arte. Os brasileiros, em média, são um povo musical, e quando às vezes, debaixo dum temporal, eu estava mergulhado na escuridão, fui consolado pelo som de uma rabeça, um violão, ou por vozes humanas cantando suavemente em côro.

Pude dormir apenas um pouco, e este pouco rudemente interrompido (por um escaravelho gigante ou um morcego escondido, não pude averiguar); saltei de minha dura cama às duas horas da manhã no dia 4 de julho, e despertei o criado do Sr. J. Baptista, e os dorminhocos no rancho vizinho, cantando em voz alta o "Star-spangled Banner".

Despedi-me do Sr. José e do grupo de músicos, montei meu Rossinante, e percorri trinta e duas milhas antes do almoço. Meu objetivo principal fôra alcançar Santos, para tomar o vapor do dia 6 para o Rio; e o segundo, era comemorar o 4 de Julho em casa do Sr. E., o engenheiro inglês.

Visitei o Sr. Brotero, o Presidente da Academia de Direito, que tão justamente celebriza São Paulo. Encontrei na Sra. Brotero uma cidadã de Boston. Tambem travei relações com o Sr. Brotero Jr., para quem o Sr. Octaviano, o digno redator do Correio Mercantil, do Rio, dera-me uma carta de apresentação. Esse cavalheiro, que passa por ser um dos homens de maior destaque de S. Paulo, possui larga visão das coisas, e teve a vantagem de viajar pela Europa e pela América do Norte.

Foi uma agradável manhã que passei com o Sr. e Sra. E. e o Sr. C., iniciando com êles a celebração do dia do nascimento de minha pátria. O Sr. C., todavia, criou certo embaraço ao meu patriotismo, lembrando de passagem que, "era tambem o dia do nascimento de George III": mas a cronologia mostra que o Sr. C. estava errado justamente de quatro semanas, e sua inoportuna observação de modo algum perturbou a harmonia geral que então reinou.

Estes e outros amigos instaram comigo para não me apressar no meu rápido percurso, achando que trinta e duas milhas antes do almoço já eram suficientes para um dia: mas meu propósito era fazer vinte milhas esta noite antes de repousar.



“Yankee Doodle” nas planícies do Ipiranga

O Sr. Coelho (o *maitre-d'hôtel*) procurara para mim uma bela mula. Era um animal sensível e, quando montei-o, pulou como se tivesse asas. Saíu chispando pelas ruas, desceu o morro, enlameou-se num pequeno afluente do Prata, e, justamente quando o sol se estava pondo, foi galopando alegremente pelas planícies do Ipiranga. Avistei logo o pavilhão erigido no lugar onde D. Pedro I exclamou, “*Independência ou Morte*”, e, ainda animado pelo entusiasmo do 4 de Julho, dei curso ao meu patriotismo, gritando furiosamente, “Yankee Doodle” e o “Hail Columbia”, causando não pequena diversão e espanto a uns viajantes negros.

São Bernardo.

Cheguei a São Bernardo e passei por suas ruas silenciosas. A atmosfera estava carregada com o perfume das

fragrantes flores que se abrem à noite, e o céu em cima parecia alegre como os meus pensamentos voltados para a pátria. A minha mula não desanimava, e eu já me congratulava com o fim proximo dessa viagem, quando, com surpresa minha a esperta besta girou repentinamente para a direita, e precipitou-se num pátio de cavalaria, junto a uma grande casa branca. Dei pontapés, espanquei e esporeei, tudo em vão. O barulho que fiz despertou dois brasileiros vestidos de um poncho que se dirigiram para mim, falando assim em português: — “Sim, é êle”. “Não, deixe-me olhar novamente”. “Sim, estou certo que é”. Estes poucos monossilabos são tão breves e tão elípticos na lingua da Lusitania, como no mais simples saxão, e não me podia dar nenhuma indicação acerca do que queriam dizer os locutores. Todavia, não fui deixado em dúvida por muito tempo, pois um deles aproximou-se, e assim se dirigiu a mim: — “Senhor, êste animal é meu”. Supondo que êle me estivesse acusando simplesmente de furto, repliquei que devia estar enganado, pois alugara esta mula em S. Paulo. “Pode ser”, disse êle; “mas ainda assim, é meu”. Certifiquei-me depois, que o homem era o proprietário do meu ginete de compridas orelhas, e que êle (o proprietário) precedera-me em companhia de alguns estudantes de direito, que estavam em viagem para Santos. Sentindo-me por êste tempo muito fatigado, e considerando as discussões que adviriam sobre o meu quadrúpede, pergun-



Astronomia em condições difíceis

tei si eu podia permanecer naquela casa durante a noite. O outro personagem levantara o seu sombrero e informou-me que não havia quarto na hospedaria, mas que possivelmente poderia ser acomodado uma milha mais adiante. Não pude conseguir que minha mula se movesse; assim aquelas duas benévolas criaturas ajudaram-me a açoitar e dar pontapés no bruto até que êle seguisse. Todavia, avançara apenas quinhentas jardas, quando a orelhuda besta empacou de novo, e nada adiantou bater-lhe, puxar, espancar e arrastar para faze-la dar um passo para frente. Espontaneamente bateu em retirada, e logo depois estava outra vez deante da hospedaria branca, de onde fôra gentilmente mandado embora pouco tempo antes. Os meus dois novos conhecidos apareceram logo, e uma vez mais pedi um quarto. Um deles deu uma resposta negativa; mas, quando sugeri que pagaria um bom preço pelas minhas acomodações, êle deixou-me para consultar alguém. Ouvi então uma enfática voz feminina gritar, “Não, Senhor”. Esta resposta me foi trazida, e respondi que tinha cartas do Senhor Vergueiro, mostrando que eu era uma pessoa respeitavel. De nada valeu, pois a cada nova tentativa para demover a fraca compaixão da mulher a quem pertencia a voz, recebia um mais enfático “Não, senhor”. Meu último recurso foi apelar para o “sagrado nome da hospitalidade brasileira, apenas um quarto bastante no seu chão para um estrangeiro que está parado contra os seus próprios desejos”. A resposta foi a mesma, “Não, senhor”. “Então,” disse eu, “isto é uma vergonha. Viajei por muitas de suas províncias, misturando-me com ricos e pobres, mas esta é a primeira vez que não consigo obter abrigo. Estou aqui, deante de uma grande casa e obrigado a passar a noite na estrada”. Meus apelos e denúncias foram igualmente malogrados; sentei-me assim em uma grande pedra, segurando o freio do meu teimoso e cansado animal. Pobre! sua fadiga não era igual à minha. Eu cavalgara desde a manhã aproximadamente cinquenta milhas, e gastara sete horas em São Paulo. Tres

ou quatro dias já se haviam passado depois que tive um sono confortavel, e o ar da noite estava frio de mais para o Brasil, embora fosse tão balsâmico como uma tarde de Maio no hemisfério septentrional. O corpo, todavia, não estava sofrendo tanto como o espirito. Sofri extremo por aquela inhospitalidade. Sentei-me com minha cabeça inclinada sobre a mão esquerda, voltando meus olhos de vez em quando para as estrelas e para a lua minguante. Estava estudando astronomia em circunstâncias difíceis, e não em condições de fazer grandes progressos.

Quando pensava na minha situação, sentindo que ela iria piorar, e no fato de ter sido tratado peor do que quando, como simples e ingênuo estudante viajante, fui uma vez preso por suspeita pelos austriacos na Lombardia, e conduzido por um soldado armado pelas ruas de Pavia, despertou-me das minhas reflexões uma negra velha, dizendo-me, "venha, senhor." Segui-a até um confortavel quarto, onde deixou-me em companhia duma chicara de chá e doces. Minha mula foi tratada tão bem como eu próprio, e quando o sol da manhã despertou-me, soube que teria para companheiro de viagem os jovens estudantes de direito. Soube então que a casa que não me acolhera era mantida por uma respeitavel viuva brasileira, que estava fazendo grande fortuna com o aluguel de mulas para montaria ou transporte de bagagem, e que todos os que se utilisassem de seus animais em S. Paulo seriam hospedados gratis naquela hospedaria. Aconteceu, portanto, que os estudantes e eu não conheciamos semelhante regulamento, e alugaramos nossas mulas de um outro homem, que nos levaram até a referida casa. Os jovens advogados insistiram em parar neste lugar. A dona da casa recusou-lhes acomodações, mas eles tomaram posse *vi et armis*. Pode ser que, pelo fato da senhora estar um tanto enraivecida por tais processos, recusara-me quando pronunciei o nome do Senador Vergueiro

e a hospitalidade brasileira. Pois certamente havia muitos quartos, e soubemos que estavam oito camas desocupadas na casa. Pode ser também que a senhora suspeitasse de um estrangeiro viajando sozinho àquela hora da noite, já tendo sido enganada algumas semanas antes por um indivíduo que pretendia ter cartas de um nobre, mas que despedira por ser um rematado velhaco. Fiquei (justamente, creio eu) indignado por algum tempo e alimentei a idéia de que seria justo que o público conhecesse, pelos jornais do Rio, do tratamento dado a um estrangeiro; porém, refletindo mais sobre o caso, tornei-me um tanto moderado na minha indignação. Viajara milhares de milhas pelo Brasil, e esta era minha primeira amarga experiência; e quão descabido seria trazê-la a público! A viuva tinha o absoluto direito de fazer tais regulamentos, dando razões de preferência pela sua casa, e um anglo-americano, que se bate firme pela independência do seu castelo-doméstico, certamente deve ser o último dos homens em se queixar de semelhante coisa. Assim, varri da mente o assunto, e desde então nunca mais pensei nele, exceto para me rir da minha própria ridícula posição no pátio da cavalaria, e do meu "tableau" junto á teimosa mula, no meio fio da calçada. Findou-se assim o meu 4 de Julho de 1855.

Novamente Santos — Regresso ao Rio.

No dia imediato cheguei com meus amigos estudantes a Santos, e, depois de gozar por alguns dias a hospitalidade da Casa Vergueiro, viajei no confortavel e velho paquete "Paraense" para o Rio de Janeiro. De São Sebastião até Pão de Açúcar, fomos levados em belo estilo através de um mar furioso, mas o sol brilhou muito mais quando no dia seguinte nos encontrámos debaixo dos canhões de Villegagnon, e o glorioso panorama da magnífica baía, cintilante na frescura da manhã, nada perdeu de seu esplendor em compara-

ção com as lindas cenas que testemunhara no Sul do Brasil, e que depois verifiquei não ter rival nas províncias do Norte (53).

(53) *Nota de 1866* — A província de São Paulo, como outras províncias do Sul, por seu clima, solo, etc., oferece muitos atrativos para os emigrantes dos Estados Unidos. As porções montanhosas de São Paulo, Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul são as mais bem adaptadas à criação de carneiros. Uma oferta muito agradável de quatro belos merinos, foi feita pelo Dr. George B. Loring, de Salem, Massachusetts, ao Imperador do Brasil, em 1865. As ovelhas foram recebidas no Rio, com agradecimentos pelo Imperador, e foram colocadas em mãos de Mr. John Hayes, o enérgico e inteligente diretor americano das plantações do Barão de Mauá. Estas ovelhas seriam o começo de melhorias introduzidas na raça bovina das províncias do Sul. O Sr. Marcondes (* 73), Ministro da Agricultura no Gabinete de Agosto de 1864, e o Sr. Paula Souza (* 74), ocupando o mesmo posto no Gabinete de Maio de 1865, louvaram altamente a dádiva do Dr. Loring.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 72 bis) "Mal do engasgo", disfagia espasmódica, ou mega-esófago, também conhecido por "entalo", engasgo, etc.

(* 73) Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, Ministro da Agricultura em 1864.

(* 74) Antonio Francisco de Paula Souza.

CAPÍTULO XXIII

O Norte do Brasil.

Agora, rumo ao Norte: não o Norte Boreal, com barbas brancas e geleiras escorregadias e acumulações de gelo, — mas um Norte Austral fecundo, brilhante, risonho e florido. Nós, do lado de cima do equador, estamos tão aferados à nossa experiência, que é difícil concebem um norte onde

“Os campos são cobertos de flores numa eterna primavera”,

e onde os grandes rios, na plenitude de sua força, correm impetuosamente

“E atravessam reinos desconhecidos e descampados floridos,
E desertos ferteis, mundos de solidão;
Onde o sol é ameno e as estações passam em vão”.

Nunca me pude habituar a procurar o sol e o equador numa direção que toda a experiência passada me dizia ser a região dos invernos crueis. Não me podia conformar com a idéia de que a frente sul de minha residência brasileira era o lado mais frio, embora soubesse que a razão e a geografia informavam-me que esta parte de minha casa estava voltada para as Ilhas Falkland e o inexplorado continente de neve da zona antártica.

Mas avante para o Norte Brasileiro! Si fôssemos por terra, seriam muitos meses de penosas viagens através de montanhas e vales, de densas florestas e matas, vastos campos e grandes rios, até atingirmos a Serra Pacaranua, que divide o Brasil da Venezuela. Não li notícia de um único viajante que tenha percorrido essa extensa rota terrestre. Eschwege, Rodrigues, Ferreira, Natterer, Mawe, Principe Maximilian, Spix e Von Martius, St. Hilaire, Langsdorff,

Pohl, Burchell, Gardner, o tenente Strain, a expedição de Castelnau e Wallace (*75) atravessaram grandes zonas do Brasil; enquanto — sem mencionar as primitivas explorações fluviais — Mawe, Smyth, Edwards, Herndon, Gibbon e Wallace (*76) (o mais completo de todos) examinaram o Amazonas, e o Tenente Page (*77) teve a honra de ser o primeiro investigador científico do Rio da Prata e alguns de seus tributários. Mesmo assim, não é exagerado dizer que a maior parte deste extenso Império, tem sido apenas trilhado pelos pés de índios selvagens, ou, em longos intervalos, pelos mais aventureiros dos mercadores portugueses. E' difícil para nós compreendermos até mesmo as secas tabelas de distâncias: quanto mais a inconcebível fadiga e os quasi invencíveis obstáculos a serem suportados e vencidos num vasto país de população esparsa, onde, em certas regiões, nenhuma estrada existe salvo as trilhas do gado e do tapir! A distância em linha reta, desenhada das cabeceiras do rio Parima, no norte, até às costas meridionais da Lagoa Mirim, no Rio Grande no Sul, é maior do que de Boston a Liverpool. E' mais distante de Pernambuco ao limite oeste que separa o Perú do Brasil, do que uma linha reta de Londres através do continente europeu, até o Egipto. O Brasil não tem sido explorado nem medido, e sua superfície total não pode ser perfeitamente avaliada; mas, segundo os melhores cálculos feitos em 1845, pelo "*Dicionário Geográfico Brasileiro*", o Império, contém dentro de seus limites 3.004.460 milhas quadradas. Os Estados Unidos, pelas mais recentes avaliações do "Topographical Bureau" em Washington, tem uma área de 3.002.013 milhas quadradas. Mas pela convenção de diferentes linhas limites depois de 1856, o Brasil adquiriu territórios adicionais: computados estes, teríamos de acrescentar aos Estados Unidos uma área igual a dos estados adjacentes da Nova England, Nova York e Pennsylvania, para torna-lo das dimensões da terra do Cruzeiro do Sul. A Rússia Europea possui uma área de 2.142.504 milhas quadradas, e o resto da Europa 1.687.626.

E' por estes algarismos e comparações que podemos fazer uma idéia aproximada da vastidão do Brasil.

Não é, todavia, sua extensão que terá atraído a nossa atenção, tanto quanto o fato de que nenhuma parte do globo é tão apropriada à cultura e ao sustento do homem.

Já vimos que os recursos internos deste Império estão de acôrdo com a sua situação privilegiada e sua grande extensão. Não é o ouro de suas minas nem os diamantes que brilham nos leitos de seus rios interiores que constituem a maior fonte de sua riqueza. Embora a natureza tenha conservado no Brasil os mais preciosos minerais, ainda assim ela tem sido mais pródiga na dádiva de riquezas vegetais. Compreendendo quasi cinco grãos ao norte do equador, toda a latitude do tórrido sul e dez grãos da zona temperada sul, e extendendo sua longitude do Cabo de Sto. Agostinho, (o ponto mais a leste do continente) atravessa as montanhas de seu próprio interior, até as verdadeiras bases dos Andes, seu solo e seu clima oferecem um terreno propício a quasi todas as plantas valiosas. Em adição às inumeráveis variedades de frutos indígenas, ha apenas uma produção das duas Índias que se não poderia naturalisar perfeitamente sob o equador ou em suas proximidades, enquanto as terras elevadas do seu interior e do extremo sul acolhem muitos dos frutos, dos grãos e dos mais resistentes vegetais da Europa.

Cada ano este Império mais se desenvolve; mas assim mesmo, ainda precisará de dois séculos de seu progresso actual para chegar a uma situação igual a dos Estados Unidos. Os indícios actuais são, porém, que o Brasil não continuará no passo vagaroso que o caracterisava até à abolição do tráfico negro; e os melhoramentos internos aupliciosamente iniciados sob D. Pedro II desenvolverão rapidamente os recursos do país.

Das vinte províncias, quatro apenas são interiores, — a saber: Minas Gerais, Goiáz, Mato Grosso e Amazonas (algumas vezes chamado Alto Amazonas). E' em Mato Grosso e Goiáz, que as cabeceiras do Amazonas e do Prata

têm a sua origem, a algumas milhas uma da outra; e, nos limites de Minas Gerais, os mananciais do São Francisco, do Tocantins e do Prata têm suas nascentes na mesma cadeia de montanhas.

Rumo a Minas Gerais — Via Petrópolis.

A rota comum para a fértil província de Minas Gerais é por Petrópolis, e o viajante que para lá se dirige não hesitará em fazer um pequeno desvio para visitar uma das mais belas cascatas do

Brasil. Seguindo por algumas milhas a estrada pública para Minas, voltamos à nossa direita e lá, entre os vales formados pela Serra da Estrela, encontraremos as Cachoeiras de Itamarati. O nome, na língua Guaraní, significa “pedras resplandescentes” ou “a rocha que brilha”; assim chamada, sem dúvida, devido a aparência resplandesciente da grande massa de rocha, cuja superfície foi tornada lisa pelas águas. *Ita* significa “pedra ou rocha”. Esta cascata é



O Mineiro

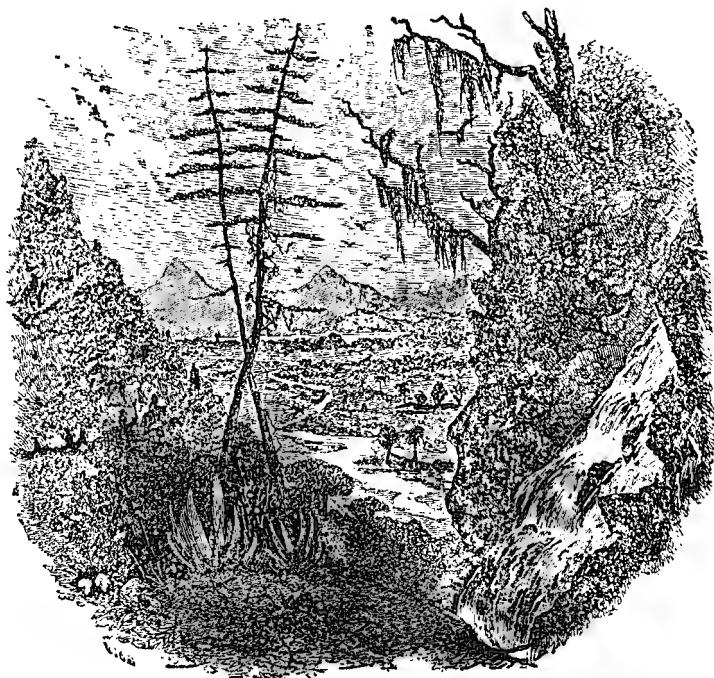
composta de tres quedas distintas, formada por um curso de pequena força, a não ser depois de pesadas chuvas. O encanto desse agradável lugar consiste nas matas em redor e nas águas murmurantes; de tal maneira que podemos verdadeiramente dizer que



Cascata do Itamarati, próximo de Petrópolis

“the gush of springs
And fall of lofty fountains, and the bend
Of stirring branches, and the bud which brings
The swiftest thought of beauty, here extend,
Mingling, and made by Love unto òne mighty end.”

Guirlandas de parasitas envolvem as velhas árvores com seus graciosos braços e um bando de trepadeiras verdes pen-



Estrada de montanha no Brasil

de dos mais altos ramos até o chão. A torrente cavou as margens e derrubou as árvores que se encontravam próximas, e jazem agora em desordem selvagem através do leito

do rio, misturadas aqui e ali com imensas pedras transportadas rio-abaixo pela força das águas.

A ponte representada na gravura foi improvisada por ocasião da visita de Sir W. Gore Ouseley, antigo Ministro Britânico no Brasil. Pontes desse gênero são facilmente construídas derrubando-se algumas árvores e prendendo-as juntas com lianas flexíveis, abundantes no local. A natureza logo cicatriza-lhes as feridas, e cobre-as de parasitas, de modo que, em algumas semanas, a construção artificial parece ser obra da própria natureza.

A estrada de Petrópolis a Barbacena é extremamente pitoresca, — algumas vezes contornando os flancos de uma montanha, o que proporciona amplas vistas das planícies em baixo, e algumas vezes correndo por vales profundos à margem dos regatos murmurantes. Extensas tropas de mulas em seu caminho para Estrela passam constantemente; mas — para mostrar a selvaticidade da região, mau grado as vilas e fazendas que frequentemente se encontram — somos assustados a cada momento por bandos de papagaios selvagens, e podemos ouvir nas árvores os guinchos dos macacos. Atualmente uma estrada carrossavel conduz a Barbacena.

Correias.

Em um lugar chamado Padre Correias, não distante de Petrópolis, há uma celebre figueira silvestre, cujos ramos estendem-se numa circunferência de quatrocentos e oitenta pés, e quatro mil pessoas, segundo calculos, podem permanecer sob sua sombra ao meio dia. Perto, no extremo leste do logarejo, podem ser vistos tambem duas filas de pinheiros brasileiros (*Araucaria brasiliana*), tão conhecidos nas grandes estufas da Europa e dos Estados Unidos. Belissimos especimes desse pinheiro brasileiro são encontrados no Palácio de Cristal, em Sydenham. Aproximadamente cem milhas mais para o interior, vi muitos jacarandás. Sua semelhança com a alfarrobeira comum dos Estados Unidos é

notavel. Ha numerosas espécies de jacarandá, variando em côr, desde um vivo castanho escuro até um belo violeta. Nunca vi esta espécie ao norte do equador, salvo em pequenos tacos de amostra; mas, na "Fazenda do Governo", o Dr. Joaquim A. P. da Cunha, seu amavel proprietário, mostrou-me, na sua usina de açucar, um eixo de cincoenta pés de comprimento e tres pés de diâmetro, de jacarandá roxo. Executara o officio subalterno de um eixo de transmissão durante cincoenta anos, e a sua parte exterior estava coberta de pó; mas lascando-o, vi que era de uma linda cor violeta. A madeira empregada nos chiqueiros do Dr. da Cunha, eram taboas e ripas de jacarandá; mas que nenhum de meus leitores imagine um piano altamente polido ou uma esplêndida mesa de centro de sala; a exposição ao tempo torna o jacarandá tão plebeu no aspêto como o pinho comum sujeito às intemperies. O jacarandá é derrubado, despojado de seus ramos, e transportado ao mercado, geralmente flutuado até um porto de mar, de onde é embarcado para a América do Norte e Europa. E' de extrema dureza e durabilidade, — rodas denteadas feitas dessa madeira duram mais tempo do que as construidas de qualquer outra substância fibrosa. Anualmente, os Estados Unidos compram do Brasil oitenta mil dólares de jacarandá.

Quando viajava pela provincia de Minas, observei um bando de pássaros, da mesma espécie que havia visto no sopé das Montanhas dos Orgãos, e que então tomei como sendo os comuns "blackbierds", tão conhecidos na América do Norte; mas um exame mais acurado, mostrou-me que possuiam um bico de notavel espessura. Possuiam um silvo claro e musical, e descobri depois serem *anís* — um gênero de aves escansoras, encontradas apenas na América Tropical. São algumas vezes chamados "keel-bill". Vivem em bandos, e dizem que têm entre elles um comunismo pratico, muitos pares usando o mesmo ninho, que é construido nos ramos das árvores, com grandes dimensões. Neste ninho elles põem e chocam de comum accordo.

Não posso entrar nos pormenores de minha viagem por Minas Gerais, mas reluto em omitir a visita que fiz a uma das mais belas plantações da província. O proprietário era um brasileiro, e toda a fazenda, em suas mais insignificantes minúcias era dirigida de forma peculiar ao país, sem qualquer mistura de processos estrangeiros de administração e cultura.

Rio Paraibuna — Visita a uma plantação.

Doze milhas além do Paraibuna (um afluente do Paraíba) tomámos um caminho lateral à estrada pública, e, depois de cavalgar por uma faixa de matas cerradas, vimos deante de nós a grande casa da plantação de "Soledade", pertencente ao Senhor Comendador Silva Pinto. O acesso ao solar se fazia entre duas fileiras de palmeiras, em redor de cujos troncos uma linda *bignonia* (*a venusta*) se entrelaçava e depois lançava seus ramos até o cimo plumoso das palmeiras, formando assim um magnífico arco de flores e folhagem. As construções, dispostas em forma de uma área quadrada, ocupavam um acre do terreno. Em dois dos lados do quadrado estava a residência do Comendador e sua família, enquanto nos outros dois estavam os engenhos de açúcar e a morada dos escravos. Entramos no pátio por um alto portão e tivemos oportunidade de avistar o venerável plantador, lendo sentado numa varanda do segundo andar. Logo que nos viu, deixou seu livro, desceu para o terreiro e com grande afabilidade deu-nos calorosas boas vindas. O grupo americano deveu na certa esta hospitaleira recepção a um dos nossos companheiros, o Dr. Ildefonso Gomes (*78), brasileiro de quem quasi todos os homens de ciência que visitam o Império têm exaltado o valor da inteligência, por suas eminentes habilidades como naturalista, e por sua integridade como homem.

Os criados acorreram em silêncio, a uma ordem do Comendador: deram-nos quartos, café quente, banhos quentes

etc., etc. Depois êles e o patrão fizeram aquilo que mais agrada a um viajante fatigado: deixaram-nos sós.

Depois de proceder às minhas abluções e estar refeito da fadiga, fui para a varanda onde o Comendador estivera lendo. Verifiquei seu livro, que, com espanto meu, era a "História Universal do Senhor Pedro Parley". O Velho Peter Parley no interior do Brasil! Sabia que a Inglaterra se utilizara deste livro, que tanto deleitara a infância anglo-americana, e que um bando de falsificadores e imitadores haviam abusado do seu nome; mas foi além da minha maior expectativa ver na lingua portugueza, numa provincia interior do distante Brasil, a história dos Continentes Oriental e Ocidental pelo "Senhor Pedro Parley", divertindo e instruindo a sua juventude e a sua velhice. Não era uma imitação. Ao ler o prefácio, percebi logo que alguns sacerdotes haviam colaborado na tradução, pois ali se dizia claramente que o "senhor Pedro Parley" era um "bom Católico Romano"! o que sem dúvida seria uma importante informação para o verdadeiro Peter descendente de puritanos.

Olhei da varanda para uma paisagem verdadeiramente agrícola; junto de mim estavam cento e cinquenta colmeias com abelhas; os morros suavemente arredondados estavam cobertos de rebanhos de ovelhas e gado pastando, campos de algodão e açúcar cobriam os vales, enquanto o milho e a mandioca em grandes extensões fugiam de nossas vistas. O laranjal era o maior que jamais vi em qualquer terra; calcula-se que haja nele mil alqueires de seis diferentes espécies da deliciosa fruta. O limão doce ocupa uma extensão calculada em cinco mil alqueires. Um limão *doce* parece tão contraditório como um ladrão honesto; mas é uma realidade. O Dr. Ildefonso Gomes informou-me que essa fruta, semelhando exatamente à ácida que é conhecida pelo mesmo nome, era originalmente um limão azedo, mas, por doença e por enxerto, se produziu uma nova espécie. O gosto não é tão rico como o da laranja, mas é muito usado para

matar a sêde, e os brasileiros do Rio consomem grandes quantidades dele. Perto de S. Romão, um pequeno lugar nas cabeceiras do São Francisco, o limoeiro tornou-se nativo, e o gado que pasta nas matas gosta tanto dos frutos caídos que, quando morrem, a sua carne cheira fortemente a limão.

De todos os artigos acima mencionados, nenhum se destina ao mercado. São para o sustento e vestimenta dos escravos, dos quais o Comendador teve outrora setecentos. Estes eram empregados na cultura do café, pois esta é a única colheita de que o proprietário procura tirar lucros. Este senhor possui outras plantações; a de Soledade contém uma área de sessenta e quatro milhas quadradas.

A refeição nos foi servida numa grande sala de jantar. O Comendador sentou-se na cabeceira da mesa, enquanto os seus convidados e os membros livres da família sentaram-se em bancos, os feitores e seus auxiliares na outra extremidade da mesa. Vive-se aqui à moda dos antigos barões vindo-me à memória a descrição feita por J. G. Kohl da vida nos castelos dos nobres da Curlândia e da Livônia. Sustentou-se agradável conversa durante toda a demorada refeição, e, no fim, vieram tres criados, — um trazendo uma grande taça de prata massiça, de um pé e meio de diâmetro, outro um jarro do mesmo metal com água quente, enquanto um terceiro trazia as toalhas de mão. Os hóspedes recém chegados eram servidos por essa forma em vez de pequenas bacias para levar os dedos, que raramente se vêem fora da capital.

O Comendador tinha uma capela em sua fazenda e todas as manhãs era dita uma missa por um jovem e amável sacerdote português, que entendia muito mais de música que de evangelho. O padre tinha sempre varias questões para me perguntar, relativamente às doutrinas peculiares aos protestantes, e fiquei surpreendido por saber que não possuía Bíblia. Presenteei-lhe com um Novo Testamento, e antes de minha partida, tivemos repetidas e sérias

conversas a respeito da piedade vital e da responsabilidade solene que pesava sobre êle de ensinar a verdade conforme Jesus Cristo. Com a aprovação do Comendador (sinceramente dada) as explicações das Escrituras passaram a constituir uma parte do serviço religioso aos domingos na capela. Esse fazendeiro é agora o Barão de Bertioga.

Nessas fazendas do interior ha um belo costume na hora das vésperas, que é rezar uma curta oração e desejar a todos boa noite; não que as pessoas se retirem em seguida, mas a "boa noite" é uma especie de benção. Estávamos todos sentados na varanda quando os últimos raios do sol douravam o morro e a floresta distantes. O sino da capela tocava as vésperas. A conversa cessou: levantámo-nos todos. O barulho do engenho de açúcar parou; não mais se ouviram os gritos das crianças; os escravos que estavam atravessando o pátio pararam e descobriram a cabeça. Todos piedosamente juntaram as mãos e rezaram a oração da tarde á Virgem. Também me associei na devoção ao abençoado Salvador, o único Mediador, e quando o padre e os outros pediram minha benção em nome de Nossa Senhora, restitui-lhes a benção em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. O ruído de vozes alegres soou novamente pelo pátio; o dia de trabalho estava terminado; em breve, a noite, com a sua escuridão, silêncio e repouso, reinou sobre Soledade.

Outro costume observei em várias partes do Brasil, que, embora seja uma mera formalidade sem sentido, é um costume ao mesmo tempo cristão e belo. Duvido, entretanto, que uma pessoa em mil saiba dar-lhe qualquer significação mais profunda do que nós ao nosso "bom dia." No fim do dia, os escravos entram no quarto onde está o seu senhor, e, com as mãos crusadas, dirige cada qual ao fazendeiro uma piedosa saudação, cuja forma integral devia ser: "Suplico-lhe a benção em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo", e a resposta, "Nosso Senhor Jesus Cristo vos abençoa para sempre; mas, com o tempo, essa oração

e essa benção se reduziram ás últimas palavras de cada frase, pronunciadas rápida e convencionalmente por ambas as partes: "Jesus Cristo"... "Sempre."

No decorrer da nossa palestra o Comendador deu-nos a notícia de que tinha agora "sua música própria". Referiu-se a ela muito modestamente. Desejavamos ouvir seus músicos, pensando que iríamos ouvir uma rouquenha rebecca da roça, um pífano e um tambor. O Comendador disse que o nosso desejo seria satisfeito à tarde. Uma hora depois das *vesperas* ouvi sons agudos de violinos, afinação de flautas, breves improvisos em variadas cornetas, roncões de trombones, e todos os indícios musicais preparatórios de um começo de marcha, valsa ou polca. Fui para o quarto de onde vinham os sons; e aí vi quinze escravos músicos, — toda uma banda regular: um deles dirigia-a junto a um harmonio e havia um coro de negros mais jovens, diante de estantes arrumadas sobre as quais se viam folhas de música impressa ou manuscrita. Observei também um respeitável cavalheiro de côr, (que se sentava junto de mim ao jantar) dando ordens. Era o *maestro*. Três pancadas com o arco de seu violino ordenaram silêncio, e em seguida a um movimento ondulado dos seus braços, *à la Julien*, a orquestra começou a executar a "*ouverture*" de certa ópera com admirável proficiência e precisão. Não estava preparado para tanto. Mas a parte seguinte encheu-me de surpresa: o coro, acompanhado pelos instrumentos, executou uma missa latina. Cantavam pelas suas próprias anotações, e negrinhos, de doze a dezesseis anos de idade, liam as palavras com tanta facilidade como estudantes em exame. Podia com dificuldade acreditar em meus olhos e ouvidos, e para pôr em prova a perfeição da turma, pedi ao *maestro* o *Stabat Mater*: respondeu-me logo, "Sim Senhor", indicou aos músicos a página, apitou a sua batuta, e as notas tristes e tocantes da "*Stabat Mater*" soaram pelos corredores de Soledade. Durante a ceia, fomos regalados com valsas e marchas excitantes, — entre estas a "Grande Marcha

a Lafayette”, composta nos Estados Unidos. O maestro sentiu não poder tocar as nossas três músicas nacionais; mas prometi-lhe que quando uma oportunidade o permitisse, teria o prazer de acrescentar á sua biblioteca musical “Yankee Doodle”, “Hail Columbia”, e o “Star-spangled Banner”. Certa madrugada, ás tres horas, fui despertado por um criado, que me informou de que a orquestra iria executar o *Brasileiro* em honra dos convidados do Sr. Comendador; e por alguns minutos, a banda, aumentada de um grande e de um pequeno tambor, mais os pratos, assustou os pássaros madrugadores com o hino nacional do Brasil, que foi seguido pela “*Grande Marcha a Lafayette*”.

Antes de nossa partida de Soledade, o hospitaleiro proprietário nos forneceu cavalos, e saímos a passear pela imensa plantação. Uma parte do nosso grupo carregava suas espingardas, esperando encontrar caça na excursão. Cavalgámos por morros utilizados como campos de pastagem, que estavam todos cheios de montículos construídos pelas termitas ou formigas brancas. Essas curiosas construções e seus ainda mais curiosos arquitetos constituíram sempre um grande atrativo para o naturalista. Os montículos têm a forma cônica, mas não com uma base larga e ponto afilado como os construídos pelas termitas da África. A exposição ao sol torna-os extremamente duros, e sem dúvida, os muitos que se vêem nas regiões elevadas de S. Paulo e Minas Gerais têm mais de um século; pois as casas cujas paredes foram construídas da mesma terra ainda existem, e foram construídas pelos primeiros colonizadores no décimo sétimo século. Algumas vezes a habitação das termitas é derrubada pelos escravos, o buraco escavado mais largo, para ser utilizado como forno de assar milho. Em meu passeio por Soledade, vi uma quantidade de abutres de grandes dimensões, que, durante a chuva, se refugiam nas casas que foram abandonadas pelas formigas brancas.

As formigas brancas.

Estes insetos não habitam sempre tais construções colunares de três e seis pés de altura. Tenho visto, em algumas partes do Brasil, o terreno cavado numa extensão de cem pés de circunferência, por um ninho de formigas brancas. Do mesmo modo, sobem nas árvores, carregando consigo materiais de construção, para construir uma pequena arcada (que lembra o que os carpinteiros norte-americanos chamam de "inch-bead") para protege-las contra seus inimigos principais, a formiga preta ou castanha, sendo que nos mais altos ramos é que constroem seus ninhos. Nas cidades elas são algumas vezes destrutivas: daí todas as senhoras brasileiras conservarem seus vestidos em caixas de estanho, e os cavalheiros que desejem possuir uma biblioteca, devem muitas vezes olhar para ver si o cupim, ou a formiga branca, não se tornou o mais penetrante leitor desses volumes. Minha apresentação ao cupim se deu na casa de nosso antigo consul, o ex-governador Kent. Uma caixa de livros mandada pela "American Tract Society" foi colocado num quarto de baixo, e na manhã seguinte foi-me anunciado que o cupim entrara na minha propriedade. Parti a toda pressa para o quarto, e, virando a caixa, vi um pequeno buraco preto no fundo, e formigas brancas parecendo gelatinosas, correndo como se tivessem sido perturbadas em suas ocupações. Abri a caixa, e achei que a colônia de cupim penetrara pelo pinho e depois atravessara o "Call" de Baxter, "Rise and Progress" de Doddridge, até que alcançara o lugar onde estava o "Pilgrim" de Bunyan, onde ficaram rudemente perturbadas em seus esforços literários.

Em outra ocasião vi um tapete de Bruxelas, por baixo do qual o cupim se insinuara e roera quasi toda a lona antes que seu proprietário fizesse a triste descoberta.

O Dr. Kidder, em Campinas, testemunhou as depredações das formigas brancas nas casas de taipa. Insinua-

ram-se pelas paredes de lama, destruindo todo um lado da casa por meio de perfurações. Logo que começam o trabalho no solo, estendem suas operações abaixo das fundações da casa e cavam por baixo delas. As pessoas costumam cavar grandes fossos em vários lugares, com o fim de exterminar os exércitos de formigas que são descobertas na sua marcha de destruição.

Southey demonstra, baseado em informações de Manoel Felix, que alguns destes insetos, certa vez, devoraram os panos do altar do Convento de Sto. Antonio, no Maranhão, e também levaram para a igreja pedaços das mortilhas das sepulturas que estão em baixo de seu soalho; entretanto, os frades as escomungam segundo a forma consagrada pela lei eclesiástica. Qual a fórmula para o caso, não somos capazes de saber. O historiador nos informou, todavia, que, tendo sido condenadas de maneira análoga no Convento Franciscano de Avignon, as formigas não foram apenas excomungadas da Igreja Católica Apostólica Romana, mas foram sentenciadas pelos frades “á pena de remoção, dentro de tres dias, para um lugar designado no centro da terra”. A narração canônica acrescenta gravemente que as formigas obedeceram e carregaram todos os seus lares e todas as suas provisões!

O tamanduá.

As formigas brancas e outras variedades, têm, todavia, inimigos muito mais tangíveis do que as sentenças de excomunhão, que são os *Myrmecophagos*, ou os grandes comedores de formigas, os Tamanduás, e o “pequeno comedor de formigas” sendo que estes têm uma cauda apreensora. O grande tamanduá é um animal muito curioso e bem adaptado aos fins a que foi destinado pelo Creador. Suas pernas curtas e longas garras (essas encolhidas quando em movimento) não o impedem de correr com passo rápido; e quando os índios querem apanha-lo, tamborilam sobre as

folhas, como si a chuva estivesse caindo, pelo qual o mirme-cófago levanta sua imensa e espessa cauda por sobre o corpo, e, permanecendo perfeitamente quieto, facilmente serve de presa. Na parte norte de Minas Gerais, certa vez, um naturalista atacou repentinamente um grande tamanduá, e, conhecendo a natureza inofensiva de sua boca, agarrou-o pelo comprido focinho, pelo qual tentou segura-lo, quando o animal se ergueu subitamente, e, abraçando-o pela cintura com as suas poderosas mãos dianteiras, arrastou-o até um dado lugar, onde foi surrado com um pedaço de páo, repetidas vezes, até que se endireitou e fugiu; e só quando uma bala de pistola atingiu-lhe o peito, é que o naturalista poude adiciona-lo à sua coleção. Media seis pés de comprimento sem contar a cauda, que, juntamente com o longo penacho da cabeça, somava ao todo mais quatro pés.

Quando o tamanduá grande dorme, deita-se sobre um lado, dobra-se tanto que o focinho descansa sobre o peito, coloca os compridos pés juntos, e cobre-se com o seu espesso rabo. Quando nessa posição enrolado, parece-se tanto com um fardo de feno, que se pode passar por ele sem cuidado, imaginando ser um montão daquela substância.

Quando anda ou corre, as garras dos pés dianteiros estão encolhidas de modo que apenas um lado do pé toca o solo. O uso especial de suas poderosas garras apenas é para caçar as formigas brancas. Quando o tamanduá quer alimentar-se delas ataca um dos duros montículos já descritos, e com suas imensas garras dianteiras, arranca furiosamente um pedaço das paredes, e, introduz por aí sua longa e delgada língua, que é coberta por uma saliva viscosa, à qual aderem centenas de formigas; depois abrindo uma pequena boca, recolhe a língua; em seguida, fechando os lábios, projeta para fora novamente a língua retendo as primeiras formigas na boca, até que a lingua esteja completamente cheia delas, e então engole-as. Wallace escreve que os índios do Alto Amazonas afirmam com segurança, que o grande tamanduá mata algumas vezes o jaguar abraçando-o

firmente e metendo com violência suas enormes garras nos flancos do animal. Os índios também “declaram que os tamanduás são todos fêmeas e acreditam que o macho é o “curupira”, ou demônio da floresta. A conformação peculiar do animal sugere provavelmente semelhante erro”.

A paca.

Quando descemos os morros de Soledade, no nosso regresso à plantação, alguém do nosso grupo atirou em duas pacas que estavam comendo junto de um pequeno regato. Ou a pontaria do caçador não foi boa, ou a bala não produziu efeito sobre os flancos peludos do animal, pois em poucos momentos as pacas atravessaram o rio a nado, escondendo-se na espessa mata de arbustos e fetos. A paca, a capivara e a cotia são abundantes no Brasil, e são da mesma família dos ratos do mato e dos castores. A paca atrai a atenção do caçador, pela dificuldade de sua captura (pois atira-se nágua e nada e mergulha admiravelmente) e pelas propriedades comestíveis de sua carne. Tem cerca de deztoite polegadas de altura e dois pés de comprimento, e sua côr é castanha, com manchas brancas. Os membros trazeiros consideravelmente recurvados são mais compridos do que os dianteiros, e suas unhas são conformadas à ação de cavar. São facilmente domesticados, e tornam-se espertos animais de estimação, comendo de boa vontade na mão daqueles com quem se acostumaram, mas escondendo-se dos estranhos. Um amigo em sua viagem para os Estados Unidos levou um desses animais a bordo, o qual se tornou um atractivo para os passageiros e prometia suportar a viagem para visitar as costas da América do Norte, quando, porém, uma nova travessura, ou alguma água salgada que bebeu durante o temporal, cortou o fio de sua existência, e a pobre paca foi entregue às ondas azues do Atlântico.

O carro musical.

Separando-nos do nosso bondoso hospedeiro, viajámos para Barbacena, por estradas que podem ser utilizadas por veículos; mas o único representante do gênero movel que vimos, foi o carro romano, que não melhorou desde os tempos das Georgicas. Com efeito, todas as carruagens romanas eram do mesmo simples feitio. As rodas não giravam sobre eixos, mas eixos e rodas giravam juntos. Não se poderia ouvir música de gênero mais *fortissimo*, do que a que



O carro musical

eles rangem quando se movem lentamente através das plantações. Informaram-me de que os brasileiros constroem esses carros de uma madeira especial, tendo em vista as qualidades musicais da mesma, para que, quando os carros são postos em movimento sob uma pesada carga e com tres juntas de bois, na frente, façam a guincharia concentrada de uma briga de mil gatos. Em certo dia de *feira*, viajava junto das margens do Paraíba e a muitas milhas ouvi o ran-

ger de um carro. A distância abrandara um tanto a sua música, e, após longa cavalgada, alcancei-o, deparando-se-me um alegre grupo de camponezes brasileiros, em seus trajés domingueiros, que passeavam no antigo carro romano, todo enfeitado com cobertores de côres vivas e alegres. As senhoras sem chapéu pareciam estar à vontade e sentiam-se tão orgulhosas de sua posição, como as mais espalhafatasas "ladies" da Quinta Avenida apoiadas sobre as almofadas de suas carruagens, ao suave balanço das mais modernas molas.

Recursos minerais

A província de Minas Gerais é a mais importante de todas as divisões interiores do Império, devido a suas riquezas minerais e vegetais, seus imensos rebanhos, sua acessibilidade ao mercado e sua população. Conta oitocentos mil habitantes e ainda assim é tão extensa que existem ainda, dentro de sua área de cento e cinquenta mil milhas quadradas, estensas florestas — inexploradas, habitadas por tribus de índios, e onde o jaguar caminha imperturbavelmente.

Outras zonas da província figuram entre as mais adiantadas e preferidas do Império. Observou um escritor com certa ênfase, que, si houvesse um lugar no mundo que pudesse ser feito para sobrepujar todos os outros, seria Minas esse lugar. Seu clima é suave e saudavel; sua superfície elevada e ondulada; seu solo fértil, capaz de produzir os mais valiosos produtos; suas florestas abundantes em madeiras excelentes, bálsamos, drogas e tinturarias.

Mas todas essas circunstâncias somadas não têm dado á província tanta celebridade como o simples fato da sua riqueza mineral inexaurível. Seu nome significa minas gerais, isto é de toda espécie, e, consequentemente, minas de ouro, prata, cobre e ferro encontradas dentro de seus limites, além de muitas pedras preciosas. Várias das mais valiosas minas de ouro, não distantes de Ouro Preto, têm sido exploradas por uma companhia de mineração inglêsa

nos últimos vinte anos. Essa empresa tem sido inquestionavelmente uma fonte de proveito para seus acionistas, e tem prestado em geral grandes serviços ao país introduzindo os mais consagrados processos de mineração e dando um impulso á indústria brasileira. Essa companhia emprega grande número de mineiros de Cornwall, e estabeleceu uma verdadeira vila inglesa na sua mina principal.

Recursos vegetais.

As capacidades agrícolas da província são imensas. Produz café, açúcar, fumo e algodão. Ainda fabrica também pano grosso de algodão. Seu solo produz milho em grande quantidade e pode ser preparado para o trigo. Em suas campinas ou prados elevados, pastam inumeráveis rebanhos de gado e alguns de ovelhas. O leite das vacas é convertido num tipo de queijo mole, conhecido por *queijo de Minas*. Podem ser vistos em grande quantidade no Rio de Janeiro e daí são distribuídos pelas cidades do litoral, sendo muito estimado como alimento.

O café.

Todavia, o grande empório de Minas Gerais, e de todo o Império do Brasil, é o café. Que história se poderia escrever sobre as viagens, a naturalização e os usos desse membro da família *Rubiaceae*! O cafeeiro não é, como geralmente se supõe, originário da Arábia, porém da Abissínia, e particularmente do distrito chamado Kaffa, donde o nome dado à bebida. Hoje em dia o cafeeiro é encontrado crescendo até nas nescentes do Nilo Branco. Não foi levado para a Arábia sinão no século quinze, quando, extensivamente cultivado, com grande sucesso na província de Yemen, e embarcado em Moca, o café desta parte do mundo obteve uma celebridade que nunca perderia. Quando foi introduzido pelos orientais na Europa, não sabemos; mas em 1538 encontraremos êditos contra êle, proclamados pelos sacer-

dotes maometanos, sob o fundamento que os fieis iam mais aos cafés do que às mesquitas. A primeira notícia que dele temos na França é de 1643, quando um certo aventureiro do Oriente estabeleceu em Paris uma casa de café, que não foi bem sucedida. Em alguns anos, porém, tornou-se moda entre a aristocracia, devido à sua inauguração por Soliman Aga, o Embaixador da Sublime Porta junto à Corte de Luiz XIV. Várias das altas personagens da época opuzeram-se à sua introdução, — entre elas a célebre Madame de Sévigné, que declarara que a popularidade do café seria meramente efémera; e, na intensidade de sua admiração por Corneille, predizia que "*Racine passerait comme le café*", (Racine passará tão depressa como o café) profecias que se mostrariam ambas um tanto desabonadoras do valor profético da famosa escritora de cartas. Antes do meiado do século dezessete, estava em voga nas principais capitais da Europa. Um negociante inglês de Constantinopla foi o primeiro a introduzir entre os londrinos, e sua espôsa, sendo uma jovem e linda grega, foi a mais atraente de suas vendedoras. Dizem que as casas de café grandemente se multiplicaram durante o Protetorado, e que Cromwell, desejando proteger o interesse das tavernas, a instância das taverneiros, mandou fecha-las.

Antes do século dezoito, todo o café consumido na Europa era trazido da Arabia Feliz, via Oriente, e os pachás do Egito e da Síria trataram de aumentar seus tesouros por exorbitantes direitos de trânsito. Esse impedimento foi levantado primeiro pelos navios da Holanda depois pelos da Inglaterra e da França, contornando o Cabo da Boa Esperança até o porto de Moca. Em 1699, Van Horn, primeiro Presidente das Índias Orientais Holandêsas, obteve cafeeiros e cultivou-os na Batavia, onde prosperaram maravilhosamente, e as bagas de Java obtiveram uma reputação somente rivalizada pelas de Moca. Um dos arbustos batavianos foi transplantado para o Jardim Botânico de Amsterdam em 1710, e com grande cuidado foi tão bem sucedido que um

dos mesmos foi mandado a Luiz XIV e colocado no Jardim das Plantas de Paris. Desta última planta, outras mudas foram confiadas a Isambert para serem levadas para Martinica; mas Isambert morreu antes da chegada do vapor, e conseqüentemente os cafeeiros se perderam. Em 1720, Antoine de Jussieu, do Jardim Botânico Real, mandou, pelo Capitão Declieux, mais tres arbustos de café, também destinados a Martinica. A viagem foi longa, o navio sofreu falta d'água: duas das plantas morreram, mas o Capitão Declieux distribuiu sua ração de água com o último cafeeiro, e assim conseguiu introduzi-lo nas Índias Ocidentais: esta planta foi a origem, dizem, de todas as plantações de café na América.

A honra de plantar o primeiro cafeeiro no Brasil pertence ao Franciscano Frei Villaso (*79), que, em 1754, colocou um no jardim do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro. Todavia, sómente após a insurreição Haitiana tornou-se o café objeto de grande cultura e comércio no Brasil. Em 1809, o primeiro carregamento foi enviado para os Estados Unidos, e todo o café cultivado no Império nesse ano montava apenas a 30.000 sacas, ao passo que no ano Commercial brasileiro de 1855 exportaram-se 3.256.089 sacas, que trouxeram para o país quasi 25.000.000 de dolares. Os Estados Unidos, durante o ano comercial que terminou a 30 de Junho de 1856, importaram, de todos os países produtores de café, 235.241.362 libras de grão de café dos quais 180.243.070 libras (isto é, quasi tres quartos) vieram do Brasil. O seguinte país na lista é a Venezuela, que nos mandou 16.546.166 libras; e o terceiro, Haiti, do qual importámos cerca de 13.500.000 libras. A soma total paga pelos Estados Unidos por café foi 21.514.196 de dolares, dos quais o Brasil recebeu nada menos do que 16.091.714 dolares.

A maior região cafeeira, como já dissemos, está situada ás margens do Rio Paraíba e na provincia de São Paulo; mas cada ano se estendem as suas planta-

ções, e uma consideravel quantidade está prescnetemente crescendo nas províncias mais ao norte. Pode ser plantado enterrando-se as sementes ou bagas (que são duplas) ou por meio de mudas. As árvores são colocadas afastadas de seis ou oito pés, e as plantas, que são levadas do viveiro com torrões de terra umida protegendo-lhes as raizes, dão frutos em dois anos; as separadas da terra não produzem senão no terceiro ano, e a maioria de tais arbustos morrem. Na província de S. Paulo, e nas porções mais ricas de Minas Gerais, mil árvores produzem de 2560 a 3200 libras, no Rio de Janeiro de 1600 a 2560. Em algumas partes de S. Paulo, mil árvores têm produzido 6400 libras; mas isto é extraordinário. Na província do Rio de Janeiro, as árvores são geralmente derrubadas de quinze em quinze anos. Ha alguns cafeeiros na plantação do Senador Vergueiro que têm vinte e quatro anos de idade, e ainda estão produzindo frutos. Como regra geral, não são permitidas excederem doze pés de altura, para os seus frutos poderem ser alcançados. Quando a baga está madura, é mais ou menos do tamanho e da côr de uma cereja, semelhando tambem um grande fruto de arandano ("chanberry"); um negro pode diariamente apanhar cerca de trinta e duas libras desses bagos. Há três colheitas no ano, e as bagas são espalhadas sobre um chão pavimentado ou área igual de solo ("terreiro"), de onde são levadas quando secas e despojadas da casca por meio de máquinas e depois enviadas ao mercado. Nada é mais lindo do que uma plantação de café em plena floração. As flores, alvas como a neve, brotam todas simultaneamente, e os campos extensos parecem quasi, de um dia para outro, abandonar seu manto de verdura, para substitui-lo pelo mais delicado manto de brancura, que exala uma fragrancia não indigna do Eden. Mas a beleza é verdadeiramente efémera, pois as flores côr de neve e o agradável aroma desaparecem em vinte e quatro horas.

E' por penosas viagens no dorso das mulas que as sacas de Minas Gerais geralmente alcançam os mercados, e nada

impede tanto a prosperidade geral dessa província, do que a falta de boas estradas ou de caminhos praticaveis que levem aos mercados. A província, desde alguns anos, vem gastando consideraveis somas na construção de estradas, mas até a presente data não pode enviar sobre rodas, para os mercados, uma simples tonelada de sua produção. A viagem de Ouro Preto — à capital, Rio de Janeiro, — numa distância de cerca de duzentas milhas, — é exclusivamente feita no dorso das mulas e cavalos, e requer comumente quinze dias.

Quanto á educação, é justo dizer que Minas Gerais, segundo as estatísticas officiais, é a primeira de todas as províncias nesse louvavel empreendimento. O govêrno provincial tem feito grandes gastos com o sustento das escolas, e o povo parece ter apreciado o benefício que lhe trazem.

Navegação do Rio S. Francisco.

Si o empreendimento ha muito falado da navegação à vapor no Rio Doce e no Rio São Francisco, fôr bem sucedido, os interesses de Minas Gerais serão grandemente favorecidos. Um ótímo levantamento do Rio São Francisco foi feito pelo Sr. Halfeld (*80).

Quanto à navegação do Rio São Francisco, — rio tão grande como o Volga, — uma vista dolhos no mapa mostrará sua importância para Minas e para todas as demais províncias banhadas por êle e seus tributários. O São Francisco é o maior rio que desagua no Atlântico, entre o Amazonas e o Rio da Prata. Nasce na província de Minas, e banha o solo da Baía, Pernambuco, Sergipe e Alagôas, em seu trajeto para o oceano. Da fóz do Rio das Velhas até às Cachoeiras de Paulo Afonso, não muitas leguas a leste de Joazeiro, numa distância de setecentas milhas, suas águas são próprias para navegação, embora, devido à escassez de população nas suas margens, e a falta de iniciativa seja pouco

utilizado para tal fim. As Cachoeiras de Paulo Afonso são descritas pelos que as visitaram como uma imensa catarata, onde o rio se precipita, produzindo um espetáculo de extrema grandiosidade.

As névoas que se elevam nas margens a prumo podem ser vistas a grande distância. Assemelham-se à fumarada de um vasto incêndio no seio da floresta. O rio não encontra mais um leito tranquilo senão próximo à sua embocadura, e num percurso de setenta e cinco milhas lança-se com fúria em uma sucessão de rápidas e pequenas quedas, que interceptam a passagem de navios e fazem perder a esperança de qualquer ligação artificial entre a navegação superior e inferior do grande rio.

Mas essas dificuldades estão para ser vencidas de outro modo; já se acha projetada uma estrada de ferro de Pernambuco a Joazeiro, por iniciativa dos Srs. de Mornay, que já obtiveram a concessão do primeiro trecho a construir que vai da cidade de Recife até Agua Preta, no rio Una, numa extensão de setenta e quatro milhas. Da Baía, também foi projetada uma outra estrada, para o norte, até Joazeiro. Ora, desse ponto até à fóz do Rio das Velhas existe uma navegação ininterrupta à vapor num percurso de setecentas milhas, e numerosos tributários elevam a navegação a quasi duas mil milhas. Por conseguinte, deve ser da Barra das Velhas que se devera construir a estrada de ferro, que irá ter ao Rio de Janeiro, com cerca de quatrocentas e trinta milhas em linha reta, — compreendendo o todo, sobre trilhos e pelo rio, como o Sr. Borthwick o diz em sua excelente nota, “uma grande comunicação interna entre a capital e as mais prósperas províncias”; tal é sua necessidade que tal empreendimento é uma mera questão de tempo. Quando se vier a concluir um sistema de melhoramentos internos como esses, nenhuma província será mais beneficiada do que Minas Gerais. Os recentes estudos do Sr. Halfeld foram publicados pelo govêrno.

Província de Goiaz.

A oeste e norte de Minas Gerais está a grande província de Goiaz. Como muitas das partes interiores do Brasil, Goiás foi descoberta e desbravada desde os primeiros anos pelos paulistas, à procura de minas e escravos índios. Possui em abundância ouro, diamantes e pedras preciosas; mas seu afastamento do litoral, e sua falta de estradas, canais e navegação a vapor de seus rios navegáveis, são grandes obstáculos ao desenvolvimento de seus recursos.

Essa província, limitada a oeste pelo rio Araguaia, pode ser considerada como ocupando a porção central do Brasil, e não é geralmente montanhosa, muito embora sua superfície seja elevada e desigual. Veêm-se altas florestas virgens nas margens de seus rios, nas quais existem muito dos mais comicos macacos; a maior parte da província porem é coberta por essas espécies de baixos e enfezados arbustos, que dominam em grande parte da província de Minas, e se designam pelos termos de *caatingas* e *carrasqueiros*. No seu solo dão bem os produtos comuns do Brasil, assim como muitos dos frutos da Europa Meridional. A agricultura tem progredido mais em Goiás do que em Mato Grosso, embora seja ainda extremamente descuidada.

O nome desta província é derivado de *Goiaz*, uma tribo de índios que habitava antigamente o seu território, quasi atualmente extinta. Várias outras tribus ainda existem dentro de seus limites, muitas das quais nutrem um ódio mortal ao povo que invadiu seus domínios perturbando os seus hábitos primitivos. As colonizações são muitas vezes destruidas pelas incursões hostis destes índios.

Em Goiás, assim como em outras partes do interior, o viajante encontrará abundância de mel produzido por abelhas sem ferrão. Não sei si se verifica no Brasil, como na América do Norte, que as abelhas precedem de algumas milhas a marcha para a frente da civilização que — avança

à medida que os índios e os animais selvagens preparam-se para partir, — e é assim a pioneira de um melhor estado de coisas e fornece o seu açúcar para o sustento e o prazer do colonizador e do viajante nessas vastas e fertes solidões. Suponho que as abelhas do Brasil são indígenas e não como a abelha de mel dos Estados Unidos, que era desconhecida antes da chegada dos europeus e às quais os índios — não tendo vocábulo para elas na sua lingua — deram o nome de “moscas inglesas”. A maior parte das abelhas brasileiras apresentam, em sua ausência de armas, uma peculiaridade que muitas das atormentadas vítimas desejariam que *Apis mellifica* da América do Norte possuísse. Muitas dessas abelhas produzem um mel *ácido*, o que compensa a antinomia de limões *doces* (54).

(54) O Dr. Gardner, em sua visita à Goiaz, foi hospedado em um pequeno lugar não distante de Natividade, perto das montanhas que formam o limite sudoeste de Piauí. “O dono da casa”, diz êle, “voltou das matas, logo depois, de nossa chegada, com uma consideravel quantidade de mel silvestre, dando-nos gentilmente um pouco do mesmo. Achámo-lo excelente: era o produto de uma pequenina abelha, tão numerosa nessa parte do Brasil. Era a estação em que o povo ia para as matas em procura do mel. E’ geralmente tão usado, que, antes de deixar Duro, (ponto de convergência de Goiás, Piauí e Pernambuco) recebiamos certa quantidade dele em quasi todas as casas onde paravamos. Essas abelhas, na maior parte, pertencem ao gênero *Melipona*. Illig., e eu apanhei muitas, que, com outros espécimes zoológicos, foram depois perdidos ao atravessar um rio. Uma lista deles, com seus nomes indígenas e algumas observações a respeito podem apresentar algum interesse:

- 1 — *Jataí* — E’ uma espécie muito pequena de côr amarelada, tendo apenas duas linhas de comprimento. O mel, que é excelente, assemelha-se muito à abelha de colmea da Europa.
- 2 — *Mulher branca* — De cerca do mesmo tamanho da de n. 1, mas de uma côr esbranquiçada: o mel é igualmente bom, mas um pouco ácido.
- 3 — *Tubi* — Uma pequena abelha preta, menor do que uma mosca domestica comum; o mel é bom, mas tem um gosto amargo peculiar.

Em algumas partes de Goiaz, a sociedade é muito atrasada, mas não tanto como na época (1817) da visita de St. Hilaire. Ha uma poderosa classe dos habitantes chamada *vaqueiros*, ou proprietários de gado. Esses homens possuem grandes rebanhos de gado vacum, e sua principal tarefa é marcar, viajar e encurralar o gado. São entendidos no uso do laço e também da faca de ponta. Suas condições morais e intellectuais não são de modo algum perfeitas.

Comtudo, do progresso geral que está pouco a pouco penetrando o Brasil todo, esta provincia recebe o seu quinhão; e, quando as estradas de ferro estiverem terminadas até Joazeiro, Goiáz será facilmente ligada em algumas horas aos

-
- 4 — *Manoel d'Abreu* — De cerca do tamanho da *tubi*, porém de uma côr amarelada: seu mel é bom.
 - 5 — *Atakira* — Preta, e quasi do mesmo tamanho da *tubi*, — a principal distincção entre elas consistindo na forma da entrada de suas coimeas: a *tubi* fa-la de cera, a *atakira* de argila. Seu mel é muito bom.
 - 6 — *Oariti* — De uma côr enegrecida, e quasi do mesmo tamanho da *tubi*: seu mel é um tanto ácido, e não é bom.
 - 7 — *Tataira* — Quasi do tamanho da *tubi*, mas com um corpo amarelado e uma cabeça preta: seu mel é excelente.
 - 8 — *Mambúco* — Preta, e maior do que a *tubi*: o mel, depois de ser conservado cerca de uma hora, torna-se tão ácido como sumo de limão.
 - 9 — *Bejui* — Muito semelhante à *tubi*, porém menor; seu mel é excelente.
 - 10 — *Tiuba* — Do tamanho de uma grande mosca domestica e de uma côr negra acizentada; seu mel é excelente.
 - 11 — *Bará* — De cerca do tamanho de uma mosca domestica e de uma côr amarelada; seu mel é ácido.
 - 12 — *Urussú* — De cerca do tamanho de um zangão; a cabeça é preta e o corpo amarelado. Produz bom mel.
 - 13 — *Urussú preto* — Inteiramente preta, e acima de uma polegada de comprimento; produz também bom mel.
 - 14 — *Cuniára* — Negra, e de cerca do mesmo tamanho da de n. 13; seu mel é demasiado amargo para ser comestível.
 - 15 — *Chupé* — De cerca do tamanho da de n. 10, de uma côr preta. Faz sua colméa de argila nos ramos das árvores, e é muitas vezes de um grande tamanho. Seu mel é bom.

grandes mercados na costa do Atlântico. Os vários afluentes do Tocantins e do Paranaíba banham esta província e permitem certa comunicação com as províncias adjacentes; províncias do meio e do sul, ainda encontrei com viajantes e tropas fazendo o longo e fatigante roteiro até o Rio de Janeiro e Santos. De Goiáz, a capital da província, até o Pará, a distância é de mais de mil milhas, e semelhante viagem tem todo o seu percurso efetuado por água, com exceção de algumas leguas. Esta longa rota fluvial, foi realizada em 1773, sob o governo de José d'Almeida de Vasconcellos Sobral e Carvalho, e nós homens do Norte ficamos admirados que essa navegação não se torne perma-

16 — *Urapua* — Muito semelhante à de n. 15, mas sempre constroe sua colmeia mais arredondada, mais horizontal e menor.

17 — *Enchú* — Esta é uma espécie de vespa do tamanho de uma mosca doméstica; sua cabeça é preta e o corpo amarelo. Constroe sua colmeia nos ramos das arvores; esta é de um tecido semelhante ao papel de cerca de tres pés de circunferência. Seu mel é bom.

18 — *Enchú pequeno* — Muito semelhante ao último, porém faz sempre uma colmeia menor; tambem produz bom mel.

“As primeiras onze dessas abelhas de mel constroem suas células nos troncos das árvores ôcas, e as outras em parecida situação ou subterraneamente. Apenas as últimas tres especies dão ferroadas, todas as outras sendo inofensivas. A única tentativa que vi para domesticar estas abelhas, foi por um mineiro, de Cornoalhes no distrito aurífero, que cortava as porções dos troncos das árvores que continham os ninhos, e firmava-os nas goteiras da sua casa. Pareciam prosperar muito bem; mas, sempre que se queria tirar o mel, era necessário destruir as abelhas. Os índios e os outros habitantes da região são muito experimentados em descobrir estes insetos nas árvores onde se encerram. Eles geralmente misturam o mel — que é muito fluido — com farinha, antes de come-lo, e da cera fazem uma espécie grosseira de cirio de cerca de uma jarda de comprida, que serve em lugar de velas, e que o povo da região leva às vilas para vender. Achamos isto muito conveniente, e sempre carregamos um estoque sufficiente conosco; não raramente somos obrigados a fabrica-las nós mesmos com a cera obtida pelos meus próprios criados”. 1865, M. Brunet, da Baía, encontrou quarenta espécies de abelhas.

nente e segura. Como os vapores brasileiros percorrem certa regularidade o rio Amazonas, desde 1853, podemos esperar, com o tempo, ver as águas do Tocantins e seus tributários sulcadas por vapores apropriados. O Presidente desta província, Sr. Magalhães, desceu o Araguaia até o Pará em 1853.

Província de Mato Grosso.

Mato Grosso é uma imensa província, contendo uma área maior do que os treze primitivos Estados da União Norte Americana. Está situado a oeste de Goiás e limita-se com a Bolívia, a Confederação Argentina e o Paraguai.

Pode-se alcançar Mato Grosso vindo do Pará descendo-se o Rio Tocantins, o Xingú, o Tapajóz ou o Madeira. Uma vista dolhos sobre o mapa nos faria supôr que o trajeto pelo Madeira não é apenas o mais longo, si não tambem o mais difficil, a todo ponto de vista. Entretanto é mais bem conhecido do que qualquer dos outros, e é o único que tem sido, de certo modo, uma rota comercial.

A distância em linha reta do Pará até Vila Bela ou Mato Grosso (uma das principais cidades da província) é de cerca de mil milhas. Nada menos de duas mil e quinhentas milhas devem ser percorridas por quem faz o trajeto por água. O Tenente Gibbon, U. S. N. deu-nos um relato muito interessante de sua descida (em 1852) do Rio Mamoré, desde o forte Príncipe de Beira até o Madeira, e daí até o Pará; mas a melhor descrição detalhada dessa longa rota e das numerosas difficuldades que ela opõe ao viajante e ao negociante, se encontra numa memória publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. O Brasil estabeleceu a navegação comercial para Cuiabá em 1856.

Numa distância de mil e quinhentas milhas do Amazonas e do Madeira até as Cachoeiras de Sto. Antonio, só se encontra uma poderosa corrente. Grande parte da região através da qual corre o Madeira, é muito insalubre. Das Ca-

choeiras de Sto. Antonio, uma sucessão de cachoeiras e rápidos estendem-se rio-acima, por mais de duzentas milhas. Em quasi toda essa distância é necessário transportar as canoas e cargas por terra, pelos processos mais tediosos e difíceis que se possa imaginar. E' preciso galgar precipícios, cortar estradas e construir cabanas de vez em quando, para abrigo temporário contra as chuvas. Em poucas palavras, consomem-se necessariamente três ou quatro meses nesse trecho do percurso. Uma vez transposta essa série de obstáculos, tem-se cerca de setecentas milhas de boa navegação nos Rios Mamoré e Guaporé. Antes da navegação à vapor no Amazonas, a viagem inteira levava dez meses, quando feita por mercadores carregando mantimentos. Grandes quantidades de índios e negros são exigidas como remadores e carregadores. E' comum diversas companhias se associarem, e as provisões que se devem necessariamente arranjar de antemão, exigem grandes esforços e despesas. A viagem de volta, naturalmente, seria muito mais rápida e facil. Não obstante o tédio e a fadiga desta longa e temível travessia, é geralmente preferível à viagem por terra até o Rio de Janeiro. Nesta, uma sucessão interminável de montanhas, a falta de quaisquer estradas directas e apropriadas, a impossibilidade de procurar provisões pelo caminho, — pelo menos em longos trechos — e o passo lento das mulas carregadas, não são de modo algum desprezíveis dificuldades numa viagem de negócios ou de recreio.

Navegação pelo Prata.

Pela iniciativa e habilidade, porem, do Tenente Thomas J. Page, U. S. N., uma nova rota por via aquática, para a capital do Império foi aberta ao Brasil e ao mundo. Esse official, agindo por ordens do Governo dos Estados Unidos, partiu de Norfolk em 1853, no vapor norte-americano "Water-Witch", de quatrocentas toneladas de carga e nove pés de calado. O objetivo desta expedição era o levanta-

mento do rio da Prata e seus tributários, para a intensificação do comércio e o progresso da ciência. Embora alguns obstáculos surgissem no Rio de Janeiro, o Governo Imperial deu finalmente o seu consentimento, e o "Water-Witch" continuou sua missão de paz; e não se lê o relatório do Tenente Page ao último Secretário da Marinha (Mr. Dobbin) sem o mais profundo interesse e a convicção de que os serviços e descobertas do comandante e seus subordinados são da maior importância para a América do Norte e para Europa, assim como para o Brasil e os Estados Sul Americanos.

Os estudos do Tenente Page sobre o Paraná, Paraguai e também sobre muitos de seus tributários mostram conclusivamente que esses rios podem tornar-se as mais fecundas vias de comércio. Do Paraguai êle diz:

"Este rio difere do Paraná por várias particularidades. O seu periodo de cheias é geralmente o inverso; contem apenas poucas ilhas, está encerrado entre estreitos limites, é mais facil à navegação por ser menos obstruido por bancos de areia, e o curso de seu canal é menos variavel; sua largura é de um oitavo a tres quartos de milha, sua velocidade duas milhas por hora, sua cheia de doze a quinze pés. Em Outubro atinge a uma distância de duzentas e cincoenta milhas, foram encontrados nada menos de vinte pés de água quando o rio tinha descido cerca de dois pés. A profundidade da água permanece inalterada numa distância da várias centenas de milhas acima de Assumpção, e o "Water-Witch" subiu o Paraguai setecentas milhas acima desse lugar sem que se encontrasse menos de doze pés. Nessa época o rio descera vários pés.

"A admiravel adaptabilidade desses rios à navegação a vapor forçosamente surpreende o mais canhestro observador.

"Não ha obstruções de árvores caídas, nem bancos de areia, nem pedras, para pôr em perigo a navegação. Em pontos adequados — na verdade, em quaisquer pontos do Paraguai principalmente — pode-se abundantemente obter a melhor madeira nas suas margens; e, onde forem povoadas nenhuma dificuldade se encontrará em obter uma provisão de madeira já preparada para uso immediato. Por experiência cuidadosamente feita, uma pilha de lenha das madeiras do Paraguai, equivale seguramente, na produção do vapor, a uma tonelada do melhor carvão antracito,

“A margem esquerda do rio, a uma distância de quatrocentas e cinquenta milhas acima de Assunção, as povoações, porém, vão rareando à medida que nos aproximamos da fronteira norte. Entre as colonizações paraguaias mais ao norte e as brasileiras mais ao sul numa distância de duzentos e cinquenta milhas — não ha habitação de homem civilizado. Várias tribus de índios foram encontradas em diferentes pontos, com algumas das quais trocamos conversação, e partimos em termos tão amigáveis, devido aos numerosos presentes que lhes fizemos de enfeites e fumo, que se tornaram um tanto importunos, seguindo-nos ao longo das margens a cavalo, desejosos que repetissemos a visita às suas praia”.

Este foi o primeiro vapor que sulcou as águas superiores do Paraguai. A chegada do “Wate-Witch” a Coimbra (Brasil) foi saudada com as mais vivas demonstrações de alegria, e o Tenente Page foi recebido pelas autoridades com as maiores atenções. O comandante, porém, devido a ter chegado demasiado tarde a permissão do Governo Imperial, não foi além de Corumbá. Todavia, o Tenente Page é de opinião que Cuiabá, em Mato Grosso, pode ser alcançada por pequenos vapores. E’ de esperar que esse enérgico e inteligente oficial possa ainda prosseguir nos seus serviços em benefício da humanidade.

E’ interessante refletirmos que, estando a marinha americana, por quasi cinquenta anos, livre das missões de guerra, seus bravos oficiais ganharam imperecíveis laureis nos nobres esforços da investigação científica. Os nomes de Bache, dos Tenentes Strain, Kane, Gillis, Page e as dezenas de outros que empreenderam levantamentos da costa, fizeram mais em beneficio de seu país e da humanidade do que todas as batalhas navais do século dezanove. Depois que estas páginas foram escritas, três dos nomes acima mencionados foram dormir o “último sono”. Quando se reunirem as suas conquistas científicas, seu sacrificio pessoal e seus sofrimentos, o herói das regiões árticas e o herói do Istmo de Darien não serão esquecidos pelas gerações que

nos sucederão. A ambos se podem aplicar as palavras do Sr. George Ripley, de Nova York, a respeito de Kane: — “As admiráveis qualidades que manifestou no cumprimento de seus deveres oficiais são um penhor seguro de fama permanente. A coragem, o saber, a fertilidade de recursos, o poder de sofrimento e a devoção a uma idéa ficarão gravados sobre a sua intrépida carreira”. Da mesma forma que o Dr. Kane, embora levado por uma missão de misericórdia, foi o primeiro americano a tentar “levantar o tenebroso veo de mistério que encobre as regiões árticas”, também o Tenente Strain, em benefício da humanidade, foi o primeiro americano a explorar os maravilhosos rios dessas regiões meridionais de fabulosa fertilidade”.

Quando ainda guarda-marinha, obteve permissão para entrar no interior do Brasil, e, acompanhado por um pequeno punhado de bravos (entre os quais o Dr. Reinhart), explorou a província de São Paulo, percorrendo os rios Tietê e Paranapanema desde quasi a sua confluência com o Paraná. Os perigos e fadigas que encontrou nessa expedição

(55) A carreira desse official depois de deixar o Brasil, pode ser brevemente resumida: Da América do Sul foi para a California. “Em 1849, voltando do Pacífico, atravessou o continente de Valparaíso a Buenos Aires, do qual publicou uma narrativa intitulada “A Cordilheira e o Pampa”. Subsequentemente, serviu como adido à Comissão de Limites Mexicanos. Um cruzeiro africano seguiu-se à sua volta do México, e pouco tempo depois acompanhou a fatal expedição através do Istmo de Darien, que custou tantas valiosas vidas, minou a saúde e acabou por causar a morte do seu chefe. Refeito dos efeitos da fadiga dessa aventura, acompanhou o Tenente Berryman em viagem no vapor “Arctic” para sondar o trajeto do cabo telegráfico do Atlântico. Este foi seu último serviço público. Mas seu energico espírito não podia ficar inativo, e na época de sua morte, estava de viagem para examinar a rota Darien; e no mesmo lugar onde ganhou um nome tão elevado entre os exploradores americanos, deu a sua vida” — *Providence (R. I.) — Journal*.

foram apenas inferiores às da mais recente e mais bem conhecida expedição ao Istimo de Dariem. Seus serviços como explorador foram dignamente reconhecidos pelo Governo Imperial; e no Brasil ouvi altos encômios ao Tenente Strain, tendo com a sua morte a ciência perdido um dos seus mais nobres filhos”.

Seria uma interessante expedição, e grandes bens dela adviriam, si o govêrno do Brasil consentisse em organizar com a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, uma comissão científica conjunta, para explorar inteiramente toda a região do Brasil Central, da Bolívia até à Baía, com particular referênciã à navegabilidade das águas, que nessa região se entrelaçam, dos vastos rios que banham uma tão larga extensão de território.

Na parte norte desta província, vivem inumeraveis bandos de macacos, pela maior parte pertencentes a medonhas especies. Castelnau, nas cabeceiras do Amazonas, encontrou a autêntica narração escrita de um padre dos primeiros tempos, que afirmava haver aqui uma raça de índios, que êle vira e que eram anões e tinham cauda. Disse que um deles lhe fora mostrado, cuja extremidade caudal era “da espessura de um dedo, e de meio palmo de comprimento, e coberto com pele descoberta e lisa”; alem disso, tambem empresta a sua autoridade para o fato de os índios cortarem sua própria cauda uma vez por mês, por não gostarem de te-la demasiado comprida. Não seria o anão do padre, o *Brachyurus calvus*, com a sua cauda, semelhando uma bola, descoberta ha alguns anos passados nessa região pelo sr. Deville? .

Cuiabá.

Cuiabá, a capital de Mato Grosso, occupa uma situação saudavel, no rio do mesmo nome. Embora chamada uma cidade, é de fato apenas uma vila. Suas casas são quasi

todas construídas de taipa, com chão de argila batida ou tijolo. A região que de perto a circunda, dizem ser tão abundante em ouro que grãos desse metal podem ser encontrados em qualquer lugar onde se excave a terra. Está distante cerca de cem milhas do distrito diamantífero.

Seu solo é fértil, mas falta-lhe quasi totalmente o cultivo. Em certas zonas, dá-se particular atenção à pastagem; mas, geralmente falando, os habitantes não fazem esforços para produzir aquilo que não seja para seu próprio consumo. E na verdade nem sempre alcançam o limite de suas próprias necessidades. A província é abundante em ouro e diamantes; mas devido à falta de habilidade na procura deles, os lucros com ambos, nos últimos anos, tem sido muito pequenos. O que encontram os mineiros e os *garimpeiros*, como são chamados os que procuram diamantes, juntamente com certa quantidade de ipecacuanha, representa toda a exportação da província. Estes artigos são geralmente enviados no dorso das mulas para o Rio de Janeiro, onde as mercadorias manufaturadas são compradas em troca e enviadas pela demorada rota terrestre.

A primeira imprensa que se viu em Mato Grosso foi adquirida a expensas do Govêrno em 1838. Em assuntos de educação, esta província está extremamente atrasada. As escolas não são apenas poucas em número, mas grandes contratempos se originam da falta de livros, papel e quasi todo o material essencial à educação elementar. Junto a essa situação inferior e pouco promissora da educação, a da religião, a julgar pelos relatórios dos sucessivos presidentes da província, parece ser ainda peor. Existem, aí, apenas algumas poucas igrejas: menos de metade conta sacerdotes; e todas, si não se fizerem grandes gastos para repara-las, em breve estarão em ruínas.

Malefício das minas de ouro e diamantes.

Goiaz e Mato Grosso podem se juntar quando em comparação com as outras regiões do Império e do mundo. Ambos foram originalmente colonizados por caçadores de ouro. A atração das riquezas levou os aventureiros a se enterrarem nas profundas solidões de suas intermináveis florestas. A procura desses produtos foi bem sucedida. As mais ávidas ambições foram saciadas. Mas a agricultura foi descuidada; o povo não podia comer ouro, e muitos casos houve em que os que eram capazes de pesar seus tesouros por *arrobas* estavam na maior penúria em relação ao que é necessário para a vida. A terra não era cultivada; nada era exportado; não se construíam florescentes cidades. A febre do ouro, declinando, deixou a sociedade num estado tão debilitado que sentimos os seus efeitos até hoje. O ouro e os diamantes estorvaram o progresso de Goiaz e Mato Grosso mais do que suas densas florestas e a grande distância do litoral. É instrutivo olhar para os resultados totalmente diferentes das riquezas minerais em confronto com as riquezas vegetais do Império. Depois do México e do Perú (antes da descoberta do tesouro australiano e californiano), o Brasil forneceu as maiores quotas de metal para moedas ao mundo comercial. Nele o diamante, o rubí, a safira, o topásio e a opala com as cores do arco-iris espalham-se no seu esplendor nativo. Entretanto, tão maiores são as riquezas dos produtos agrícolas do Império, que a soma anual recebida por um simples produto, o café, excede os resultados da produção de oitenta anos das minas de diamante. De 1740 a 1822 (a era da independência), num período que foi o mais próspero na mineração de diamantes, o número de quilates obtido foi de duzentos e trinta e dois mil, num valor que não alcança a tres e meio milhões de libras esterlinas. Só a exportação de café do Rio, durante o ano de 1851, montou a £ 4.756.794! E quando acrescentamos

às somas obtidas pelos outros grandes empórios de açúcar, algodão, seringa, (a borracha da Índia) madeiras para tinturaria, e as produções dos imensos rebanhos do Sul, podemos fazer, na verdade, uma melhor idéa das fontes de riqueza do Brasil, mas apenas uma fraca concepção dos vastos recursos desse fértil Império.

Tendo assim passado uma vista d'olhos em todas as províncias interiores, exceto o Amazonas, voltaremos a dar a nossa atenção para as províncias marítimas que ficam ao norte do Rio de Janeiro (56).

(56) *Nota de 1866* — A guerra com o Paraguai (que foi um drama de incomparável barbaridade da parte do Presidente Lopez, filho do antigo Ditador) trouxe misérias inauditas às populações pouco estaveis. Até Novembro de 1864, os vapores navegavam até Cuiabá, e os produtos da região, principalmente ipecacuanha, desciam o rio e eram assim levados ao mercado. Todo o commercio, que aliás nunca foi consideravel, paralisou. Provavelmente o maior comprador no mundo de ipecacuanha e salsaparrilha brasileira é o conhecido Dr. J. C. Tyer, de Lowell, Massachusetts, cujos remédios são encontrados em todo o mundo. Em 1863, officiaes brasileiros desceram os rios Araguaia e Tocantins até o Pará seguindo a rota antigamente usada. Embora apresentem muitas difficuldades, esses grandes rios podem ainda vir a servir como caminhos públicos num interior quasi fechado para o resto do mundo.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 75) Wilhelm von Eschwege — "Observations sur la manière de voyager dans l'intérieur du Brésil", 1819 — "Journal von Brasilien", 1813 — "Pluto Brasiliensis", 1833.

Alexandre Rodrigues Ferreira (ver, nesta "Brasiliana", trechos de sua obra publicados por Virgilio Corrêa Filho).

Johann von Natterer, acompanhou Martius ao Brasil, onde esteve cerca de 18 anos, tendo sido os seus originaes em parte destruidos por incendio em Viena; trabalhos ornitológicos publicados em "Zur Ornithologie Brasiliens-

Resultate von Johann Natterer Reisen in den Jahren 1817 his 1835", por Pelzeln (1871).

John Mawe "Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country", Londres, 1812.

Maximiliano, Principe de Wied-Neuwied, "Reise nach Brasilien", Frankfurt, 1820-21; edição brasileira nesta "Brasiliana", formato grande, n.º 1, sob o título "Viagem ao Brasil", trad. de Edgard Sussekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo, revista e anotada por Olivério Pinto.

Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius: "Reise in Brasilien", 1828-1831. Ver, nesta "Brasiliana".

Auguste Saint Hilaire — ver, nesta "Brasiliana": "Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo", 1822, trad. e notas de Afonso de E. Taunay; "Viagem á Provincia de Santa Catarina", 1820, trad. de Carlos da Costa Pereira; "Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiáz", 12 tomos, trad. e notas de Clado Ribeiro de Lessa; "Segunda Viagem ao interior do Brasil: Espirito Santo", trad. de Carlos Madeira; "Viagem pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Gerais", trad. e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

Sobre Langsdorff, ver nota ao Capitulo XV.

Johann Emmanuel Pohl, veio ao Brasil com Martius, tendo publicado "Reise in Innern von Brasilien" (1832-1837).

Sobre Burchell, ver nota ao Capitulo XV.

Sobre Gardner, ver nota ao Capitulo I.

Conde Francis de Castelnau "Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Para", Paris, 1850-57.

Alfred Russel Wallace — "A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro", Londres, 1853; ver nesta "Brasiliana" a tradução de Orlando Torres, com prefacio de Bazilio de Magalhães.

(* 76) W. Smith — "Narrative of a journey from Lima to Pará, across the Andes and down the Amazon", Londres, 1836.

William H. Edwards — "A Voyage up the river Amazon, including a residence at Pará", Londres, 1855.

William Lewis Herndon e Lardner Gibbon — "Explorations of the Valley of the Amazon made under direction of the Navy Department", 1853-54.

(* 77) Tenente Jefferson Page.

(* 78) Dr. Ildefonso Gomes, botânico mineiro.

(* 79) Frei José Mariano da Conceição Vellozo.

(* 80) Sobre Halfeld, ver Nota n.º 6.

CAPÍTULO XXIV

Cabo Frio.

Alcançar o Norte brasileiro por mar, não é tarefa difícil depois de 1839. No Rio de Janeiro, raramente se passam tres dias sem que um vapor, estrangeiro ou nacional se dirija para a cidade da Baía. Tomando-se um desses, em poucas horas estaremos em frente a Cabo Frio, cujas gigantescas massas arredondadas de granito, assinalam o ponto onde a linha da costa inflete para o norte formando quasi um ângulo reto.

Ha alguns anos passados, a fragata inglesa "Thetis" de viagem para sua pátria no fim de um cruzeiro no Pacífico, naufragou em Cabo Frio. Este navio, deixando o porto do Rio, onde tocara, encontrou máu tempo. Depois de lutar contra este, até que se presumisse que a costa estava bem visivel, continuou seu curso. A escuridão da noite era impenetravel, e, estando o vento forte, o vapor corria oito ou dez nós por hora, quando, sem a mais leve noção ou apreensão do perigo da parte de qualquer dos tripulantes, lançou-se sobre esses escolhos de pedra. Os officiaes e a tripulação, no choque e consternação do momento, tiveram unicamente tempo de se transferirem para as partes contiguas do promontório, antes que a fragata despedaçada fosse ao fundo. Muitos dos que se achavam à bordo foram salvos agarrando-se nas partes superiores da rocha, fora do alcance das ondas, onde, na mais forçada posição, foram obrigados a permanecer por toda uma terrivel noite.

Um bom farol foi depois disso construido em Cabo Frio, que presentemente torna a aproximação do navegante quasi tão segura de noite como de dia.

Campos.

Passámos o Rio Paraíba, a vinte milhas de cuja fóz está a florescente cidade de Campos, antigamente chamada S. Salvador. A vasta região que circunda esta cidade é conhecida por "Campos dos Goitacazes", do nome dos seus habitantes indígenas. E' uma rica região do país, e, por sua belesa, foi comparada aos Campos Elisios. Campos está situada na margem oeste do rio. A cidade tem ruas regulares e bem pavimentadas, com algumas belas casas. Seu comércio é extenso empregando um grande número de sumacas costeiras para exportar seu açúcar, sua aguardente, seu café e seu arroz. O açúcar de Campos, dizem alguns, é o melhor do Brasil.

Litoral da Província do Espirito Santo.

Não muitas leguas além da desembocadura do Paraíba, viajamos pela costa do Espirito Santo. Esta província compreende a antiga capitania do mesmo nome, e parte da de Porto Seguro. Embora fosse este o trecho da costa descoberta por Cabral e colonizada pelos primeiros donatarios, ainda assim é apenas esparsamente habitado, e não recebeu os melhoramentos que se encontram em outros trechos. Seu solo é fértil, e especialmente adaptado à cultura da cana de açúcar, juntamente com a maior parte dos produtos tropicais. Suas florestas fornecem preciosas madeiras e uteis essências e suas águas são abundante em peixes preciosos. Ha, porem, ainda vastas regiões de seu território unicamente percorridas por tribus selvagens, que ainda fazem ocasionais incursões para a pilhagem dos postos de colonização. Foram recentemente realizados levantamentos nos rios Doce e S. Mateus, e pensam ser viavel tornar esses cursos navegaveis para pequenos vapores. Companhias organisadas tiveram estas empresas a seu cargo, e propuzeram abrir novos e directos meios de transporte entre a costa e a província

de Minas Gerais. Se essa empresa fôr bem sucedida, será de grande importância, não sómente para as províncias do Espírito Santo e Minas Gerais, como também para a cidade da Baía, para a qual grandes quantidades dos produtos exportados seriam diretamente transportados.

Príncipe Maximiliano de Neuwied.

A distância do Rio de Janeiro a Baía é de cerca de oitocentas milhas. Não ha nenhuma grande cidade ou porto florescente na costa, nem uma simples estrada direta através do seu interior. O único autor que viajou por essa parte do Brasil por terra, foi o Príncipe Maximiliano de Neuwied. Poucos naturalistas demonstraram maior entusiasmo, e poucos viajantes mais perseverante empenho do que Sua Alteza, ao passar por essas selvagens e incultas regiões (*81).

E' difficil fazer uma idéa dos empecilhos, obstáculos e perigos que ele teve de vencer. Mas tal foi o interesse e o entusiasmo com que o Príncipe efetuou a sua viagem, que descreveu a sua situação, dizendo: "Embora dilacerado e maltratado pelos espinhos, ensopado pelas chuvas, exausto pela incessante transpiração causada pelo calor, apesar de tudo isso o viajante se sente transportado na contemplação de uma vegetação tão magnifica". Suas viagens pelo Brasil se realizaram entre 1815 e 1818, e a opulenta e interessante obra em que deu ao mundo os resultados das mesmas fornece-nos até a presente data a melhor narrativa que se possui dos cenários e dos habitantes desse trecho do litoral do Brasil. Nenhuma região do país foi menos agitada pelas revoluções da última metade do século. Sob o atual regime, tem havido um progresso gradativo; todavia até 1839, toda a província do Espírito Santo não possuia uma unica tipografia, e muitas de suas igrejas, construidas pelos primeiros colonizadores estão caindo em ruinas. Mas quando lemos as recentes estatísticas sobre educação, verificamos que houve progressos mesmo nesses socegados recantos do mundo.

Em 1837, havia apenas sete escolas primárias na província; mas, em 1855, o Ministro do Império registra vinte e nove sustentadas pelo Tesouro Imperial, para não falar das que estão sob a direção das autoridades provinciais e da iniciativa particular.

Vários melhoramentos internos se realizaram; e esperamos que não esteja muito longe o dia em que o Espírito Santo venha a ter bem cultivado o seu fértil solo, tão bem adaptado ao café e à cana de açúcar.

Índios, origens e civilização.

Freqüente alusão temos feito às tribus aborígenes do Brasil. Sua história encheria muitos volumes. O mesmo interesse ligado aos Incas e aos assuntos com eles relacionados, aos Montezumas e aos milhões que tinham em seu poder não se liga às tribus ou nações que habitavam o Brasil na época de sua descoberta. Os poucos remanescentes das antigas idades que foram descobertos no Norte são sem dúvida documentos do Império dos Incas a leste dos Andes.

Schoolcraft, o erudito e dedicado estudioso das antiguidades dos índios, mostrou, penso eu, claramente que o germe da civilização mexicana foi a cultura do milho, que, para dar resultado em quantidades e qualidade, exige, pelo menos por alguns meses, um trabalho continuado. Assim os antigos mexicanos, mesmo que fossem nômades em certo período de tempo, deveriam ter sido chamados ao local de onde retiravam o seu principal sustento. A falta de chuvas exigia esforços para irrigação artificial e para a construção de jardins flutuantes sobre os lagos que adornam o grande Vale de Azteca. Estes não podiam ser abandonados sem o maior dos sacrifícios, e assim se gerou insensivelmente uma comunidade. — uma colonização. Si a história primitiva da grande nação peruana, que contava com tres vezes a população do México, pudesse ser conhecida, encontraríamos sem dúvida que a sua civilização originou-se dos esforços para o alimento tirado do cultivo do litoral do Pacífico, árido e sem chuva, valendo-se

da irrigação artificial. Quando se lhe desenvolveu a força do espírito e do saber, puderam forçar a passagem até uma região mais favorecida rechaçando outras tribus. Assim, com o tempo, estenderam as suas conquistas, sua relativa civilização e sua religião Sabeana por um território compreendendo a região que vai da costa ocidental do Pacífico até as vertentes orientais dos Andes, e do equador até Valparaíso.

As tribus do Brasil, no entanto, devido à irrigação natural e aos produtos espontaneos das suas florestas e planícies, não tiveram motivos para desenvolver esse esforço mental pela existência que muitas vezes resulta em civilização. Não foram colonizados; nem eram habitual e totalmente nômades, tendo cada tribu certos limites, onde permaneciam até que daí fossem expulsos por uma força superior. Certas fibras, (“plantago”) a banana, o cajueiro, o inhame e sobretudo a mandioca, e mais de duzentas espécies de palmeiras, — forneceram-lhes alimento, bebida e roupa. A pequena cultura a que se davam, era a da raiz da mandioca, que, plantada no terreno roçado, cresce entre os troncos e raizes das árvores sem maior cultivo.

A mais generosa dádiva, porem que a benigna providência concedeu ao Brasil foi a palmeira. O viajante nas províncias interiores e no litoral, longe das cidades, é surpreendido pela grande aplicação desse “Monarca do Reino Vegetal” para as necessidades do homem. E si um monarca representa um papel tão importante na vida pública dos europeus e seus descendentes, sua alteza tomou e continua a tomar parte em toda a atividade da casa e do campo entre os aborígenes do Brasil. Ainda hoje, fornece a casa dos índios amazonenses, roupa, alimento, bebida, sal, instrumentos de pesca, utensílios de caça e instrumentos musicais, e quasi todo o necessário à vida, exceto a carne. Tomemos por exemplo a cabana de um índio Uaupé, num dos afluentes do Rio Negro. As estacas são fornecidas pela reta e uniforme palmeira denominada *Leopoldina pulchra*; o teto é composto

das folhas da palmeira Caraná; as portas e madeiramento dos caules rachados da *Iriartea exhoriza*. A enorme casca que cresce por baixo dos frutos de uma outra espécie de palmeiras é algumas vezes usada como uma espécie de avental. A rêde do índio, a corda do arco, e suas linhas de pesca são tecidas e trançadas com as partes fibrosas de diferentes palmeiras. O pente com que as mulheres de algumas das tribus adornam suas cabeças, é feito da madeira dura de uma palmeira; e os anzoes de peixe são feitos dos espinhos da mesma planta. O índio faz das espatas fibrosas da *Manicaria saccifera*, gorros para suas cabeça, ou pano em que enrola os seus mais ricos ornamentos de penas. De oito espécies pode obter líquidos intoxicantes; de muitas outras mais (não incluindo o coqueiro, encontrado no litoral) retira óleos e colhe frutos; e de uma delas (*Jará assú*) obtem, queimando os grandes cachos dos pequenos coquinhos, um substituto para o sal. Com outra êle forma um cilindro para comprimir a polpa da mandioca, porque resiste por muito tempo à ação do sumo venenoso. As grandes espatas lenhosas da *Maximiliana regia* são “usadas pelos caçadores para cosinhar carne, porquanto, cheias dagua, sustentam o fogo:” (Wallace). Essas espatas são também empregadas para carregar terra, e algumas vezes como berços. As flechas são feitas das protuberâncias espinhosas da *Patavá*, e as lanças e os pesados harpões são feitos da *Iriateia ventricosa*; os longos canudos de soprar pelos quais os indios enviam as flechas envenenadas que abatem os pássaros, os intrépidos javalis, e mesmo as antas de pele espessa, são fornecidos pela palmeira *Setigera*: os grandes instrumentos musicais semelhando um fagote, usados na “deimonolatria” dos Uapés, são também feitos de caules de palmeiras.

Poder-se-ia supôr que um povo assim suprido de quasi todas as necessidades da vida, teria demonstrado boas maneiras e docilidade, e figurado entre os mais pacíficos dos habitantes do Novo Mundo. Pelo contrário, os aborígenes do Brasil foram um povo guerreiro e feroz, ignorantes das

artes da paz, do mais vingativo e sanguinario carater. Muitas dessas tribus eram canibais; umas comiam seus inimigos em grandes cerimônias; outras faziam guerra com o fim de obter alimento humano; e outras ainda devoravam seus parentes e amigos como uma prova de honra e distinguida consideração. Até o dia de hoje, no remoto interior, nas águas superiores do Amazonas, existem, em estado tão selvagem como quando a América do Sul foi descoberta, tribus, cujas propensões antropófagas são tão completamente toleradas como si os europeus nunca tivessem colocado os pés no continente. Estariamos inclinados a não acreditar nas narrações de todos os primitivos navegadores que tocaram na costa brasileira, a respeito do canibalismo de seus naturais, si este não fosse inteiramente confirmado em nossos dias a quarenta dias de viagem (na velocidade comum dos viajantes) da fóz do Amazonas ao rio Purús, onde se encontram os Catauixis, e perto deles outras tribus de índios, que, escreve Wallace (perfeito e fidedigno explorador), "são canibais, matando e comendo índios de outras tribus, e conservando a carne assim obtida fumegada e seca".

Até quanto se pode saber, havia mais de cem diferentes tribus habitando o Brasil na época da descoberta da América do Sul. A grande maioria dessas tribus pertenciam a uma só raça, e eram chamados no litoral, "Tupi", "Tupinaki", "Tupinambi", ou qualquer coisa semelhante, de modo que forme um composto da raiz *Tup*. No Sul, nas cabeceiras do Prata, eram chamados *Guaraní*. Estavam localizados de maneira curiosa, habitando uma estreita faixa ao longo de todo o litoral, desde a fóz do Amazonas até a atual província de S. Paulo. Daqui se estendiam para o interior até o Paraguai, e subindo as suas águas através das regiões em que se entrelaçam as nascentes do Prata e do Amazonas, donde se suspeita tivessem eles se originado; daí serem encontrados no Mámoré (?), Madeira, Tapajóz e outros rios, abaixo do Amazonas até a grande ilha de Marajó. Este povo fala com efeito a mesma lingua, denominada

pelo Dr. Latham (*82) em seu tratado sobre as linguas do Amazonas, "Tupi-Guarani". Este culto filólogo diz que ao norte até o equador, e ao sul até Buenos Aires, a lingua Tupi-Guarani era encontrada. Presentemente, existem, cercadas por essa raça amplamente espalhada, numerosas tribus de outros aborigenes, que falam linguas totalmente distintas e diferentes. Essas tribus diferentes, conforme assecuraram os Jesuitas e os mercadores, comprehendem, até certo ponto, a lingua Tupi-Guarani, embora sua própria lingua fosse tão diferente que é raro possuirem uma palavra em comum. Os sacerdotes, os mercadores e os caçadores de escravos, seguiam suas rotas através estas tribus, e cada um, em sua missão totalmente diferente, ajudava a formação de uma forma notavel de linguagem, que foi chamada *Lingua Geral* ou *Lingua Franca*, que servia de veículo comum de comunicação, desde o Orinoco até o Prata, entre povos cujas linguas permanecem desconhecidas. O mercador, o explorador científico e o funcionário do Governo brasileiro, até hoje, mantêm comunicação com os selvagens do Japura, do Paraná, do Xingú e do Araguaia, por meio da Lingua Geral. A base desta, como já dissemos, é a lingua Guarani ou Tupi-Guarani (57).

Estas tribus envolvidas pelos tupis, algumas vezes, embora raramente, conseguem alcançar a costa. Assim, os Aimorés — tribu canibal que adquiriu tão terrivel celebridade — appareceu no litoral muito tempo depois da descoberta do Brasil. As tribus da costa respeitam-nos com horror, e consideram-nos seres irracionais, ignorantes da construção de cabanas e da arte de adornar os corpos com a rica plumagem do papagaio e da arara de vivas cores. Tinham uma característica ainda mais distinta, que consistia num irresistivel medo da água, que os impedia de perseguir os ini-

(57) O Dr. Latham diz, "Com duas exceções, a distribuição de numerosos dialetos e sub-dialetos da lingua Tupi-Guarani é a mais notavel no mundo; as duas exceções são as linguas Malaias e Atabaskan.

migos quando estes nadavam num rio ou precipitavam-se num lago. Assaltaram Porto Seguro e Ilhéus com tal ferocidade que Bellegarde diz que o trabalho cessou em todas as plantações por falta de trabalhadores mandados a combaterlos. Foram depois desbaratados e quasi todos dispersados, e apenas permaneceram como seus descendentes os Botucudos, algumas centenas dos quais — pacificamente agora — ainda erram pelas margens dos rios Doce e Belmonte. Esses índios, como muitos dos selvagens da América do Sul, usam os mais absurdos ornamentos de madeira leve (*aloe*) que êles com prazer botam e tiram das fendas que praticam nas orelhas e nos labios.

Mas uma pergunta naturalmente surge: Que é feito das numerosas tribus que habitavam o litoral e as províncias onde atualmente domina uma população civilizada? Onde estão os Tupi-Guaraní? Muitos erram pelas remotas partes do Império; os vícios e as doenças da Europa assim como a guerra e a marcha da civilização, varreram-nos de suas antigas posições. O Guaraní do Sul do Brasil, sob a direção dos Jesuitas, alcançaram um certo gráu de adiantamento; mas o deshumano caçador de escravos português, que prosseguiu no seu caminho até a Bolívia, com mãos implacaveis, dissolveu as missões e conduziu os índios ao cativeiro, sucumbindo estes debaixo das ordens dos seus crueis senhores. Dos Tupinambás e dos Tamoios, que habitavam as atuais províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, aqueles foram exterminados, e estes foram tão constantemente combatidos e destroçados na guerra, pelos colonos, que, embora por muito tempo faltando-lhes a unidade, foram finalmente persuadidos, pela eloquência de um influente e eminente chefe (Japí Assú, — um segundo Orgetorix) a emigrarem para o distante Norte, — a mais de três mil milhas de suas antigas habitações, — e estabeleceram-se na margem sul do Amazonas, desde a sua confluência com o Madeira, em vários pontos, e descendo-o até à ilha de Marajó. Seus descendentes são encontrados atualmente na re-

gião que fica entre o Tapajóz e o Madeira, entre os lagos e canais da grande ilha dos Tupinambás. São atualmente chamados os “Mandurucús”, — os índios mais guerreiros da América do Sul. Vivem em vilas, em cada uma das quais existe uma como que fortaleza onde todos os homens dormem à noite. Essa construção é adornada interiormente com as cabeças dissecadas de seus inimigos, enfeitadas de penas. Esses medonhos ornamentos têm as feições e os cabelos muito bem conservados.

As tribus existentes, em suas maneiras e costumes, são estreitamente aliadas ao nosso índio norte americano, mas com essa diferença: que os selvagens ao sul do equador, foram todos encontrados não possuindo absolutamente qualquer idéa religiosa. Nenhum deles, quando pela primeira vez visitados parecia ter a mais fraca concepção do Grande Espírito, que caracteriza tão admiravelmente a teologia simples dos aborígenes do Mississippi e do São Lourenço. Tentativas para civilisá-los têm falhado, salvo quando são recolhidos em estado de menoridade, como o foram pelos Jesuitas, ou sob a rígida disciplina do exército brasileiro.

O etnologista curioso encontrará nas tribus das águas do Alto-Amazonas, o homem vermelho ainda não tocado pela civilização. Wallace — que andou por alguns anos entre esses filhos das selvas — nos tem dado muita informação a respeito deles, e diz que um dos fatos singulares relacionados com esses índios, é a semelhança que existe entre alguns de seus costumes e os das nações mais distanciadas deles. Assim, a *gravatána* ou canudo de soprar, reaparece nos *sumpitan* de Borneo; as grandes casas dos Uapés e Mandurucús assemelham-se estreitamente as do Dyaks da mesma região; e muitos tipos de pequenas cestas e caixas de bambú de Borneo e Nova Guiné, são tão semelhantes, em sua fórma e construção, às dos índios amazonenses, que se poderia supor pertencerem a tribus vizinhas. Assim, também, os Mandurucús, como os Dyaks, guardam as cabeças de seus inimigos fumegadas e secas com igual cuidado, conser-

vando inteiros os cabelos e a péle e pendurando-as em volta de suas casas. Na Austrália é usado o pau de atirar ("throwing-stick") pois, num dos remotos afluentes do Amazonas (o Purús) vemos uma tribo de índios (os Purupurús) diferindo de todas as outras em redor, por substituir o arco por uma arma tão sómente encontrada numa região tão remota da terra, entre um povo tão distinto deles em quasi todas as suas características físicas.

O total da população indígena é desconhecido, e ha apenas cerca de dezenove mil catequizados ou índios cristãos, registrados pelo Ministro do Império.

Os Abrolhos.

Na rota marítima do Rio até a Baía, ha quatro pequenas ilhas, chamadas os Abrolhos, ("Abra os olhos") que são perigosas proeminências de uma orla de rochedos, que se mostram entre os 17º e 25º de latitude sul, a uma distância de duas a dez leguas do continente. Além destas, ha tambem um regular recife de rochas correndo bem perto da costa, e geralmente paralelo a esta, ao longo de toda a costa do Cabo Frio ao Maranhão. Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheos, e, na verdade, quasi todos os portos ao longo da costa, são formados por aberturas através desse recife.

A cidade da Baía.

Depois de tres ou quatro dias de viagem, a ponta inferior da ilha de Itaparica, com suas numerosas palmeiras, aparece no horizonte e apenas por um curto espaço de tempo, surge deante dos olhos escondendo o perfil das abobadas brancas e das torres das igrejas de São Salvador, da Baía, a segunda cidade do Império.

Chegado o vapor fui, por gentileza do Sr. Nobre, o guarda-mor, imediatamente levado para a costa no seu escaler oficial. Os muros de uma fortalêza circular que se ergue do fundo das águas, construido pelos holandêses, levantam

as suas carrancas sobre a embarcação; enquanto as fortalezas dos morros dominam o porto e toda a cidade.

Desembarcando na Alfandega, passei pela cidade baixa, com suas ruas estreitas (em alguns trechos existe apenas uma) correndo paralelas com a praia.

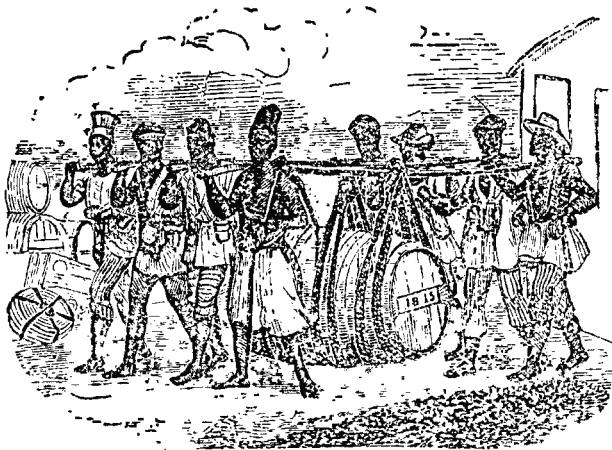
Ao longo da Rua da Praia estão localizados a Alfandega e o Consulado, pelo qual todos os produtos da região devem passar previamente para serem exportados. Alguns dos trapiches vizinhos são de uma imensa extensão, e dizem figurar entre os maiores do mundo.

Em redor dos desembarcadouros, centenas de canoas, lanchas e várias outras pequenas embarcações, descarregam suas cargas de frutos e produtos. Em uma parte da praia está uma larga abertura, que é usada como praça do mercado. Perto deste um belo e moderno edifício espaçoso foi construído para uma Bolsa. Está bem suprido de jornais de todas as partes do mundo, e ocupa ótima posição. As principais casas comerciais situadas na Rua Nova do Comércio, compõem o mais belo bloco de edifícios do Brasil, — talvez de toda a América do Sul. Estes edifícios poderiam adornar os bairros comerciais de Londres, Paris ou Nova-York.

A cidade baixa não foi calculada para causar uma favorável impressão no estrangeiro. Os altos edifícios são quasi todos velhos, embora geralmente apresentando alegres fachadas. As ruas nesse bairro são muito estreitas, desiguais e mal pavimentadas, e por vezes tão imundas como as de Nova-York. Estão repletas de mendigos e carregadores de todas as especies. Aqui ficamos informados de uma das peculiaridades da Baía. Devido às irregularidades de seu terreno e a forte declividade que separa a cidade alta da baixa, não é possível o uso de carruagens de rodas. Nem mesmo um carro ou carretazinha é vista destinada a remover cargas de um lugar para outro. Tudo que requer troca de lugar em todo o comércio e negócios comuns deste porto de mar — e é o segundo em tamanho e importância na América

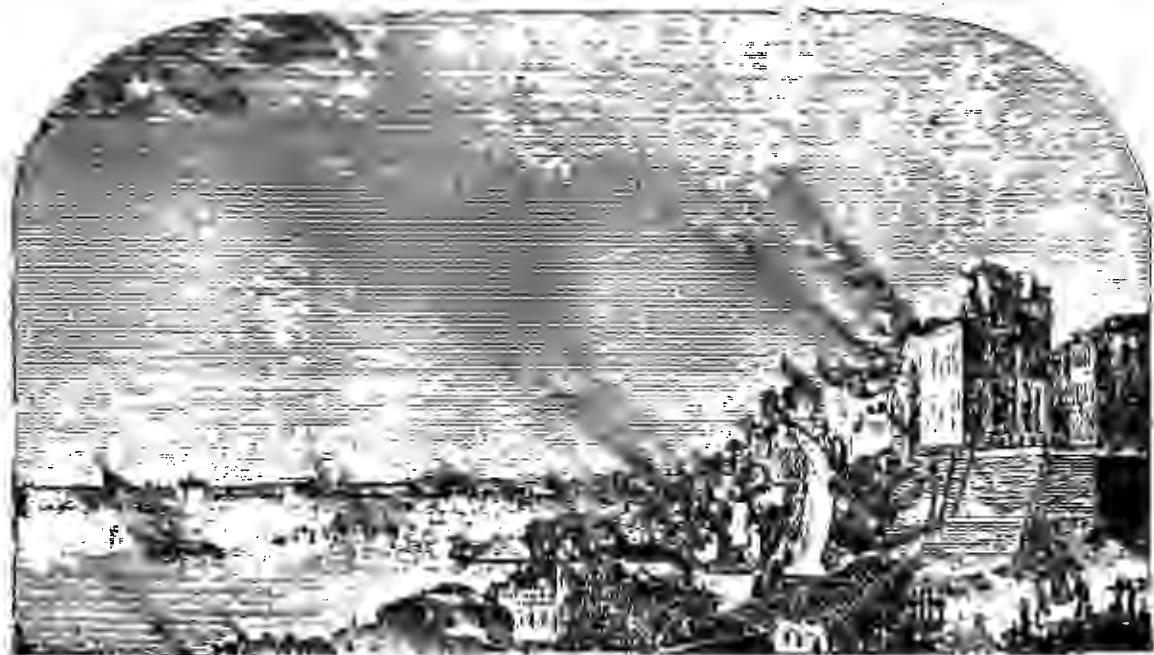
do Sul — deve ser na cabeça e nos ombros dos homens. As cargas são aqui mais comumente carregadas nos ombros, visto que a principal exportação da cidade é açúcar em caixas e algodão em fardos, que é impossível carregar na cabeça como sacas de café.

Grandes quantidades de negros altos e atléticos são vistos movendo-se em pares ou bandos de quatro, seis ou oito, com suas cargas suspensas entre êles por fortes varapaus. A maioria deles é vista sentada em tais varapaus, trançando



Carregadores da Baía

palha, ou dormindo deitados nos becos e nas esquinas das ruas, lembrando negras serpentes enroladas à luz do sol. Os dorminhocos têm geralmente alguma sentinela pronta para chama-los quando se precisa dos seus serviços, e ao sinal dado, levantam-se como o elefante para a sua tarefa. Como os carregadores de café do Rio, êles muitas vezes cantam e gritam quando andam; mas o seu modo de andar é necessariamente lento e medido, semelhante antes a uma marcha fúnebre do que o duplo passo apressado dos seus co-



Vista parcial da Baía

legas fluminenses. Outra classe de negros se ocupa em carregar passageiros numa espécie de assento tipo sedan denominado "cadeira".

E' em verdade um trabalho penoso e algumas vezes perigoso para uma pessoa branca subir a pé as encostas íngremes onde fica a cidade alta, mórmente quando os poderosos raios de sol estão dardejando sem dó, sobre a cabeça. Nenhum ônibus ou cabriolé se encontra para fazer o serviço. De acôrdo com este estado de coisa, o transeunte encontra perto de cada esquina ou ponto de maior frequênciã, uma longa fileira de cadeiras acortinadas, cujos portadores, de chapéu na mão, aglomeram-se apressados em volta dele, embora sem a desfaçates dos condutores de carros da América do Norte, dizendo, "Quer cadeira, Sr.?" Depois que fez a sua escolha e sentou-se à vontade, os condutores levantam a sua carga e marcham, aparentemente tão satisfeitos pela oportunidade de carregar um passageiro, como este com a sorte de ser carregado. Ter uma ou duas cadeiras, e negros para leva-las, é tão necessário a uma família na Baía, como ter carruagens e cavalos em outro qualquer lugar. O traje dos condutores e o grande custo das cortinas e ornamentos das cadeiras, indicam a categoria e o tom da família que os possui.

Provavelmente se encontrará uma altiva creoula negra Mina, que se gaba de ser chamada pelo nome de *baiana*. Seu turbante, seu chale, seus ornamentos e seu passo elástico sobre chinelas de salto, mostram uma graça nativa inatingível pela moda moderna.

Sinto não ter nenhum desenho da Baía tirado de bordo, — pois deste ponto a cidade parece verdadeiramente magnífica em suas proporções; mas a grande gravura feita de um daguerreotipo, dá essa vista da metrópole religiosa do Brasil, estendendo-se em seus morros em forma de terraços em torno de Monserrate. A subida íngreme em que vemos os condutores de cadeiras, é a mesma que Henry Martyn (*83) subiu em 1805, tão pitorescamente descrita no diário que foi

incorporado às páginas da sua biografia. A cidade baixa, com exceção da Rua Nova do Comercio, mudou muito pouco desde a visita desse devotado missionário.

Algumas das ruas que ligam as cidades altas e baixas sofrem um curso em zig-zag ao longo das escarpas, outras cortam elevações quasi verticais para evitar, tanto quanto possível, a sua forte declividade. Nem mesmo no alto dessas colunas a superficie é plana. Nem mesmo Roma pode gabar-se de tantos morros como os que aqui se acham reunidos, formando o recinto da Baía. Sua extensão entre seus limites extremos — Rio Vermelho e Monserrate — é de cerca de seis milhas. A cidade não é em parte alguma larga, e na maior parte é composta apenas de duas outras ruas principais. A direção destas ruas mudã com as várias voltas e os angulos necessários para não abandonar o alto do promontório. Intervalos frequentes entre as casas construidas ao longo da parte mais alta permitem ver a mais pitoresca vista da baía, de um lado, e do interior do outro. O aspecto da cidade é antigo. Grandes somas têm sido gastas no seu calçamento,



Negra baiana

— porem tendo mais em vista conservar as ruas contra os danos das chuvas, do que fornecer estradas para qualquer gênero de carruagem. Aqui e ali podem ser vistas antigas fontes de cantaria, situados num vale de maior ou menor profundidade, para servir de ponto de captação para as

águas que descem morro abaixo; mas em parte alguma se vê um aqueduto importante, si bem que recentes obras hidraulicas, com motores a vapor fabricados na França, tenham sido realizadas do lado léste do Noviciado, que permitirá um benéfico suprimento de água potavel para a cidade alta.

Contemplando a Baía vista do teatro (o grande edificio no alto da esplanada) somos leyados aos mais primitivos tempos da história colonial do Brasil. O antigo forte arredondado no meio das ondas é um episódio do breve poderio da Holanda nessa porção da América, construção sobre a qual o tempo não fez grandes alterações.

Baía de Todos os Santos.

A Baía de Todos os Santos foi descoberta em 1503 por Americus Vespucius, que estava então viajando sob o patrocínio do Rei de Portugal, D. Manoel. Em 1510, um navio sob o comando de Diogo Alvares Corrêa naufragou perto da entrada dessa baía. Os Tupinambás, que habitavam a costa, cairam sobre ele e destruíram todos os sobreviventes do naufragio, exceto o capitão do navio. Os índios pouparam Diogo, — provavelmente, como alguns supõem, por causa da sua atividade em ajudar-lhes a salvar objetos no naufragio. Teve a boa fortuna de obter um mosquete e alguns barris de pólvora e balas. Aproveitou logo uma ocasião para atirar num pássaro, e os índios, terrificados pela explosão, não menos que por seus efeitos, chamaram-o então “Caramurú”, o “homem do fogo”.

Obteve então o favor deles assegurando-lhes que, embora fosse um terror para seus inimigos, podia ser um valioso auxiliar para seus amigos. De acôrdo com isso, acompanhou os Tupinambás numa expedição contra uma tribo vizinha com que estavam em guerra. A primeira descarga do mosquete de Caramurú garantiu-lhe a posse do campo

inimigo, e seus adversários, atemorizados, desapareceram para sempre.

Pouco mais foi necessário para assegurar-lhe uma perfeita supremacia entre os indígenas. Como prova disto, foi logo felicitado com propostas de vários chefes, que lhe ofereceram suas filhas em casamento. Diogo escolheu Paraguassú, filha do principal chefe Itaparica, cujo nome foi perpetuado na designação da grande ilha em frente da cidade, sendo que o de Paraguassú, a noiva, foi dado a um dos rios que desaguam na baía. Construiu um povoado a que denominou S. Salvador (58), em sinal de gratidão por se ter salvo do naufrágio. Essa colônia foi localizada no lugar denominado Graça, no Morro da Vitória, subúrbio da cidade, também às vezes chamado Vila Velha.

Lenda do Caramurú.

Passados alguns anos, um vapor vindo da Normandia, ancorou em frente da cidade de Caramurú e entrou em comunicação com a costa. Diogo resolveu voltar a Europa; e tendo carregado o navio, embarcou para Dieppe e Lisboa. Os franceses, todavia, não permitiram que o fizesse e preferiram fazer dele um herói na sua capital. Paraguassú foi a primeira índia que apareceu em Paris. Uma esplendida festa foi dada por ocasião do seu batismo, quando foi batizada como Catarina Alvares, por causa da Rainha Catarina de Medicis. O Rei Henrique II, acompanhado de sua real esposa, funcionou na ocasião como padrinho e fiador.

(58) Em sucessivas edições da narrativa da "Expedição de Exploração dos Estados Unidos" encontramos o seguinte: — "A cidade de S. Salvador mais conhecida como Rio de Janeiro", — que é comparavel na exatidão ao Dicionário Geográfico de McCulloch, fazendo a província montanhosa do Rio de Janeiro consistir "pela maior parte de planícies". *São Salvador* está a oitocentas milhas do Rio de Janeiro, e *São Sebastião* — o antigo nome do Rio — tem tanta semelhança com São Salvador como Nova Orleans tem com New York.

O governo francês contratou com Caramurú mandar navios que o levariam ao seu país de adoção, e voltariam com páu brasil e outros artigos, que seriam dados em troca de mantimentos e enfeites. Ao mesmo tempo, fiel à sua intenção primitiva, Diogo Alvares procurou informar a D. João III, de Portugal, da importancia de colonizar a Baía. Um jovem português, que justamente terminara seus estudos em Paris e voltava a Portugal, foi o portador de sua mensagem. Este jovem (Pedro Fernandes Sardinha) tornou-se depois Bispo da Baía.

Os nativos regozijaram-se com a volta de Caramurú, e sua colônia agora aumentara rapidamente e estendia a sua influência em todas as direções.

Por esse tempo, o Rei de Portugal, melhor garantiu a colonização do Brasil, dividiu o país em doze capitâneas, cada qual com cinquenta leguas de extensão na costa, e sem limite para o interior. Cada capitania foi concedida a um donatário, cujo poder e autoridade eram absolutos. Francisco Pereira Coutinho, que veio a tomar posse da Baía, era um homem arrojado e arbitrário em extremo. Tornou-se invejoso da influência de Diogo Alvares, e começou a persegui-lo e oprimi-lo, e finalmente mandou-o para bordo de um vapor como prisioneiro.

Este procedimento exasperou os índios, que combinaram uma vingança. Atacaram a colônia e mataram Coutinho. Diogo Alvares foi novamente restabelecido na sua primitiva supremacia.

A crescente importância do país, juntamente com rumores de violências praticadas pelos donatários, levou D. João III a nomear um Governador Geral do Brasil, para residir em S. Salvador e ter jurisdição sobre todos os donatários.

Em 1549, Tomé de Souza, o primeiro Governador Geral, desembarcou com cerimônias militares em Vila Velha, mas passado um mês tratou de escolher outro lugar para o

começo de suas operações. Foi esse no atual local da Catedral, do Palácio do Governo e outros edifícios públicos.

Caramurú era agora um ancião, mas foi de grande valia para o Governador Geral concluir com os nativos um tratado de paz. Em quatro meses cem casas foram construídas, e várias plantações de açúcar foram fundadas nos arredores.

Depois disso, a cidade de S. Salvador, tendo sido feita capital da América Portuguêsa, e permanecendo sob o patrocínio direto da mãe-pátria, aumentou em tamanho e importância.

Ataque dos Holandeses.

O ano de 1624 testemunhou as primeiras depredações dos Holandeses sobre a então tranquila e próspera cidade da Baía. Sem a menor notícia de provocação, uma frota da Holanda entrou no porto, atacou a cidade, queimou as embarcações e desembarcou homens para tomar a fortaleza de Sto. Antonio, e, depois de alguma luta, tomou posse da cidade. Esta, saquearam, nem mesmo poupando as igrejas. Os ocupantes erigiram imediatamente fortificações adicionais e construíram muitas casas novas. Aprisionaram todos os navios portuguêses e espanhois que chegavam ao porto não sabendo que a cidade mudara de chefes.

Portugal era nessa época tributário da Espanha. As notícias da perda da Baía causaram grande consternação em Madrid, tanto mais tendo em vista que fora divulgado que os inglêses estavam prestes a unir as suas forças com os holandeses e proclamar o Eleitor-Palatino Rei do Brasil. A côrte espanhola adotou medidas dignas de sua superstição e seu poder. Foram despachadas instruções aos Governadores de Portugal, pedindo-lhes para examinar os crimes que provocaram essa visita da vingança divina, e puni-los imediatamente. Foram ordenadas novenas em todo o reino; e algumas ladainhas e orações, compostas para a ocasião, foram ditas depois da missa. De nove em nove dias haveria uma solene procissão do povo em todas as cidades e vilas, e dos

monjes em todos os conventos. O sacramento foi exposto em todas as igrejas de Lisboa, e cem mil coroas foram oferecidas nessa cidade para ajudar o Governo a recuperar S. Salvador.

Uma grande frota marítima, de quarenta navios, carregando oito mil soldados, viajou sob as ordens de D. Fradique de Toledo e D. Manoel de Menezes, a qual, em Março de 1625, apareceu diante de Baía; depois de alguma demora, cujo objetivo era saber si os holandeses tinham recebido reforços, D. Fradique, satisfeito por saber que não, entrou no porto com trombetas soando flâmulas ao vento, e os navios prontos para a ação. Também os navios holandêses, as muralhas e os fortes, foram enfeitados, com suas bandeiras e flâmulas içadas, para receber amigos ou desafiar inimigos, quaisquer que fossem os recém-chegados. A cidade fora fortificada com grande cuidado, segundo os melhores princípios da engenharia, — uma ciência, na qual nenhuma povo tinha nesta época tanta experiência como os holandêses. Estava defendida por noventa e duas peças de artilharia, e do novo forte construído na praia atiravam balas candentes.

Depois de uma severa escaramuça, os holandeses, tendo esperado em vão pela frota da Holanda, propuzeram uma capitulação, que foi aceita.

Os holandêses tentaram retomar a cidade em 1638, chefiados pelo Conde Mauricio de Nassau, que estava então de posse de Pernambuco e de uma grande parte da costa adjacente. Foram repetidamente derrotados na Baía, mas foram bem sucedidos algum tempo em outros pontos.

O primitivo ataque, da parte dos holandêses, resultou de motivos puramente mercenários. Foi planejado e executado sob os auspícios da célebre Campanha das Índias Ocidentais. Bem sucedidos, a princípio, os holandêses não se contentaram em saquear os habitantes, mas determinaram fazer seu o próprio solo. Suas invasões foram resoluta-

mente rechassadas pelos portugueses, e a guerra, em diferentes épocas estendeu-se por toda a costa da Baía ao Maranhão.

Em 1636, o Conde Maurício de Nassau foi enviado para assumir o comando das tropas e governar o novo Império. Sob sua direção, ativas medidas foram postas em execução; fortes, cidades e palácios foram construídos, e o país foi explorado em busca de minas. A agricultura foi tentada com mão forte, e é fácil imaginar que mudanças teriam sido introduzidas nessas férteis regiões pelos industriais holandeses, não tivesse o destino da guerra lhes sido contrário. Nos terrenos baixos, nos pântanos e nos cursos que circundam a cidade de Pernambuco, eles teriam sobretudo triunfado.

Mas os brasileiros, sob seus vigilantes chefes, Camarão, Henrique Dias (aquele um índio, este um negro), Souto e Vieira, mantiveram tão incessantes ataques contra os holandeses, que, por fim, em 1654, foram estes expulsos de Pernambuco, e em 1661 abandonaram, por negociações, todas as pretensões ao Brasil.

E' interessante pensar que, quaisquer motivos que pudessem ter incitado os holandeses comerciais a atacar o Brasil, os cristãos desse pequeno e bravo país protestante não se descuidaram em seguir os colonizadores; e daí, em Pernambuco e vizinhanças, terem sido estabelecidas estações missionárias fieis, e, quando os holandeses foram finalmente expulsos do país, alguns dos sacerdotes vieram para Nova Amsterdam, e um deles foi o primeiro pastor da Igreja Reformada Holandesa fundada em Flatbush, Long Island.

Depois de então, os holandeses cessaram os seus ataques á Baía; esta cidade cresceu em riqueza e prosperidade e foi a séde do vice reinado até 1763, data em que foi transferida para o Rio de Janeiro.

A posição da Baía, em frente da costa da África, fez com que ela fosse desde os primeiros tempos, um importan-

te ponto de reunião para os que se empenhavam no comércio de escravos. As idéias ofensivas, presentemente associadas com o tráfico entre todas as nações instruídas, estão extraordinariamente em contraste com a aparência de filantropia sob a qual foi originariamente empreendida. Que digna empresa, mandar navios resgatar os pobres pagãos cativos e trazê-los onde possam ser cristianizados pelo batismo, e ao mesmo tempo emprestar uma ajuda aos que tiveram a bondade de comprá-los, tirando-os do cativeiro pagão para levá-los a um país cristão! Expressivo de tais idéias, o benigno título pelo qual a compra e venda de seres humanos era conhecido durante os séculos 17 e 18, "*comércio para o resgate de escravos*".

A Baía aumentou em população e riqueza, e em 1808 sua prosperidade foi mais aumentada ainda pela Carta Régia, que abriu os portos do Brasil ao mundo.

Esta cidade foi a última a permanecer fiel a Portugal, pois, embora a independência do Império fosse declarada em Setembro de 1822, unicamente em Julho de 1823, e depois de muita luta, foi que o exército português evacuou São Salvador da Baía. A rebelião de 1837 foi extremamente horrível mas o Governo Imperial obteve finalmente a vitória, e desde esse dia a Baía continuou pacífica, fazendo rápidos progressos.

Capital espiritual do país.

Não acredito que haja qualquer cidade no Brasil que interesse tanto o estrangeiro como a Baía. É a capital espiritual do país, sendo a residência do arcebispo. As igrejas, os conventos e outros edifícios públicos, são de grandes proporções, porém apresentam aspecto provinciano. O povo é alegre e sociável, e, nas minhas extensas viagens por todo o Império, não encontrei em lugar nenhum uma sociedade igual a da Baía. Na casa do consul americano Sr. Gillmer está-se sempre seguro de encontrar brasileiros dos mais refinados e

bem educados. Esse cavalheiro é um dos poucos consules americanos que, pelo conhecimento da lingua da terra em que reside, pela sociabilidade de carater e facilidade de manieiras, e pelo orgulho do seu país, representa devidamente uma grande nação. O Sr. Gillmer residia ha muito na Baía, e, por suas excellentes qualidades, ganhou o coração dos brasileiros. As semanas passadas em sua agradável família, deram-me uma oportunidade para fazer muitas relações entre os cidadãos da Baía e dos estrangeiros residentes nesta cidade. A residência do Sr. Gillmer está situada num agradável ponto da cidade, onde a vegetação e as flores são abundantes. Cada noite as brizas carregam os mais suaves perfumes, e cada manhã o sol parece revelar novas belezas nos botões que se abrem em lindas flores. Da mesma forma a casa do Sr. Nobre era circundada pela sombra de arvores frutíferas, e seu grande salão semanalmente se enchia de músicos amadores e profissionais, que davam os mais encantadores saraus musicais.

Muito cedo de manhã, olhei da janela da casa do consul e vi sobre os ramos de uma árvore de fruta-pão embaixo de mim, um beija-flor quietamente em seu delicado ninho. No meio da folhagem parecia um fragmento de *lapis lazuli* circundado de esmeraldas pois o seu dorso é dos mais carregado azul. Em qualquer parte do Brasil vê-se abundantemente essa pequena joia alígera, em suas muitas variedades, ao passo que na América do Norte, desde o México até o 57º de latitude, dizem haver apenas uma espécie do beija-flor. O Sr. Gosse chama a espécie de rabo longo (*Trochilus polátmus*) a joia da ornitologia americana; e bem merece o título si considerarmos os raios de rico verde dourado, purpura escuro, azulado escuro brilhante, e o magnífico verde esmeralda, que irradiam dessa joia dotada de asas.

Os machos figuram entre as creaturas mais beligerantes, — raramente encontrados sem estar em terriveis combates.

Pesca da baleia.

Entretanto, a cidade não se distingue tanto pela abundância dos seus beija-flores, como é sua baía célebre como estação de baleias. A pesca das baleias é um negócio regular na Baía, e quasi todas as semanas, dos numerosos terraços, milhares de admiradores podem contemplar as excitantes fazes da captura destes monstros do mar. Porque frequentam este porto, não sei, a não ser que o seu alimento predileto abunde em suas águas. Si descermos as alamedas de tilia até o Rio Vermelho, poderemos ter uma oportunidade (além de ver o dispositivo para extrair óleo) de testemunhar a chegada triunfante de um desses leviatões mortos. Centenas de pessoas — especialmente as de côr — apertam-se em redor para testemunhar as lutas de morte dos monstros e para conseguir obter pedaços de sua carne, que cosinham e comem. Grande quantidade dessa carne é cozida nas ruas e vendida pelas *quitandeiros*. Numerosos porcos também regalam-se na carcassa da baleia; e aqueles que não são muito cuidadosos na escolha que fazem de carne de porco no mercado, durante a estação da pesca de baleia, ficam sujeitos (*nolens volens*) a sentir no porco alguma coisa “muito semelhante a gosto de baleia”. Essa pescaria de baleia já foi a maior do mundo. No fim do século dezeseite, foi arrendada pela Coroa por trinta mil dolares anuais.

Arredores da Baía.

Do Rio Vermelho subimos por um caminho sinuoso até o Morro da Vitória, passando no caminho pelos cemitérios inglês e americano. Este é o único cemitério que pertence aos cidadãos da União, e o nosso país de ha muito deve á cortesia dos consules ingleses os espaços de terra destinados a enterrar os cidadãos norte americanos. Este cemitério foi devido á generosidade particular, e especialmente á energia e á contribuição liberal do Sr. Gillmer. Mas, não era justo nem razoavel que êle sustentasse toda a carga.

Em vão apelou para o nosso Govêrno para que ajudasse a conservar esse lugar de descanso para os nossos mortos, e o resultado é que, não conseguindo auxílio official, está o cemitério em tristes condições. A política da Grã Bretanha é nobre a esse respeito. Em qualquer lugar levanta capelas e estabelece cemitérios para tais fins; e, embora necessariamente os Estados Unidos não possam reconhecer qualquer ligação entre a Igreja e o Estado, mesmo assim, um lugar decente para o enterro dos mortos em países estrangeiros, é assunto de comezinha humanidade que exige immediata atenção do Govêrno. Conheci alguns pais norte-americanos que teriam dado milhares si pudessem saber ao menos o lugar onde descansam os restos de filhos amados que, morrendo em hospitais, foram enterrados nas valas comuns daqueles cuja nacionalidade não possui um cemitério para seus membros.

No Morro da Vitória, podem ser encontrados os mais belos jardins que nos oferece a Baía, os passeios mais encantadores, e os melhores locais sombrios. Aqui, tambem, estão as melhores casas, o melhor ar, a melhor água e a melhor sociedade. As muralhas de dois antigos e enormes fortes tambem aumentam muito a nota romantica e o interesse histórico do lugar. Com sua magnífica vista das águas azues e das ilhas verdejantes, é um lugar que compõe uma beleza panorâmica da mais rara qualidade. Foi aqui que Henry Martyn, que acidentalmente tocou neste porto, em sua passagem para a India, ha mais de meio século passado, suspirou e cantou:

“O'er the gloomy hills of darkness
Look my soul; he still, and gaze”.

Que a situação moral do lugar tenha sofrido qualquer mudança de muita monta (a não ser um menor fanatismo e uma maior indiferença) não é para presumir, pois não atuaram forças que pudessem ocasionar tais mudanças. Em todos os lugares ainda existem, as provas que deram lugar á

observação de Martyn (*83) "Cruzes existem em abundância; mas quando será demonstrada a Doutrina de semelhantes cruzes?"

Não contemplei qualquer outra parte do Brasil com o mesmo interesse para mim despertado pelas muralhas, jardins, capelas e conventos visitados por Henry Martyn. O Hospital dos Leprosos e a capela onde êle suave e amorosa-



Igreja visitada por Henry Martyn

mente, si bem que firmemente proclamou seu protesto contra a religião corrompida, ainda lá estão; a capela todavia, ha muito não está em uso. As plantações de pimenta foram arrancadas, os craveiros da Índia de que êle nos fala, ainda estão florescendo. Alguns dos conventos em que entrou estão presentemente sem os seus moradores monásticos; pois, sob alguns aspectos, melhores dias desceram sobre o Brasil e muitos destes imensos edificios, outróra concedidos a ordens opulentas e indolentes, são presentemente utilizados como colégios, liceus, bibliotecas e hospitais. O convento onde os futuros missionários que se destinavam exclusivamente à Persia ensinavam, ao pôr do sol e quando as sombras

envolviam os claustros, Vulgata na mão, “a fé outróra confiada aos santos” a esses singulares e sombrios frades, ainda ergue as suas paredes esbranquiçadas, — paredes que ouviram os ensinamentos e as preces que Henry Martyn murmurou para que a benção de um puro evangelho descesse sobre o Brasil. Foram as preces de Henry Martyn esquecidas perante o Deus das Multidões? Queremos considerar as súplicas dos primitivos Huguenotes no Rio de Janeiro, a dos fieis missionários da Igreja Reformada da Holanda em Pernambuco, e as preces de Henry Martyn na Baía, como não perdidas, mas como já tendo descido, e estando ainda por descer, em ricas benções sobre o Brasil.

Minha entrevista com o Rev. Sr. Edge, o capelão inglês, foi extremamente agradável. E’ um ex-aluno de Cambridge, e tem vistas católicas adiantadas. A capela se enchia aos sábados mais do que qualquer outra em que estive no Brasil. Em uma excursão que fiz em sua companhia executei sob um sol ardente, o desenho da capela acima, que fica perto da moradia roceira, mencionada por Martyn, onde viu primeiro o cravo e a pimenta. Essa primeira visita de Henry Martyn no Brasil, foi à casa de Antonio José Corrêa, que acredito ter sido situada onde o Hospital de Monserrate hoje se encontra.

O dia estava lindo, e andamos por uma bem extensa e pavimentada rua chamada “Calçada”, que nos leva bem para o interior. Nos subúrbios do litoral os coqueiros crescem em grande profusão, e a jaqueira ondula sua folhagem verde e resplandescente acima da infinita variedade de plantas que adornam esta região do sul. Passámos pelo Convento Carmelita e continuámos até a estrada que leva ao Hospital das Febres: aqui descemos e dirigimo-nos para a lingua de terra chamada Monserrate, sobre a qual ha pitorescas fortificações, uma fileira de casas de verão, — a do Sr. Gillmer distinguida por uma bandeira americana, — e no ponto extremo uma pequena capela católica romana, de mais de duzentos anos, em cujo lumiar decifrei esta inscri-

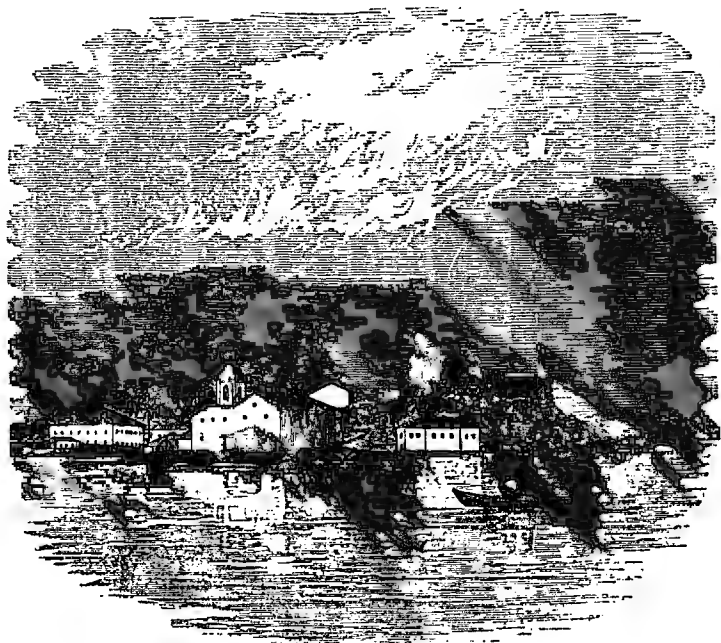
ção: “*A Virgem foi concebida sem pecado original*”. Porque os católicos romanos se apegam com tal tenacidade ao dogma da imaculada concepção, que nada contem de essencial para a salvação, nunca pude comprehendêr.

Visitamos o bem montado hospital que fica próximo, que é particularmente destinado aos que foram atingidos pela febre amarela; mas seus ataques foram muito pequenos nos últimos anos, embora em 1855, o colera fosse bastante fatal para os pretos e para o geral da população mestiça. Ainda assim, quando consideramos que numa população de quasi um milhão, na província, apenas novecentos foram atacados de colera, a percentagem é pequena comparada com a de New York em 1833, e quasi nada quando comparada com a epidemia da mesma doença em St. Louis em 1846 e 1850. Na primavera de 1857, os jornais dos Estados Unidos espalharam noticias sobre o surto da febre amarela no Rio de Janeiro, onde, num curto espaço de tempo, vinte e cinco pessoas morreram *per diem*. Pode ser provado pelas atuais estatísticas que nenhuma cidade de igual população nos Estados Unidos tem condições sanitárias boas como o Rio de Janeiro.

Monserrate.

A vista da Baía de Monserrate é verdadeiramente magnífica. As linhas curvas dos alvos edifícios — uns no alto, outros a beira mar — separados sempre por uma larga e viçosa cintura de vegetação, pontilhada de casas, — as fortalezas, as embarcações, as ondas eriçadas de espuma, sobre as quais os barcos de baleias perseguem a sua gigantesca preza, — a distante ilha de Itaparica e, ao longe, o oceano azul, — tudo forma um cenário que no momento nos enche de satisfação, e vive depois na intimidade da memória como uma excelente e linda imagem. Ha poucas cidades que podem apresentar um panorama de mais admiravel beleza do que a Baía, para quem a contempla de uma certa altura sobre

o mar. Mesmo o Rio de Janeiro pode difficilmente ser citado nessa comparação. A capital do país vence na variedade infinita de seus lindos arredores; mas na Cidade Arcebispal a belesa se concentra e apresenta-se num só golpe de vista. No Rio, para agradável moradia, um bairro compete



Nossa Senhora de Monserrate

com outro, cada um oferece suas razões de preferência; mas na Baía, todas as superioridades parecem estar reunidas num só bairro, e o estrangeiro não pode ficar na dúvida: esse bairro é o Morro da Vitória.

Na base de suas fraldas, justamente na borda da baía, está uma suntuosa residência coberta de árvores floridas e de frutos, onde as fontes murmuram docemente acompanhando a cadência musical das ondas que se quebram na

praia vizinha. Talvez seja importuno para alguns dos meus leitores, saber em que esse lindo lugar é uma fabrica de tabaco em pó, onde se faz célebre *arêa preta* que gosa de um monopólio no Brasil. Fabricantes e tomadores de tabaco em pó eram encontrados entre os aborígenes; mas esse especial rapé foi invenção de um suiço de Neufchâtel, que com o mesmo obteve uma grande fortuna. Por seu desejo, depois de enriquecer seus parentes, deixou somas generosas para a dotação de hospitais em seu cantão nativo, e também para fins de beneficência na Baía. O principal estabelecimento (ha filiais no Rio e em Pernambuco) está sob a superintendência de M. Barrelet, de Neufchâtel, em cuja amavel familia recebi uma acolhida tão desejavel por um cristão em país estrangeiro.

A instrução primaria na Baía ocupa uma situação superior no Império, e os baianos têm grande orgulho em mostrar as estatísticas de suas várias instituições. O jovem Dr. Fairbanks acompanhou-me uma manhã ao principal hospital e á escola médica. Nesta encontrei quasi trezentos estudantes assistindo às aulas. Alguns dos professores — nacionais e estrangeiros — são homens de talento e saber, e o curso é provavelmente igual ao de qualquer escola médica do mundo occidental. Na biblioteca anexa á instituição vi algumas obras muito volumosas e caras sobre anatomia, em lingua russa. Tinham sido recentemente enviadas de São Petersburgo e estavam em muito boas condições.

Instituições.

Próximo vê-se a antiga Cathedral, um imenso edificio, que foi construido com grandes despesas, e é superior a qualquer igreja no Brasil, excluindo talvez a ainda não concluida Candelaria do Rio. Numa ala deste edificio, donde se pode desfrutar uma vista dominante do porto, está localizada a biblioteca pública. Contem muitos milhares de volumes, grande parte dos quais em francês; e possui também manuscritos muito valiosos.

O bibliotecario é o Exmo. Sr. Chevalier, de Lisboa, o perfeito erudito e cavalheiro, que, como Ministro Plenipotenciário, representou o Brasil em Washington em 1845. Esteve profundamente interessado num grande e bem ilustrado volume, que me foi mostrado pelo Sr. Chevalier, e que era uma narração dos "Holandêses no Brasil" publicada em Amsterdam na primeira metade do século 17.

Na immediata visinhança da Cathedral estão o palácio arcebispal, o seminário, e o antigo Colégio Jesuita, agora utilizado como hospital militar. Esse edificio, juntamente com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição na Praia, (suas torres se veem á direita da grande vista da Baía), pode-se quasi dizer que foi construido na Europa: pelo menos, a cantaria principal foi para ele aparelhada, armada e numerada no outro lado do Atlântico, e importada pronta para immediata construção. O palácio do Presidente está tambem a pequena distância deste local. E' um sólido edificio, de antiga data, localizado numa das faces de uma praça aberta.

Os Presidentes das províncias são nomeados pelo Imperador, e sua escolha de modo algum está restrita aos habitantes da província a governar. Daí estarem os estadistas brasileiros sujeitos a muitas mudanças de residência: mas pode ser que haja vantagens nisto, pois dizem que as escolhas recaem sobre pessoas estranhas á província de modo "que a influênciade relações de familia e amizades pessoais não podem sofrer tentações de parcialidade na distribuição de dádivas e emolumentos sob sua direção". O Presidente, é, de fato, um Vice-rei protegido pela sua guarda pessoal; e parece-me que os poderes com que é elevado a tais funções representam um dos elementos mais conservantistas da Constituição Brasileira.

Festas officiais — Aniversário do Imperador.

O meu colega Dr. Kidder estava na Baía na data anniversária do nascimento do Imperador e a feliz descrição que

nos deu desta cena, permitirá fazer uma idéia de semelhantes celebrações em todo o Império:

“Os baianos estavam se preparando para celebrar o nascimento de seu jovem Imperador, no dia 2 de Dezembro. Este aniversário, é, por toda a nação, a data favorita entre os varios *dias de grande gala*, ou feriados políticos. Os brasileiros celebram seis dessas datas. O dia 1.º de Janeiro encabeça a lista com os cumprimentos de Ano Novo a Sua Majestade. O dia 25 de Março em que se comemora a adoção da Constituição. O 7 de Abril é o aniversário da ascensão do Imperador ao trono. O 3 de Maio é o dia da abertura das sessões da Assembléa Nacional. O 7 de Setembro é o aniversário da Declaração da Independência Nacional; e o último é o 2 de Dezembro, aniversário do Imperador. Em todos estes dias, exceto o 3 de Maio, Sua Majestade reúne a corte no palácio do Rio de Janeiro. Os presidentes das províncias, como representantes especiais da Coroa, seguem o exemplo de seu soberano, convocando reuniões nas diversas capitais provinciais; mas não lhes é permitido honras imperiais, mesmo indirectamente. O lugar de honra na “*sala de cortejo*” é sempre conferido ao retrato de Sua Majestade. Perto deste, como representante especial do trono, o Presidente toma seu lugar, acompanhado ocasionalmente pelo bispo. Deante deste, em passo medido, passam os dignitários convidados, na ordem de seu gráu e distinção, prestando sua obediência um por um ao retrato Imperial. Depois dessa cerimônia, são trocados cumprimentos entre as pessoas presentes, e a reunião dissolve-se.

“Não era nenhuma celebração comum que estava para se realizar dessa vez. Durante a última legislação da Assembléa Nacional no Rio de Janeiro, fora mais do que dado a entender que se duvidava da lealdade dos baianos em geral. Não satisfeito com tais insinuações, tinham resolvido aproveitar o ensejo para fazer uma exhibição, que, por sua magnificência sem exemplo, não só demonstrasse sua fidelidade ao trono, como deixasse a propria metrópole na sombra.

Além do cortejo usual, haveria cerimônias por três dias sucessivos e iluminação durante muitas noites. No primeiro dia haveria o grande *Te Deum*, com sermão; no segundo, um baile militar no palácio; e no terceiro, uma incomparável exibição de fogos de artifício, no Morro da Vitória, no Campo de S. Pedro.

“E o dia 2 de Dezembro chegou. Não estava encoberto pelos mantos frios de um inverno do norte, com ventos sibilantes e neve amontoada. Não, o Norte é muito mais diferente do Sul do que supõe a imaginação do leitor, e o aspecto desse dia de Dezembro ainda melhor o demonstraria. Precedido apenas por um curto crepúsculo, o sol ergue para cima os seus mais suaves raios, avermelhando as nuvens do horizonte oriental. Imediatamente, de seu leito do oceano, ergue-se majestoso no seu caminho vertical, olhando para baixo para uma das mais belas cenas naturais, jamais oferecidas ao olhar humano. A ilimitada expansão do Atlântico à leste, — a larga e linda baía ao sul e a oeste, com suas ilhas ornadas de palmeiras e montanhas em redor, — era bem o lugar apropriado para o delicioso conjunto da cidade, repousando como uma rainha de beleza entre as alamedas que se debruçam das soberbas eminências em que se distribuem suas casas, seus templos, e seus soberbos zimbórios.

“A data foi saudada pelo troar dos canhões de várias baterias e dos navios de guerra. Já nessa hora viam-se as embarcações de todas as nações surtas no porto, alegremente enfeitadas com bandeiras, sinais e flâmulas das mais variadas cores.

“Estando muito ocupado pela manhã, não cheguei á Catedral em tempo de ouvir o discurso que precedeu ao *Te Deum*, que terminou ás tres horas. Neste momento houve uma descarga de foguetes em frente á Catedral e uma salva geral de artilharia dos canhões dos frotas e navios. A cena foi então transferida para o Palácio do Governo, antiga residência dos Vice-reis, onde o cortejo se realizou. Ao mes-

mo tempo, as tropas da cidade, em número de dois mil e quinhentos homens, desfilaram na Praça do Palácio e nas ruas que ligavam a Catedral a este logradouro. Essas ruas bem como todas as outras ruas principais, foram adornadas de tapetes de seda adamascada pendurados das janelas, — sendo as cores nacionais, amarelo e verde, frequentemente admiradas. A iluminação á noite em toda a cidade, especialmente no Passeio Público, foi, de todas as partes da celebração, a mais interessante para mim.

Esse ponto de reunião pública da Baía, está localizado na mais íngreme e dominante colina de toda a cidade. Uma de suas faces dá para o oceano, a outra sobre a baía, e apenas uma simples grade de ferro impede o visitante contra o perigo de cair no encarpado precipício com que se limita toda a parte fronteira. Quanto à sua exposição ao ar esse local não é sobrepujado mesmo pela “Battery” de Nova York, quanto a sua admirável altura este último local perde no confronto. O espaço dado à “Battery” é maior, mas a variedade e riqueza das árvores e flores do Passeio Público da Baía compensam inteiramente a sua deficiência a este respeito. Aqui se viam, sob a escura e densa folhagem das mangueiras, das tílias, das arvores de fruta-pão, dos cajueiros, e inumeras outras árvores tropicais, milhares de focos de luz. Muitas dessas lanternas estavam penduradas em extensas linhas de globos transparentes, — construídos para irradiar as principais cores do arco-iris, — e baloiçando graciosamente á briza da tarde que passava conduzindo a fragrancia das flores entre abertas. .

“A calma das noites de verão sempre produz um encantamento sobre os nossos sentidos, mas havia uma expressão especial naquele espetáculo. Não somente o observador se podia deleitar com as variadas e engenhosas exhibições de luz artificial em torno dele, como também, erguendo seus olhos para o empíreo, podia aí contemplar a obra do Todo Poderoso, tão gloriosamente desdobrada nas brilhantes constelações do céu austral.

“A riqueza, o luxo e a beleza das baianas nunca se ostentaram com tanta felicidade como no seio da multidão que, formada de milhares de pessoas, assistia e tomava parte no espetáculo. Que melhor ocasião se ofereceria do que aquela para um espírito disposto a filosofar sobre as coisas humanas! Da velhice até à alegre juventude, nenhuma idade ou situação da vida deixava de estar ali representada. O militar e o civil, o titular, o milionário e o escravo, todos se misturavam num prazer comum. Nunca tão numerosa frequência de elementos femininos havia sido observada emprestando a graça a uma festividade pública. Mães, filhas, esposas, irmãs, que raramente tinham permissão para deixar o ambiente doméstico, exceto para comparecer á missa da manhã, penduravam-se aos braços de seus cavalheiros, e olhavam com indisfarçável espanto para os encantos que mais pareciam mágica de tudo o que viam diante de seus olhos e em volta de si. As cabeleiras negras e ondeantes, os olhos mais negros ainda e faiscantes, de uma beldade brasileira, juntamente com sua face ás vezes também levemente sombreada, mostravam-se com grande encanto, tanto maior porque não as escondiam ás abas do chapéu da moda. As dobras graciosas de suas mantilhas, ou do rico e finíssimo véu que algumas vezes as substitue, usado de maneira indescritível, por cima do largo, alto e artístico chapéu que lhe adorna a cabeça, difficilmente pode ser imitado por uma moda estrangeira. Todavia, o *forte* de uma dama brasileira está no seu violão, e nas doces *modinhas* que ela canta acompanhando-lhe as notas.

No monumento de mármore erigido em comemoração da visita de D. João VI á Baía, foram colocadas inscrições luminosas, e, ao mesmo tempo, desdobrados, em letras grandes e brilhantes, elogios a D. Pedro II.

Num outro quarteirão, sobre o alto parapeito que dá para a baía e para o mar, construíram um artístico pavilhão, no estilo de um templo ateniense. Em frente ao mesmo, suportado por colunas centrais, foi colocado um retrato em

tamanho natural de Sua Majestade. Nos salões desse palacete estacionaram bandas de música, a que rodeavam damas e pessoas graduadas da província. O retrato do Imperador foi velado por uma cortina até certa hora da noite, em que o Presidente fez seu aparecimento, e, rapidamente descobrindo-o, deu sucessivos vivas á Sua Majestade, a família Imperial, á Nação Brasileira e ao povo da Baía, todos correspondidos por ensurdecedoras aclamações da multidão que ali se achava, enquanto que o céu se iluminava com as explosões de mil foguetes.

Na quarta-feira, os festejos em comemoração do grande aniversário nacional terminaram por fogos de artifício. O Passeio Público foi iluminado mais profundamente do que nos dias anteriores, e todos os jornais que cercam o Campo de São Pedro foram iluminados com archotes e fogueiras. Um grande estrado foi armado no centro dessa praça, sobre o qual o retrato do Imperador foi novamente exibido, tendo o Arcebispo auxiliado o Presidente a desvendar a cortina que o envolvia, na hora marcada. A concorrência ainda foi maior que nas noites anteriores. O tempo se mostrou ininterruptamente sereno e belo, mas nem a concepção nem a exibição dos fogos de artifício mereceram altos elogios. Mas mesmo assim, toda a multidão se foi pouco a pouco retirando, como nas noites anteriores, sem a menor perturbação da ordem. Esse fato é um feliz sintoma dos hábitos ordeiros do povo. Nunca assisti a uma *função* no Brasil que, em seu conjunto, tivesse mais me interessado que esta. A sua superioridade é manifesta sobre os festivais religiosos comuns. De fato, a simples circunstancia de ser uma celebração cívica, destituida de qualquer finalidade religiosa, basta para recomendar-la á admiração dos que frequentemente ficam chocados com as misturas heterogenias do solene e do ridículo que muitos julgam ser essencial á “pompa e ao esplendor” das comemorações religiosas.”

“Fábrica de imagens”.

Alem do lindo morro da Vitória, num recanto da cidade baixa, entre outras curiosidades, pode-se ver o que se denomina: “fábrica de imagens”. Não é minha intenção tratar mais amplamente do culto religioso na cidade da Baía, pois é o mesmo em toda a extensão do Império. Santos, crucifixos, e todas as miudezas e atavios da igreja Romana, são exibidos nessa loja, numa profusão como nunca vi, indicando que o comércio desses artigos é aqui mais florescente do que em qualquer outro lugar. Não é só em nome que a Baía gosa da supremacia religiosa no Brasil. E’ a séde do único arcebispado do Império. Suas igrejas excedem em número e suntuosidade as de qualquer outra cidade; e dizem que seus conventos tem mais frades e mais freiras do que os de todo o Império.

Santo Antonio.

Não posso, porem, passar adiante sem me referir a Santo Antônio de Argoim, que parece ser o santo predileto do calendário no Brasil. Sua imagem está no Convento dos Franciscanos, e a sua história é a que se segue:

“Em 1595, uma frota, sob a direção de alguns luteranos, partiu da França, com a intenção de se apoderar da Baía. Na sua viagem, atacou Argoim, pequena ilha na costa africana pertencente aos portugueses, e, após, cometer várias depredações, carregou consigo, entre outras coisas sagradas, uma imagem de Santo Antonio.

“Já em pleno oceano, a frota foi atingida pelas tempestades que afundaram varias naus. As que escaparam a essa fatalidade, tiveram suas tripulações assoladas pela peste, durante a qual, por despeito para com a religião Católica Romana, a supradita imagem foi atirada ao mar, depois de ter sido batida com repetidas cutiladas. A nau que a trouxe chegou a um porto de Sergipe, e toda a tripulação foi feita prisioneira. Seus homens foram mandados para Baía, e a primeira coisa que aí viram na práia foi justamente a imagem que tanto haviam maltratado. Fôra trazida pelas ondas para enfrenta-los!

Um digno cidadão obteve a imagem e colocou-a numa capela particular; mas quando os franciscanos souberam que se havia realizado um milagre, solicitaram a imagem, levando-a em procissão até o seu convento. Tão grande foi então a fama desses acontecimentos, que o rei Filipe ordenou a instituição de uma grande procissão para comemora-lo. E, é estranho dizer, a popularidade fez para com a imagem aquilo que a pior hostilidade dos heréticos não conseguiu fazer. Seus amigos, os frades, sentiram-se envergonhados com o seu velho e feio aspecto, e puzeram-na de lado para ceder o seu lugar a uma imagem mais vistosa e moderna, que foi batizada com o seu nome e suposta ter herdado as suas virtudes. Tendo sido apresentada sob esse aspecto aos habitantes da Baía, Santo Antonio foi então alistado como soldado da fortaleza próximo à barra que tem seu nome.

“Nesse posto, recebeu o soldo regular, que foi pago até ser promovido ao posto de capitão pelo governador, D. Rodrigo da Costa. O decreto dessa promoção tenho-o diante dos olhos, e é tão curioso que eu vou transcrever as suas últimas linhas. Depois de referir o voto da Câmara Municipal que não foi cumprido, o Governador acrescenta:

“Por consequência, e porque mais do que nunca precisamos dos favores do santo acima mencionado, tanto nas presentes guerras em Portugal como nas que ainda se poderão dar na Baía, a dita Câmara me solicitou, em comemoração daquele seu voto, que concedesse ao dito e glorioso Santo Antonio o posto e o soldo de capitão da mesma fortaleza onde, até o presente só tem merecido o soldo de soldado.

“Em obediência a essa petição, e sujeito á aprovação do Rei, eu concedo ao glorioso Santo Antonio o posto de capitão na mencionada fortaleza, e ordeno que o solicitador do Convento Franciscano seja autorizado a receber, em nome do mesmo, o soldo regular de capitão”.

Baía, 16 de julho de 1705.

Rodrigo da Costa.

Ora, o milagre de Santo Antonio foi realmente notavel. Mas as investigações da ciência moderna, e um pouco mais de experiência, esclareceram o mistério. Em palestra com um cavalheiro, não católico, da Baía, acerca da singular viagem de Santo Antonio até às costas do Brasil, ele, gravemente, com surpresa minha, afirmou ser, indubitavelmente, uma história “bona fide” que a imagem acutilada tivesse flutuado nas ondas até o Hemisfério Ocidental: tudo podia ser explicado por leis naturais. Poucos dias depois deu-me para ler as palavras que vão em seguida, as quais constituem

sem dúvida uma nova confirmação das teorias do Comandante Maury sobre os ventos e as correntes oceânicas:

“Não é para surpreender que, naqueles dias de grande credulidade e ignorância o aparecimento da imagem de Santo António no litoral baiano tivesse sido considerado como um milagre, expressamente feito para punir os “piratas” pelo sacrilégio que haviam cometido. Sobre o aparecimento da referida imagem na praia, depois de ter vindo flutuando desde a África, não pode haver a menor dúvida; e, como prova de sua completa possibilidade, podemos apresentar a seguinte notável coincidência:

“Ha cerca de quinze anos atraz, o falecido Visconde do Rio Vermelho, cavalheiro da mais absoluta confiança, proprietário de uma vasta empresa de pesca nesta costa, situada poucas milhas ao norte da cidade da Baía, próximo a Itapican, declarou ao autor destas linhas que a imagem da prôa de um navio, algum tanto queimada pelo fogo, foi levada á sua residência depois de recolhida na praia (onde havia dado á terra) e colocada no seu jardim. Pouco tempo depois, um pintor da cidade da Baía, que estava trabalhando em casa do Visconde, vendo a figura de prôa imediatamente a reconheceu como uma que ele mesmo havia pintado, alguns meses atrás, para um navio que depois partiu em direção á costa d’África, e por cuja existência muito se receiou, não se tendo recebido noticia alguma do seu paradeiro. Soube-se posteriormente que o navio em questão se tinha incendiado junto ao litoral africano, a figura de prôa, tempo trazido, fato bastante singular, a primeira prova material do desastre.

E’ provável que essa figura de prôa, feita de cedro leve, tendo um pedestal de madeira resistente, com cavilhas e ligações de ferro, possa ter flutuado numa posição quasi vertical, apresentando assim uma maior superfície á ação dos aliseos do nordeste, o que concorreu para acelerar a sua travessia sobre as ondas do Atlântico”.

No Rio de Janeiro, Santo Antonio vem ocupando, desde muito tempo, o posto de coronel do exército, percebendo o soldo relativo a essa patente. Como ele pode entrar na posse desses vencimentos é difficil para nós entender; mas pode se fazer alguma luz sobre o assunto quando se sabe que o dinheiro passa pelas mãos de seus procuradores terrenos, — os frades franciscanos —, e como despesas pode-se levar em conta as quantias destinadas às vestimentas, limpeza, etc., do santo.

S. Tomé no Brasil.

As tradições relativas à visita de São Tomé ao Brasil são comuns em diversas localidades do Império. Muitas foram elaboradas pelos Jesuitas e são correntes entre as pessoas crédulas. Observe-se a lógica com que o afamado jesuita Simão de Vasconcelos prova que São Tomé deve ter estado com certeza na América do Sul.

“Com que aparências de razão”, descreve o jesuita, “poderiam ser os índios da América condenados si o Evangelho nunca lhes foi pregado? Aquele que enviou os seus apóstolos para todos os recantos do mundo não pretendeu deixar de fora a América, — que representa quasi a metade do mundo. O Evangelho, portanto, deve ter sido aqui pregado em obediência a essa ordem. Mas por quem foi pregado? Não pode ter sido por qualquer de seus outros apóstolos, Paulo, Pedro, João, etc.. Logo, deve ter sido São Tomé”.

Não admira, pois, que os Jesuitas tivessem representado em mapas as suas viagens do Brasil ao Perú, para encontrar os traços dos seus missionarios, cruces por eles erguidas, e inscrições em grego e hebraico escritas por suas mãos. Chegaram mesmo a retirar do vulcão de Arequipa suas sandalias e suas capas intactas. Suponho que foi na sua ida ou no seu regresso dessas plagas, que eles visitaram a Inglaterra e pregaram sob o Espinheiro de Glastonbury.

Fábrica de Valença.

O comércio da Baía sofreu algum tanto com a supressão do tráfico dos escravos; mas já vai progredindo aos poucos por meios mais legítimos. As culturas de fumo e café vão se desenvolvendo. Projeta-se estradas de ferro para o interior, e vapores (não falando já das linhas officiais) vão até às cidades litoraneas de Sergipe e Alagoas, ao norte, e quasi até o Espirito-Santo ao sul. O Sr. Martim,

antigo Presidente da província, merece muito pelo que fez em benefício da agricultura, e o Sr. Lacerda, em cooperação com os Srs. Carson & Gillmer muito fizeram para o progresso industrial dessa província. A mais bela fábrica do Brasil — e talvez da America do Sul — foi construida obedecendo os planos e sob a direção do Coronel Carson, um americano de grande energia e iniciativa. Durante a



Navegação ousada

minha estada na província da Baía, uma de minhas mais agradáveis excursões foi uma visita que fiz a Valença, séde da referida fábrica.

Foi uma alegre comitiva que acompanhou o Sr. e a Sra. Gillmer; e o dia estava tão lindo que fizemos a mais agradável das viagens através da Baía, passando entre uma flotilha de baleeiras em animada perseguição de sua esguichante preza. Havia numerosos cavalheiros brasileiros a bordo, que, sabendo que o consul norte-americano estava fazendo uma excursão vieram pôr as suas residências à disposição dele e de seus companheiros. Cerca de meio-dia passamos pelo farol do Morro de São Paulo, — bela construção feita sob a di-

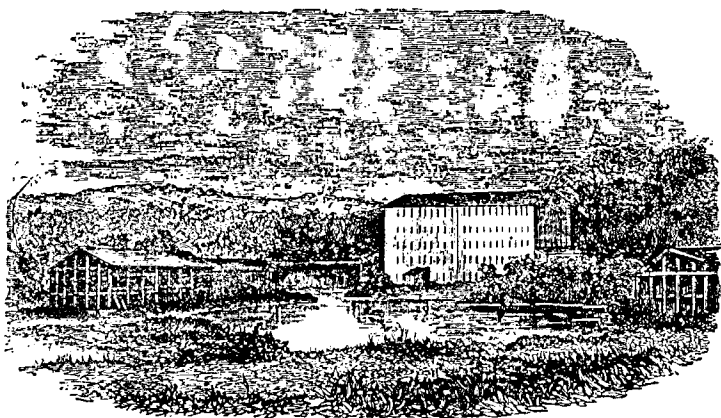
reção do Coronel Carson. Navegámos o rio Una acima até Valença, onde nos reunimos ao coronel, e reembarcamos em compridas canoas para subir o rio até a *fábrica*.

Em poucos minutos achavamo-nos na parte inferior de ruidosos rápidos, às margens dos quais o genio desse americano empreendedor construiu um engenho de serra, uma fábrica de vidros, e um aplainador mecânico; acrescentou-se a tudo isso a construção de uma comporta, — a primeira construída no Brasil — pela qual passaram as nossas canoas. Na fábrica de vidros, vimos o contra-mestre Sr. Foster, de Worcester, Massachusetts. Esse estabelecimento pertence ao Dr. Bernardini LL. D., que deixou o lugar de juiz pela profissão mais lucrativa de industrial. Por ordem do Dr. Bernardini, um escravo retirou, com enorme cuidado as compridas embarcações acima das quedas d'água. A perícia com que ele se equilibrava, guiando-a, com perfeita segurança, na sua tosca embarcação, era realmente admirável, e mereceu do nosso grupo vários hurras! em voz alta. A forma pela qual manobra a ligeira embarcação ilustra a maneira de descer os rápidos nos afluentes do Alto-Amazonas.

Encurtámos o nosso caminho, passando por um estreito arroio. Nas suas margens havia numerosas negras e mulatas lavando roupa. Vendo-as, eu pensei, pela primeira vez na minha vida, no transtorno das vestimentas em matéria de trabalho manual. As mulheres (cujos reluzentes membros arredondados eram tão macios como os da Escrava Grega), estavam nuas até à cintura, e as crianças, algumas com pouco menos de uns treze anos, estavam "in puris naturalibus".

Chegámos à fábrica, ou melhor, às fábricas, pois em volta da grande, cujas paredes brancas destacam-se do fundo da vegetação compacta, estão oficinas mecânicas, fundições, etc. O ruído dos teares, o alegre sorriso das simpáticas raparigas, e o indescritível bruaá de uma fábrica, fize-

ram-me supor que estávamos proximo de Lowell. Os operários, homens e mulheres, são, em sua maioria, órfãos dos asilos e das casas de expostos. Estão sob sua boa disciplina, e a sua moral pode ser favoravelmente comparada com a das mais bem dirigidas fábricas norte-americanas. Na fundição, assisti a toda a operação de modelagem, moldagem, e acabamento, feita por negros. O contra-mestre da fundição é um negro brasileiro, e nela se fabricam os mais complicados maquinismos.



Fábrica de Valença

Extensas construções estão ainda sendo feitas para facilitar a manufatura de tecidos de algodão, que são de melhor qualidade que os fabricados em Santo Aleixo; é satisfatório saber-se que essa fábrica pode a custo atender aos pedidos, e, sem dúvida, dentro de poucos anos, os Srs. Lacerda & Cia., serão amplamente recompensados de suas imensas despesas. Encontrei aqui um construtor de moinhos, o Sr. R. A. Randall, de Scituate, R. I.

Após um magnífico jantar, verdadeiramente tropical, parte de nossa caravana, a constituída pelos homens interes-

sados no negócio, saíram a fazer uma excursão, cujo fim era encontrar um local conveniente para a fábrica de enormes dimensões que se projeta fazer. O local foi bem escolhido, mas cada qual de nós trouxe uma amostra do terreno, uma imensa quantidade de *carrapatos*, semelhantes a pequeninas aranhas, agarrados às nossas roupas com a maior das tenacidades. Cada um desses bichinhos produz uma intumescência, e, em alguns pontos do Brasil, o gado, na estação seca, — pois os carrapatos não resistem às fortes chuvas, — tem tido muitas baixas devidas às feridas assim produzidas. Apressei a minha volta para casa, afim de mergulhar em um banho de água quente, e em seguida esfregarme com uma pinta de “rum”, — a maior quantidade desse artigo que jamais foi aplicada ao meu “físico”, quer externa quer internamente. Esses cuidados fizeram cessar eficientemente os estragos apenas iniciados.

Na manhã do dia seguinte, o Sr. Randall e eu dirigimo-nos para o local em que foram sepultados dois compatriotas nossos. Dos três americanos que chegaram juntos, somente ele sobrevivia. Sentidamente contou-me a história da morte dos dois companheiros, quando transpunhamos estreita passagem que leva ao local em que repousam. As sepulturas estão situadas sob a espessa sombra de duas jaqueiras, sobre elas tendo sido mandados erigir dois pequenos obeliscos. Foi para mim uma cena solene naquela hora matutina.

Depois do almoço, o Sr. Gillmer, o Sr. Pointdexter, um jovem polonês, e eu, subimos o rio para visitar uma cachoeira. Os arbustos, os troncos mortos e as árvores mais altas das margens estão como que floridas pelas orquídeas. Ricas madeiras para marcenaria abundam nas matas. Na cidade da Baía, o Visconde Fiaz e o Senhor Viana (irmão do inspetor chefe da alfandega do Rio), mostraram-me, em suas residências, alguns belíssimos moveis feitos com madeiras do país, como nunca vi iguais. Chegámos finalmente à cachoeira, que lembra um Niagara em miniatura. O rio

Una, nessa altura, lança-se sobre um leito de pedra com tal volume d'água que se calculou a força d'água capaz de movimentar cem fábricas de cinco mil fusos cada uma. Em nosso regresso da visita à fabrica, aceitámos a hospitalidade do Sr. Bernardini, que nos ofereceu um esplêndido jantar.

Volta à Baía.

Tive até à cidade da Baía a companhia do Coronel Carson, que achei ser um homem interessantíssimo, por sua inteligência e bom senso. A sua vida foi muito movimentada. Veio para morrer no Brasil, mas o seu clima delicioso fez dele um novo homem, e, na verdade, tem caminhado para frente, — construindo engenhos de serra, faroís, fábricas, e foi mandado ao estrangeiro, pelo governo da província, afim de investigar sobre as plantações de açúcar das Índias Ocidentais e dos Estados situados no golfo do México, com o fito de promover melhor produção de açúcar na Baía. Deu-me muitas informações a respeito do tráfico que *podia* existir entre os Estados Unidos e a Baía. Nesse segundo porto do Brasil, nós os norte-americanos, estávamos perdendo terreno de ano para ano. E muitos artigos — como, por exemplo, algodões, ferragens, couros, sabões, etc., podiam ser vantajosamente introduzidos. As amostras de couro de J. Chadwick, Esq., de Newark, — empregado nos calçados do Sr. Boynton, — e as amostras de artigos de cutelaria e gravação enviadas pelo Sr. Garside, também de Newark, atraíram, pela excelência de suas qualidades, grande atenção no Rio de Janeiro; o mesmo se pode dizer das cordas e linhas de costura fabricadas em "Excelsior Works" por H. Webber & Cia.. Todos esses artigos, e muitos outros, si bem encaminhados, podem ser exportados para o Brasil, cujo comércio realmente se poderia tornar tão valioso como o de todas as restantes nações da America do Sul, si o conseguirmos levar avante. Outrora, grande quantidade de lona comum foi exportada dos Estados Uni-

dos para a Baía, dos "York Mills", Saco, Maine, muito apreciada pelos brasileiros. Esse artigo é atualmente imitado em Manchester, Inglaterra, e exportado para Baía com o rótulo "York Mills, Saco, Maine", e vendido como tal. Apesar, porem, de hem imitado e de apresentar um belo aspeto, logo provou não ser o mesmo e caiu em descredito, pensando os brasileiros até agora que foram enganados pelos "yankees". Na Inglaterra, o tecido comum de algodão não pode ser fabricado igual ao norte-americano porque o preço da materia prima é muito elevado, sendo o melhor algodão consumido em tecidos finos, e somente as sobras para o artigo inferior, ao passo que nos Estados Unidos as fábricas usam a mesma qualidade de matéria prima tanto para os tecidos grosseiros como para os de mais luxo (59).

(59) Nota de 1866: — Aproveito este espaço para mencionar que, depois de 1855, foram realizadas algumas importantes explorações científicas, — como, por exemplo, a da provincia do Ceará, sob a direção dos Srs. Freire Alemão, Capanema, Lagos e outros (* 84), que compunham uma comissão científica. Foram explorados e cartografados vários rios importantes. O Purús, o grande afluente do Amazonas, é talvez menos conhecido do que o Nilo. O Sr. Herculano Ferreira Penna, quando Presidente do Pará, chamou particularmente atenção para esse rio em suas mensagens anuais (traduzidas pelo Dr. Spruce, o explorador do Alto-Amazonas, publicadas pela "Royal Geographical Society"). Em 1862, o Major J. M. da S. Coutinho (* 85), no vapor "Pirajá", subiu o rio Purús, fazendo sondagens, etc., num percurso de 700 milhas. Foi um feito notavel: os afluentes do Amazonas são geralmente interrompidos em sua navegação a uma distancia relativamente curta de suas embocaduras. Supõe-se que o Purús seja o "Madre de Dios" dos antigos espanhois e que, por esse rio, os brasileiros podem ir até as fronteiras com a Bolívia. Um explorador inglês, Chandless (* 86), em 15 de junho de 1865, atingiu um ponto do Purús mais alto que Coutinho. Lastimo que a falta de espaço me impeça de dar uma extensa noticia de outros trabalhos de Coutinho, Halfeld (cuja exploração do rio S. Francisco constitue um "magnum opus") e outros exploradores de rios como o Dr. Couto de Magalhães, que, em 1863, desceu o rio Araguaia, desde perto de Goiaz até o Pará (* 87).

NOTAS DO TRADUTOR

(* 81) Sobre Príncipe Maximiliano, ver nota n.º 75.

(* 82) Robert Gordon Latham, filólogo e etnólogo inglês, 1812-1888, publicou sobre as línguas indígenas do Brasil: "Vocabularies of Amazonian languages", "Languages of Brazil" (Remarks on the Vocabularies), notas á obra de A. R. Wallace.

(* 83) Henry Martyn — missionario inglês, 1781-1812; foi missionario na Índia e na Pérsia; publicou "Journal and Letters", tendo traduzido para o indú e o persa o Novo Testamento. Em "Bible in Brazil", pags. 148, há a seguinte referência, que nos foi indicada pelo Rev. H. C. Thucker: "Henry Martin, em sua acidentada viagem á Índia, ha cerca de um século atraz, passou pela cidade da Baía, e, depois de inteirar-se, com a sua visão espiritual, da situação de seus habitantes, e conversar em latim com alguns padres e frades, exclamou lamentando: "Aqui ha cruces em abundância, mas quando será sustentada a doutrina da cruz?"

(* 84) Francisco Freire Alemão, Guilherme Schuch de Capanema, e Manuel Ferreira Lagos, naturalistas brasileiros, fizeram parte da "Comissão Científica de Exploração" que, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, realizou estudos na então Província do Ceará, em 1859.

(* 85) Sobre J. M. da Silva Coutinho, ver nota n.º 4.

(* 86) William Chandless, geógrafo inglês, publicou, sobre as suas explorações dos afluentes do Amazonas, os seguintes relatórios: "Ascent of the River Purús", "Notes on the River Aquiri, the principal affluent of the River Purús", e "Notes of a journey up the River Juruá", os dois últimos publicados em tradução nos Relatórios do Ministério da Agricultura, anos de 1866 e 1870 e o primeiro, comentado, servindo de base ao reconhecimento do Alto Purús pela Comissão Mixta Brasileiro-Peruana, chefiada por Buenaño e Euclides da Cunha, em 1906.

(* 87) Dr. José Vieira Couto de Magalhães, posteriormente General Honorario do Exército Brasileiro; ver, nesta "Brasiliana", as suas obras: "O selvagem" e "Viagem ao Araguaia.

CAPÍTULO XXV

Viajando para o Norte.

Para o Norte! Deixando a agradável cidade da Baía, voltamos novamente a nossa frente na direção do Amazonas. Nosso navio corre rapidamente sobre o mar equatorial, e, si bem que visitemos sucessivamente província após província, não nos podemos demorar em nenhuma delas o suficiente para conhecer seus aspetos e costumes, que, todavia, são muito semelhantes aos das pequenas divisões do Império que já tivemos ocasião de tratar. A monotonia da viagem é quebrada pelo som trêmulo do violão, cantando alegremente, e por expressões de eloquência; temos a bordo embriões de estadistas: oficiais do exército, de solenes bigodes e altissonantes títulos; estudantes de medicina de volta a Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba; espirituosos, pálidos e sujos sertanejos; senhoras de olhos negros; e dois ou três padres tonsurados, que muito apreciam o jogo. Todos formam um exaltado auditório; os *apoiados*, *apoiadíssimos*, ditos em voz alta, encorajam os inuteis esforços dos oradores, e enganam o tempo que se passa percorrendo ao longo do litoral baixo, coberto de coqueiros.

Um nevoeiro que se levanta no horizonte distante indica a foz do grande Rio São Francisco, e o limite entre as províncias de Sergipe e Alagoas. Sergipe tem população muito escassa, mas, na sua porção oriental, cultiva-se grande quantidade de açúcar e tabaco, enquanto que, nos distritos de oeste, cria-se principalmente gado.

Morcegos.

Num outro capítulo, referi-me aos tormentos a que os carrapatos sujeitam os rebanhos; os animais mais jovens teem, em certas regiões, um mais formidável inimigo nos

gigantescos morcegos. O criador em grande escala do noroeste de Goiaz diz que não pode tirar resultado da criação de gado por causa da devastação causada entre os seus bezerros por esses demonios de asas, os vampiros. Tive várias vezes, o meu cavallo ou a minha mula mordidos e sugados por esses sanguinários "phyllostomina". Abundam do Paraguai ao istmo de Darien; e a narrativa dos primeiros viajantes e a linguagem figurada dos poetas, por tanto tempo desacreditadas, foram posteriormente tidas como muito mais próximas da verdade do que se acreditava. Manhãs seguidas vi animais de carga, fortes na véspera, começarem a cambalear devido à perda de sangue retirado durante a noite por esses terríveis monstros. Em quasi todos os casos, eles sugam o líquido vital entre os dois flancos do animal, e, quando terminam sua tarefa assassina, a torrente de sangue continua a correr ainda por algum tempo. As extremidades são, no entanto, os pontos comuns de ataque; e as orelhas do cavallo, os dedos do pé do homem e a crista do galo são os pontos de escolha para as demonstrações das tendências sangradoiras dos vampiros.

A exata maneira pela qual os morcegos agem para fazer uma incisão tem sido de ha muito assunto de discussão e conjecturas. A língua, que é capaz de assumir grande comprimento, é dotada em sua extremidade de numerosas papilas, que parecem dispostas de modo a formarem um órgão de sucção, e seus lábios teem também tubérculos simetricamente distribuidos. São esses os órgãos pelos quais o morcego com certeza retira o sangue do homem e dos animais, e pensam alguns que a língua seja o instrumento empregado para esfolar a pele e assim permitir que mais facilmente retire o seu alimento do animal vivo. Outros supõem que o vampiro emprega os seus longos e afiados dentes caninos para fazer a incisão, que é pequena como si fosse feita por uma agulha fina. Wallace afirma ter sido mordido duas vezes — uma num dedo do pé, a outra na ponta do nariz. "Em nenhum dos casos, escreve esse ex-

plorador, senti coisa alguma, e só acordei depois que a operação terminou. O ferimento é um pequeno orificio redondo, e a saída do sangue é muito difficil de estancar. Difficilmente se trataria de uma dentada, pois essa acordaria a pessoa que está dormindo; parece mais provavel que seja ou uma sucessão de leves arranhaduras com a aresta mais aguda dos dentes, gradativamente desgastando a pele, ou uma trituração praticada com a ponta da língua até produzir efeito análogo. Meu irmão foi varias vezes mordido por morcego; e a opinião dele é que o morcego aplica um de seus dentes caninos na parte mordida, e, em seguida fazendo-o girar como si fosse uma verruma, fura um pequeno orificio, — servindo as asas do vampiro ao mesmo tempo para abanar o paciente, mergulhando-o em profundo sono. Algumas vezes despertou quando o animal estava agindo, e, si bem que, como era natural, o morcego tivesse immediatamente voado embora, a sua impressão foi que a operação se dera da maneira acima descrita”. Muito do que se pode observar no arranjo dental desses “*phyllostoma*” tornam essa hipótese plausivel. Os dentes molares do verdadeiro vampiro, o morcego-espetro, apresentam o máximo carater carnívoro, — o primeiro curto e quasi massiço, os outros agudos e cortantes, terminando em três ou quatro pontas. Não obstante isso, o Dr. Gardner, o mais rigoroso dos naturalistas e observadores, é da opinião que o morcego fere a sua vítima de modo inteiramente diferente. Diz ele que: “Tendo cuidadosamente examinado os ferimentos produzidos, em muitos casos, em cavalos, mulas, porcos, e outros animais, — observações que foram confirmadas por informações recebidas dos habitantes do norte do Brasil, — sou levado a acreditar que o furo que o vampiro faz na pele dos animais é praticado pela garra aguda, em forma de gancho, de seu dedo polegar, e que, da ferida assim produzida, ele extrae o sangue por meio da capacidade de sucção de seus lábios e de sua língua”.

Alguns desses morcegos medem três pés entre as extremidades das asas. Há pessoas que não são mordidas por eles, ao passo que outras há que são constantemente vitimadas. O caçador de crocodilos Waterton conta que durante onze meses dormiu sózinho no seleiro de uma casa de lenhador abandonada na floresta, e, apesar de os vampiros irem e virem por ali todas as noites, esvoaçando sobre a sua réde, nunca teve o prazer de ser mordido, — prazer esse que ele sem dúvida jamais esqueceria si tivesse tido a mesma experiencia de Wallace, que escreveu que um ferimento de morcego na ponta do dedo do pé é muito doloroso, tornando o pé imprestavel por vários dias”, obrigando-nos a concluir que, excluida a primeira vez pela curiosidade do fato, ser mordido por um morcego é coisa muito desagradavel”.

Casos houve no Norte do Brasil em que indivíduos, por quem o morcego mantém grande predileção, deverem ser removidos para outros pontos do país, onde não sejam abundantes os animais sedentos de sangue. Um dos componentes da comitiva de Wallace — um negro velho — era constantemente molestado por eles. Era mordido quasi todas as noite, e, embora houvesse no mesmo quarto uma meia dúzia de pessoas, era sempre o preferido pela atenção dos vampiros. “Certa vez, escreve Wallace. “veio ter a nós com uma attitude de desânimo, dizendo que pensava que os morcegos queriam dar cabo dele de vez, porquanto, tendo coberto as mãos e os pés com o lençól, eles desceram para a parte inferior do tecido aberto de sua réde, e, atacando as partes mais salientes de seu corpo, haviam-no mordido através dos buracos da calça!”

A “sucurujú”.

Pelo fato de termos enumerado os diferentes insetos, reptís, e animais venenosos do Brasil, o leitor, que ainda não haja visitado esse país, será levado a acreditar que não é possível dar um passo aí que não seja a gente amavelmente enlaçado por uma cobra, esquartejado por uma jaguar,

ou mordido por uma cascavel. Em sua imaginação, cada moita está repleta de bichos-do-pé prontos a introduzirem-se em suas pernas, cada fenda contem um escorpião esperando a ocasião para se esconder em suas calças, e cada poça d'água está cheia de enguias elétricas preparadas para lhe fazer uma chocante recepção. Posso apenas afirmar que, viajando pelo litoral e pelo interior, nunca fui mais molestado por insetos do que quando estive no sudoeste dos Estados-Unidos, e que, com certo cuidado, pode a gente viajar uns cincoenta dias sem experimentar nada mais mortífero do que uma picada de mosquito. As moscas da areia provocam mais queixas da parte dos naturalistas e viajantes que as serpentes, os escorpiões e as centopéias; e no entanto todos esses animais são mais ou menos encontrados no interior. As dificuldades, porém, só parecem intransponíveis de longe; desaparecem quando olhadas corajosamente de frente, e não afetam o turista e o naturalista a décima parte na realidade do que contavam.

Relativamente a esse assunto, poucas palavras ainda podem ser dedicadas à "anaconda", a maior representante da família dos ofídios. Confesso que não acreditava no poder e na capacidade desse gigantesco réptil antes de visitar o Brasil, e acredito sem a menor sombra de dúvida que, na opinião de alguns, terei acrescentado algumas páginas às inúmeras "histórias sobre cobras" que correm por aí.

A enorme anaconda (*Eunectes murinus*) ou *sucuruju* dos indígenas (cuja representação forma a inicial deste capítulo), habita a América Tropical, e particularmente as densas matas da beira dos rios. A boa-constrictor, a "jiboa" dos indígenas, é menor e de hábitos mais terrestres. A primeira que vi era um filhote pertencente a um cavaleiro da província de São Paulo. Vi depois outra na província do Rio de Janeiro, medindo 25 pés de comprimento. O Sr. Nesbitt, o engenheiro que levou os vapores do governo peruano aos afluentes superiores do Amazonas, informou-me ter matado a tiros, nas margens do Hualaga, uma

anaconda que media 26 pés e 7 polegadas. Um médico italiano de Campinas (São Paulo) narrou-me a fôrma pela qual a sucurujú pega a sua preza.

O gigantesco ofídio fica à espreita junto à margem do rio, onde veem frequentemente matar a sêde toda espécie de quadrúpedes. Espera pacientemente até que algum animal fique a seu alcance, e, então, com rapidez quasi inacreditavel, o monstro se atira no pescoço da vítima, enrosca-se nele e esmaga-o até vir a morrer. Depois do infeliz animal ficar reduzido a uma massa informe, pela pressão da cobra, seu destruidor prepara-se para enguli-lo cobrindo-o com uma secreção viscosa. Quando a gibóia engole uma ovelha, começando por segurar-lhe a cauda juntamente com a pata posterior, fica num torpor durante um mês, até digerir a sua enorme refeição, e em seguida sai a caçar uma outra. O referido médico afirma que a sucurujú não tenta deglutir e digerir os chifres, deixando-os pender para fora de sua boca até caírem de podres. Alguns observadores ocasionais tem dito que a gibóia morre após ter engulido um volumoso animal, e que os corvos, que são vistos junto dela, é que o comem; mas o nosso informante declarou-nos que observações cuidadosas tem mostrado que essa afirmação é errônea. Não há dúvida que os abutres acompanham sempre de perto a sucurujú, mas é para auxiliá-la a livrar-se das fézes. Quanto ao crédito que se deva dar à afirmação do Dr. B. relativa aos chifres do animal engulido e ao auxílio obstétrico prestado pelos abutres, deixo ao leitor a liberdade de opinar; os fatos são, todavia, incontestaveis no que respeita à capacidade da gibóia para engulir animais cujo diâmetro é muitas vezes superior ao seu. De todos os exploradores e viajantes cujos escritos tive ocasião de ler, Wallace e Gardner são os mais moderados em seus testemunhos, e, principalmente, nada registram que não tenham podido averiguar após pacientes e cuidadosas investigações. Wallace escreve: "é fato inegavel que a gibóia devora bois e cavalos". Na província de Goiaz, Gardner visitou a fa-

zenda de Sapê, situada na raiz da Serra de Santa Brida, próximo da entrada de um pequeno vale. Essas plantações pertenciam ao Tenente Lagoeira. O Dr. Gardner observa que nesse vale e em toda a província, atinge a “anaconda” enormes dimensões, atingindo às vezes 40 pés de comprimento: a maior que ele viu media 37 pés, mas não estava viva. Foi capturada nas seguintes circunstâncias:

“Algumas semanas antes de nossa chegada a Sapê”, escreve o Dr. Gardner, “o cavalo de montaria preferido do Sr. Lagoeira, que tinham deixado no pasto que não fica muito distante da habitação, não poudo ser encontrado, apesar de todas as buscas que se deram na fazenda. Pouco depois, um de seus “*vaqueiros*”, atravessando a mata que fica na margem de um pequeno riacho, viu uma enorme sucrujú suspensa num galho que fica por cima d’água. Estava morta, mas tinha evidentemente se afogado numa recente cheia do riacho, e, por estar inerte, não fôra capaz de se desencilhar da bifurcação do galho antes de descerem as águas. Foi transportada para uma clareira por dois cavalos, e verificaram que media 37 pés de comprida; ao abrirem-na, acharam dentro dela os ossos de um cavalo, algum tanto partidos e a carne do mesmo meio digerida: os ossos da cabeça nada haviam sofrido. Daí se poder concluir que a gibóia engulira inteiro o cavalo. Em todas as espécies de serpentes é prodigiosa a capacidade de deglutição. Tenho visto muitas vezes algumas delas, não maiores do que o meu dedo polegar, engulirem um sapo do tamanho do meu punho; certa vez matei uma cascavel, com perto de 4 pés de comprimento, e de não grande espessura, que havia engulido nada menos de três grandes sapos. Vi também uma cobra muito delgada, frequentadora dos telhados, engulir inteiro um morcego três vezes mais volumoso do que ela. Si tal se dá com as espécies menores, não é para admirar que uma espécie que mede 37 pés de comprimento seja capaz de engulir um cavalo, mormente quando se sabe que, antes de o fazer, quebra os ossos do animal enroscando-se

em volta do mesmo, e em seguida o lubrifica com uma substancia pegajosa, que tem o poder de secretar na boca”.

O “uistiti”.

Nos arredores de Sapê abundam os pequenos macaquinhos, e, destes, uma espécie de pequeníssimas dimensões, às vezes chamada “uistiti” (*Jacchus auritus*), é muito agíl, não lhe faltando certa helezza.

As meninas brasileiras gostam muito de possuir seus animaizinhos de estimação; entre outros, tem grande preferência esse “ouistiti”, que raramente é encontrado fora do Brasil, mesmo entre as melhores coleções zoológicas. Tem o pêlo como o da chinchilha, e o seu rosto não apresenta o aspeto repulsivo dos demais macacos. Esses pequeninos animais ficam muito domesticados e dormem sobre o colo ou sobre os ombros de suas donas. Seus gestos são os mais graciosos e rápidos. Dois deles, que um amigo meu enviou para os Estados Unidos, podiam subir as cordas do navio dez vezes mais ligeiro que o mais ágil marinheiro. Si aparecem aves a bordo, eles as caçam de corda em corda, e quando passam por baixo do mastro em que poisou a sua vítima, caem sobre ela com certa precisão. Nas florestas nativas, são muito apreciadores de insetos, que caçam com grande habilidade. São excessivamente tímidos quando agarrados com brutalidade: um dos dois, a que acima nos referimos, foi atormentado pelos marinheiros e morreu de convulsão em consequência disso. Era de fazer dó ver-se o outro espiando-se num espelho, dando ao nariz uma expressão de queixa e lambendo a sua própria imagem. Eram tão pequenos que uma caixa quadrada de charutos, do tamanho dos “havana”, podia conter a ambos. Com grande precaução, o “ouistiti” sobrevivente foi conservado vivo durante todo um inverno do Norte. Seu alimento era pão, biscoito-esponja, maçãs e, de quando em vez, um pescoço de galinha ou um rato. Era curioso ver como devorava

este último. Começava pelo focinho, e cuidadosamente ia separando a pele, para comer os ossos e tudo o mais até chegar à cauda, que era tudo o que deixava no interior da pele. Seu último esforço foi para imitar um eclesiástico, afim de mostrar-se numa próxima feira. Mas sua boa vontade foi demais para ele: a pobre creatura foi emagrecendo até morrer, depois de sofrer uma série de convulsões, tendo tal fim sido apressado, sem dúvida, pela respiração de seus numerosos visitantes, e pelo escapamento do gás no quarto em que o guardavam; os sensíveis macacos do Jardim Zoológico de Londres também morreram devido a estarem alojados numa sala com aquecedor. Substituíram-na por gaiolas abertas, e seus substitutos escaparam.

Província de Alagoas.

Em nossa rota para o Norte, logo depois de Sergipe, temos a província de Alagoas. Seu nome deriva-se dos lagos, ou melhor do braço de mar — onde foi construída a sua velha capital, a cidade de Alagoas. O principal porto marítimo da província é Maceió. Entrámos nesse porto, após cerca de 36 horas de viagem da Baía. Quando atingimos terra na manhã de nosso segundo dia de viagem achámos a costa muito chata, exibindo aqui e ali uma praia arenosa, ou barrancos de 80 a 90 pés de altura, denominados, devido à sua cor dominante, de Barreiras-vermelhas. Aproximámo-nos tanto dessas faléjas que pudemos distinguir perfeitamente a sua estratificação, que semelha camadas sucessivas de tijolos.

A mais bem dotada das ilhas dos mares do Sul dificilmente apresentarão mais encantador aspeto que o porto de Maceió. E' formado por um recife de pedra, visível na maré baixa, que se estende para o Norte e para o Sul a grande distância em linha reta, parecendo formar um ângulo com a ponta extrema de terra que fica ao Norte. Vista do mesmo local, a praia se volta para dentro formando um semi-círculo. A areia das praias são de uma brancura de

neve, como si fossem branqueadas pela espuma das ondas do oceano que incessantemente as lavam.

Um pouco recuada da linha da praia, está uma fila de casinhas brancas, envolvidas por majestosos coqueirais, cujos belos frutos, pendentos de suas folhas multipartidas, parecem joias colocadas entre as plumas de um penacho. Sobre a encosta de uma elevação a alguma distancia atraz, ergue-se a cidade, que conta uma população de cerca de 6.000 habitantes.

A minha visita a Maceió foi agradabilíssima, ligada como esteve ao fato de alguns simpáticos brasileiros e pessoas de outras nacionalidades desejarem receber a Palavra e transmitirem-me a segurança de que a estada de meu colaborador e antecessor não havia sido esquecida. Um ancião, com lágrimas nos olhos, referiu-se à visita do Dr. Kidder e auxiliou-me na disseminação da Verdade.

Maceió armazena grande quantidade de algodão e açúcar, trazidos do interior. Açúcar mascavo de boa qualidade pode ser comprado em Maceió pelo preço de \$2.50 por cem pesos, e os produtores acham que podem vender o açúcar com lucro a menos de \$2.00.

Essa província, quinze anos atraz, estava num constante estado de agitação; mas, nos últimos dez anos, tem experimentado ininterrupta tranquilidade e progride juntamente com o resto do Império.

Deixando-se Maceió, percorre-se uma costa que de perto se relacina com a história passada. Diante de nós, está o Cabo de Sto. Agostinho, que foi o primeiro ponto do Novo Mundo descoberto ao sul do equador. Estamos percorrendo mares que, outrora, foram navegados pelos dois grandes flibusteiros ingleses Cavendish e Lancaster, que devastaram as cidades da costa brasileira em 1591 e 1593. Por aqui, também, passaram os navios de Lord Cochrane e dos Almirantes Taylor e Jewett, os dois primeiros ingleses e o segundo norte-americano a serviço do Brasil, que, por sua bravura e habilidade, derrotaram as frotas portuguesas e

muito fizeram para implantar o novo regime nas cidades do Norte do país.

Palmares.

Para o interior, cerca de 60 milhas de Porto Calvo, existia outrora uma curiosa comunidade, escondida entre coqueirais, tendo um governo regular militar e sacerdotal, conhecida por *Republica dos Palmares*. Parece quasi um romance, com a sua colônia de escravos fugitivos, perfeitamente organizada, que saia de vez em quando em bandos depredadores, carregando dinheiro e gado, e fazendo cativas as mulheres e filhas dos portuguezes, de quem exigiam pesados resgates.

Tinham aldeias e vilas, e, alem de suas sortidas de piratas, mantinham comércio regular com alguns pontos colonizados do país. Existiram durante sessenta anos, e, com o tempo, tornou-se tamanha a sua audácia que lhes teve que ser declarada uma guerra regular, tendo os portuguezes durante meses sustentado contra eles a mais séria das lutas a que foram obrigados ao ocidente do litoral. A pequena Nação foi heroicamente defendida; mas, quando, depois de ter vencido galhardamente a grande superioridade dos portuguezes, estes receberam canhões para sitia-la, a República dos Palmares rendeu-se. Quando não havia mais esperança de resistir, o chefe e os mais resolutos de seus companheiros dirigiram-se ao alto de um grande penhasco que ficava no território dos pretos, e, preferindo a morte à escravidão, atiraram-se no precipício, — homens dignos de melhor sorte pela sua coragem e sua causa.

Pelas consequencias que se lhe seguiram, a vitória lembra a das deshumanas guerras da antiguidade. Os sobreviventes, sem distincção de idade e sexo, foram feitos escravos. Um quinto foi escolhido pela Corôa: o resto dividido entre os seus aprisionadores como preza de guerra, sendo aqueles capazes de fugir transportados para pontos distantes do Brasil, ou para Portugal. As mulheres e as crianças

ficaram em Pernambuco, separadas para sempre de seus maridos e seus pais.

Pernambuco.

Doze horas depois de deixarmos Maceió, as torres e zimbórios de Recife, ou Pernambuco, foram vistas, como em Veneza, surgindo das águas iluminadas pelo sol. Longe, do lado direito, numa elevação escarpada e verdejante, pudemos distinguir o subúrbio denominado Olinda, semelhante um mosaico de torres brancas, tetos vermelhos e palmeiras e bananeiras verdes. Todavia, só vista dessa distância é que encanta a vista; pois Olinda, cujos habitantes já olharam de alto os seus rivais em comércio de Recife, agora está decadente. A escola de direito, com seus tresentos estudantes, foi transferida para Recife, e essa outrora valerosa capital das colônias equatoriais de Portugal vem decaindo rapidamente.

Olinda merece ser visitada como São Vicente, e as duas devem ser levadas em consideração por exibirem os clássicos remanescentes do sistema colonial português. Olinda, porem, lembra quasi tanto os holandeses como os portugueses, sendo conhecida nos anais da Holanda como a antiga "Mauricius", sobre a qual o ambicioso Conde de Nassau ariscou a sua fortuna e a sua fama.

Quando o viajante se aproxima de Pernambuco, o seu ancoradouro e seus armazens dão-lhe o aspeto de uma grande cidade comercial, e não mais se impõe ao observador a sua semelhança com a Rainha do Adriático. As águas que ficam para fora do curioso *recife*, que forma um quebramar natural, estão coalhadas de *jangadas*, ou "catamarans", com suas velas latinas, e os proprietarios dessas balsas dansantes parecem estar no mar literalmente "sobre um lenho".

Nosso vapor entrou orgulhosamente no pequeno porto batido pelas ondas, passando junto ao farol todo branco que, tão baixo é o *recife*, parece erguer-se das águas. Fundeá-

mos junto ao lado do forte voltado para o mar, aguardando ansiosos a visita da saude do porto. Todos os passageiros, do rude *matuto* e *sertanejo* ao distinguido médico e ao orgulhoso official do Exército imperial, regosijavam-se pela sua próxima libertação. A embarcação com as autoridades sanitarias chegou balanceando, após ter dado a volta da fortaleza, e tivemos a satisfação de ouvir que teriamos que fazer uma quarentena de dez dias numa ilha situada a quatro milhas de distancia da cidade. Não havia, realmente, necessidade disso, pois o boletim sanitario de Maceió não sofrera motivo para alteração. E' desnecessario narrar as nossas aventuras durante essa quarentena; a nossa travessia numa jangada; como 50 pessoas foram alojadas em 4 quartos (que só ofereciam conforto para 8 pessoas), o que teria tido insuportavel si não fosse a total ventilação através das telhas em forma de calha; como achavamos tudo engraçado e ficamos satisfeitos com as circunstancias; como fomos retemperados com leite de côco e a briza reparadora; como eu tive oportunidade de praticar o bem; como fomos todos postos em liberdade e cem outros nos substituiram; e como foi amavel a minha recepção (quando pude entrar em Pernambuco) pelos Srs. Samuel Johnson e Hitch (diretores de duas igrejas, americanas e inglesa). Tudo isso deve constituir a historia não escrita. Como se disse de uma estada na Italia, deve-se dizer de nossa detenção em Pernambuco, que, na linguagem da lógica, não teve "causa causans"; mas a "causa sine qua non" é que nos achavamos no Brasil, onde a "efêmera autoridade" dos funcionários é algumas vezes notoriamente soberana.

Pernambuco é a terceira cidade do Brasil, e o maior empório de açúcar do Império. Sua população é diferentemente avaliada em 80 ou 100 mil habitantes. A todos os respeitos, trata-se de uma florescente e progressiva cidade. Quem se recorda de suas primitivas ruas sem calçamento e outras faltas de conforto e bem estar ficará atualmente surpreendido diante de seus varios melhoramentos e transfor-

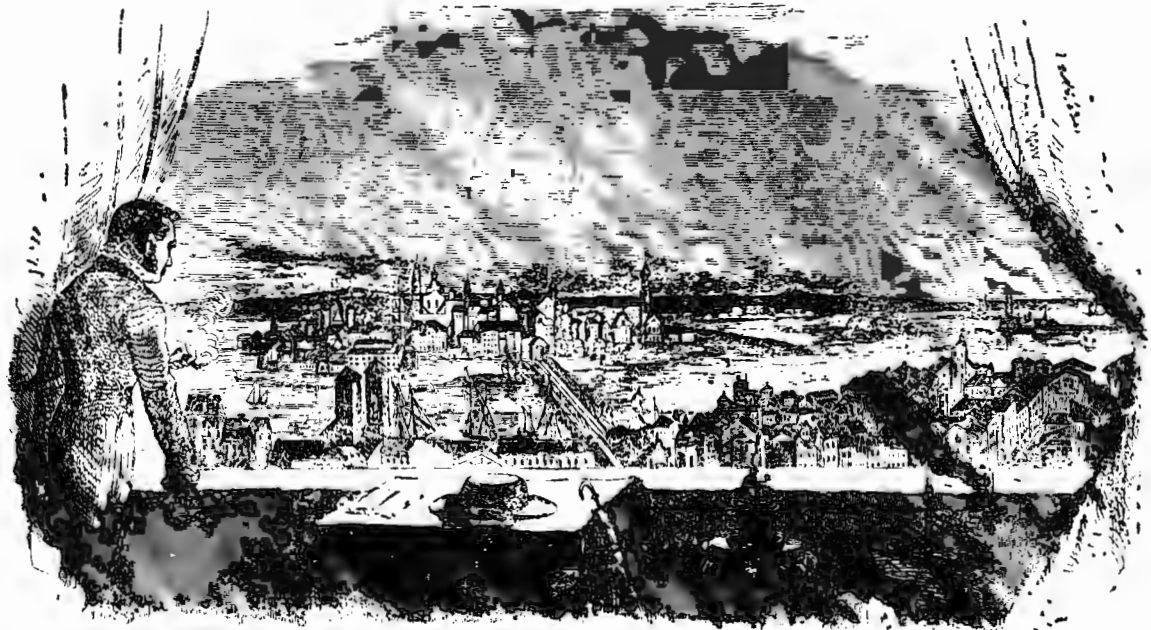
mações. Foram feitas obras para fornecimento d'água, construídas boas pontes, bem como um longo cais nas margens dos rios que poderia ser tomado como modelo, na opinião do Sr. Hadfield, pelos conservadores do "Pai Tamisa". Oficinas gráficas publicando diários e semanários, além de, de tempos em tempos, obras de respeitável tomo e documentos oficiais. A educação tem merecido cuidados, quer no que respeita as escolas primárias, ou *colegios*, quer o florescente instituto para o ensino do direito, que rivaliza com o de São Paulo.

A cidade está dividida em três paróquias ou distritos, respectivamente chamados: São Pedro de Consalves ou Recife, Santo Antonio e Boa Vista, ligados entre si por pontes e boas estradas.

Peculiaridade das casas de Recife.

Muitas das casas de Pernambuco são construídas em estilo desconhecido em outras localidades do Brasil. A descrição de uma dessas casas, onde o meu antecessor foi hospedado por um amigo pode servir de amostra do referido estilo.

Tinha seis andares. O primeiro, ou andar térreo, denominava-se *armazem*, e, à noite, era ocupado pelos empregados do sexo masculino; o segundo serve de instalação para o escritório, etc.; o terceiro e o quarto contem as salas de visita e os quartos de dormir; o quinto, as salas de refeições, e o sexto a cozinha. Os leitores habituados com os assuntos domésticos perceberão a vantagem especial de se ter a cozinha localizada no sótão pela tendencia que tem para subir a fumaça e as diversas emanações produzidas pelas operações culinarias. Ha no entanto uma desvantagem inseparavel desse dispositivo, que é a necessidade de transportar varias coisas pesadas subindo tantas escadas. A água, por exemplo, que na falta de qualquer mecanismo que a possa elevar, tem que ser carregada na cabeça dos pretos. Qualquer um compreenderá que um pequeno descui-



Pernambuco (Recife)

do, no equilibrio das vasilhas d'água assim transportadas, expõe as partes inferiores da casa ao perigo de serem inundadas. Dominando o sexto andar e constituindo, de certa forma o sétimo, existe um esplêndido observatório, de onde se pode contemplar o alto do céu em todas as direções.

A vista desse observatório é ampla e interessante em extremo. E' o melhor lugar donde um estrangeiro pode observar para ter uma correta impressão da situação e das redondezas da cidade. Seus olhos, de um posto de observação tão alto, não deixarão de dirigir-se com o maior interesse para a ampla baía de Pernambuco, estendendo-se, com moderada e regular curvatura da costa, entre o promontório de Olinda e o Cabo de Santo Agostinho, trinta milhas abaixo. Essa baía é geralmente adornada de numerosas jangadas, que, com suas largas velas latinas, não fazem um medíocre efeito. Além do comércio do próprio porto, surgem no alto mar navios vindo de distantes pontos, quer do norte quer do sul. Não há porto de mais facil acesso. Um navio, proveniente do Oceano Indico ou do Pacífico, ou de regresso à patria, dirigindo-se para os Estados-Unidos ou para a Europa, pode, com um simples desvio de sua rota principal, entrar no porto de Pernambuco. Pode alcançar o ancoradouro do Lameirão, ou porto externo, e entrar em comunicação com a terra, quer para obter noticias e avisos quer reabastecimento, e continuar a sua viagem à vontade, sem precisar sujeitar-se às exigencias portuarias. Isso é de grande conveniencia para os baleeiros e mercadores dos mares do sul. Para descarregar ou receber carga, os navios devem entrar no interior do recife e conformar-se com os costumeiros regulamentos dos portos.

Os navios de guerra raramente se demoram aqui. Nenhum de grande tonelagem pode transpor a barra, e os que o podem vêem-se obrigados — provavelmente por causa do perigo de accidentes quando estão muito próximos da cidade — a depositar na fortaleza a sua pólvora. Poucos comandantes es mostram desejosos de sofrer uma tal obri-

gação, e também o seu ancoradouro no Lameirão não pode oferecer garantias de tranquilidade e segurança. Os fortes ventos e as pesadas ondas do oceano são frequentemente suficientes para romper os mais resistentes cabos. São razões bastantes para que Pernambuco não seja uma preferida estação naval quer para o Brasil quer para as demais nações. O ancoradouro comercial está inteiramente sob as vistas do nosso observatório, porem muito próximo e densamente acumulado de embarcações para constituir um imponente conjunto.

Olinda.

“Olinda, vista a distancia, deve atrair a atenção e a admiração de todos. Dessa cidade situada sobre uma colina, fica-se embaraçado para saber o que mais admirar, si o branco casario e os sólidos templos, si a luxuriante vegetação no seio da qual as construções na encosta do morro parecem mergulhadas. Desse ponto, corre uma linha de montanhas para o interior formando um arco regular que termina no Cabo de Santo Agostinho e forma um recôncavo em forma de meia-lua, análogo ao da Baía. As partes mais altas dessa serra são coroadas de vegetação e matas verdejantes. De fato, da parte mais distante do panorama até o próprio perímetro da cidade, através de extensa planície, circunscrita por cinco sextas partes do arco imaginário, quasi não se abre uma saída para os olhos, sendo, entretanto, a região populosa e bem cultivada. Numerosos edificios são altos, mesmo nos arrabaldes da cidade, e total ou parcialmente escondidos pelas altas palmeiras, mangueiras, cajueiros e outras árvores. O intervalo entre Recife e Olinda está em berrante contraste com esse conjunto. É um banco desnudado de areia, com uma estreita lingua de terra, com um lado banhado pelo oceano e o outro, a poucas varas de distancia e perfeitamente paralelo, onde corre um braço do Rio Beberibe.

O “recife”.

“A uma distancia que varia de um quarto a meia milha do litoral, corre o banco de rochedos já mencionado como se estendendo ao longo da maior parte da costa do norte do Brasil. Sua parte superior é difficilmente visivel na maré alta, coberta pelas ondas, que a lavam em lençois de espuma. Na vasante da maré é posta a seco, e parece uma muralha artificial, com sua superficie sufficientemente lisa para formar um belo passeio em pleno seio do mar. E’ com auxilio de botes que a gente se aproxima desse parapeito natural. Verificou-se que tem uma espessura de duas a cinco varas. Seus bordos estão um tanto gastos e fraturados, mas de ambos os lados são verticais até grande profundidade. A rocha, pelo seu aspeto exterior, é de côr castanho-escura, e, quebrada, verifica-se ser composta de arenito de especie muito dura de complexão amarelada, em que se acamam numerosos bivalvos em estado de perfeita conservação. Varias espécies de pequenas conchas marinhas podem ser colecionadas nas cavidades superficiaes excavadas pelas águas. Em vários trechos, profundas fissuras sinuosas extendem-se pelo recife afora; porem em geral o aspeto é perfeitamente regular, — muito mais regular, sem dúvida, que qualquer muralha artificial seria, si exposta durante centenas de anos ao desgaste das ondas oceânicas. A brusca abertura que se verifica nesse recife, e que permite a entrada dos navios, é tão notavel quanto a proteção que lhes garante dentro de seu perímetro semelhante passadiço rochoso.

“Em frente à extremidade norte da cidade, como si uma brecha tivesse sido aberta pelas mãos do homem, o recife se abre, deixando na maré alta uma passagem de sufficiente profundidade e largura para embarcações de sessenta pés de calado. E’ mister, porém, grande perícia para fazelas entrar com segurança; pois mal se, transpôs o recife, torna-se necessário virar de bordo e navegar bem junto das pedras, para evitar o perigo de ser posto a fundo.

“Próximo da abertura e na extremidade do recife fica o forte, construído em tempos passados pelos holandeses. Suas fundações foram admiravelmente feitas, compostas de compridos matacões de pedra, importados da Europa, já aparelhados. Foram colocados ao comprido no mar, e depois presos entre si por pesadas barras de ferro. Uma muralha dessa natureza se estende da base da fortificação até o corpo do recife. Parece ter ficado muito sólidamente construída, e aumentada por uma delgada crosta de petrificação sobre ela acumulada. Tal circunstancia vem corroborar a idéa de que a rocha, em conjunto, pode estar aumentando de tamanho, como os recifes coralíneos das Ilhas do Mar do Sul.

“O distrito de São Pedro — também chamado frequentemente Recife — não é grande. A maioria de seus edifícios são de aparência antiga; exibem o velho estilo arquitetônico holandês, e muitos deles conservam ainda seus balcões de madeira trançada, ou *gelozias*. Essas gelozias eram comuns no Rio de Janeiro na época da chegada de Dom João VI. Mas esse monarca, temendo o uso que delas se poderia fazer como esconderijo de assassinos, ordenou a sua retirada; atualmente são raramente vistas na metrópole.

“A principal rua do Recife é a Rua da Cruz. Na sua porção norte, na direção do Arsenal de Marinha, é larga e de imponente aspeto. Na direção oposta, embora flanqueada por altas construções, estreita-se muito, como a maior parte das outras ruas que a interceptam. Uma única ponte liga essa parte da cidade a Santo Antonio, o distrito que fica na parte central.

“Santo Antonio é a parte mais bela da cidade. Contem o palácio e o arsenal de guerra, em frente ao qual construíram um novo cais ao longo do rio. Logo acima da linha da margem, colocaram fileiras de bancos pintados de verde para comodidade do público. São convidativos, de manhã e à tarde, embora, pela ausência de árvores sombrias, os

raios do sol, batendo sobre a areia sem vegetação torne o calor intolerável durante o dia.

“As principais ruas desse trecho da cidade, assim como uma praça aberta, que foi utilizada para praça do mercado, são espaçosas e elegantes. A ponte que atravessa o rio é mais comprida e luxuosa do que a que já descrevemos, embora a profundidade da corrente que passa por baixo dela não seja tão grande. Na margem sul, ou sudoeste, do rio fica a Igreja Inglesa, numa construção apropriada e decente. Construída em estilo moderno, é geralmente bem frequentada pelos ingleses residentes na cidade, aos sábados, tanto de manhã como de noite. A Boa-Vista é muito grande, sendo principalmente ocupada por casas de campo. Algumas grandes construções se erguem junto do rio, e como a maior parte das que ocupam semelhante posição em outros bairros, são destinadas em parte ao comércio. Fora essas, as casas são geralmente baixas, porém espaçosas, cercadas de jardim, e aqui denominadas *sítios*. As suas ruas antigamente não eram calçadas, e infelizmente sofrem do mal de permanecerem em péssimo estado. A areia, seca e reduzida a um pó quasi impalpável, invade tudo, a não ser quando regada por poças imundas de água parada.

“As sebes dos arrabaldes de Pernambuco são parecidas com as do Rio, embora mais regularmente tratadas. Muitas casas exibem um estilo caro e de bom gosto. Mostraram-me uma em cuja varanda estavam dispostas em fila um certo número de estatuas. Sendo o proprietário um rico senhor de escravos, algum gaiato, poucos anos atrás, para lisonjeá-lo ou envergonhá-lo, trepou á noite na varanda e forneceu-lhe nova carregação de escravos, pintando de preto todas as caras de mármore.

Pernambuco manifestou sempre maior atividade que as demais províncias do Norte. Foi a primeira a declarar-se contra o governo português, e varias vezes aí se deram commoções públicas que ameaçaram desmembra-lo; mas, presentemente, não há província mais fiel. Uma revolta ocorreu

em 1848, quando um bando de indigentes vindos do interior juntou-se a alguns descontentes da cidade; os seus chefes, porem, tiveram que se ver com as autoridades, e desde então a provincia tem estado inteiramente tranquila.

A situação da religião em Pernambuco não difere, como é natural, da que prevalece em outros pontos do Império. Os conventos não teem grande cotação, contando atualmente apenas alguns poucos frades. O *hospício* dos Barbadinhos ou Capuchinhos italianos, foi convertido numa casa dos expostos. Nenhuma igreja se notabiliza pela sua beleza ou esplendor de construção. A de Nossa Senhora da Conceição dos Militares se distingue por um painel singular, cobrindo uma das paredes e que representa a batalha dos Guararapes, comemorando a vitória aí obtida sobre os heréticos holandeses.

Segui os trabalhos evangelicos de meu predecessor, e encontrei algum terreno com que inteiramente não contava para lançar a boa semente. Não há melhor oportunidade do que agora para introduzir a verdade e uma forma purificada de culto nessa parte do Brasil. O que é mistér, para esse fim, é um certo número de intemeratos e fiéis pregadores brasileiros.

Através do capelão inglês, o Dr. Kidder travou relações com um sacerdote que já se mostrava convencido da necessidade de algumas novas medidas afim de esclarecer o povo, tendo recentemente tomado parte ativa na disseminação de Bíblias e opúsculos. Ele assim registra a sua entrevista:

“Encontrei esse sacerdote poucos dias depois de minha chegada á cidade. Veio em visita á casa de um amigo em que eu estava jantando, e, acontecendo pôr as mãos em alguns dos novos exemplares que eu trazia comigo, manifestou sua grande satisfação, dizendo-me que tinha necessidade de muitas dessas publicações. Em complemento a isso, foi sempre com a maior satisfação que procurou a casa impressora do Rio de Janeiro, circunstância que prova a irradiação de luz que ela emana. Essa pessoa devia ter cerca de 50 anos de idade, parecendo-se muito com o ex-Regente Feijó, mais do que qualquer

outro brasileiro que eu visse. Parte de sua educação recebera no Brasil, parte em Portugal. Já havia sido capelão do presídio de Fernando de Noronha. Devido á sua recente mudança de idéias em varios pontos importantes, sofria grande perseguição do seu bispo e do clero, mas não parecia muito afetado por isso. Sua opinião era que a silenciosa distribuição de folhetos e Bíblias entre as pessoas e famílias dispostas a lê-los e rezar por eles, era o melhor meio de se fazer o bem então em todo o país. E seguiu fielmente esse sistema, visitando-me com pequenos intervalos para um novo suprimento de publicações evangélicas. Certo dia retribuí suas visitas, e encontrei-o rodeado de uma verdadeira biblioteca, no meio da qual um exemplar da Bíblia atraiu a minha atenção, como tendo sido, durante um ou dois anos, o seu livro. Quasi todas as páginas estavam marcadas, contendo algo que de perto lhe interessava. Desejaria que todos aqueles para quem a Bíblia não é um livro raro, que a prezassem tanto como esse padre, que, depois de ter gasto a maior parte de sua vida como ministro de uma religião que estava de acordo com o melhor do que até então conhecera, agora, no declínio de sua existência, havia encontrado que a palavra de Deus era "uma luz para seus pés e uma lâmpada para seus passos".

Fanatismo no Interior.

Em 1838, ocorreu nesta província de Pernambuco uma das mais extraordinárias cenas de fanatismo servindo de triste prova de que não tem fundamento o gabar-se a Igreja Romana de que semelhantes extravagancias só se dão em paises protestantes. A seguinte narrativa, resumida de documentos officiais que tenho diante de mim, pode desafiar paralelo quer na história quer na mitologia. Para que o leitor possa entende-la completamente, lembro-lhe que existe em Portugal, e até certo ponto tambem no Brasil, uma seita denominada Sebastianismo. O que distingue a seita é a crença de que Dom Sebastião, Rei de Portugal, que, em 1577, empreendeu uma expedição contra os Mouros da África, e, tendo sido derrotado, nunca mais voltou, vive ainda, e está destinado a reaparecer na Terra, quando se tiver realizado tudo aquilo que previram os mais entusiasticos Millerianos. Sonhos e profecias sem conta, juntamente com a interpretação de maravilhosos preságios confirmando essas

idéas, circularam com tal aprovação do clero, que muitos acreditaram na insensata extravagancia. Nem faltaram pessoas que, em varias ocasiões, resolveram efetivar semelhante profecia, provando ser o verdadeiro Dom Sebastião.

O primeiro ponto de fé era que este deverá vir de fato e tambem, como sempre o pensam os crentes, que tal fato se ha-de dar durante a própria existência de cada qual. Os portugueses aguardam o seu aparecimento em Lisboa, podem os brasileiros acham mais razoavel que ele visite primeiro a sua própria cidade, São Sebastião.

Parece que um temivel vilão, de nome João Antonio, fixou uma região afastada da provincia de Pernambuco, perto de Piancó, na Comarca de Flores, para o aparecimento de São Sebastião (*88). O local designado era uma espessa floresta, próximo da qual existem duas conhecidas cavernas acro-ceraunianas. Essa região, afirmava o impostor, era um reino encantado, que estava prestes a ser desencantado, e portanto Dom Sebastião deveria dentro em pouco aparecer á frente de um grande exército, cheio de glória, e com o poder de conferir riquezas e felicidades a todos aqueles que aguardaram confiantes a sua volta associando-se ao sobredito João Antonio.

Como se poderia esperar, encontrou adeptos, que, passado algum tempo, convenceram-se de que o imaginario reino só poderia ser desencantado quando o seu solo estivesse espargido com o sangue de cem inocentes criancinhas! Na falta de um número suficientes destas, homens e mulheres deviam ser imolados, mas poucos dias depois se ergueriam de novo para se tornarem possuidores das riquezas do mundo. Parece que o profeta não teve coragem bastante para executar esse plano sangrento; delegou poderes a um cúmplice, chamado João Ferreira, que tomou o título de "Sua Santidade", pôs uma corôa de cipós na cabeça, e exigiu que os prosélitos lhe beijassem a ponta dos pés, sob pena de morte immediata. A carta oficial do Sr. Francisco Rego Barros, ao tempo Presidente de Pernambuco, diz que "casou

tambem cada um de seus homens com duas ou três mulheres, com ritos supersticiosos, de acordo com a conduta imoral que tivera em outro lugar". Depois de outros feitos, por demais horriveis para serem descritos, iniciou a matança de creaturas humanas. Cada pai foi obrigado a oferecer um ou dois de seus filhos. Em vão as criancinhas gritavam e pediam para não serem mortas. O pai desnaturado teria respondido "Não, meu filhinho, não há outro remédio, e oferecia-o á força. No espaço de dois dias, o chefe já havia assim, a sangue frio, imolado vinte-um adultos e vinte crianças, quando um seu irmão, invejoso de "Sua Santidade", derrubou-o e assumiu o poder. Nessas conjunturas, alguém fugiu do local e comunicou ás autoridades civís a terrível tragédia.

Foram enviadas tropas, que se apressaram a chegar ao local; mas os fanáticos Sebastianistas haviam aprendido a não temer coisa alguma, pois um ataque contra eles seria o sinal para a restauração do reino, a ressurreição dos mortos e a destruição de seus inimigos. Por conseguinte, vendo as tropas se aproximarem, lançaram-se sobre elas, soltando gritos de desafio, atacando aqueles que justamente vinham salva-los, tendo realmente matado cinco e ferido alguns, antes de serem subjugados. Só se submeteram depois que do seu lado morreram vinte-nove, inclusive três mulheres. As mulheres, ao verem os maridos morrerem a seus pés, nada fizeram para escapar, e exclamavam: "Chegou a hora! Viva! Viva! Chegou a hora!" Dos que sobreviveram, alguns poucos escaparam embrenhando-se nas matas, o resto foi feito prisioneiro. Verificou-se depois que as vítimas de tamanha desilusão nem sequer enterraram seus parentes mortos, tão confiantes estavam em sua imediata ressurreição.

Pernambuco está situada na grande saliência oriental que faz o continente Sul-Americano, penetrando no oceano. A sua grande importancia comercial de hoje é grandemente devida a essa favoravel posição. A cidade não depende em

suas relações comerciais com a prosperidade e riqueza da região circundante.

Essa região é o *sertão* (deserto), termo que se aplica a muitos dos grandes tratos de terras elevadas por onde se estende a província. São planícies contínuas, apresentando pequena elevação sobre o nível do mar, cuja superfície é ligeiramente ondulada, coberta de erva áspera, baixa e franzina, sobre argila ferruginosa crestada, ou apresentando manchas de matas anãs, sendo irregularmente suprida de chuvas e muito escassamente povoada.

Pernambuco exporta anualmente 4 milhões de dólares, através da passagem guardada pelo pequeno forte pouco acolhedor que se vê na extremidade do *recife*. Meio milhão destina-se aos Estados Unidos. Sua carne e seus couros provêm do gado gordo porem mal domesticado que pasta nos campos (gerais) do distante São Francisco; e grande parte do algodão e do açúcar são provenientes de pontos a trezentas milhas distantes, nas imediações da Vila das Flores e das montanhas de Santa Barbareta, — que são as primeiras a oferecer anteparo aos ventos que sopram para oeste, carregados de chuvas, que caem sobre os pequenos vales que sulcam a serra, estendendo-se pelas zonas inferiores.

Há também grande número de plantações de cana de açúcar na região por onde passará a projetada estrada de ferro de Pernambuco a Joazeiro. De Recife até o rio Una — numa extensão de 75 milhas — existem nada menos de 300 engenhos na zona dessa estrada já contratada.

Os sertanejos.

Os habitantes mais afastados são tão indomesticaveis como a natureza selvagem em que vivem. As leis são mantidas muito frouxamente. A sociedade é mais patriarcal do que civil. O dono de um engenho ou de uma criação de gado é, praticamente, um senhor absoluto. A comunidade que vive á sombra de tão poderoso senhor constitue o seu séquito feudal; quando alguns desses homens conspiram, es-

tão em condições de reunir no seu campo dezenas de vasallos e partidários, com o que, antigamente, perturbaram mais de uma vez a tranquilidade da província com levantes, que deram grande trabalho ao governo.



Sertanejos

As rendas da província, por isso, só podem provir das taxas de importação e exportação. E' impossivel a cobrança de impostos, por não haver cobradores bastante vigorosos para executa-la. Há poucos anos foi lançado um imposto sobre os rebanhos de gado, e um lançador foi ao sertão a serviço do erário imperial. Foi agarrado, estripado e metido dentro do couro de um boi, com a cabeça saindo para fora. "Si o Imperador deseja comer carne", disseram os sertanejos, "que o seu cobrador vá leva-la".

O provinciano pernambucano, quando vem á cidade, deixando o sertão para a sua feira semestral, desenvolve um notavel esforço nesse empreendimento. A estrada principal que vai ter á capital passa perto de Cachingá, — asseado

logarejo que fica a duas ou três léguas de Recife. Fica escondida dos olhos do viajante que dela se aproxima por um comprido vale, coberto de laranjeiras e bananeiras. E' a última parada dos sertanejos, antes de chegar ao mercado. Já perfez a cavallo uma viagem de doze dias, empoleirado num par de sacos de algodão, de forma quadrilonga, colocados paralelamente aos flancos do animal, seguido de sua tropa de uns doze cavalos ou mulas, carregadas, da mesma forma, de sacos de algodão ou açúcar. Um macaco, com um tamanco amarrado na cintura, vem montado, em lugar do cavaleiro, num dos animais; um papagaio, com sua respetiva dama, num outro; uma arara, com o pescoço bronzeado e uma como que casaca azul vivo, montando ainda outro. Um pelego de couro crú protege as suas roupas da chuva. Noite após noite dormi sobre a terra, ou suspenso na sua inseparavel rêde, suspensa entre duas árvores, apenas com o generoso céu estrelado servindo-lhe de coberta.

Cachingá, quieta e silenciosa de dia, torna-se barulhenta á noite; os sertanejos, em suas vigílias, enchem as vendas ás centenas. Os primeiros raios da madrugada assistem a uma mistura de homens, cavalos e mulas estrompadas, macacos, papagaios e sacos de algodão e açúcar espalhados pelo chão. A caravana se põe logo em caminho. Cada sertanejo acorda seus animais, enfarda suas cargas, coloca-se atraz de sua montaria, agarra-lhe a cauda, põe um pé na junta posterior do animal, e pula nas suas ancas como si galgasse um lance de escada. Cada animal conhece a sua obrigação — já estando educado para isso — de colocar-se em seu lugar na tropa. Num instante a heterogenea cavalgada desce pelo vale do Capiberibe antes que o sol tenha evaporado as gotas de orvalho, que pareciam brincos pendentés das folhas dos espessos arbustos que se debruçam sobre a estrada. O sertanejo passa adiante, só se descobrindo diante do santo padroeiro de todos os cavaleiros (que está guardado numa caixa de madeira na entrada da ponte de Santo Antonio), e

para finalmente, com suas diferentes mercadorias, mais morto do que vivo, na rua do Trapiche.

Pode-se apreciar agora a figura do sertanejo. Em sua cabeça traz um chapéu de pindoba, com a forma de um pão-de-açúcar, acostumado a todas as variações do tempo. Sob as abas do chapéu de cada lado cai uma mecha de cabelo, e entre elas aparece, meio sombreado, um rosto magro e bronzeado, de traços portugueses e um olhar mixto de curioso e de desconfiado. Veste uma camisa de algodão, com uma espécie de jaleco mal chegando aos cotovelos e desabotoado no pescoço, deixando o peito tismado a descoberto, o outro caindo até os joelhos. Seus pés estão dentro de alguma coisa que na lista de artigos comerciais a estatística não poderia classificar nem como bota nem como sapatos.

De manhã cedo é a hora de trabalho em Recife. As ruas do comércio de açúcar estão repletas de uma espantosa mistura de cavalos, mulas, burros e sacos de açúcar; os negociantes em açúcar mostram delicadamente as suas amostras; fardos de algodão, cabras em seu passeio matutino acompanhadas de toda a família; e quitandeiros fazendo seu eloquente panegírico dos bolos, doces e laranjas do seu tableiro. E ainda por cima a enchente de cavalos e mulas carregados que entram pela rua do Trapiche. Os animais deitam-se para descansar, e o sertanejo, fatigado da caminhada da manhã, e antecipando a sesta da tarde, enrodilha-se para cochilar apoiando ao pescoço de sua montaria. Um lenhador, com dois feixes iguais amarrados de cada lado de um burro, rompe á força o seu caminho. E' seguido de um vendedor de galinhas montado numa mula, com uma imensa cesta, cujo conteúdo é revelado por compridos pescoços de galinhas esticados para fora, entre folhas de alface. As araras e os papagaios são os tenores do movimentado espectáculo, enquanto que as trombetas de meia dúzia de burros dão os semitons baixos. No meio dessa Babel de sons, o *sabiá* — o mais doce da tribu dos cantadores alados do Sul,

e rival do tordo e do poliglota do Norte -- solta seus cantos apaixonados e melodiosos da janela de sua dona, ao lado de uma igreja toda caiada de branco.

Nenhuma cena de mercado pode exceder em variedade, confusão e interesse a de Recife, na época da safra do açúcar. Antes de meio-dia, os atores mudam: os pretos *ganhadores*, nus até á cintura, correm apressadamente dos armazens de açúcar para as barcaças, num trote rápido, seguindo o compasso exato de sua barulhenta música.

Açúcar.

Quasi todo o Brasil é bem adaptado á cultura do açúcar; porem é na zona litoranea de Campos até o 6º de latitude sul que dá em maior abundância. A exportação desse produto aumenta anualmente em Pernambuco, e sua produção prospera com os maquinismos aperfeiçoados que foram introduzidos pelos irmãos De Mornay. Em 1821 essa provincia produziu 20 milhões de libras; em 1853, o total foi de 140 milhões. A importancia total de libras exportadas pelo Brasil em 1855 foi 254.765.504 libras, pelas quais os Estados Unidos pagaram mais de 1 milhão de dólares.

O preço comum em Pernambuco é de aproximadamente tresentos por libra para o açúcar mascavo e quinhentos para o branco. Este é exportado para a Succia e Estados Unidos; grande quantidade do mascavo é enviada para o Mediterraneo; as consiguações para a Inglaterra geralmente levam a palavra "Gowes".

Pernambuco exportou tambem, em 1864, 19.141.520 libras de algodão para Liverpool. E' um algodão de boa qualidade, que consegue alto preço, maior mesmo que o exportado pelos Estados Unidos. Para os "quakers" da Inglaterra, o artigo brasileiro tem preferencia porque, na maior parte, segundo os Irmãos Candler e Burgess, é produzido pelos mestiços livres do *interior*; acredito que somente pequenissima porção dele seja proveniente do trabalho escravo.

A Inglaterra importou do Brasil, em 1856, 21.830.000 libras de algodão, mas, como vimos, Pernambuco só ele exportou em 1864 quasi 20.000.000 de libras. Em 1854 a exportação de algodão de Pernambuco não era de 3.000.000. A fibra só é inferior á do algodão das ilhas.

As jangadas.

O paquete da "Brazilian-Mail" está á nossa espera. Dizemos adeus aos nossos amigos, e logo depois passamos em frente ao pequeno forte na ponta do recife, de um lado, e do outro os enferrujados canhões do Forte do Brum, e achamo-nos novamente no oceano. Ao mesmo tempo, umas cem *jangadas*, ou "catamarans", velejam para as zonas ricas em peixe a grande distancia da terra, — dez, quinze, vinte, quarenta milhas. Essas curiosas embarcações são compostas de quatro tábuas de uma madeira muito leve, com 8 polegadas de diâmetro, unidas entre si, com uma viga colocada por baixo para a quilha e o leme, e uma larga vela latina de côr pardacenta, feita de fibrilas e fixas num mastro tosco. Voa como o vento, e o "clipper" — veloz corredor dos mares — não pode vence-la na carreira. O pescador, com suas calças amarradas acima dos joelhos, pois as ondas passam por cima das táboas da embarcação, senta-se com toda a segurança em seu banco de madeira. De quando em vez, tira um pouco da água do mar com a sua cúia e joga-a para fora da jangada. Não tenha receio por tão fragil armação naval. A jangada há-de regressar ao porto amanhã, de manhã cedo, ou, quando muito, no dia seguinte, trasportando um carregamento dos mais extraordinarios peixes, alguns de olhos vermelhos, outros de olhos de boi, ou quatro olhos, bordos redondos, nariz romano, com escamas e sem elas; entre estes há alguns carregando varias espécies de caudas, pelos e tufos, como os búfalos... Uma vez, pelo menos é o que se conta, uma jangada naufragou á noite; o proprietário foi recolhido e, levado para Baltimore, e voltou enfim

á sua terra para achar a sua inconsolavel viuva confortada por um novo casamento, e mais alguns filhotinhos no ninho familiar ainda não em idade de voar.

O Dr. Kidder fez certa vez uma excursão numa jangada até á bela ilha de Itamaracá, e a sua experiencia mostrou-lhe que era bem arejada, bem provida de água e segura.



Jangada na entrada do porto de Pernambuco (Recife)

Um minuto depois de termos passado pela Fortaleza do Brum, uma última visão ainda se tem de um par de moinhos, lembrando o tipo holandês; e, navegando para frente, avistamos a Ilha dos Coqueiros, erguendo a sua floresta de verdes penachos contra o fundo brilhante do pôr do sol, e finalmente apenas a pirâmide rachosa de Olinda, coroada de uma igreja e seu cruzeiro, e, mais longe, as praias baixas que se estendem até a Paraíba do Norte.

Há uma assinalada dissemelhança na situação geológica das capitais das províncias do norte do Brasil. Há, porem,

uma notavel semelhança na pesada alvenaria em que são construidas as casas, no som das familias de sinos que habitam as torres das igrejas, na arcia funda que cobre as ruas, e no piscar de olhos e nas faces magras e pálidas dos seus habitantes do sexo masculino.

A pequena ilha de Itamaracá, que, sob o domínio hollandês, era a mais animada e povoada de todas as ilhas costeiras, actualmente está quasi fora das vistas dos geógrafos, e foi se degradando de sua antiga posição de porto importante de comércio a uma mesquinha e pobre colonia de pescadores e cultivadores de frutas .

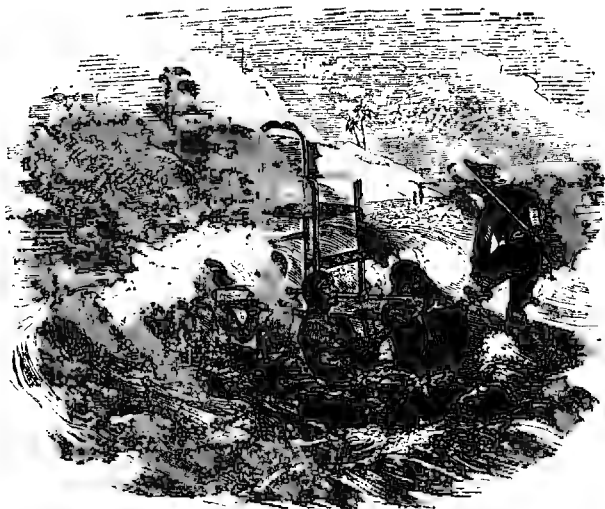
Paraíba do Norte.

Paraíba, capital da Paraíba do Norte, com uma população de 10.000 almas, é situada a dez milhas de distancia do litoral, Rio Paraíba acima. A vegetação de ambas as margens cobre por tal forma o estreito rio, que a capital parece, para quem dela se aproxima, ser atingida através de um tunel de verdura. Caranguejos vermelhos dormem nas práias lodosas, e tribus incontaveis de aves pernaltas trabalhosamente procuram seres vivos com que se alimentem em todos os esconderijos da vasa. No fim dessa avenida de árvores em forma de galeria, e na encosta de um vale estreito, surge Paraíba caiada de branco, e, ao aproximar-se o nosso vapor, os sinos de uma cathedral que se ergue na sua parte mais alta, convida os crentes para o officio solene dos mortos.

Rio Grande do Norte.

Natal, ou Rio Grande do Norte, é, pelo contrário, construida sobre terras baixas próximas do mar. O vapor não chega até ella, mas ancora a duas ou três milhas de distancia da práia. Os passageiros, com suas bagagens, são entregues, na falta de outras embarcações, a uma fragil jangada que se aproxima bamboleante, á mercê das ondas. Cada onda varre-a em todas as direções. A caminho do seu pos-

to, viaja um comandante militar, que acaba de ser separado do tosco barro humano de bordo, e ali está de pé, sobre as ondas, brilhante de doirados e acessórios e ainda tornado mais imponente com as suas botas, as quais, a cada mergulho da embarcação, enchem-se d'água no salso elemento.



A padiola

Ceará.

Difícilmente se poderá dizer que Ceará possui um porto: é apenas um ancoradouro. É uma cidade situada em terreno relativamente plano, poucos pés sómente acima do nível do mar. As escarpas e altas montanhas de Ibiapaba, a quatro ou cinco léguas de distancia, pitorescas como as do litoral próximo ao rio Hudson, e visíveis a cem milhas do mar (embora não assinaladas nos mapas), formam um fundo encantador. Suas encostas são guarnecidas de cafezais e, vistas pela luneta de alcance, o seu perfil é entrecortado de pal-

meiras. Aqui o tipo de desembarque é muito diferente do de Natal. Um bote transporta os passageiros até a orla da praia. Uma espécie de cadeira municipal (*padiola*), bastante espaçosa para acomodar um par de pessoas, não muito gordas por se alimentarem de carne, conforme os hábitos locais, é conduzida nas costas de quatro corpulentos escravos com água até o pescoço, sendo que as ondas, quando eles avançam em direção ao navio, passam-lhes por cima por todos os lados. Na forte correnteza que precede o quebramar, a cadeira recebe a preciosa carga de seres humanos e dinheiro, e é imediatamente levada para a praia.

Aracatí, na província do Ceará, e Parnaíba, na do Piauí, são principalmente mercados de gado. Há também grande diferença nas produções das províncias do norte. Pernambuco e Alagoas são produtores de açúcar, Paraíba exporta principalmente algodão. Ceará mistura ao açúcar o café, e é notável pela sua carne. Paraíba e Piauí apresentam uma civilização primitiva, e produzem couros, sebo, carne e algum arroz nas baixas planícies regadas pelos seus rios. Maranhão, além de sua grande exportação de algodão, arroz, e sal, fornece também produtos medicinais, retirados das raízes fortificantes, das cascas e dos bálsamos de suas matas. Pará é merecedor da gratidão mundial pelo seu cacau e sua borracha.

Litoral do Nordeste.

Nota-se também certa diferença no aspeto do litoral. Deixando-se Olinda, não mais se vêem elevações do solo, exceto as montanhas que ficam por detrás da cidade do Ceará, até que se contorne a escarpada barreira arenosa de São Marcos na entrada do Maranhão. Depois da Paraíba do Norte, a vista se cansa em ver as tristonhas praias e montículos de areia branca, sem árvores ou qualquer outra espécie de vegetação, salvo aqui e ali uma fila de verdes coqueiros nos pequenos vales, ou cactos de aspeto colunar que de

quando em vez assomam nesses contínuos desertos como que para mais caracterizar a sua total desolação. Entretanto, conforme já foi notado, não ha Saara no Brasil, embora frequentemente se sofra muito com as secas nessa porção do Império. Conforme se pode distinguir de bordo, ardentes areais se estendem até perder de vista. Tal o carater do terreno por centenas e centenas de milhas. Lentamente, porém, vai-se modificando em direção ao norte. As areias brancas depositadas se adornam, com grandes intervalos, de alguma vegetação; depois, os intervalos vão diminuindo até que, no Maranhão, todo o litoral é coberto pela beleza, esplendor e pujança da vegetação tropical.

A alvenaria de construção marinha do recife de Pernambuco emerge em varios trechos do litoral, em intervalos que variam de cem a mil jardas de estensão. Apenas no Ceará parece penetrar na terra firme, pela ponta arenosa de Mucuripe. O oceano, com a sua voz baixa e rouca de habitual melancolia, quebra-se frequentemente de encontro a ele.

Petitinga, um triângulo de verdura no meio da vasta desolação dos cômoros de areia, é famosa pelas cascas de tartaruga (rivalizadas apenas pelas dos mares do sul) que se podem caçar entre as suas rochas disjunctas. Os habitos da pequenina povoação são parecidos com os dos beduinos. O comércio regular muitas vezes é suspenso para pilhar um navio carregador de farinha que deu á costa pela ação dos temporais ou das correntes. Então todos os habitantes viram salvadores e o salvamento se recompensa com o valor da carga.

O trecho da costa nas proximidades do Cabo de São Roque é perigoso para as embarcações que viajam muito junto do litoral, por causa dos recifes imersos e das fortes correntes, com velocidade de três ou quatro milhas por hora, as quais, depois de terem atravessado o oceano desde a costa da África, batem de encontro ao Brasil, não longe da Baía, e desviam-se para o norte até atingirem a embocadura do Amazonas, depois do que continuam na sua rota até se tor-

narem nossa conhecida sob a denominação de "Gulf Stream". Constitue um sério obstáculo tentar desembarcar ao norte do Cabo de São Roque, porquanto, pela ação quer do vento quer das correntezas, é difícil contornar o cabo sem se ser impellido para o mar alto. Antes do uso do vapor, as noticias do norte do Brasil eram muitas vezes recebidas no Rio de Janeiro *via Europa*. Southey refere o caso de um navio que partiu do Maranhão na direção léste, no ano de 1656, levando tropas a bordo para certas emergências, e que, depois de estar ausente cerca de cincoenta dias, — tempo sufficiente para consumir suas provisões —, achou-se na necessidade de regressar, e, em doze horas alcançou o porto donde havia saído.

Clima do Nordeste.

Oito graus de latitude e mais de 1.500 milhas de litoral medeiam entre Pernambuco e Pará, sobre a foz do Amazonas. O clima de todas essas regiões é muito igual, sem diferenças apreciaveis ligadas ás variações de estação. O termômetro na sombra varia de 82° a 90° (F.), raramente indicando uma variação de mais de 5 graus. Tão igual, realmente, é a temperatura do litoral norte do Brasil, que não admira que o termômetro leve seis meses para lentamente subir os graus que vão de 82 até áquele máximo, para em seguida voltar com igual lentidão áquela mesma temperatura. A quantidade e a distribuição das chuvas são, porem, muito desiguais, e suas épocas respectivas variam nos diferentes pontos da costa. Em Pernambuco, as chuvas se prolongam sómente por três meses, caindo em pequena quantidade, ao passo que, no Pará, observações exatas registram menos de sessenta dias no ano apenas sem chuva. Todavia, o leitor não deve supor que o céu se apresenta constantemente coberto de nuvens: o sol se deixa ver tanto como em Nova York. A estação chuvosa em Pernambuco termina quasi quando no Maranhão começa. Nesta zona as chuvas tropi-

cais, embora menos constantes do que no Pará, se manifestam em toda a sua força. Chuvas leves e passageiras anunciam a aproximação dos fortes aguaceiros. Vão dia a dia aumentando, até que, na plenitude da estação, nuvens negras, num céu claro, acorrem de repente de todos os pontos do horisonte para o zenite, desabando as águas que armazenam numa forte pancada d'água, acompanhada de violentos relâmpagos e trovões, que inunda como um dilúvio a terra. Nessas épocas, embora as chuvas se continuem ás vezes incessantemente durante o dia, ha uma certa periodicidade das pancadas d'água, ás dez da manhã e ás três da tarde, que duram um par de horas, com intervalos de céu azul. Tão grande é essa precisão que todos os compromissos do dia são referidos a esses curtos períodos de temporal. A estação chuvosa no Maranhão se prolonga por perto de seis meses, e, durante esse período de tempo, caem nada menos de 230 polegadas de chuva! Assim o descreve um residente inglês. Que veracidade dar a tais dados, não sei. O resto do ano é sem chuvas. Assim mesmo, a vegetação não fenece. As plantas contem em si poderes de adaptação ás grandes variações de estação, e retiram e absorvem a transparente humidade que as brizas trazem do mar, mantendo o seu grau comum de crescimento.

Maranhão.

Agora, passando do tempo para alguma coisa de mais estavel, dizemos que a cidade de São Luiz do Maranhão se coloca como a quarta cidade em importancia do Império, e é a capital da rica e importante província do mesmo nome. O estuário em que se ergue foi descoberto por Pinzon em 1500. Apesar de o Maranhão já ser uma capitania desde 1530, os franceses, em 1612, foram os primeiros a fundar aí colonização permanente, e, em homenagem ao santo padroeiro e á familia real da França, denominaram a cidade São Luiz e á baía Santa Maria.

O territorio da provincia é de superficie pronunciadamente irregular, si bem que não contenha uma só cadeia de montanhas. É regado por grande numero de rios, de todos os tamanhos. Em grande estensão, é coberto de florestas, em que abundam valiosas madeiras e preciosas plantas medicinais. O solo é especialmente adaptado á cultura do arroz, que produz em grande quantidade. O algodão dá muito melhor que a cana de açúcar. Os frutos indigenas são numerosos e ricos, e, nas terras distantes do interior, encontram-se muitas nozes e côcos comestiveis, entre os quais nenhum é mais curioso do que o fruto triangulado da castanha do Pará (*Bertholetia excelsa*), ou a sapucáia (*Lecythis ollaria*). Esta última é uma cápsula do tamanho da cabeça de uma criança, cheia de pequenos grãos oleosos e comestiveis. Com essa cápsula, fazem-se bonitos vasos e açucareiros. Os abacaxís e as bananas, de várias espécies, merecem ser citadas pela sua excelente qualidade. Riquezas minerais não foram encontradas nessa porção do globo. Leves camadas do velho arenito vermelho fornecem um excelente material de construção muito empregado; ouro, chumbo e antimônio foram descobertos, mas até agora não se tirou dessas descobertas nenhum proveito prático. Nas águas desta provincia abundam peixes, e rebanhos de carneiros, bois e cavalos se multiplicam rápidamente nas plantações do interior.

São Luiz do Maranhão dizem ser mais bem construida, em conjunto, do que qualquer outra cidade do Brasil. Apresenta-nos um asseio e um ar de iniciativa que raramente se vêem nas demais cidades do Império. Alem-disso, no seu perimetro urbano, notam-se poucas choupanas e casebres. Nenhuma das igrejas possui dimensões fora do comum ou suntuosidade, porem muitas residencias particulares são de primeira ordem. O estilo das construções é ao mesmo tempo elegante e duravel. As paredes são massiças, sendo compostas de pequenos fragmentos de pedra ligados por cimento. Embora a cidade não ocupe larga área, o terreno que ocupa apresenta muitas desigualdades. Está construida sobre dois

morros, e, por conseguinte, abrange um vale. A subida e a descida das ruas são, em alguns trechos, muito íngremes. Poucas carruagens estão em uso, só havendo na cidade uma única estrada carroçavel em toda a redondeza. Essa estrada conduz até pequenas distancia longe do centro da cidade. A cadeira é pouco conhecida aqui como meio de transporte. A rêde é geralmente usada como meio de facil locomoção. E' muito comum, tanto no Maranhão como no Pará, ver senhoras dando seu *passeio* nessas rêdes. Os homens não costumam aparecer nas ruas em semelhante meio de condução, embora se diga geralmente que gostam muito de se balançar em suas rêdes em casa.

O Sr. John U. Petit, que residiu durante muitos anos na cidade do Maranhão, bondosamente me forneceu algumas de suas preciosas notas; a sua descrição do Maranhão é tão viva, fiel e descritiva que a transcrevo na íntegra:

“As ruas laterais, que cruzam as duas ruas principais, descem abruptamente até o estuário, uma de cada lado. As chuvaradas deixam cair as suas torrentes ao longo das pedras e lavam totalmente a cidade, impossibilitando a falta de asseio público. A rua do Quebracostas deve a sua denominação ao fato de ser bastante íngreme.

O meu primeiro desembarque se deu á tardinha, após a cessação das chuvas diárias. Já o sol se estava pondo, e as nuvens, semi-dispersas, apenas aqui e ali apareciam fugitivas e fantasticamente distribuidas, ora formando como que píncaros escarpados ou montanhas, ora paisagens de campos distantes, ou lagos asuis, com margens de cores verde e alaranjado.

A umidade dominante da estação, si bem que não vista ou siquer sentida, evidencia-se pelos seus efeitos. Tudo em que se pega, parece pegajoso. A estação úmida é a idade de ouro do môfo. E não ficam as coisas apenas úmidas, sinão que tambem deterioradas. O môfo se desenvolve em tudo aquilo que lhe permite poisar. Uma nódoa de gordura

num casaco, um colarinho usado, tornam-se pujantes de vegetação após estarem expostas á humidade de uma noite. Albino vem oferecer-vos uma xícara de café, e a gente o toma balançando-se na rêde, quando a madrugada vem nascendo e os passarinhos de peito aveludado cantam na alta fronde de uma árvore de fruta-poã, ou colibrís madrugadores estão sugando nectar no próprio seio das rubras flores da romã. Albino então tenta dar lustre ás nossas botas. Mas apenas a gente se deita de novo na rêde e dá alguns balanços, quando — “presto” — as botas já estão cobertas com um verdadeiro mapa de limo esverdeado, como um objeto antigo azinhavrado. O velho baú preto, venerando, de couro, companheiro de viagens por tantos países, tão conhecido dos exploradores alfandegários, — ali está agora modestamente encostado á parede, com sua tampa aberta, embora não deseje que ninguem olhe para dentro dele; sob a influência da umidade, fica a princípio branco, depois pardo, em seguida amarelo e finalmente verde, com seus ares de coisa velha. Mas, isso só fere a vista por poucos instantes: ao primeiro ráio de sól, o môfo desaparece, como as efêmeras que vivem toda uma vida e morrem atravessando uma réstea de luz.

Nas ruas principais, as casas da cidade do Maranhão são construídas de compacta alvenaria. Teem geralmente dois, três e quatro andares, com paredes de dois e meio a três pés de espessura, que são as que melhor resistem á ação do calor de fora. Maranhão é uma cidade que quasi chegou a estar completa, pois apenas uma casa se construiu, faz algum tempo, na rua de São João. Uma fila de burros e mulas transporta o arenito vermelho e ferruginoso, tirado em Bom-Fim, até a Praça do Palácio, em cestos, com um relutante escravo empurrando-as por traz. A cal é trazida em outros cestos, na cabeça de escravos, da práia do outro lado do mar, e, para misturar a argamassa, algumas mulheres pisam em cima, empregando vasilhas d'água retirada da abundante fonte que existe alem da Práia do Cujú.

Os habitantes da cidade são abastados: proprietários de plantações e de numerosos escravos que estão nas fazendas do interior. Feitores aí os fiscalizam, e os senhores recebem os seus lucros anuais sem ter o trabalho de ir busca-lo, gastando rapidamente o dinheiro na abundância, e às vezes mesmo dissipação da cidade.

Com esse recursos faceis, os filhos dos moradores da cidade são muito bem educados, na mais brilhante, pomposa e pouca prática das instruções, — em casa ou, menos frequentemente, no estrangeiro. As damas mais do que os cavalheiros são igualadas áquelas que aprendem as artes de agradar e conquistar em Lisboa, Madrid e Paris. Essa alta classe constitue um ambiente social em que Roger de Coverley viveria satisfeito.

Antes de meia-noite, as ruas ficam silenciosas que nem o páteo de uma igreja, e só um transeunte em atrazo é que encontra ainda nelas a patrulha de ronda com um mosquete ao hombro, tendo na ponta uma baioneta, e que pergunta pela contrasenha: em resposta, fica satisfeita em ouvir, pronunciado baixo, um *Amigo*, o que quer dizer que é das relações particulares do Imperador, e só assim pode ter licença de ir embora.

Abaixo da classe dos cidadãos abastados, que moram em grandes casas construídas de pedra e tendo balcões em suas janelas, e varandas em cima, que impedem a invasão dos raios solares, segue-se em primeiro lugar a grande classe dos donos de lojas e artezãos. Para esses ha varias escolas. A cidade tem tambem várias instiuições de caridade: um asilo para órfãos, casa dos expostos, hospital para leprosos, hospitais para doentes comuns, e misericórdias, com suas portas abertas a todos os filhos da miséria.

“Brasileiros”.

Os portugueses constituem um elemento importante na população de todas as cidades. São robustos, ambiciosos, confiantes em si, e econômicos. Não criam riquezas, porem

sabem adquiri-las. O *brasileiro* olha para eles com habitual aversão. Isso se originou nos tempos da dependência colonial em relação a Portugal, quando os cortezeiros que acompanharam Dom João VI tomavam conta de todos os ambiciosos lugares da Igreja e do Estado, com exclusão dos naturais do país. O governo era então terrivelmente injusto e opressor. Os portugueses favorecidos com tais nomeações eram geralmente decaídos da fortuna, que a vinham refazer no Brasil. A história das capitânicas não passa da repetição das velhas histórias das pilhagens e rapacidades dos proconsules romanos. A essa profunda causa de odio,



Uma rêde

se adicionou outra com a crescente onda de imigrantes portugueses, que monopolizaram, com o seu vigor e simplicidade, o comércio e as mais difíceis profissões manuais, em que os brasileiros raramente fazem boa figura. A maior parte dos imigrantes vêm aventurar fortuna e conseguem habilitações e situações que levam muitos á abastança. Aporta ao Brasil um navio carregado de portugueses moços, dispostos a fazer fortuna. Trazem todos um grande baú capaz de servir para uma família inteira. Na inspecção da alfandega, dois deles ficam segurando a tampa: na imensa caverna que se descobre assim, podem-se ver, misturados, um par de ceroulas, uma camisa, agulhas e carreteis de linha, além das mercadorias do comerciante em trânsito: duas ou três résteas de cebolas. Em dez ou doze anos o rapaz tornou-se um homem, que embarca de novo o seu baú para regressar a Portugal. Mas agora este foi reforçado com ripas para o fundo não ceder. Pequenas caixas e sacos de viagem empilham-se junto dele, como si fossem os filhos do

velho baú, o qual, não tendo asas, mas sentindo-se maternal, cobre-os com a sua sombra. Antes de embarcar o infatigável português pagou suas dívidas em boa moeda sonante. Tal a pitoresca e ás vezes exagerada representação, com a qual os brasileiros, descendentes em linha reta de antepassados comuns, se vingam dos seus mortais competidores, os portugueses.

A classe dos brasileiros propriamente ditos, — que se originam dos antigos colonos portugueses, e abarcam todos



A marimba

os postos do funcionalismo civil, do oficialato do exército e da marinha, o clero, e as altas classes da cidade e do interior, — abrange cerca de um terço da população. A população portuguesa atinge a um sexto. Abaixo desses, constituindo cerca de metade dos habitantes do país, ha as diferentes variedades de negro, mulato, mestiço e índio. As necessidades deste último são poucas e baratas: uma habitação construida sobre terra pura, trançada de folhas de palmeira em cima e dos lados, com rêdes penduradas em diagonal no interior das mesmas, para os moradores se balançarem ou dormirem, e com um vestiário que só excede o dos jardins edênicos por contar com uma camisa e um calção; fora disso, o mar e a terra, igualmente generosos, enchem a sua mesa fartamente. Os indivíduos de uma classe facilmente passam para outra. Pessoas de tratamento perdem a sua situação e tornam-se vagabundos; ao passo

que, vencendo os mais suaves obstáculos no que respeita a côr, operam-se mudanças na sociedade, e em tudo mais, e vêem-se pessoas das classes subordinadas conseguirem pelos seus próprios esforços elevar sua posição social.

Um furor musical se nota por toda parte. O piano e a harpa são elementos comuns nos salões. Mas o violão — como nas casas de campo de Portugal — é a alegria de todas as habitações pobres do Brasil; enquanto que os seus parentes mais humildes — o banjo e a marimba — igualmente um objeto de propriedade dos negros, e para eles é todo o seu derivativo. O escravo, de cabeça desprotegida, descalço e sem camisa, fere as cordas desse violão primitivo — a marimba — nas noites de luar, em frente á porta do seu senhor, diante de um bando de escravas dolentes, cujos corações ele fere, como um segundo instrumento, tornando-as cativas pela magia de sua arte. As melodias das plantações norte-americanas (os temas originários da África que se cantam na Virgínia e no Tennessee, já de ha muito sedições nos Estados Unidos), são, como a varíola, contagiosas para todas as classes sociais. Uma dúzia de pretos, carregando umas como pipas de barro, suspensas ao hombro por meio de bambús, cantam, em tom menor, o destino do “Poor Old Ned”. Na rua de Santana, por traz de uma rótula, ouve-se uma voz musical cantarolando “Susannah, not to cry” (60). Pianos aristocráticos ressoam ás notas da “Rosa

(60) A larga difusão das chamadas melodias “etiópicas” dos Estados Unidos, é quasi inacreditavel. Em 1840, eu estava me dirigindo a 1 hora da madrugada, de Charing Cross para o lado de Surrey, em Londres, e ouvi um grupo de jovens ingleses cantando, com todas as suas vozes, “O’ Sussanah”, etc. Certa vez, passando pelo morro da Glória, no Rio de Janeiro, ouvi as notas da mesma melodia, cantadas por um morador de uma casa de campo brasileira. Porém o mais extraordinário caso foi o que assisti em 1850, em Terracina — a antiga Anxur, não distante das Três Tavernas mencionadas nos “Atos dos Apóstolos”, XXVIII.15. Era uma meia-noite italiana, e, enquanto estava ouvindo o som das ondas do Mediterraneo, quebrando-se no cais em ruínas de Terracina, e pensava no longo passado de Roma, fui despertado por uma voz clara, (que

de Alabama” e “Senhoritas de Búfalo”, com mais música do que prosódia.

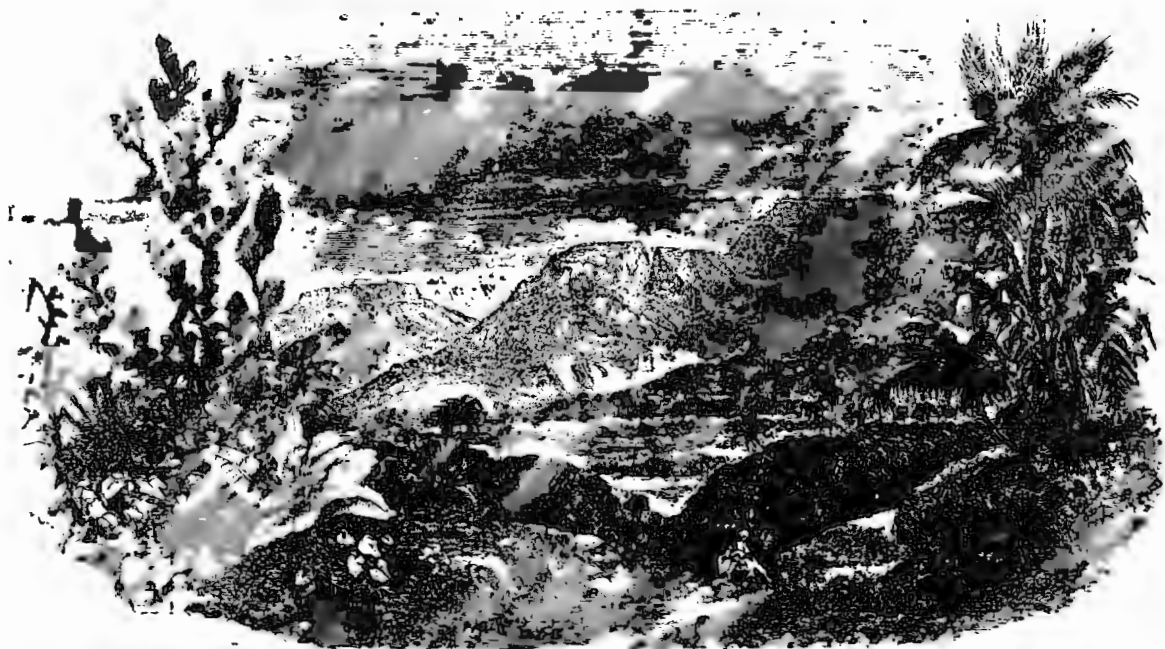
Por dentro e por fora, São Luiz do Maranhão é uma agradável cidade. Amabilidade, afabilidade e bondade são quasi gerais. Não distingue posições sociais. Uma pronta e expansiva hospitalidade acolhe o estrangeiro em todas as portas.

E' um prazer recórdar de memória o panorama da capital maranhense, com a sua baía, salpicada de pequenas ilhas cobertas de vegetação, e grandes bastante em certos pontos para não permitir que se veja o litoral do lado oposto e desdobrando-se até o ponto de junção de seus dois grandes estuários; pitorescas embarcações de pesca, *montarias* e canôas, descansando nas práias; delicados e espigados coqueiros franjando o perfil da cidade da mesma fôrma por que se distribuem irregularmente nas elevações que se projetam para dentro da baía; bananais e laranjais trepando pelas encostas; perfumes redolentes das flores silvestres que enchem o ambiente; *mirantes* que se elevam em varios pontos pretenciosamente alteando-se por sobre o conjunto geral dos telhados vermelhos; e a alta torre da cathedral e os numerosos campanários de dezenas de pequenas igrejas lançando as suas agulhas para o céu.

“As andorinhas”, escreve o Dr. Johnson, “dormem durante todo o inverno. Grande número delas, aglomeram-se em voos circulares, para depois, formando um só bando, mergulharem nágua e ficarem descansando numa das mar-

ressou nas ruínas que me rodeavam), lançando no silêncio da noite as notas de “Old Uncle Ned”. Bruscamente desapareceram os meus pensamentos na Itália, em Roma, e transportaram-me bem longe, para lá do oceano. Depois descobri que o seresteiro era um “yankee” de Boston, que perambulava por esses quietos recantos, e que fora tão singularmente afetado por essas associações sagradas e clássicas que dera saída ao “Ancient Uncle Edward”, como estando mais de acordo com emoções despertadas pela antiguidade — clássica e sagrada — de Terracina.

gens. O primeiro presente do Maranhão ao visitante de abril é a sua velha e querida amiga, a andorinha. Ela constroe seu ninho sob as telhas dos beirais. Frequentam as torres das igrejas aos milhares, como si fossem uma ave sagrada. Quando o sol vai tombando e envia os seus raios amortecidos, e antes que elas procurem o poiso para dormir, no alto do céu vêem-se bandos de andorinhas girando em grandes círculos. A's vezes seus inimigos, os abutres, na mesma hora da tarde, mantêm-se na altura com toda a sua família, voando após um dia vergonhosamente passado entre as carcassas. Os esquadrões de andorinhas os atraem nas regiões asuis do céu, e os abutres, ora se divertem em longos voos sobre a terra, ora pairam preguiçosamente acima dos telhados, descrevendo zigue-zagues ao longo das avenidas aéreas, entre os grupos de palmeiras, figueiras e laranjeiras, ou partem rápidos, velozes e diretos como uma flexa, em perseguição de uma alegre borboleta, cujas asas coloridas e corpo aveludado — tanto é verdade que o esplendor não protege da morte — não escaparão á sua sanha. Daqui a meia dúzia de semanas, a andorinha que está poitada nos bordos das telhas vermelhas, ensinando com carinhosa arte, os seus filhotes a voar, poderá, na sua pátria, sob os céus do norte, deslizar por sobre os perfumosos campos de trevos, os doirados trigais, ou sobre os pomares floridos e os bosques de nogueiras, de quando em vez lavando o seu alvo colo num pequeno lago, ou galgando as alturas por cima dos morros perseguindo a sombra das nuvens caprichosas. Assim deliciosamente se ocupam as andorinhas durante os nossos frios invernos, e quando chega a época das migrações, elas se hospedam em quantidades incontáveis nos telhados das casas, preparando o seu longo vôo, com que anunciam, juntamente com outros precursores, ás terras do norte, ainda empardecidas pelos tons da morte anual, que a célere Primavera vem chegando com o seu poder de ressurreição. O dom mais precioso com que o homem mitiga a sua faina terrestre é o encanto das belezas naturais, suas



Paisagem na Província do Piauí

formas mudas si bem que divinamente falantes e seus alegres pássaros, mais que harmoniosos em seus delicados cantos.

“O belo aspeto da pequenina povoação de Alcantara, com suas casas brancas a umas seis milhas de distância, ás margens da baía, e que conta uns 5.000 habitantes, dá-nos vontade de visitar o continente. Alcantara é conhecida pela sua produção de sal, retirado, como em algumas ilhas da Índia Ocidental, dos tanques naturais, contendo água do mar, quando a maré recua. Algumas milhas acima da costa, está a povoação de Guimarães, no centro de uma região abundante em algodão, arroz e mandioca.

“As duas baías gêmeas de São Marcos e São José, que ficam justamente por traz da ilha do Maranhão, são atingidas, para quem vem do interior da província, por vários rios — o Pindaré, o Mearim, o Itapicurú — pouco maiores que o Mohawk ou o Wabash. Da mesma forma que Alcantara nos tenta para visitar as suas praias, esses rios nos convidam a subir suas margens cobertas por manguesais até atingir ás suas nascentes.

Mangues.

“Os mangues se encontram ao longo de todas as margens banhadas pelas marés no norte do Brasil, e, na preamar, ficam eretos sobre as ondas, com água até o meio, sómente com os seus ramos, suas folhas verde-mar, e algumas raras flores esbranquiçadas de fora. Por traz dos mangues, nas praias mais altas vêem-se fileiras de altivas palmeiras. As leis do mundo vegetal são desrespeitadas pela maneira por que os mangues se desenvolvem. Do seu caule superior, com meia dúzia de polegadas de diâmetro e seis pés de altura, eles emitem galhos horizontais. Estes, por sua vez, emitem para baixo sucçores que criam raízes no lôdo, e logo atingem o mesmo desenvolvimento do caule materno; por sua vez, emitem esses outros galhos e mergulham outros caules sucçores, até que a árvore primitiva se transforma numa vasta rêde vegetal, bastante forte para lutar contra as tempestades. Neses dédalos sombrios, onde não penetra o

passo humano, a *sericoria*, — a galinhola dos trópicos — guarda os seus filhotes. As ostras trepam pelas raízes, e, na vazante da maré, essas apresentam o curioso espetáculo de moluscos bivalvos crescendo em plantas. O mangue contém, abundantemente, o princípio ativo do tanino, que, em forma de extrato concentrado, pode constituir um valioso artigo de comércio.”

A “montaria”.

A *montaria* a que acima nos referimos é assim descrita pelo Dr. Kidder:

“No rio, em frente a Varadouro, pode-se ver grande número de embarcações mercantes. Nenhuma delas, porém, apresenta-se mais pitoresca do que a montaria, — essa espécie de bote achatado muito em uso nos rios dessa região. No primeiro exemplar que vi, contei dez índios remando rapidamente contra a corrente. Cada qual tinha nas mãos um remo de pá, mais ou menos do tamanho e da forma de uma pá oval, perpendicularmente colocado em relação aos bordos da embarcação, e quando todos a um só tempo batem nágua, a montaria ganha forte velocidade”.

Dissemos adeus á asseada, alegre e hospitaleira cidade de São Luiz e navegámos em direção ao Pará (61).

(61) Nota de 1866: — Depois que esse capítulo foi escrito, J. C. F. visitou toda a costa do Rio de Janeiro até o Pará, e as cidades de Baía e Pernambuco quatro vezes em muitos anos. Sentir-se-ia satisfeito em enumerar os muitos melhoramentos que aí se realizaram, em viação férrea, etc., mas a falta de espaço não o permite. Não pode, entretanto, esquecer as muitas recepções calorosas que recebeu, principalmente em Pernambuco, dos Srs. Swift, Hitch & Rolins (sócios de Henry Forster & C.) de S. P. Johnson, do Barão do Livramento, um brasileiro cheio de entusiasmo, do Sr. Tasso, e da família Sá e Albuquerque, em Gararapes; também não pode deixar de recordar-se das gentilezas de dois eminentes estadistas brasileiros, o Visconde de Camaragipe e o Visconde da Boa Vista, assim como do Dr. Vasconcelos, diretor do “Jornal do Recife”.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 88) Fanáticos da comarca de Flores, próximo a Piancó, termo de Pajeú, Pernambuco, episódio ocorrido em 1837-38, e que serviu de tema á novela “O Reino Encantado” de Araripe Junior, também referido em “Os Sertões” de Euclides da Cunha, pag. 143, 11.ª ed.

CAPÍTULO XXVI

Norte do Brasil — Magnificência da natureza.

Rapidamente navegámos as quatrocentas milhas que separam Maranhão do Pará, alcançando os limites orientais do Norte brasileiro, a costa oceânica dessa vasta bacia que contem uma área igual aos dois têtços da Europa. Estamos prestes a penetrar numa das regiões mais assombrosas da natureza, onde tudo é construido na mais elevada escala. O rio mais poderoso do mundo nasce nas altissimas montanhas da parte ocidental do continente sul-americano, e percorre milhares de milhas através de florestas sem rival em beleza, grandeza e fecundidade. E' nessa região que a "Vitoria Regia", gigante do reino da Flora, recolhe-se ao seio das lagoas sombrias, ou repousa nas aguas paradas, protegidas por alguma faixa de vegetação contra as águas velozes da corrente que incessantemente desce dos Andes. Milhões de aves e insetos, das mais brilhantes côres, curiosos repteis e quadrúpedes, habitam essa quasi "terra incognita". Talvez não haja no planêta outra região que, possuindo tantas maravilhas, seja tão acessivel e tão pouco explorada. Estamos, porem, nas vésperas de grandes transformações: o vapor está cumprindo a sua legítima missão, e as gerações presentes poderão ainda vêr o Vale do Amazonas, si não como o de Mississippi, povoado por milhões de sêres humanos, pelo menos conhecido na totalidade de seus vastos recursos. Muito de lendário se tem escrito a respeito do "poderoso Orellana" e aqueles que pensam contemplar as fertes margens do Amazonas daqui a meio século habitadas por ativa população e feliz sôb o domínio da civilização, estão sem dúvida fadados a um desapontamento. Mas, si é verdade que o Sul do Brasil é que será para sempre o campo apropriado às iniciativas dos europeus e norte-americanos, não

deixará por isso de ter razão, em suas afirmações, o mais completo explorador do Vale do Amazonas, Wallace, quando escreve: “Pela riqueza de seus produtos vegetais e pela fertilidade do seu solo, é êle sem rival no glôbo, e constitue, na nossa opinião, a região natural que, numa mesma área, é capaz de sustentar uma maior população, proporcionando-lhe, da forma mais completa, a satisfação das necessidades e luxos da vida”.



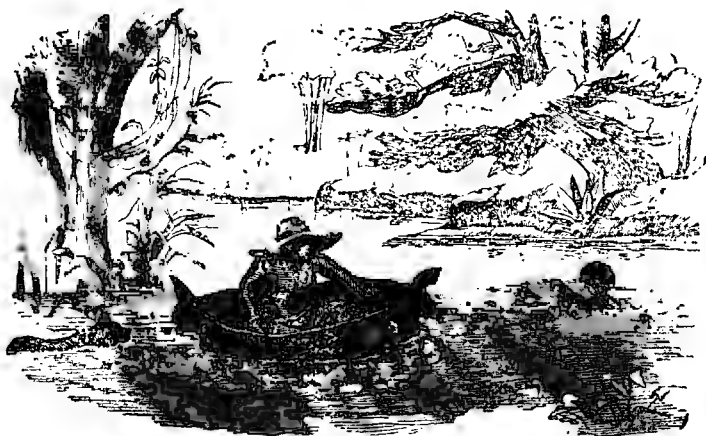
Uma montaria

A Amazonia exige um volume inteiro; mas a presente obra ficaria incompleta sem algumas informações sobre essa porção do Império do Brasil, que excitou sempre um profundo interesse em ambos os continentes.

A cidade do Pará.

A cidade de Belém, ou Pará, é o ponto de partida habitual para os que visitam a região amazônica, vindos de léste. Havia outróra uma via de comunicação, por terra e

por agua, do Maranhão até o Pará, que foi depois abandonada; segundo Southey, costumava ser transitada por canoas que atravessavam o continente, passando por nada menos de trinta e duas baías, muitas das quais tão grandes que a vista não podia totalmente abrangê-las. Essas bacias se acham ligadas por um labirinto de canais e aguas paradas, de forma que a viagem podia sêr muito encurtada subindo-se um rio com a enchente, passando para um outro, e descendo com a maré. A distância assim medida é de cêrca de 300 léguas, que podiam sêr percorridas em 30 dias. O Dr. Kidder escreve:



"Ferry-boat" de nova espécie

Encontrei um indivíduo que, na sua mocidade, havia percorrido essas passagens interiores, fazendo um percurso mais dirêto, empregando apenas 14 dias. Isso se deu na idade do ouro, quando o trabalho do índio era muito acessível e podia ser pago a 4 centavos por dia. Alguns anos depois, a mesma pessoa quis fazer de novo a viagem, mas teve que desistir pela dificuldade em achar canoeiros que o servissem pagando mesmo 50 centavos por dia. Guardava

a mais deliciosa recordação do percurso, que ostentava as belezas da natureza em seu primitivo encanto. Nada interrompia a segurança da viagem, e nada perturbava o silêncio desses recessos silvestres a não ser o tagarelar dos macacos e o canto das aves. A superfície prateada das águas e a magnífica folhagem das florestas tropicais, as mais punjantes que o globo possui, e cuja espessura é tal que quasi anula a luz do sol, se combinam para incutir no espírito do homem que as contempla uma noção de grandeza inexprimível. “As canôas eram colocadas nas margens todas as noites, quando se desejava comer ou descansar, e os habéis índios, em poucos minutos asseguravam caça suficiente para a alimentação da comitiva. Assim a viagem se fez sem fadiga e mesmo divertidamente.

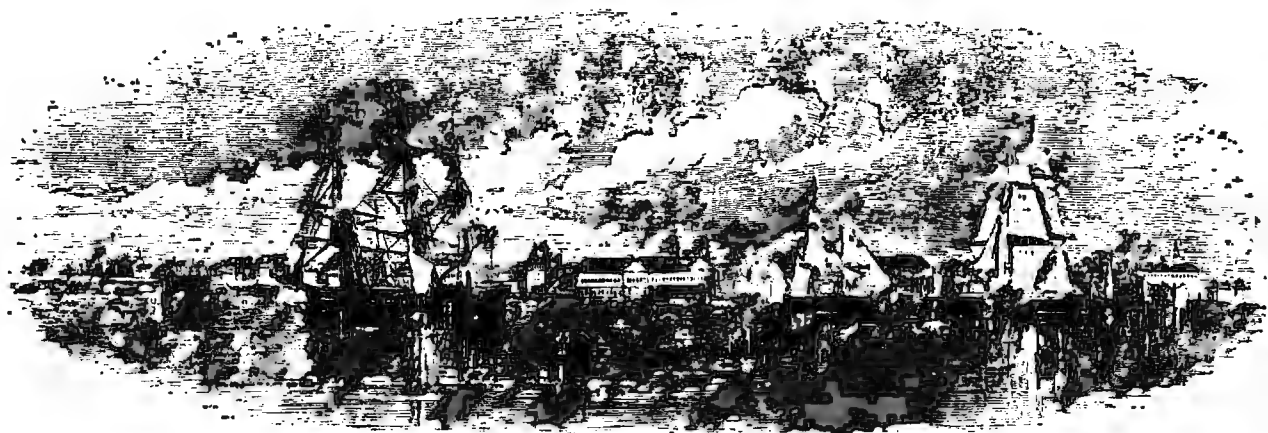
Em algumas regiões do Brasil, onde há tantos cursos d'água utilizáveis pela navegação, em certas ocasiões se improvisavam “ferry-boats” da forma mais primitiva. Um couro de boi constituía o principal material de construção, e um escravo servia de meio de propulsão.

Pará se acha situada no rio do mesmo nome, o qual, afirmam alguns, não passa de um prolongamento do rio Tocantins, não constituindo, portanto, uma das bôcas do Amazonas. Wallace inclina-se pela primeira opinião, mas geralmente se admite a última.

Entrada do Amazonas.

Durante a predominância de certos ventos, e devido a fortes correntes que forçam as águas dóces fluviais até bem dentro do mar, a entrada do rio Pará é muitas vezes difícil e perigosa. O meu colega assim descreve a sua experiência:

“Entrámos no estuário do Amazonas numa feliz conjuntura. O tempo estava tão claro que distintamente vimos as ondas se quebrarem tanto nas barrancas de Tijoca como nas de Bragança, e a maré estava justamente começando a subir. Durante quasi uma hora, pudemos observar, bem em frente a nós, o conflito entre as águas



Pará (Belem)

ascendentes e descendentes. Afinal, prevaleceram as poderosas forças do oceano, e a corrente fluvial pareceu encolher-se diante delas.

"Esse fenômeno é denominado, de acordo com a sua designação indígena, *pororoca*, que constitui um aspecto característico da navegação do rio Amazonas, centenas de milhas acima da foz. Nenhuma embarcação a vela pode descer o rio quando o fluxo da maré sobe. Por isso, quer em sentido ascendente quer descendente, as distâncias se medem pelas marés. Por exemplo, Pará está a três marés do oceano, e uma pequena embarcação que entre com a maré, deve esperar no ancoradouro duas vazantes para poder chegar até a cidade. Às vezes se vêem canôas em perigo por causa da agitação das águas devida á pororoca e por essa razão elas costumam, precavidamente, demorar-se em certos pontos, chamados "esperas", onde se sabe que as águas sofrem pouca agitação. A maior parte das embarcações usadas no comércio do Amazonas já são construídas levando em conta essa particularidade de navegação, sendo mais apropriadas a flutuar nas correntes do que a velejar na direção dos ventos, si bem que as suas velas entrem muitas vezes em serviço.

"Esse fluxo e refluxo das marés do Amazonas são observáveis regularmente 500 milhas acima da foz, na cidade de Obidos. A pororoca é muito mais violenta na parte norte da ilha de Marajó, onde a embocadura é mais larga e a correnteza do rio diminui.

"Subindo o grande rio, a côr das águas passa do tom escuro do oceano, que acabamos de deixar, para um tom verde claro, e depois, gradualmente, para um amarelo lamacento. Estamos á vista das barrancas e sudeste do rio; depois de subirmos mais de 40 milhas, a ilha de Marajó se torna visível da margem oposta. No decorrer do dia, aproximamo-nos do continente, e as margens são uniformemente planas e densamente cobertas de manguezais. A única povoação que se distingue é Colares, que o nosso comandante, Capitão Hayden, capturou durante a última revolução. Durante o dia todo, fomos impelidos pela ação combinada do vapor e do vento, mas a maré estava contra. Á noite, uma clara lua cheia derramou do céu sem nuvens um novo esplendor no cenário já por si sublime. Uma aragem, das mais ricas em fragrancias, vinda de terra, foi-se tornando mais sensível á medida que o rio se estreitava. Duas embarcações foram apenas vistas durante a viagem. Finalmente, passámos pelo forte da Barra, duas milhas distante da cidade de Belém, e fomos saudados á nossa passagem. As luzes da cidade, e os navios em frente dela, tornaram-se então visíveis. Descrevemos um semi-círculo em volta do porto, passando entre dois navios de guerra, e ancorámos ás dez horas.

"As torres da cathedral, do palácio e de várias igrejas, eram visíveis distintamente á luz do luar.

“O segundo dia após a nossa chegada foi um sábado, e, por gentileza do Capitão Hayden, pude instalar um serviço religioso a bordo do navio maranhense. Alguns marinheiros americanos compareceram, assim como várias pessoas vindas de terra. Reunidas essas pessoas ás de bordo, tive um auditório para quem anunciei as maravilhas do reino de Deus. Aproveitando a circunstância de estar o navio sem os seus passageiros, devendo receber outros para se dirigir ao mar, servi-me da ocasião ótima para um serviço religioso, e senti verdadeira gratidão pela oportunidade — provavelmente a primeira que jamais tivera um ministro protestante — e preguei a palavra de Jesus e a ressurreição sobre as vastas águas do Amazonas. Realizei serviços religiosos no Pará, em sete sábados sucessivos, uma vez a bordo de um navio americano ancorado no porto, e as outras na residência particular de um amigo.

“A situação geográfica do Pará, ou cidade de Belem, é 1.º 28' latitude sul e 48º 28' longitude oeste. Sua posição ocupa um ponto elevado nas ribanceiras a sueste do Rio Pará, que é a boca mais importante do Amazonas. A cidade está a oito milhas do oceano, e pode ser vista a longa distância por quem desce o rio. E' de aspéto bastante imponente para quem navega e se aproxima nessa direção. Seu ancoradouro é muito bom, formado por uma curva rápida da corrente, permitindo ancorar os navios do maior calado. A grande ilha do Marajó forma a margem oposta, a duas milhas distante, mas fica totalmente escondida da vista pelas pequenas ilhas que estão em frente dela.

“O aspéto geral da cidade do Pará corresponde ao da maioria das cidades do Brasil, apresentando uma mistura de paredes brancas e telhados vermelhos. O plano em que foi construída não é falto de gôsto e regularidade. Possui numerosas praças públicas, e ruas que, embora não muito largas, são bem pavimentadas, ou antes macadamizadas. E' grande a porcentagem de casas grandes e bem construídas, si bem que as ruas secundárias estejam cheias de casas de tamanho diminuto e construção pobre.

“O estilo das casas de moradia é característica, e bem adotado ao clima. Uma ampla varanda é a parte essencial de toda habitação. Algumas vezes rodeia por fóra toda a construção, e, por dentro, há tambem uma construção semelhante que ocupa, pelo menos, três lados de uma área interior. Parte da varanda interna, ou um compartimento em ligação com a mesma, serve de sala de jantar, e quasi sempre é bem arejada e agradável. Sómente as salas da frente são de tétto forrado, a não ser nos edificios mais importantes em que todas as salas o são. Janelas com gelosias são mais frequentes do que com vidraças, porém, algumas casas têm esses dois complementos, dando-se preferência ás gelosias na estação sêca. Em lugar de al-

côvas pequenas, escuras e mal ventiladas, e camas pouco asseadas para dormir, existem aqui rédes suspensas prêsas a ganchos que se vêm em todos os cantos das grandes salas, e atravessadas em toda a extensão das varandas. Algumas residências possuem esses dispositivos em número suficiente para se fixarem rédes para cinquenta ou sessenta pessoas á noite sem o menor transtôrno.

Revolução de 1835.

“Os efeitos da revolução de 1835, ainda são visiveis no Pará. Quasi todas as ruas deixam vêr maior ou menor número de casas com sinais de bombas e tiros de canhão. Alguns desses vestígios quasi que se apagaram mas outros estão apenas levemente modificados pelo tempo. Repararam-se alguns estragos, mas outros foram deixados até agora. O Convento de Santo Antonio foi muito exposto ao canhoneio e conserva muitas marcas de balas em suas parêdes. Um dos projeteis foi tão desastroso que destruiu uma imagem colocada num alto nicho na frontaria do convento”.

Essa revolução de 1835 foi das mais sérias que tem havido no Pará, pois, nela, os índios, guiados por chefes brancos, quasi se assenhorearam do poder, e tiveram sôb o seu domínio os descendentes de europeus. O Pará, embora pre-sentemente gosando de prosperidade, foi singularmente prejudicado em seu progresso pela herança de muitas suble-vações.

O forasteiro, ao entrar na cidade, fica impressionado pelo aspêto peculiar da população. Os descendentes dos portugueses e africanos não diferem, realmente, dos seus irmãos das outras partes do país; mas são aqui em numero relativamente pequeno, ao passo que a raça indigena é predominante. Os aborígens do Basil podem ser vistos aqui não só nos seus representantes puro-sangue, como em todos os possiveis graus de mistura com brancos e prêtos. Ocupam todas as posições sociais, e podem ser vistos como vendedores, negociantes, marinheiros, soldados, padres e escravos. Nesta condição, inspiraram-me o maior dos interesses e simpatias. A idéia da escravidão é sempre revoltante para uma mentalidade não afeita a ela, para quem a veja imposta á

fôrça num indivíduo de raça preta, branca ou vermelha. Mas, em relação aos índios, tem havido uma série de fatalidades que atingiram tanto os perseguidores como os perseguidos, e que empresta á sua servidão especial horror.

Quasi todas as revoltas que ocorreram no Pará foram diréta ou indiretamente inspiradas pelo espírito de vingança sempre associado ás sangrentas expedições dos primitivos caçadores de escravos no pensamento dos nativos e mestiços que habitam toda essa região. A revolução brasileira nessas porções do Império foi recebida com maiores horrores do que em qualquer outra provincia.

Quando foi proclamada a independência do Brasil, o Pará ficou por algum tempo sujeito ás autoridades portuguezas. Quando Lord Cockrane chegou ao Maranhão, despachou um dos seus officiaes, o Capitão Grenfell, num brigue de guerra, para tomar posse do Pará. Esse official recorreu a um estratagemma que, embora bem succedido, não dá bôa idéia de sua bravura e integridade. Aproximando-se da cidade do Pará, intimou a praça a render-se, afirmando que Lord Cockrane estava com a sua frôta ancorada a pouca distância, e que, em caso de resistência, imporá a sua autoridade, exercendo represália. Intimidada por essa ameaça, a cidade apressou-se em jurar fidelidade ao trôno de D. Pedro I, e Grenfell tudo fez para que se expulsassem as pessoas mais perigosas antes que se conhecesse o seu estratagemma. A opposição, porém, logo se manifestou; organisou-se um partido com a intenção de depor a junta provisória. Esta, por fim, pediu a proteção de Grenfell, que desembarcou immediatamente com os seus homens, e, reunindo-se ás tropas do govêrno, facilmente conseguiu debelar a insurreição. Foram feitos muitos prisioneiros, e os cinco principais chefes dos revoltosos foram fusilados em praça pública. Voltando para sua frota, Grenfell, na mesma noite, recebeu ordens do presidente da junta para preparar um navio que pudesse receber duzentos prisioneiros. Um navio de seiscentas toneladas foi escolhido para isso. Depois se verificou

que o numero de prisioneiro mandados pelo presidente era de duzentos e cincoenta e três. Esses, na ausência do Capitão Grenfell, foram postos á fôrça num pequeno alojamento do navio-presídio, sôb a guarda de quinze soldados brasileiros.

“Amontoados, sem quasi poderem respirar, e soffrendo de sede e calor, os pobres desgraçados tentaram forçar caminho em direção ao passadiço, mas foram repellidos pela guarda, que, depois de atirar sobre êles e fazer descer a escotilha passaram uma peça de artilharia atravessada, impedindo qualquer tentativa de fuga. A terrivel sensação causada pela falta de ar levou essas vítimas aglomeradas a um estado de loucura, e conta-se que muitos dêles feriram-se e mutilaram-se da mais horrivel forma. A asfixia se seguiu, com todo o seu acompanhamento de agonias. Os velhos e os moços, os fracos e os fortes, os violentos e as suas vítimas, todos caíram exhaustos nos estertôres da morte. Para aliviar seus padecimentos, um játo d'água foi afinal lançado no interior do alojamento, e só pela madrugada cessou todo o tumulto, devido apenas á morte que não fôra antecipada. De todos os duzentos e cincoenta e três, apenas quatro foram encontrados com vida, que escaparam da destruição geral por se esconderem por traz de um tanque d'água. (Armitage, Vol. II, pág. 108).

Essa terrivel cena não tem talvez paralelo na historia, ou só encontra um nos poços escuros de Calcutá. Sua única atenuante é ter sido causada pelo descuido e pela ignorância, sem a intenção de matar. Tem, entretanto, afinidade demais com o tratamento dos prisioneiros confinados em análogo local em revoluções civis posteriores. Grande numero desses infelizes foram amontoados na prisão da cidade e na fortaleza, onde foram conservados, sem esperança de soltura, até que a morte os libertou. Além disso, um navio presídio, denominado o “Xim-Xim”, ficou cheio de prisioneiros, alem de sua lotação. O Dr. Kidder avaliou que nada menos de *Três mil* morreram a bordo. O meu colega assim se refere á última grande revolta no Pará.

“As desordens que irromperam no Pará em 1835 foram extremamente desastrosas. Principiaram no seio da tropa. Os soldados da guarda do palácio aproveitaram uma oportunidade favorável, e, no dia 7 de Janeiro, assassinaram simultaneamente o presidente da província, o comandante da guarnição e o capitão do porto. Um sargento, de nome Gomes, assumiu o comando, e iniciou uma perseguição indistinta contra os portugueses residentes no Pará. Depois de mandar matar vinte ou trinta respeitáveis negociantes, os insurretos libertaram cerca de cinquenta prisioneiros, entre os quais figurava Felix Antonio Clemente Malcher, que havia sido eleito membro da Junta provisória ao tempo da invasão de Grenfell e que fôra posteriormente preso como instigador de uma rebelião no rio Acará. Malcher foi então proclamado presidente, e foi formalmente feita uma declaração de que não se toleraria nenhum presidente designado pelo Rio de Janeiro, antes da maioria de Dom Pedro II.

“Nenhum edifício ficou destruído nessa ocasião. A ordem foi logo restabelecida e a situação permaneceu calma até o dia 19 de fevereiro. Nessa data, Francisco Pedro Vinagre, o novo comandante da guarnição, tendo ouvido dizer que iria ser preso por um certo motivo, convocou os soldados e a população para atacarem o presidente. Malcher encerrou-se no forte do Castelo, e tentou defender-se. No prazo de dois ou três dias, duzentos homens foram mortos e o presidente foi capturado. Foi mandado para a fortaleza da Barra, por traz da cidade, como si fosse ficar prisioneiro, mas foi assassinado no caminho, sem dúvida por ordem de Vinagre, que então mandava sobre todos.

“No dia 12 de maio, fez ele uma tentativa, sob as ordens do vice-presidente constitucional Senhor Corrêa, para tomar posse da cidade, desembarcando tropas de uma esquadilha de treze navios de guerra. A tentativa foi repelida e os navios afundados. Logo depois, um novo presidente (Senhor Rodrigues) chegou, vindo do Rio de Janeiro. A 24 de junho, desembarcou com um corpo de exército composto de 250 homens, tendo os insurretos se retirado para o interior.

A desordem ainda imperava na Província, e a 14 de agosto, um batalhão de índios, comandado por Vinagre e outros, subitamente caiu sobre a capital. Conseguiram tomar posse da cidade, e iniciaram uma massacre indiscriminado de brancos. Os cidadãos se viram obrigados a defender-se como puderam. Vinagre caiu no meio de uma escaramuça de rua. Navios de guerra ingleses e franceses, surtos no porto, desembarcaram um batalhão de marinheiros, mas logo ordenaram a sua retirada em vista da pusilanimidade do presidente.

“Os índios começaram a atirar sobre o palácio, das casas mais altas de que conseguiram apossar-se, tendo a artilharia do palácio tentado responder ao fogo. O presidente, porém, retirou-se e entregou a cidade á destruição. Muitas famílias conseguiram escapar a bordo dos navios que se achavam no porto, porém muitas outras foram vítimas da rapina e do assassinato. Eduardo, o principal chefe depois da morte de Vinagre, comprometeu-se a proteger a propriedade dos estrangeiros, e, até certo ponto, conseguiu-o; entretanto, os estrangeiros residentes se retiraram o mais depressa possível da cidade, considerando-se muito felizes por haverem escapado com vida. O período que se seguiu pode perfeitamente ser chamado de terror. Mas não durou muito tempo. Irromperam desordens entre os rebeldes, e tornaram-se comuns os assassinatos entre eles. Os negócios foram realmente suspensos, e a cidade tornou-se deserta. Cresceu mato alto nas ruas e as casas rapidamente se foram arruinando. O estado da província toda era semelhante ao da capital. A anarquia dominou em toda parte. Sómente uma vila no Alto Amazonas conservou-se fiel ao Império. A ilegalidade e a violência tornaram-se a ordem do dia. Queimaram-se plantações, mataram-se os escravos e o gado, e em alguns distritos nenhum branco pôde sobreviver.

“Em maio do ano seguinte, o general Andréa chegou na qualidade de novo presidente, enviado pelo Governo Imperial, e forçou a sua entrada na capital. Decretou a lei marcial, e, com grande firmeza e severidade, conseguiu restabelecer a ordem na província. Isso se deu, porém, a custa de muito sangue e muitas vidas. Foi acusado de tirania e deshumanidade em seu modo de proceder para com os rebeldes e prisioneiros; mas as exigências do caso eram imperiosas e permitiam desculpa. Uma das mais graves coisas de que o acusam e a seus oficiais foi o abuso de autoridade em mandar prender cidadãos inocentes, e também em prolongar a guerra até que seus egoísticos fins pudessem ser conseguidos. O certo é que o desperdício de vidas, a ruína das propriedades, e a relaxação da moral, se somavam e lamentavelmente se continuavam; e ainda nesse estado de coisas nós vemos nada mais que os frutos da violência e afronta que, desde a primeira colonização do Pará pelos portugueses, foram praticadas contra os desprezados índios.

“Em complemento ás mais diretas consequências da desordem, a salubridade da província e da capital assustadoramente decaía. O rápido desenvolvimento e o igualmente rápido apodrecimento das matérias vegetais nas terras donde havia cessado o cultivo durante anos, trouxeram epidemias e outras doenças fatais, que varreram centenas de pessoas que haviam escapado á guerra. Assim, uma

das mais ricas e belas regiões da terra ficou quasi em completa desolação.

“Até 1848, foi só lentamente que o Pará se foi restabelecendo tão sómente a extraordinária e espontanea fertilidade de toda essa região permitiu que a província, até certo ponto, fosse capaz de readquirir as suas relações comerciais. Não obstante todas as naturais belezas tão profusamente patenteadas no Pará — lembrando, a cada passo e a cada observação, a munificência gloriosa do Creador — poucos lugares há que sugiram mais tristes reflexões sobre a fraqueza e a miséria humana. Até bem poucos anos, difficilmente se poderia apontar para um feito brilhante em sua história. Nos primeiros periodos de sua colonização pelos europeus, um contínuo cruzeiro foi empreendido contra os naturais da terra, com o propósito de reduzi-los á condição de escravos. Em vão as razões e o poder dos Jesuitas se ergueram em opposição a isso. Em vão foi a escravidão africana introduzida para substitui-los. Os crueis e sanguinários propósitos dos portuguezes persistiram. Um povo innocente e inofensivo foi perseguido e caçado em suas próprias florestas como animais. E assim triunfou a iniquidade; mas um terrível castigo se seguiu. As loucas paixões que se haviam alimentado na perseguição dos índios, tornaram-se tambem maléficis excitando os habitantes da região uns contra os outros por invejas reciprocas e diferentes condições de vida. Longo tempo antes da insurreição de 1835, os assassinios já estavam na ordem do dia. Raramente passava-se uma noite sem ocorrer um crime. Nenhuma vida humana estava garantida. A vingança armava sangrentos motins. Isso tambem se dava, e demais, em outras partes do país, na mesma época, mas no Pará peor do que em todas. Seguiram-se então as terriveis cenas já descritas, em que os índios longamente amesquinhadados e oprimidos, capitaneados por homens facciosos e incitadores de lutas, conquistaram ascendência por seu turno e exilaram a população branca”.

Efeitos da navegação a vapor.

E' um fato singular que o Brasil tivesse sido o primeiro país da America do Sul, e talvez para um Imperio tão vasto, o primeiro do mundo, a ligar as suas províncias pela navegação a vapor. Pará está agora colhendo os frutos dessas sábias medidas. O velho convento de Sto. Antonio tem agora poucos frades, tendo cedido recentemente a maior parte de seus espaçosos terrenos à Cia. de Navegação Amazonas, (companhia brasileira). Essa companhia está agora

construindo em terrenos nas suas proximidades, grandes oficinas, depósitos de carvão, cais, etc... em suma tudo que é essencial aos negocios da navegação a vapor.

Progressos urbanos.

A alfandega foi outrora um grande edificio ecclesiastico. E os quartéis de infantaria tambem já pertenceram à ordem dos Carmelitas. Grande numero de casas novas foram recentemente construidas, desde a alfandega até ao forte do Castelo. E um molhe extenso foi construido no local onde antigamente só havia para desembarque as facilidades oferecidas por uma praia. As ruas eram, ha poucos anos atraz, do peor aspecto; porem, desde a data da inauguração das linhas regulares de vapores, do Amazonas (1853), tem havido grande melhoramentos. Quasi todas são macadamizadas e bem iluminadas, por "campheno". Antigamente a rede e os velhos veiculos portuguezes eram os unicos meios de transporte no Pará. O Sr. Henderson, a quem eu devo as informações mais recentes, informou-me que atualmente existem, cerca de 50 carros, (fabricados em Newark e Boston), que estão as ordens dos cidadãos e dos visitantes; e, principalmente nos domingos estão acostumados a passear entre Pará e Nazaré, pela modesta estrada, e pela insignificante quantia de 25 réis por cada passageiro. Se senhoras antigamente faziam seus passeios e visitas carregadas numa liteira, hoje em dia, passeiam num carro puxado por uma parelha de cavalos cinzentos. Apenas alguns anos se passaram desde o tempo em que toda agua era carregada, de uma forma verdadeiramente oriental. As seguintes belas descrições do Dr. Kidder são ainda as mais fieis que se conhecem; porem, em relação aos carregadores dagua, o pitoresco diminuiu, embora o conforto haja aumentado:

"As cenas da tarde e da manhã que se podem contemplar no Pará, são idescritivelmente belas. À noite, tudo está quieto, exceto o bafejo de uma brisa balsâmica; e a imaginação, a mais viva, não

poderia representar-se cenário mais belo do que o que se observa, quando a lua passeia nos céus em todo o seu esplendor. A folhagem, escura e luxuriante, coroando centenas de enormes árvores, fica como envernizada, com um suave lustro, que é tão característico que dificilmente pode ser retratado por palavras; as plumas ondeantes das numerosas palmeiras, lançando seus reflexos em direção ao observador aumenta os encantos da paisagem. As flores abertas, de muitas arvores frutíferas, assim como as mais humildes enchem o ar de uma fragrancia, que nem mesmo se mistura, como em algumas das grandes cidades, com cheiros mais ou menos agressivos. A brandura do ar da tarde forma um delicioso contraste com os rigores do sol do meio dia, e uma brisa periódica aumenta ainda os efeitos do pleno dia. Embora no correr da noite caia um copioso sereno, ainda assim, tão balsâmica e saudável é a atmosfera, que não há o menor receio de expôr a doenças a delicada constituição. Este é o clima que, mais do que todos os autores, eu procuraria como um lenitivo para uma saúde fraca, especialmente para as afeções do peito.

A cena matutina não é de menor efeito. Algumas vezes saio para goza-la, antes que os melancólicos raios da lua tenham perdido o seu encanto, diante dos poderosos raios do rei do dia, que num dado tempo, se levanta, em curto crepusculo, apressando o seu curso radioso através do éter sem nuvens. Os brasileiros são geralmente madrugadores, e pode-se observar que, nas suas cidades, as casas estrangeiras costumam se abrir depois das nacionais. Mesmo assim, há pouca gente passeiando de manhã cedo, pelo simples prazer do exercício.

Quasi as únicas pessoas que encontro, nos meus passeios matutinos no Pará, são os negros e os índios, em grande numero, caminhando com os jarros de barro na cabeça, cheios d'água.

Não há uma fonte construída pelo homem em toda a cidade. A única fonte de água para beber é uma nascente, do lado leste da cidade. Os jarros contendo essa água são carregados a cavalo, para venda, servindo áqueles que não podem ter grande número de escravos. Alguns poços nos suburbios, juntamente com o rio, fornecem água, para a lavagem e fins semelhantes".

Embora alguns cavalos trotões, e quasi esqueléticos, possam ainda ser vistos, caindo ao peso de quatro pipas d'água, melhores dias chegaram para o Pará. O emprego de mais 200 carros d'água, puxados por bois, é um acontecimento que deve ser registrado como um progresso da civilização, e que mostra quantas melhorias as ruas macadamizadas e

os veículos modernos podem acarretar. O brasileiro é muito mais flexível ao progresso. Ha poucos anos atraz, um benemerito cidadão dos Estados Unidos comprometeu-se à sua custa fornecer aos camponeses de certas ilhas portuguesas, carros apropriados e civilizados, em substituição aos toscos veículos improprios, que eles e seus pais, antes deles, usavam havia seculos. Esse empreendimento benéfico foi inteiramente frustrado, pois os portugueses não quiseram abandonar as suas antigas carroças. Em 1856, Portugal era o unico país da Europa, exceto a Turquia, que não possuia estradas de ferro. Os carros d'água do Pará assemelham-se à forma que vem representada na figura da pagina junto.

Ao passo que a cidade defronta o rio, os seus fundos são rodeados por uma estrada sombria, que difficilmente se encontraria tão bela em qualquer outro ponto do Brasil. A estrada das Mangabeiras é um logradouro que se estende desde perto do Arsenal de Marinha, nas margens do rio, até o Largo da Polvora, na extremidade oriental da cidade. E' cortada por avenidas, que vão desde o Largo do Palacio até o Largo do Quartel. O seu nome se deriva das mangabeiras que a sombreiam de cada lado. A casca dessas arvores sombrias, é de côr cinzento claro, regularmente estriada de verde; o seu produto é um algodão bruto, que pode ser usado para diferentes fins: o seu aspeto é, ao mesmo tempo, elegante e majestoso.

Nos terrenos do velho convento, atualmente Hospital de S. José, foi construido um Jardim Botanico em 1797, mas foi abandonado, depois de muito descuidado, durante os tempos perturbados de 1823, e 1835.

Em 1854, durante a presidência do distinto e talentoso Dr. Sebastião do Rego Barros, que já fôra Ministro da Guerra o local para um novo Jardim Botanico, foi escolhido, longe da cidade, com dimensões maiores. O governador mandou buscar, da Europa, cinco ou seis habéis jardineiros profissionais, que desenharam um belo plano para as

novas instalações, que sem duvida estarão em breve terminadas.

Fóra do atual recinto da cidade, pode o visitante mergulhar numa densa floresta, e tornar-se inteiramente alheio a qualquer indicação de habitação humana proxima.

A frescura dessa sombra silenciosa é sempre convidativa, porem o estrangeiro deve evitar perder o seu caminho, e está sujeito, com isso, a muitos aborrecimentos e dificuldades. Contavam-se antigamente muitas historias, sobre pessoas que ficaram desnorteadas, na espessura dessas florestas e embora a pequena distancia da cidade, não puderam depois encontrar o caminho de volta. Varias pessoas, dizem, morreram dessa forma.

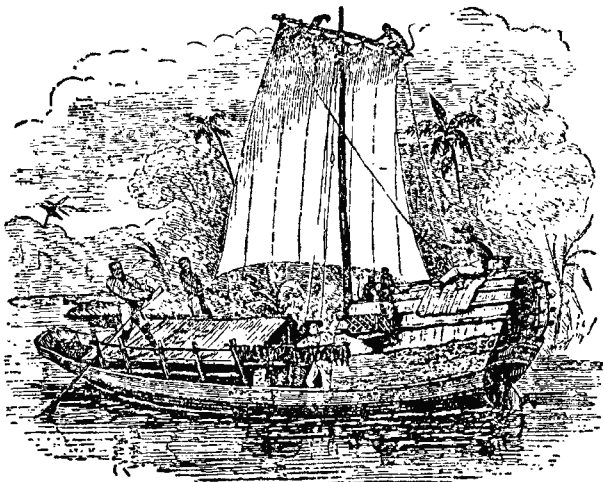
Todos os importantes postos na cidade estão regularmente guardados e quem quer se aproxime, depois das oito horas da noite, é saudado com um aspero chamado: — “*Quem vai lá?*” A resposta apropriada é: — “*Amigo*” que muitos pronunciam de vagar. Segue-se a isso, a condescendente permissão: — Um “*Passe largo!*” — é geralmente retrucado pelo soldado, e a pessoa vai-se embora.

O meu colega Dr. Kider, descrevendo a sua estada no Pará, assim escreve:

“Como a minha moradia estava em frente ao *trem*, ou Arsenal de Guerra, os meus ouvidos se tornaram familiarizados com essas exclamações que se ouvem vociferar durante toda a noite. Não sómente estas, mas o penetrante grito, “*Às armas!*” que ressoa a toda hora, quando a guarda é substituida, e o toque de uma corneta, em intervalos frequentes, como, por exemplo, durante as Ave-Marias, hora em que todos os soldados tiram o seu boné em honra da Virgem, formam não pequenos aborrecimentos, finalmente, durante as horas destinadas ao repouso. Outro costume peculiar do Pará, é o toque dos sinos, e a descarga de foguetes, muito cedo pela manhã. Às vezes ouvi-as às quatro da madrugada, e mais frequentemente ás cinco”. (Em 1862, J. C. F. morou nesse mesmo quarto).

As "canôas".

Poucas coisas atraem mais a atenção, no Pará, aos olhos do estrangeiro, que as belas embarcações do rio. Embarcações de todos os tamanhos, desde a chalupa até a catraia, são aí chamadas *canoas*. Entretanto, poucas canoas



Canôa do Amazonas

de fato são usadas. *A montaria* vista e descrita no Maranhão é muito comum nesse porto.

As grandes canoas, destinadas a fazer fretes, no rio, parecem construídas para outro qualquer fim menos o de navegar sobre água. Tanto a popa como a proa são quadradas. As torres se erguem acima das águas, como as de um junco chinês. Por cima do passadiço constroem uma especie de toldo, arredondado, geralmente feito de hastes de palmeira, para proteger o viajante contra o sol, de dia, e contra o sereno, de noite; e, pode-se também acrescentar, contra a lua, porque os paraenses são muito supersticiosos

no que diz respeito com os prateados raios lunares. Às vezes, um toldo semelhante a este é construído, por cima dos arcos, dando alguma homogeneidade aos aspeto da embarcação. Esse dispositivo torna necessario a existencia de um portaló, em que se possa executar os trabalhos de navegação. O timoneiro, geralmente, fica encarapitado no teto do toldo de traz. Uma idéia que constantemente me perturbava o espirito, era como podiam essas canoas, assim tão altas e pesadas, na parte superior, conseguir flutuar quando expostas a uma rajada de vento. Julga-se porem, que assim construídas, elas possam corresponder muito melhor à sua finalidade de flutuar durante a enchente. Alem disso, uma vantagem especial do toldo é fornecer local apropriado para se suspender as rêdes, e assim permitir que os canoeiros não tenham o trabalho de ir á margem para suspende-las nas arvores. O Sr. Mawe diz que, quando descia o Amazonas, encontrou um homem, que tinha ancorado a sua canoa, para estender a sua cama nos ramos de arvore por cima da agua, e fazer uma soneca!

As ruas, que correm paralelas ao rio e se ligam aos varios desembarcadouros em que se passam todos os principais aspetos do comercio, em certas horas do dia, apresentam um aspeto encantador.

Produtos do Pará.

Varios objetos e costumes, que se podem observar no Pará, são peculiares ao lugar. Num bairro da cidade, onde os animais são mortos para o mercado, veem-se numerosos abutres, pousados nas arvores, ou volteando preguiçosamente pelo ar. Ao longo da margem do rio, tanto de manhã como de tarde, vêem-se muitas pessoas tomando banho. Nenhuma cerimonia se observa, nestas abluções, realmente necessarias, e sem duvida muito agradaveis. Homens, mulheres e crianças — pertencentes já se vê às classes inferiores — podem ser vistos por essa ocasião, boiando, mergulhando e nadando em diferente direções.

Ha, geralmente, muitas "canoas" aglomeradas, em volta da Ponta da Pedra, a principal praça de desembarque. Essas, juntamente com uma multidão de índios apressados de lá para cá, falando os dialetos misturados do Amazonas, são característicos do Pará. Aqui, se podem ver carregações de castanhas do Pará, cacau, baunilha, abacaxis, salsaparilha, canela, tapioca, balsamo de copaiba em potes, peixes secos em pacotes, e cestas de frutas, de infinita variedade, tanto maduras como verdes. Ha também, aí, papagaios, araras, e outras aves, de brilhante plumagem, e, às vezes, macacos e serpentes, juntamente com sapatos de borracha, que são geralmente levados ao mercado suspensos em longas varas para evitar o contato de uns com os outros. Esses sapatos antigamente chegavam em imensas quantidades; mas, atualmente, a borracha é principalmente trazida ao mercado sobre a forma de pequenas placas.

A produção indígena da provincia do Pará, existe em abundancia, e possui grande valor. Mesmo aquelas pessoas que conseguem apenas recolher o que fornece a natureza tão generosamente, aqui não podem deixar de enriquecer. Si se acrescentar a esse grau de industria, um cultivo empreendedor, não ha limites, na riqueza vegetal que possam ser esgotados nos reservatórios da natureza.

Arroz, algodão, açúcar e peles, exportam-se em menor quantidade e são produzidos pelos métodos comuns. O commercio de goma elastica, cacau, salsaparilha, cravos da Índia, urucú, castanhas do Pará, é mais peculiar desta região.

A borracha.

O uso da borracha, goma elástica, (ou cauchú), foi aprendido dos índios Omagus. Esses selvagens usavam-na sob a forma de garrafas e seringas (daí o nome "Seringueira" dado á árvore.) Era seu costume oferecer uma dessas garrafas ao seus hospedes, no inicio das festas.

Os colonizadores portugueses, no Pará, foram os primeiros que souberam aproveitar a goma elastica para outros usos, convertendo-a em sapatos, botas, chapéus e ornamentos. Acharam-na particularmente util para um país tão exposto às chuvas e enchentes, como o Amazonas. Mas finalmente os progressos da sua manufatura estenderam grandemente o seu uso, e tornaram a borracha essencial ao bem estar e ao conforto de todo o mundo civilizado. O nome indígena dessa substancia era *cauchú*, que os ingleses representam, aproximadamente, com a palavra "caoutchouc". No Pará, chamam-na geralmente *seringa* e, algumas vezes *borracha*. É o produto da "Siphilla elastica", arvore que cresce até uma altura de 80 e ás vezes 100 pés. Geralmente eleva-se verticalmente até uma altura de 40 ou 50 pés, sem galhos. O seu cimo é espalhado e ornamentado com uma folhagem espessa e vistosa. A mais leve incisão produz a exsudação da goma, tendo a principio a apparencia de um crême amarelo e espesso.

As arvores são geralmente perfuradas de manhã, recolhendo-se aproximadamente um "gill" (oitavo de litro), de cada incisão, no intervalo de um dia. A goma é apanhada em pequenas vasilhas de barro, moldadas á mão para esse fim. Elas são esvaziadas, de sua goma em um jarro. Tão depressa a goma é recolhida, ela é preparada para uso immediato. Fôrmas de varias especies, representando sapatos, garrafas, brinquedos, etc... e estão a disposição do fabricante, todas elas feitas de barro.

"Sapatos do Pará".

Quando os rusticos sapatos do Pará são manufacturados, é uma medida de economia dispôr de fôrmas de madeiras. Essas são, no começo, revestidas de argila, para mais facilmente poderem ser retiradas. Às vezes, para conveniencia da operação, é-lhes fixado um cabo.

O fluido é derramado na fôrma, e uma delgada capa immediatamente adere á argila. A operação seguinte consis-

te em expôr a goma à ação da fumaça. A substancia queimada para esse fim é o fruto da palmeira "vassou". Essa fumaça serve para o duplo proposito de secar a goma e dar-lhe uma côr escura. Quando uma camada está suficientemente endurecida, acrescenta-se outra, e defuma-se de novo. Assim podem-se produzir placas de qualquer espessura. É raro que um sapato receba mais de doze capas. O trabalho, quando terminado, é exposto ao sol. Durante um dia ou dois, o sapato fica macio suficientemente para receber impressões permanentes, recebendo então, os sapatos, desenhos de acôrdo com a imaginação do operador, que usa um estilete ou uma ponta. Conservam sua côr amarelada, ainda algum tempo depois que se fizeram os ultimos desenhos, e são dados como prontos para irem ao mercado. Realmente, são usualmente vendidos, quando a goma elástica ainda está tão fresca que os sapatos precisam ser guardados, uns separados dos outros: por isso, vêm-se pares de sapatos geralmente amarrados e suspensos em longas varas. Podem ser vistos diariamente no Pará suspensos sobre os passadiços das canoas, que descem o rio, e nos ombros dos homens que os levam para o mercado. Quem compra os sapatos para exportação, geralmente os cobre com graxa seca, para conservar as dimensões. Varias pessoas que moram nos suburbios do Pará recolhem goma elastica, e fabricam objetos com ela, em pequena escala; é porem, das florestas da região circundante, onde os habitantes quasi que só se dedicam a esta tarefa, que o mercado é principalmente suprido.

A goma pode ser recolhida durante todo o ano; mas é mais facilmente recolhida e mais facilmente trabalhavel durante a estação seca. Os meses de Maio, Junho, Julho e Agosto, são principalmente apropriados ao seu preparo. Alem de grande quantidade dessa substancia, que o Pará exporta sobre outras formas, têm sido exportados, de alguns anos para cá, cerca de 300.000 pares de sapatos de borracha, anualmente. Ha, contudo, algumas variantes na forma de sua exportação; ha poucos anos passados, um americano,

residente no Brasil, tirou uma patente, garantindo uma invenção para exportar borracha sob a forma líquida. A região Amazonica satisfaz atualmente, e provavelmente ainda por muito tempo, em grande escala, a atual e rapidamente crescente procura dessa substancia.

Varias outras arvores, a maioria delas pertencentes à tribu das "Euphorbiaceae", produzem uma goma semelhante, porem nenhuma delas é capaz de competir com a arvore da borracha do Pará.

Certas arvores, que não são raras na provincia, denominadas *maçaranduba*, produzem uma secreção diferente, tão parecida com o leite que é muito estimada como alimento. Forma, quando coagulada, uma especie de placa de gesso, a que se dá muito valor. Essas árvores produzem o liquido em grande profusão. Os seus caracteres botanicos, nunca foram propriamente pesquisados. Diz-se que a resina da arvore da borracha é tambem, às vezes, usada como leite, e que os negros e os índios que trabalham no seu preparo, gostam muito de bebe-la; entretanto, uma joven senhora que a foi beber no Pará, morreu dos efeitos da coagulação da goma em seu estomago.

O anato, ou urucú, é um outro produto valioso do Pará. E' uma materia corante, de côr alaranjada, muito conhecida, produto da árvore denominada pelos botanicos "Bixa orellana"; essas arvores crescem comumente até cerca do tamanho de uma romanzeira e, produz frutos vermelhos e flores brancas. A sua matéria corante era muito usada pelos indigenas na epoca da descoberta; com ela, fabricavam varias especies de pinturas, e compraziavam-se em besuntar toda a superficie do corpo com essa matéria corante.

A preparação usada no comércio é a polpa oleosa da semente, que é raspada, e deixada fermentar. Depois da fermentação, é enrolada em tabletes, pezando de duas a três libras, sendo exportada sob essa forma.

O cacau, a substancia com que se prepara o chocolate, é um produto comum e precioso do Pará. E' feito com as sementes da *Theobroma cacao*.

Seria tão interessante quanto infindavel tentar investigar a botanica do Amazonas; ainda não foram colhidos os louros nesse campo da ciencia; e não é elogiar os botanicos americanos, dizer que eles não se entregaram ainda a semelhantes estudos. Ouvi falar que Burchell residiu por algum tempo no Pará; mas receio, que, durante essa estada aí, a sua idade avançada não o tenha deixado estar á altura da sua propria reputação ou dos interminaveis dominios naturais que se abriam diante dele.

O Rio Amazonas — Wallace.

A mais completa exploração do Rio Amazonas foi feita por um inglês Alfredo R. Wallace, (*89) cujas atenções foram dirigida para o Norte do Brasil pelo pequenino livro de Edward "A Voyage up the Amazonas". (*90) Com o entusiasmo que todos reconhecem num naturalista, ele penetrou nesses quasi inexplorados domínios, em 1848, e, depois de se dedicar ao estudo dos assuntos estranhos e belos que abundam nas mais remotas regiões do interior, em 1852, ele dedicou a sua vida perambulante e romantica aos quasi desconhecidos indigenas dessa região, e voltou á Inglaterra carregado dos mais ricos despojos da Flora. Mas, infelizmente, o incendio do navio em que viajava de volta, não somente causou a perda de todas as suas coleções como tambem, durante muitos dias, expôs a sua vida num bote abandonado na imensidão do Atlantico. Não obstante essa grande perda de material, que todo naturalista e viajante pode avaliar, ele preparou sobre o Norte do Brasil os dois mais interessantes volumes que se conhecem. Não se dedicou ao estudo do governo e do povo, porem ao dos índios, das florestas, das flores, das aves, e dos animais ferozes do Amazonas. Quem desejar ler um livro cheio de novidade e fi-

delidade sobre a natureza, pode voltar-se com segurança para Wallace e ler a sua obra "Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro." Livro profundamente interessante para a generalidade dos leitores, ou então, "Palms of the Amazon" pequeno volume, que o naturalista contará entre os seus melhores tesouros.

As águas do grande rio são apenas um pouco menos fecundas que o solo de suas margens. Inúmeras espécies de peixes e anfíbios aí abundam. Varias espécies de grandes peixes são salgadas e secas para o consumo, mas o comércio desse artigo alimentício não passa além do litoral. Devido à forma de preparação ou à má qualidade do peixe, os estrangeiros não lhe dão valor. Os mais notáveis habitantes dessas águas são as *vacas marinhas*, comumente chamadas pelos portugueses "*Peixe boi*". Esse nome foi evidentemente dado pelo tamanho do animal, mais do que pela sua semelhança com um boi, a não ser por se tratar de um mamífero.

"Peixe-Boi".

A vaca marinha não pode ser propriamente chamada um anfíbio, pois nunca deixa as águas. Alimenta-se principalmente de uma planta aquática "Cana Brava", que flutua à beira d'água. Levanta muitas vezes a sua cabeça acima das águas, tanto para respirar como para se alimentar dessas plantas. E' nesses momentos que é atacada e capturada. Tem apenas duas barbatanas, pequenas e situadas perto da cabeça. As mamas da fêmea ficam por baixo dessas barbatanas. E' conhecido como o mais volumoso mamífero que habita a água doce; porem, apesar de suas colossais dimensões, medindo, segundo varias opiniões, de 8 a 17 pés de comprimento e 2 a 3 pés de largura, no seu maior diâmetro, seus olhos são extremamente pequenos, e os orifícios de suas arelhas maiores apenas que uma cabeça de alfinete. A sua pele é muito espessa e dura, não sendo facilmente furada por bala de mosquete. Os índios costumam

utiliza-la em seus escudos, para se defenderem na guerra. Sua gordura e sua carne foram sempre muito estimadas; substitue esta a carne de vaca para os índios. Não havendo sal para conserva-la, usam a carne defumada.

As águas do Amazonas, desde a sua nascente nos Andes, são habitadas por varias especies de cetacos, de que temos muito poucas informações. O Sr. Nesbitt, — que foi engenheiro em chefe dos vapores do governo peruano, construidos em Nova York — e que navegam no Amazonas, tendo vivido muitos anos nos dominios do “Rei das Aguas” e seus afluentes, bondosamente me forneceu varias informações a respeito da fauna dessa região.

Ha milhares de porcos marinhos, no Amazonas e seus afluentes, e até no sopé dos Andes. Tenho visto, com effeito os maiores cardumes desses animais, em Hallaga, como vi no rio Hudson, apresentando enormes dimensões. Abundam grandemente, nos rios e nos lagos, peixes de toda especie.

Nas quedas do rio Madeira, o viajante estaca e contempla com admiração a vasta multidão de seres de toda especie e tamanho, desde o gigantesco peixe-boi, até à pequena sardinha, lutando com energia e decisão para subir a corrente espumante, sem a menor esperanza de successo. Alguns desses monstros tomam banho em bandos, com representantes de especies pequenas congêneres, quando subitamente aparece unia cardume de todas as variedades e tamanhos de peixes, saltando no ar, e tentando evitar os seus perigosos perseguidores. Quem deseja pescar, basta apenas tomar do remo, e bater com ele para a direita e para a esquerda, pois certamente atingirá algum; não ha meio de enganar-se. Aqui se encontram sempre muitos índios pescando, salgando e secando peixe. O peixe-boi é excelente para alimentação; pode logo ser levado à mesa, partido em postas, ou inteiro, como a melhor virtualha: realmente, podia substituir qualquer outro alimento, e é igual à melhor das carnes secas, pelo custo, segundo a opinião de muitos.

Tartarugas.

Em relação a esse assunto, podia-se mencionar as tartarugas do Amazonas; são encontradas aos milhares em quasi todos os afluentes do grande rio, especialmente no Madeira, Purús, Napo, Ucaiali e Huallayga. Na estação em que põem os ovos nas praias das margens, os vapores podem perfeitamente pesca-las batendo com as rodas sobre as suas carcassas espessas, nas proprias praias arenosas em que vivem; para isso, segundo afirmam os naturais da região, a tartaruga não deposita seus ovos senão no local em que sabe poder esconde-los. Põem de 80 a 120 ovos por ano. Disso estou seguro por informações de pessoas que praticaram posturas artificiais, e tiveram ovos, o ano inteiro, para a sua alimentação. Setembro e Outubro são os meses de postura dos ovos da tartaruga.

Manteiga de tartaruga.

O Dr. Kidder escreve: "A manteiga de tartaruga do Amazonas é uma substancia inteiramente peculiar a essa região do globo. Em certas estações do ano, as tartarugas aparecem aos milhares nas barrancas dos rios, afim de depositarem os seus ovos na areia. O ruido de suas cascas umas contra as outras, é ouvido à longa distancia, segundo afirmam alguns. Esse trabalho começa na vazante e termina na enchente seguinte, quando elas se retiram d'água.

Durante o dia, os habitantes recolhem esses ovos e os empilham como balas de canhão vistas no passadiço dos navios. Esses ovos têm, às vezes, vintè pés de diâmetro, e uma altura correspondente; quando ainda frescos, são levados por canoas de madeira, ou por grandes embarcações, quebrados a pau e esmagados com os pés. Joga-se, então, agua em cima deles, e tudo é exposto aos raios do sol. O calor traz a substancia gordurosa dos ovos para a superficie

e é então recolhida em cuias e conchas. Depois disso a gordura é sujeita a um calor moderado, até que fique pronta para ser usada. Quando clarificada, tem o aspeto de manteiga derretida. Conserva sempre o gosto de óleo de peixe, mas é muito estimada como condimento pelos índios e por aqueles que se habituaram a usa-la. E' mandada ao mercado em vasilhas de barro. Outrora, avaliava-se que cerca de 250.000.000 de ovos de tartaruga eram anualmente destruidos para a preparação dessa manteiga. Recentemente, o numero é menor, devido à destruição gradativa feita contra a raça das tartarugas pelo avançar da civilização."

O governo agora, porem, regulamenta a pesca dos ovos de tartaruga, afim de que a sua quantidade não diminua tão rapidamente. Ha grandes praias que fornecem cerca de 2.000 potes de óleo anualmente: — cada pote contem cinco galões, e exige cerca de 2.500 ovos, o que perfaz 5.000.000 de ovos destruidos em cada localidade.

Na verdade, é de admirar como as tartarugas possam chegar à maturidade. Quando saem dos ovos, e põem-se a caminhar nágua, muitos são os inimigos que estão espreitando. Enormes crocodilos engolem-nas às centenas, os jaguares (62) delas se alimentam, as águias, os gaviões e os grandes "Ibis" da floresta são seus devoradores. E quando escapam desses inimigos terrestres, muitos são os peixes carnívoros que estão prontos para agarra-las na propria corrente do rio. São as tartarugas, no entanto, tão prolíferas.

(62) O jaguar, dizem os indígenas, é o mais esperto dos animais das florestas; pode imitar as vozes de quasi todas as aves e outros animais tão exatamente que os atrai para junto dele; pesca nos rios, sacudindo a água com a sua cauda para imitar um fruto caindo, e, quando o peixe se aproxima, apanha-o formando um anzol com as suas garras. Agarra e come tartarugas, e eu mesmo tenho encontrado as cascas partidas desse animal, que o jaguar, com as suas patas, limpou completamente. Ataca o pei-boi em seu próprio elemento, e uma testemunha ocular me assegurou que ele havia atraído um desses animais para fora d'água, mugindo como uma vaca. Wallace.

que ainda sobram para o seu mais fatal inimigo, que é o homem, que visivelmente tudo faz para diminuir o numero delas.

Os indios apanham a tartaruga adulta num cesto, ou aprisionam-na com uma vara, ou, então, atiram nela com a flecha. Este último é um processo engenhosissimo que exige mais habilidade do que atirar num pássaro voando. A tartaruga nunca mostra acima d'água a sua parte posterior, porem, subindo para respirar, as suas narinas apenas ficam fora da superficie da agua; tão rapido, porem, é esse gesto, que sómente os indios habilidosos o podem perceber. A seta, arremessada obliquamente, pode, entretanto, alcançar a parte mais macia do casco; porisso, os indios apontam para o ar, parecendo que atiram a seta por acaso, mas, no entanto, enviam o seu projétil com tão maravilhosa pericia, que a flecha descreve uma parabola, e cai quasi que verticalmente sobre a parte trazeira da tartaruga. (Wallace). A extremidade da seta está frouxamente amarrada à embarcação, por uma longa corda cuidadosamente enrolada na madeira do arco, de modo que, quando a tartaruga mergulha, a ponta da seta desce, a corda se entesa e a leve embarcação forma um corpo flutuante que boia sobre as aguas, que o indio sustenta e, com a corda puxa a presa para a sua canôa. Quasi todas as tartarugas, que se vendem no mercado, são pescadas por esse sistema, e o pequeno orificio quadrado e vertical, feito pela ponta da flecha, pode ser visto geralmente no casco. Nesse assunto ainda, pode-se mencionar, a arte de flechar de alguns indios civilizados em varias regiões do Imperio. Encurvam com as pernas um arco de grandes dimensões e potencia e, desse modo, são capazes de caçar a grandes distancias.

Aves e insetos do Amazonas.

As aves do Amazonas são mais brilhantes sempre do que as aves de qualquer outra parte do mundo. Algu-

mas delas, como o galo dansarino dos rochedos, e a curiosa e pouca conhecida ave denominada "Chapéu de sol" são muito difíceis de obter; podemos apenas mencionar esta última. É uma ave singular, aproximadamente do tamanho de um corvo, com semelhante coloração preta; mas as suas penas têm um colorido mais variado, ornadas com diferentes tons de azul brilhante. Na sua cabeça leva uma crista, diferente da de todas as outras aves; essa crista é formada de penas, de mais de duas polegadas de comprimento, formando um tubo muito espesso e com plúmulas que se curvam nos bordos; esse penacho é guardado por trás da cabeça de modo a tornar-se dificilmente visível, ou então levantado e jogado de todos os lados, formando, como já foi descrito, uma "aboboda semi-esférica, ou antes semi-elipsoidal", que cobre toda a cabeça, chegando mesmo a ultrapassar a ponta do bico."

Habita as ilhas alagadas dos rios Negros e Solimões, nunca aparecendo em terra firme. Alimenta-se de frutos, e solta um grito alto e aspero, como de algum instrumento musical, donde deriva o seu nome indígena "ueraminbé" ou "ave trombeta".

O que se pode dizer das tribus incontáveis de insetos que pululam nas florestas Amazonicas. O meu primeiro conhecimento com essas ricas gemas vivas do Brasil, foi feito, na retirada residencia do Sr. G. na linda Laranjeiras no Rio de Janeiro, e, depois, em varias localidades do Imperio. Nunca cessei de admirar esses inumeros e brilhantes representantes dos lepidopteros, coleopteros, neliconidios, etc.... etc.... Exigiriam volumes para serem descritos. Nas vizinhanças do Pará ha uma vasta oportunidade para o seu estudo.

Visita a um moinho de arroz.

O Dr. Kidder visitou os moinhos de arroz americanos, situados a 20 milhas de distancia da cidade, e assim descreveu a sua excursão:

Excursão pela floresta.

A nossa estrada nos conduz a uma floresta escura e fechada, de espessura e grandeza tais como nunca penetrei em outra, e de que apenas fazia uma fraca idéia. Apesar disso, essa estrada é uma das mais frequentadas pelas pessoas que vão e vêm da cidade, sendo porem carroçavel sómente até um pequeno trecho. De fato, os galhos das arvores não raramente interrompem a passagem dos cavaleiros. Tem-se que mandar na frente um negro, para periodicamente limpar a facção as folhagens e os galhos que crescem, afim de que não fiquem crescidos demais, e assim conservar a estrada aberta e convidativa. Não obstante o calor do sol, ao meio dia, nessas zonas, e o perigo de muito nos expormos aos seus raios, o frescor agradável sempre domina nesses refugios da floresta amazônica, cuja abobada, elevada e sombria, é quasi impenetravel. O brilho do sol é atenuado pelos inumeros reflexos sobre a superficie lustrosa das folhas.

A maioria das arvores é notavelmente vertical, e de grande altura algumas delas; são ornadas de alto a baixo, de esplêndidas flores e lindas parasitas, enquanto que o tronco e os galhos são quasi todos entrelaçados de inúmeras lianas e trepadeiras.

Essas plantas formam um aspeto singular nas mais fer-teis regiões do Brasil. Mas, nas margens do Amazonas, é que elas se mostram com o maximo de seu vigor e fecundidade. Enroscam-se em volta das árvores, trepando nelas até o alto, depois crescem para baixo até o solo, e, constituindo raizes, sobem de novo e cruzam-se de galho em galho e de arvore em arvore, onde quer que o vento lance as suas pontas recurvadas, até que toda floresta se encha de suas guirlandas pendentes. Essas cordas vegetais apresentam-se algumas vezes tão estreitamente entrelaçadas, que dão a aparência de uma rêde, que nem as aves nem os animais podem

facilmente romper. Alguns galhos são da grossura do braço de um homem; são redondos ou quadrados, e, às vezes, triangulares ou mesmo pentagonares.

Crescem em forma de nós ou em espiras, ou, para ser mais verdadeiro, acompanhando todas as possíveis contorções em que se possam dobrar. Partirlos é impossível. Algumas vezes, matam a arvore que os suporta, e, outras vezes, ficam pendentes, de pé, como uma coluna torsa, depois de terem estrangulado o tronco, esmagando-o, dentro de suas dobras. Os macacos gostam de dar suas cambalhotas, nessas rêdes primitivas, mas atualmente rareiam muito nas vizinhanças do Pará. Uma vez ou outra seus guinchos são ouvidos á distancia, de mistura com o estridente pio das aves; mas, em geral, domina um profundo silencio aumentando a grandiosa majestade natural dessas florestas.

.....

Em nossas viagens para Maguari, fiquei surpreendido por ver terras, que, dez ou doze anos antes, estavam plantadas com cana de açúcar, e que, presentemente, se achavam cobertas por árvores de grandes dimensões. Apenas, poucos acres, imediatamente em volta do engenho, ficaram livres dessa pujança da vegetação.

Nesse ponto fôra localizado o primeiro moinho para beneficiar arroz que se construiu nos arredores do Pará. — Foi construido por uma empresa norte-americana. Existia no local pequena força dagua, porem, depois que o moinho foi construido verificou-se que essa força não era sufficiente na estação seca; importou-se, por conseguinte, dos Estados Unidos uma maquina a vapor de 16 cavalos, que vem prestando bons serviços. A maquina a vapor é posta a funcionar continuamente, e, nas estações apropriadas, tambem entra em cena a força d'agua. E ambas são suficientes para a soma de trabalhos que lhes é exigida. Mecânicos americanos estão empregados nesse estabelecimento, que, pe-

queno como é, sofre vantajosa comparação com qualquer oficina mecânica da provincia. Um canal liga o engenho ao rio principal, fornecendo condução barata para as cargas que vêm e vão para a cidade.

O Bispo do Pará e o Dr. Kidder.

O meu colega Dr. Kidder teve tambem alguma experiencia do Pará, é verdade que não tão agradavel como a que teve atravessando as florestas do Amazonas.

“Logo depois da minha chegada, em companhia do consul norte americano, visitei o sr. Franco, Presidente da provincia, para quem levava uma carta de recomendação. Esse senhor tinha sido, em outros tempos, empregado de uma firma comercial inglesa no Pará, tendo sido depois educado como pensionista da Provincia, da qual se tornou o primeiro magistrado. Recebeu-nos com grande cortezia, e, em pessoa, fez-nos percorrer o seu palacio. Achei esse edificio um dos mais belos do gênero, no Brasil. Foi construido, bem como a catedral e algumas das igrejas, na epoca em que o talentoso Marquês do Pombal, porem, ambicioso primeiro ministro de Portugal, acariciava a idéia de transferir o trono de Portugal e todos os seus dominios, das margens do Tejo para as margens do Amazonas. Tal circumstancia explica as amplas e magnificas proporções dessas construções numa cidade de pequena extensão.

Na hora oportuna visitei o juiz de Direito, primeiro official da Policia, para exhibir meus passaportes e obter uma licença de residência na muito leal e heroica cidade do Pará, e na provincia de que ela é a capital. Não encontrei embaraços no meu caminho, nem demoras. Obtive a licença pedida, e guardei-a até poder obter um novo passaporte no dia da minha partida. Entretanto, aconteceu que, durante algum tempo, esteve ameaçada a minha tranquila estada na cidade do Pará. O velho bispo do Pará, parece ter recebido contagio do alarima do seu colega no Maranhão, e ambos os

prelados, indo além do que o sereno julgamento lhes teria permitido pensar a respeito de certas informações infundadas e maliciosas, que lhes chegaram de alguma parte, escreveram ao Sr. Franco, sobre a minha pessoa, dizendo-lhe que eu era um indivíduo muito perigoso, que não devia ter permissão para desembarcar na província. O presidente, provavelmente, ficou satisfeito a este respeito com a visita que lhe fiz; e embora deva muito da sua posição política aos seus padrinhos eclesiásticos, conseguiu, mesmo assim, acalmar suas apreensões com uma carta curta e formal do consul americano. Ninguém mais interferiu comigo, ou com qualquer dos meus propositos."

A diocese do Pará certamente ficou muito mais apreensiva com a Bíblia como podemos avalia-lo pela pastoral publicada no "Diário do Comércio" (8 de Abril de 1857), de autoria de D. José Afonso de Moraes Torres, "pela graça de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo do Grão Pará". O bom do bispo parece ter ficado terrivelmente excitado diante daquilo que ele denomina "uma sociedade bíblica ultimamente criada com o nome de Aliança Cristã". Afirmou, na pastoral que os seus emissários fazem circular livros, entre os quais — um catecismo — que ele havia lido, e em que havia encontrado "uma doutrina inteiramente oposta ao credo da Igreja de Jesus Cristo." O que principalmente atçou a sua ira, foi ensinar o pequeno livro como sendo idolatria a adoração de imagens. Insistiu depois que semelhante culto está inteiramente certo, apenas a operação interna do espírito não é exatamente a mesma quando se adoram imagens e quando se adora Deus. Não apenas lançou suas invetivas contra o pequeno livro e os heréticos, como também pretendeu provar pelas Escrituras, que os homens podem estar prestando serviços a Deus pela adoração de suas criaturas. Acrescenta ele, com visível enfase, que Abraão adorou os anjos, e adorou também os filhos de Heth (!). (Genesis, XXIII, 7).

A verdadeira razão, pela qual ele se ofendeu com o pequeno catecismo, é que o mesmo continha os dez mandamentos não mutilados. Tenho em mãos os dez mandamentos como vêm impressos em todos os livros de ensino religioso adotados em Portugal e em alguns pontos do Brasil: aí se vê que o segundo mandamento foi omitido; e, para completar o decálogo, o decimo mandamento ficou assim dividido: — “Não cobiçarás a casa do teu visinho,” figura como nono, e, “Não cobiçarás a mulher do teu proximo, etc.... etc...., nem qualquer coisa que seja de teu visinho.” — figura como o décimo.

A situação da religião do Pará não é absolutamente lisonjeira, e o coração está longe de ser alcançado pelas formas vazias e as pomposas vistosas, tanto no Amazonas como no Tibre ou no Danubio. A grande festa anual de Nazaré atrai sempre, da cidade, uma imensa multidão, que não comparece para se edificar na religião, mas por causa dos nove dias de festas, dansas, fogos de artifício e folguedos populares.

Parece desnecessario um comentario geral a respeito do carater e das tendencias de tais festividades tão absorventes de toda uma comunidade, e de tão longa duração. Si não tivessem finalidades religiosas, seriam mais excusaveis; mas um povo ser levado a pensar que se pode misturar o serviço de Deus com tais divertimentos e loucuras, é um fato tristemente lamentavel (63).

(63) Nota de 1866: — A cidade do Pará voltou ao seu estado anterior, a sua população sendo agora tão grande, si não maior como o era antes dos desastrosos dias de 1835-38. Em 1862, o segundo autor desta obra poude ainda ver alguns poucos vestígios da rebelião nas fachadas de alguns prédios, e, embora os habitantes mais antigos tenham inapagaveis recordações da revolta e das suas cenas sangrentas, a grande maioria da população cresceu sem essas tristes recordações. Muitos melhoramentos se deram. Um dos mais importantes no ponto de vista material foi o realizado pelo Sr. Pimenta Bueno, gerente da “Amazonian Navigation Company”. As

firmas James Bishop & C. (J. C. Bond), H. K. Corning & C. (Sr. Moran) e Burdett & Everett (Sr. Pond), são as ativos representantes dos interesses norte-americanos no Pará. O presidente Brusque, que presidiu a Província do Pará, em 1861, 62 e 63, tomou grande interesse em publicar os produtos naturais da província, e seus "Relatórios" estão repletos de valiosas informações. O mais recente e fiel dos livros ingleses sobre o Amazonas é o "Naturalist on the Amazon", por Henry Bates, Esq., Londres, 1863. É uma obra das mais encantadoras e valiosas. O Sr. Bates viveu cerca de 10 anos nessas regiões equatoriais ainda por conhecer, e deu ao mundo muitos fatos importantes relacionados com o grande vale, além das informações que dizem respeito com a sua história natural. Apenas um defeito para muitos é o que se pode ver em suas opiniões "darwinianas"; porém essas são enunciadas tão modestamente, e suas investigações são tão melhores que a sua teoria que o leitor fica tão sómente interessado pelo grande tema do livro o "Rei das Águas".

NOTAS DO TRADUTOR

(* 89) Sobre Wallace, ver nota n.º 75.

(* 90) Sobre Edwards, ver nota n.º 76.

CAPÍTULO XXVII

O Amazonas — Sua descoberta.

O Amazonas, (ou alto Amazonas), é a mais septentrional das provincias do Brasil. O meu colega Dr. Kidder escreveu o seguinte a respeito da historia dessa vasta e quasi desconhecida divisão do Imperio:

Nenhuma parte do globo desperta maior grau de interesse físico. A sua posição central, sob o equador, sua vasta extensão, seus ilimitados recursos, seus rios enormes e o romanticismo que ainda está ligado ao seu nome e à sua historia, tudo isso lhe é peculiar. Trezentos anos já são decorridos, depois da descoberta dessa região; mas, até o presente, dois terços dela continuam incivilizados e quasi inexplorados.

Efetivamente, poucas pessoas, exceto os índios e os caçadores de escravos, que outrora os perseguiram, não penetrado nessas remotas paragens ou contemplado qualquer parte dela excepto as margens dos rios navegaveis. As circunstâncias das suas descobertas devem ser sempre consideradas como verdadeiramente notaveis. Foi proximamente nos meados do século XVI que a fabula do El-Dorado encheu o espírito público da Europa. A existencia de um Novo-Mundo foi, então, plenamente demonstrada, e a ambição de seus desconhecidos tesouros se espalhou das Côrtes até os Campos, dos príncipes até os mendigos, até que toda a massa da sociedade fosse por ela fermentada. A avareza, personificada no garbo da aventura, transpôs o Oceano. Difficilmente puderam as suas pegadas atingir o litoral do Novo-Mundo, onde ficaram banhadas em sangue. A sua obra de desolação se iniciou nas belas ilhas do mar de Cariba e pro-

duziram o tinir de armas, que ressoaram nas florestas virgens e nas cidades indígenas do continente. Ela escalou as cordilheiras e deixou devastadas as savanas, nas plagas não só do Atlântico como do Pacífico.

No meio da sêde de sangue dos homens cruéis que chefiaram a obra da conquista e da pilhagem, Gonçalo Pizarro, irmão e socio do conquistador do Perú, só foi rivalizado por poucos, si é que o foi. Seus talentos podem ter sido poucos, mas a sua ousadia e a sua crueldade foram das maiores. Em 1541, esse aventureiro saiu da cidade de Quito, à frente de um exercito de 300 soldados e 4.000 indios, que lhe serviam de bestas de carga, afim de descobrir a terra do ouro. Esta ficava num reino imaginario, conforme com as narrações, semi comprehendidas, dos indios perseguidos, exageradas pela mais extravagante fantasia.

“El-Dorado”.

Esse fabuloso reino recebeu seu nome da fama do seu monarca, cujo cognome provinha do fato de usar mais magnificas vestimentas que qualquer outro potentado do mundo e uma armadura diariamente coberta de pó de ouro. O seu corpo era untado, todas as manhãs, com uma rezina custosa e fragrante, à que o pó de ouro adería, quando soprado por um tubo sobre ela. Nesses trajes bárbaros, os espanhoys o denominaram “El-Dorado”. Nenhuma lenda a respeito desse monarca, ou de seu reino, pareceu demasiado extravagante para ser acreditada. O reino era, geralmente, localizado na grande cidade de Manoa, onde não menos de 3.000 obreiros eram empregados na rua dos ourives. As colunas de seu palacio eram descritas como sendo feitas de pórfiro e de alabastro; o trono era de marfim, e de ouro os degraus que até ele conduziam. Outros afirmam que o palacio era construido de uma pedra branca e ornamentado com sois de ouro e luas de prata, e que leões vivos, presos por cadeias de ouro, guardavam a sua entrada. Com sonhos

acordados como esses, enchendo a imaginação dos chefes e soldados, o exercito de Pizarro saiu em busca de suas mais altas ambições.

Continuando a caminhar para o lado do oriente, a partir de Quito, foram obrigados a cortar caminho através das florestas, galgar montanhas, e lutar com as tribus hostís dos indios. Cada tribu que encontravam era por eles interrogada a respeito de "El-Dorado" e quando não lhe podiam dar qualquer informação sobre o mesmo, a tribu era torturada. Alguns desses indios foram mesmo queimados vivos e outros foram despedaçados por animais esfaimados, que os espanhóis levavam comsigo para se alimentar de carne humana.

Os efeitos dessa terrivel crueldade recairam sobre as cabeças dos seus perpretadores, em terrivel vingança: quando a onda deles se aproximava e a noticia de sua aproximação espalhava-se de tribu em tribu, os pobres indigenas aprenderam a alimentar-lhes as esperanças, para que eles proseguissem em seu caminho. Chegavam as chuvas, e passados os meses, enferrujavam as armaduras dos soldados, que não podiam mais encontrar nem arranjar outra proteção. Finalmente, as suas provisões acabaram, e eles começaram a se alimentar dos seus cães. As doenças se multiplicaram, tanto assim que se viram obrigados a construir uma embarcação para carregar os enfermos. Era uma tarefa hercúlea para os soldados, que não possuiam as habilidades necessarias para tal serviço. Antes de terminada a tarefa, tiveram que sacrificar seus cavalos e come-los. Os obstáculos continuavam e cada vez aumentavam, até que, com a morte diante de seus olhos, Pizarro continuou a fazer prisioneiros, acorrentando-os quando pensavam em fugir. Ao pararem, afinal, nas margens do Rio Napo, nada menos de 1.000 peruanos haviam perecido.

Orellana.

O chefe ouvia então falar de um grande rio em que o Napo desaguava e contaram-lhe que o país que circundava a confluencia desses dois rios era fértil e abundante de recursos. Resolveu, portanto, despachar o navio com 50 homens, para buscar alimentos para o resto de seu exercito. Francisco de Orellana, cavalheiro de Trucillo, foi feito comandante da expedição. O rio levou rapidamente a embarcação, aguas abaixo, através de um país deshabitado e deserto. Quando eles haviam descido cerca de 300 milhas, surgiu a questão de saber si deviam abandonar ou não a idea da volta. Si não encontravam alimentos suficientes para si proprios, como poderiam socorrer o exercito? Alem disso, como poderiam subir contra a corrente, fracos como se achavam? Tinham apenas que perecer com o resto de seus companheiros, mas podiam muito bem continuar a sua descida, pelos rios que correm para o Oceano, restando assim alguma probabilidade de se salvarem e tambem immortalizar seus nomes com alguma nova descoberta.

Orellana apresentou esses argumentos com tal plausibilidade que todos concordaram com ele, menos dois; um frade dominicano e um jovem cavalheiro de Badajós que se opuzeram ao plano, como traçoeiro e cruel. Orellana respondeu a essa objeção deixando o cavalheiro às margens do rio, para morrer ou voltar ao novo plano, e daí em diante tomou parte saliente nele. Orellana renunciou ao mandado que recebera de Pizarro, e foi eleito comandante pelos seus homens, de modo que pode fazer descobertas em seu proprio nome, e não como delegado de um outro.

Foi no ultimo dia de Dezembro de 1541 que essa viagem aventureira se iniciou, depois de uma missa dita pelo dominicano. As suas perspectivas eram realmente sombrias. As reservas de provisões estava inteiramente exgotadas e viram-se forçados a cozinhar as solas dos sapatos e os ar-

reios de couro, na esperança de poderem tirar deles algum alimento.

Tornou-se também necessário construir uma embarcação melhor. Terminada esta, com grandes dificuldades e demoras, prosseguiram na viagem. Às vezes, encontravam boa recepção entre os índios, mas, na maioria das vezes, tiveram que lutar para abrir caminho com grandes perdas e iminente perigo de completa destruição.

Lenda das Amazonas.

Foi no mês de Junho que, durante uma batalha com uma tribo hostil, descobriram aquilo que depois descreveram como sendo *amazonas*. Frei Gaspar, o dominicano, afirma que dez ou doze dessas mulheres combatiam à frente da tribo, que estava sujeita à sua autoridade. Descreveu-as como muito altas, de longos membros, de aspeto claro, e cabelos compridos, enrolados e repartidos em volta da cabeça. Como única vestimenta levavam um cinto, mas estavam armadas de arco e flexa. Os homens lutavam desesperadamente, porque, si desertassem, teriam sido condenados à morte por essas mulheres tiranas. Mas, quando os espanhóis mataram sete ou oito das mulheres, os índios fugiram. Essas narrativas foram geralmente acreditadas, como sendo falsidades propositalmente fabricadas para tirar efeito da viagem. A existência, todavia, de uma poderosa tribo de amazonas, nessa região da America do Sul, tem sido o motivo de cuidadosos estudos, dando margem a discussões pelo menos para dois seculos. La Condamine e outros mostraram-se favoráveis à opinião de que existira realmente um povo, assim constituido, do qual alguns remanescentes ainda se conservavam até o tempo de Orellana, logo depois extinguindo-se pela sua mistura com as tribus vizinhas. O historiador espanhol Herrera deu-nos uma detalhada descrição das aventuras de Orellana, baseada nas suas proprias afirmações e endossadas pelo seu veridico cronista, Frei Gaspar.

Essa descrição contém, todavia, poucas informações autênticas. Mas por mais estranho que isso possa parecer, as investigações modernas demonstraram, como veremos adiante, que o verídico frade provavelmente falava a verdade.

No decorrer dos sete meses seguintes, atingiram o Oceano. Após fazerem algumas reparações em suas naus, desceram o grande rio durante o mês de Agosto, e, no dia 11 de Setembro, chegaram à ilha de Cubagoa. Orellana partiu então para a Espanha, a relatar em pessoa as suas descobertas.

A desculpa que ele apresentou de haver desertado de Pizaro foi aceita, e, a seu pedido recebeu garantia de conquista das regiões que havia descoberto. Encontrou pouca dificuldade em levantar fundos e alistar aventureiros para a sua expedição. Essa, entretanto, foi desastrosa: sua frota chegou à América em 1544, mas, no labirinto de canais que se vê na embocadura do rio, foi impossível encontrar a corrente principal. Depois de um ou dois meses de tentativas, sem conseguir subir o rio, ou atingir qualquer importante objetivo, Orellana sucumbiu ao seu infortúnio e, como muitos de seus homens, adoeceu e morreu. Foi o primeiro a descer o estuário do Amazonas, mas dizem que Pizzon foi quem descobriu o poderoso curso d'água no ano de 1500.

Denominações do grande rio.

Southey tinha em grande respeito a sua memória e fez esforço na sua "Historia do Brasil" (*91) para dar o nome de Orellana ao grande rio. Não concordou com *Marañon*, (64) muito parecido com Maranhão, nem com *Amazonas* por se fundar numa ficção, o que lhe pareceu ser

(64) Ambos esses vocábulos têm devidamente uma mesma origem, que é o vocábulo português *mar*, e *não* — não, donde *não o mar*, como poder-se-ia supôr na embocadura de um grande rio.

inconveniente. Em consequencia disso, no seu mapa, e em todas as referências que faz ao grande rio, chama-o de *Orellana*.

Essa opinião do laureado poeta da Inglaterra não é aceita no Brasil. *Amazonas* é o nome que universalmente dão ao grande rio aqueles que navegam em suas aguas e que vivem nas suas margens, sendo atualmente dado tambem a nova provincia cuja capital é a Barra do Rio Negro.

Pará, nome aborígeno desse rio, seria mais apropriado que qualquer outro. Significa "O pai das aguas". O termo "Rio Pará", designa apenas a boca meridional em opposição à boca principal, setentrional, do Amazonas, bem como a provincia através da qual o poderoso rio vai desaguar no oceano.

O nome Amazonas é por alguns considerado como se derivando da palavra india — *amassona*, — termo que, conforme se supõe, applica-se ao maravilhoso fenômeno da maré alta ou enchente desse rio, dois dias antes e dois dias depois da lua cheia, e que se estende até à confluência do Madeira. Essa enchente é tão desastrosa para as pequenas embarcações que os indios a chamam *amassona*, (quebra barcos). Essa historia não me parece ter o menor fundamento. Não creio que *amassona* seja um termo indigena; pois o substantivo portuguez, *Amas*, quer dizer, *massa* e o simples verbo *amassar*, significa, esmagar, comprimir, ao passo que o verbo reflexivo quer dizer esmigalhar-se a si proprio.

A origem do nome e o misterio relativo às guerreiras femininas, penso eu, já foi resolvido, nos ultimos anos, pelo intrepido explorador Wallace, que abriu caminho pelo leito do grande rio, e, nos mais remotos recantos habitados pelos selvagens, com a sua perseverante paciencia, e o seu conhecimento da "Lingua Geral", trouxe ao mundo muitas informações acerca das terras interiores tão pouco conhecidas.

Apezar dos frades, primitivos cronistas do Novo Mundo, muitas vezes terem usado a sua imaginação em lugar de se contentarem com os fatos, no caso em apreço, Wallace achou que eles não foram culpados, como muitos supuzeram. Wallace, penso eu, mostra concludentemente que frei Gaspar e seus companheiros viram guerreiros indios masculinos, vestidos de maneira taes que, aos olhos de um europeu, se assemelhavam a mulheres. Wallace visitou numerosas tribus dos afluentes superiores do Amazonas, e, como falava as suas proprias linguas, nos deu belas paginas de descrição dos seus habitos de vestir e outras carateristicas.

“O uso de ornamentos e enfeites de toda espécie quasi que se limita aos homens; as mulheres usam um bracelete nos pulsos, mas não usam colares e quaisquer pentes nos cabelos; têm uma espécie de liga abaixo dos joelhos, que usam apertada desde a infancia, com o propósito de engrossar a barriga da perna, o que consideram de grande beleza. Quando dansam nas festas, as mulheres usam uma pequena *tanga*, feita de contas lindamente reunidas: nunca a usam em outras ocasiões, tirando-a imediatamente depois de terminada a dansa.

“Os homens, por seu lado, usam o cabelo cuidadosamente repartido e pentado de cada lado, amarrado numa mecha, atraz; nos jovens, cai em longas melenas pelo pescoço abaixo, o que, juntamente com um pente, invariavelmente fincado no alto da cabeça, da-lhes um aspeto acentuadamente feminino; esse aspeto ainda se torna mais marcado pelos grandes colares e braceletes de contas que usam, como pela cuidadosa extirpação de todos os vestigios de barba. Levando em consideração tais circumstancias, sou fortemente de opinião que a história das “amazonas” se originou dessa aparência feminina dos guerreiros encontrados pelos primeiros exploradores. Inclinei-me a assim pensar pelo efeito que eles produziram, á primeira vista, sobre mim próprio, até que, por cuidadosa observação, vi que se tratava de homens; com as partes frontais de seus corpos e com o peito cobertos por escudos, tal como sempre usam, estou convencido de que qualquer pessoa, ao vê-los pela primeira vez, concluiria que eram mulheres. Temos, portanto, de supor tão somente que tribus de costumes semelhantes aos que atualmente se encontram no rio Uaupés habitassem as regiões onde se afirmou encontrar “amazonas”, e teremos uma explicação racional do problema que tanto intrigou

todos os geógrafos. A única objeção a essa explicação é que, por tradição, se diz existir, entre os índios, "uma nação de mulheres sem esposos". Dessa tradição não me foi possível colher o menor vestígio, e posso facilmente supôr que se formou inteiramente das sugestões e indagações dos próprios europeus. Quando se principiou a conhecer a história das amazonas, tornou-se ela naturalmente um ponto que todos os viajantes quizeram verificar ou, si possível, vislumbrar pelo menos, o dessas mulheres guerreiras. Não se deve, pois, pôr em dúvida que os índios tenham sido forçados pelas perguntas e sugestões a respeito delas, e que eles, julgando que os brancos deviam saber mais do que eles, devam ter transmitido a seus descendentes e colaterais a idéia de que aquela nação existia de fato em algum ponto distante da região. Os viajantes que vieram depois, encontrando traços dessa idéa entre os índios, tomaram-nos por prova da existência das amazonas, ao envez de ser um mero efeito de um engano, a princípio, que havia sido inconscientemente espalhado por viajantes anteriores na sua faina de obter informações a respeito.

"Nas minhas comunicações e inqueritos entre os índios sobre varios assuntos, sempre julguei necessário tomar as maiores cautelas para evitar conclusões assim erradas. Eles estão sempre dispostos a afirmar que vêm aquilo em que se deseja acreditar, e, quando não compreendem de todo as nossas perguntas, eles sem hesitar respondem: "Sim":"

Depois de explicar a origem da palavra Amazonas, podemos de novo voltar ao esboço historico do Dr. Kidder.

Cerca de setenta anos já eram passados sobre esses acontecimentos, (a viagem de Orellana) quando os portugueses começaram a colonizar o Pará, chegando até aí vindos do Maranhão. Em 1816, Francisco Caldeira, o primeiro capitão-mór, lançou as fundações da atual cidade do Pará sob a proteção de N.^a S.^a de Belem. Em 1637, outra comitiva desceu o Amazonas, vinda de Quito. Compunha-se de dois frades franciscanos e seis soldados, que haviam sido mandados em missão aos índios que habitavam as fronteiras do Perú. A missão foi mal sucedida. Alguns dos missionarios adoeceram e regressaram; outros persistiram até que os selvagens atacaram e assassinaram o comandante da escolta de soldados, sendo todos dispersados.

Aqueles que desanimaram, diante da perspectiva de uma viagem terrível de regresso até Quito, entregaram-se às águas, como Orellana o havia feito cerca de um século antes, e alcançaram Belém em segurança, mas tão dominados pelo terror, que não foram capazes de dar a menor conta de quanto haviam visto. Para eles foi bastante ter escapado dos horríveis canibais, através de cuja zona haviam passado.

Pedro Teixeira.

No mesmo ano, a primeira expedição se organizou para subir o Amazonas. Era comandada por Pedro Teixeira, e compunha-se de 70 soldados e 1.200 remadores e arqueiros indígenas, além de mulheres e escravos, que elevavam o total a cerca de 2.000. Embarcaram em quarenta e cinco canoas; a força da corrente, que se lhes opunha, e a dificuldade de encontrar a sua rota no meio do labirinto de canais do rio, fez com que a sua empresa fosse uma tarefa sem rival. Muitos dos índios desertaram, e somente uma perseverança incrível e um grande tato permitiram a Teixeira conservar consigo os restantes. Depois de uma viagem de oito mezes, atingiu o último ponto navegável. Deixando a maioria de seus homens com as canoas naquele local, prosseguiu a sua viagem por terra até Quito, onde foi recebido com as mais distintas honras; foi acompanhado na volta por vários frades, cuja missão era relatar os incidentes e observações da viagem. Considerável soma de informações autênticas foi, então, recolhida e dada a conhecer ao mundo. A comitiva alcançou Belém em Dezembro de 1639, no meio do maior regozijo. Depois desse acontecimento, as viagens no Amazonas tornaram-se mais comuns.

La Condamine — Explorações científicas.

Em 1745, La Condamine (*92) membro da Academia Francesa, desceu de Quito e levantou o mapa do rio, baseado

numa serie de observações astronômicas. A sua memoria, lida perante a Academia Real, no seu regresso à Paris, continua a ser, até hoje, uma obra de grande interesse. Nos tempos modernos, as mais celebres viagens, descendo o Amazonas, foram descritas inteiramente por aqueles que as executaram. Spix, Von Martius, Lister Mor, Tenente Smith, Herndon, Gibbon, e finalmente Wallace.

As expedições a que já aludi, tiveram geralmente os melhores resultados e não foram acompanhadas de nenhum incidente particular. Isso, porem, não aconteceu com todas as viagens empreendidas nessas infundáveis aguas. Os sofrimentos de Mme. Godin des Adonnais difficilmente encontrarão paralelo. O marido dessa senhora era um astrônomo, da comitiva de La Condamine. Tinha levado em sua companhia a familia para residir em Quito, mas, mandado para Caiena, foi obrigado a deixal-a atraz. As circunstâncias impediram a sua volta, durante 16 anos, e quando, finalmente, elle tentou subir o Amazonas, adoeceu e não pôde prosseguir viagem. Todas as mensagens que pretendeu enviar à sua esposa ausente não chegaram ao seu destino. Nesse interim, chegou até ella a noticia de que uma expedição tinha sido enviada para encontra-la numa das missões do Alto Amazonas. E Mme. Godin immediatamente resolveu empreender a perigosa jornada. Acompanhada de toda a sua familia, inclusive três senhoras, duas crianças e dois ou três homens, um dos quaes era seu irmão, galgaram os Andes, e desceram os tributarios do Amazonas, sem maiores difficuldades; mas quanto mais longe penetraram nas incomensuráveis solidões que lhes surgiram pela frente, tanto mais aumentaram-lhes as difficuldades. A missão se encontrou num estado de verdadeira desolação, atacada pela varíola. A aldeia em que esperavam encontrar os indios que os conduzissem rio abaixo, só contava dois sobreviventes, pobres criaturas que não os puderam ajudar; foram portanto deixados sem guias e sem canoieiros. Ignorando a

navegação, e desacostumados com a tarefa e com os perigos, a sua miseria tornou-se acima de qualquer descrição. A canoa, deslizando ao léu pela corrente, encheu-se d'agua, e difficilmente puderam escapar com vida e algumas poucas provisões. Conseguiram construir outra embarcação; mas esta não tardou em se despedaçar num obstaculo do rio. O grupo dos perdidos escapou de novo, atirando-se na margem, e, como unica alternativa, prosseguiram na jornada a pé. Sem mapa ou busola, não sabiam para onde ir. Tentando seguir as voltas da corrente, perderam-se e finalmente mergulharam nas profundezas da mata; frutos silvestres e plantas suculentas eram o seu unico alimento; enfraquecidos pela fome, caíram em breve, vítimas de doenças.

Em poucos dias, Mme. Godin, a unica sobrevivente, encontrou-se cercada por oito cadáveres! Imagine-se o horror que a dominou, quando viu, um após outro, os seus amigos e as pessoas de sua familia nas agonias da morte! No desespero do momento, tudo fez para queima-los, mas não lhe foi possivel. Depois de dois dias que passou lamentando essas mortes, levantou-se com a decisão de fazer mais um esforço em busca do seu marido havia tanto tempo perdido. Estava ainda a três mil milhas do oceano, sem alimento, e com os delicados pés lacerados de espinhos. Calçando os sapatos de um dos homens mortos, prosseguiu no seu terrivel caminho. Que fantasmas torturavam-lhe agora a imaginação e povoavam aquela solidão com terribes monstros! Mas ela conseguiu atravessal-a. Dias de horror e terribes noites se seguiram. Afinal, no nono dia, ouviu o barulho de uma canoa, e, correndo para as margens, foi recolhida por um grupo de indios; basta dizer que estes a levaram para uma das missões, de onde, depois de longas demoras e grandes esperas, ela finalmente desceu o Amazonas e foi restituída ao marido, depois de 19 anos de separação. O casal voltou junto para a França, e aí passaram o resto de seus dias, retirados. Mme. Godin, porem,

nunca mais recuperou a saúde atacada pelos seus temores e sofrimentos. Ainda hoje, o viajante que percorre as águas do Amazonas, acima da cidade do Pará, encontra-se numa região selvagem e inculta. Vê, difficilmente, cincoenta habitações em tresentas millias de percurso. São muito poucos os postos de colonização, situados directamente no rio. A maioria das povoações está nos seus tributarios e ao longo dos igarapés. As casas têm todas o chão de terra batida e os telhados de palha.

Navegação a vapor.

Não obstante todas as belas theorias relativas à navegação a vapor nas aguas do Amazonas e seus tributarios, nada se fez que increça tal nome até 1853. No entanto, desde o ano de 1827, uma sociedade denominada South America Steam Boat Company organizou-se em Nova York, com o expresso objetivo de promover tal navegação. Deve a sua origem às sugestões do governo brasileiro, feitas por intermedio do encarregado de negocios, sr. Rebello, residente nos Estados Unidos, que animou decididamente essa empreza, garantindo-lhe privilegios especiais da parte de S. Magestade Imperial D. Pedro I. Foi construido um vapor, que foi enviado para o Pará e todas essas pesadas despezas foram feitas por conta da companhia. Mas por falta de cooperação da parte do Brasil, a empreza veio a falhar. Reclamações por indemnizações em largas somas, foram, por longo tempo, sujeitas a discussões, perante o governo brasileiro.

Depois de 1838, pequenos navios do governo foram, de tempos em tempos, mandados para o Rio e Amazonas, afim de navega-lo até o Rio Negro. Tais viagens se repetiram com intervalos, e bastaram à navegação a vapor no Amazonas até 1853. Entretanto o nosso globo não apresenta, em qualquer outro ponto de sua superficie, mais esplêndido

palco para empresas de navegação a vapor. Não somente é o Amazonas navegavel, por mais de 3.000 milhas, como também o Tocantins, o Xingú, o Tapajoz, o Madeira, o Negro, e seus afluentes, são ininterruptamente navegaveis por varios milheiros de milhas. Todos esses rios correm através do mais rico solo e das mais luxuriantes vegetações do mundo.

“Victoria-Regia”.

Proximo de suas margens, encontra-se o gigante do reino da Flora, cuja descoberta, feita alguns anos antes, é um fato notavel no mundo dos naturalistas, tão notavel, mesmo como a abertura da navegação a vapor do Amazonas para o mundo comercial.

De todas as Ninfeaceas, a maior, a mais rica e a mais bela é a maravilhosa planta que foi dedicada à rainha da Inglaterra, e que traz o nome de *Victoria Regia*. Habita as águas tranquilas das sombrias lagoas formadas pelo transbordamento do Amazonas e seus afluentes. Suas folhas medem de 15 a 18 pés de circunferencia. A sua parte superior é de um verde escuro e vistoso; a parte inferior é de um vermelho escarlata, ornado de grandes veias salientes, formadas por câmaras cheias de ar, tendo as hastas cobertas com espinhos elásticos. As flores se erguem cerca de seis polegadas acima d'água, e, quando inteiramente desenvolvidas, têm uma circunferência de três a quatro pés. As petalas se abrem à noite; sua cor, a princípio de mais puro branco, passa, em 24 horas, pelas tonalidades successivas de um roseo leve até o mais brilhante vermelho. Durante o primeiro dia da sua floração, as flores exalam um delicioso perfume, e, no fim do terceiro a flor murcha e mergulha novamente n'água para amadurecer suas sementes. Quando maduras, essas sementes, ricas em fecula, são colhidas

pelos índios, que as assam e regalam-se com elas preparadas desse modo.

A descrição de tão magnífica planta explica a admiração experimentada pelos naturalistas que a contemplan pela primeira vez.

O celebre Hacuke, quando viajava numa piroga pelo rio Mamoré, em companhia do padre La Cueva, missionario espanhol, descobriu, nas aguas paradas junto à margem, essa gigantesca ninfeacea. Vendo-a, o botânico caiu de joelhos, e, como um não muito piedoso escritor francês muito francesmente relata, exprimiu o seu entusiasmo religioso e científico, por exclamações apaixonadas e arroubos de adoração ao Creador, num improvisado Te-Deum que deve ter profundamente impressionado o velho missionario.

Em 1845, um viajante inglês, Bridges, quando seguia as margens cheias de florestas do Iacouma, um dos tributarios do Mamoré, chegou a um lago, escondido na floresta, encontrando nele uma colônia de *Victorias regias*. Arrebatado pela sua admiração, quasi que mergulhou, a fim de colher algumas dessas flores, quando os índios, que o acompanhavam, apontaram para uns crocodilhos selvagens, preguiçosamente repousando na superfície das mesmas. Essa informação tornou-o cauteloso, mas, sem diminuir o seu ardor, correu à cidade de Sant'Anna, onde logo obteve uma canoa, que o conduziu até o lago, onde se achava o objeto de sua ambição. As folhas são tão grandes que difficilmente pode colocar duas delas na canoa, sendo obrigado a fazer varios percursos, afim de completar a sua colheita. Bridges, em breve, chegava à Inglaterra com as sementes, por ele couservadas em terra humida; duas delas germinaram no aquario da estufa de Kew. Uma foi mandada para uma estufa maior, em Chatsworth; aí prepararam um tanque para recebê-la, aumentaram a temperatura, e a planta foi colocada em seu novo abrigo no dia 10 de agosto de 1849. Até os ultimos dias de setembro foi necessario

aumentar o tanque, dobrando o seu tamanho, afim de dar espaço às suas folhas, que se desenvolviam com grande rapidez. Tornaram-se mesmo tão grandes, que uma delas pode suportar em cima o peso de uma menina em pé.

O primeiro gomo abriu-se no começo de Novembro. A flor, ao brotar, foi oferecida pelo Sr. Paxton, celebre desenhista do palacio de Cristal de Londres ao seu monarcha, e os maiores personagens da Inglaterra apressaram-se em visitar o Castello de Windsor para admirar a bela hominima de sua graciosa soberana.

O nome dado a essa maravilhosa planta por Lindley foi escolhido com felicidade. Os indios do Amazonas, porem, chamam-na "Uape Japona" — isto é o "forno da Jaçanã", pelo fato de que a Jaçanã é muitas vezes vista sobre ela. A Jaçanã é uma ave singular, de asas em esporão, duas vezes do tamanho de um galo silvestre, provida de dedos delgados e excessivamente longos, (donde a denominação franceza de "ave cirurgião") que lhe permite deslizar por cima de varias plantas aquáticas. A Jaçanã habita os alagadiços e as florestas à beira dagua, e muitas vezes no interior, eu a vi poisada sobre as folhas dos lirios nas margens dos rios.

Navegabilidade do Amazonas.

Voltando dessa disgressão para as possibilidades do grande rio em materia de navegação a vapor, temos a observar que a extensão do Amazonas e seus afluentes é verdadeiramente imensa. De quatro graus de latitude norte a 20 graus de latitude sul, todos os rios, que descem a vertente oriental dos Andes, são tributarios do Amazonas. Isso representa como si todos os rios, de S. Petersburgo a Madrid, unissem as suas aguas numa unica e poderosa corrente.

Os geógrafos nunca concordaram inteiramente a respeito de qual dos tributários superiores deve ser considerado como o principal ramo do Amazonas; mas, os mais re-

centes exploradores resolveram considerar o Tunguragua, ou Alto Maraçon, como a sua principal origem. Esse rio nasce num lago, — Lauricocha, — situado quasi nas regiões das neves eternas. Quasi todos os ramos do Amazonas são navegáveis em grande extensão, desde a sua junção com o rio principal, e, recolhendo todas as aguas, perfazem uma extensão de comunicações fluviais não rivalizada em qualquer outra parte do globo. Ha um total de dez mil milhas de navegação a vapor abaixo de suas quedas, e, uma vez transpostos esses obstáculos, os vapores podem percorrer cerca de 4.000 milhas. O mais navegavel de todos os afluentes — é o Rio Purús.

O volume de agua doce, constantemente renovado por chuvas copiosas, jorra com tal impeto que a força d'agua, numa só corrente, avança pelo oceano a dentro numa distancia de 80 leguas. Emquanto o principal ramo do Rio Ganges tem uma descarga de 80.000 pés cúbicos d'agua por segundo, e o grande rio Brahnapootra 176.200 metros cúbicos em cada sexta parte de um minuto, o Amazonas envia, através do estreito de Obidos, 550.000 metros cúbicos por segundo. (Von Martius).

O "Rei das Aguas" é notavel pela larga expansão territorial dos seus tributarios. Na margem norte, o primeiro a contar do oeste, abaixo dos rapidos de Manseriche, é o Marona; seguem-se-lhe o Pastaça, o Tigre, o Napo, o Içá, o Japurá, o Negro e muitos outros de menor importância.

Da parte sul ele recebe: de oeste para leste: os rios Ualaga, Ucaiali, Javari ou Iavari, Huta, Hiuruai, Tefé, Cuarí, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú e Tocantins. A maioria desses afluentes desemboca suas aguas no Amazonas por mais de uma boca, que frequentemente tem grande largura. Assim, as duas mais distantes das quatro bocas do Japurá têm mais de 300 milhas de extremo a extremo, e as embocaduras externas do Purús têm, cada qual, 100 milhas. Na porção superior do seu curso, o Amazonas

divide o Equador do Perú e entre esses países, a sua largura varia de meia a uma milha; além dos limites do Equador, aumenta a largura até 2 milhas; e abaixo do Madeira, seu tributario mais consideravel, tendo um curso menor do que 2.000 milhas de comprimento, é de cerca de 3 milhas de largura. Entre Faro e Obidos, lugares alcançados pela maré cheia, a largura do rio é de menos de 1 milha, porem abaixo de Obidos, alarga-se de novo e depois da confluencia do Tapajoz, mede quasi 7 milhas de margem a margem. A largura do canal de Bragança do Norte, a boca mais septentrional desse vasto rio, mede 30 milhas em frente à ilha de Marajo, e 50 milhas em sua embocadura. A largura do canal Tanjipurá é de 18 milhas, na junção do Tocantins, e de 30 milhas na foz.

Ao passo que a área total drenada pelo Mississipi e seus afluentes, é, de 1.200.000 milhas quadradas, a área do Amazonas e seus tributarios (não incluindo a do Tocantins que é maior do que o vale do Ohio), é de 2.330.000 milhas quadradas. E' mais de um terço de toda a America do Sul, e iguala dois terços de toda a Europa. O sr. Wallace tem deslumbrado os ingleses declarando que toda a Europa Ocidental podia ser colocada dentro do vale do Amazonas, sem tocar seus limites, e esse vale podia mesmo conter todo o Imperio das Indias.

Herndon e Gibbon.

Em 1851-52, os tenentes norte-americanos Herndon e Gibbon, (Vide nota *76) desceram o Amazonas, um pelos seus tributarios peruanos e o outro pelos seus tributarios bolivianos. Os interessantes relatorios desses exploradores foram publicados por ordem do Congresso e lidos em todo o mundo. O tenente Gibbon atravessou os caminhos mais desconhecidos e, por isso, a sua obra possui mais interesse intrinseco. O tenente Herndon produziu um livro não só capaz de despertar o interesse dos Estados Unidos e da Inglaterra, pela

importancia do Amazonas, como tambem pelo fato de que a sua viagem de descida, por esse rio, e as suas conclusões, — muitas delas totalmente visionarias, — levaram o governo brasileiro a cumprir o seu dever; em 1852-53, o Brasil, por seu tratado com o Perú, comprometeu-se a colocar vapores, sob o pavilhão brasileiro, desde a cidade do Pará, até àquele país, devendo os contratantes ter o monopolio da navegação a vapor no Amazonas pelo prazo de 30 anos, com um juro anual de 100.000 dollares para os primeiros 15 anos; a viagem é para ser executada por dois vapores, um subindo o Amazonas, a partir da cidade do Pará, o outro descendo o mesmo rio, a partir de Nauta, encontrando-se os dois vapores em Barra.

Companhia de Navegação do Amazonas.

Nauta fica no Perú, na margem direita do Amazonas, quarenta e seis leguas abaixo da junção do Ualaga, e tem uma população de 1.000 habitantes. A Companhia, sob a direção do Barão de Mauá, brasileiro cheio de iniciativa, imediatamente colocou o seu primeiro vapor navegando do Pará até Nauta. A Companhia, em retribuição aos privilegios garantidos, contratou fundar numerosas colonias, nas províncias do Pará e do Amazonas. Quasi todos os meses, colonos, sob a direção da "Amazon Navigation Company" chegam ao Pará vindos de Portugal e suas ilhas.

As colonias de Obidos e Serpa e uma outra nas bocas do rio Negro, não tiveram grande successo; embora a Companhia se compromettesse a fundar colonias, acima da barra do rio Negro, uma no rio Tefé, acima da vila Diogo, três outras no Madeira, em Crato e Borba, duas no Tapajós não longe de Santarém e três no Tocantins, é de se duvidar que o contrato possa ser cumprido.

O contrato feito pela Companhia com os emigrantes portuguezes, rezava que: "os colonos se comprometem a trabalhar para a Companhia, durante dois anos, por uma

certa compensação diaria; serão alojados em casas, e alimentados durante esse periodo, e, no fim do seu apprendizado, cada um deles fica com direito a uma certa porção de terra, para livre lavoura, — o chefe de familia deve ter um casa confortavel nos seus lotes, não importando si já forem casados antes do contrato, ou que se casem durante ele.

Perguntei ao sr. Nesbitt, engenheiro com grande prática que, durante três anos, viajou pelo Amazonas e por alguns de seus afluentes navegaveis, qual a opinião que fazia sobre os vapores empregados pela Companhia. A sua resposta (abril de 1857) foi a seguinte:

“São muito bons”. A Companhia cumpriu perfeitamente a sua parte no contrato, não só no Brasil como no Perú. Ha sete vapores trabalhando com sucesso desde Abril de 1856, e dois novos vapores são esperados a cada semana: — um deles, o “Cidade da Baía”, construido em Nova York para a navegação dos rios Sacramento e S. Francisco, mas que com tão pouco sucesso tentaram dobrar o Cabo Horn, que tiveram de regressar ao Rio de Janeiro para reparos e foram vendidos em beneficio dos subscritores, sendo adquiridos pela Companhia do Amazonas. Os nomes dos sete vapores que estão navegando são: “Tapa-jós”, “Rio Negro”, “Marajó”, “Monarcha”, “Cameta”, “Tabatinga” e “Solimões”. O “Rio Negro” e o “Tapa-jós” eram os paquetes que navegam do Pará até Barra do Rio Negro e que faziam viagens quinzenais; porem depois de 10 de Janeiro de 1857, ficaram em más condições. O “Marajó” corre entre Barra e Nauta no Perú, fazendo uma viagem de dois em dois meses, e, depois de Janeiro de 1857, viagens mensais. O “Monarca”, navega no rio Negro, desde Barra até a boca do rio Branco e pretende ir até Barcelos e Moreira, ou ainda mais acima, até onde o permitam as aguas do rio Negro, durante oito mezes do ano.

O Rio Negro, poucas leguas acima da Barra, alarga-se numa bacia muito larga de algumas leguas de extensão, que

torna a navegação a vapor mais difficil do que em qualquer outro ponto da parte inferior do rio, pois o rio torna-se mais raso, devido ao aumento de largura; acima desta baía, porem, não há obstaculos.

Ha varios cursos adjacentes ao Rio Negro, onde se pode pescar grande quantidade de peixes, salgados e secos para o mercado. Existem ai muitas localidades esplêndidas para instalar mercados no Rio Negro, acima de Barra.

O "Solimões" foi destinado a navegar no rio Tapajós; o "Cameté" era um paquete regular do rio Tocantins, entre a cidade do Pará e Cameté, fazendo viagens mensais.

Todos esses vapores fizeram tudo o que podiam e os que se destinavam a Barra, mais ainda; daí, a necessidade de viagens semanaes.

Esses vapores excedem de muito as antigas canôas fluviaes, de popa e proa quadradas, pois, logo que o viajante faz uma viagem em navio, começa a dar algum valor ao tempo e esquece a sua antiga maneira de gastar três meses numa viagem de três ou quatro dias. O capitão Pimenta Bueno, (filho do illustre senador) que é o agente-superintendente, energico e cavalheiresco, disse-me que, com os bonus do governo e os negocios do commercio, os vapores davam perfeitamente lucro. Todos são bons barcos, na maioria construidos de ferro, que é decididamente o melhor material a empregar, por causa dos vermes, que são muito destruidores no Rio Amazonas.

Cada cidade, na margem dos rios, fornece lenha em proporção determinada; os negocios da navegação estão constantemente aumentando e os habitantes industriosos de algumas das povoações podem colher seringas, castanhas do Pará, salsaparilha, cacau etc... e mandal-as para o Pará pelo vapor, recebendo na viagem de volta o dinheiro. Este progresso está criando novas necessidades e, naturalmente, fazendo os habitantes riberinhos exercitarem-se em atividades afim de suprir os pedidos recentemente aumentados.

Esses navios, certamente, fizeram maravilhas nos últimos quatro anos, provocando verdadeira revolução em todos os negocios do vale do Amazonas; pois, mesmo de Moiabanan, Tarapota e outras cidades peruanas, que ficam situadas nas montanhas, os vapores trazem atualmente os seus produtos em canoas e em balsas até o encontro dos vapores em Nauta, o que nunca pensaram em fazer antigamente. Nem as vantagens da navegação a vapor se limitam às relações comerciais da vida; mas ha evidentemente, um desejo crescente da parte da grande massa da população, de aprender mais coisas dos "bárbaros" de fora.

O Sr. Nesbitt escreve assim o efeito do espetáculo de um vapor nas remotas populações do alto Amazonas:

"Quando passavamos por uma barreira num dos rios superiores do Perú, onde um navio a vapor nunca fora visto antes, e enquanto todos os pescadores e carregadores de peixes ficavam de pé divertindo-se a contemplar aquele "monstro das vastas profundidades", não sabendo si era o espirito de um diabo, ou algum novo santo mandado pela Virgem Imaculada", eu fui fazer funcionar o apito do navio, o que causou um tal pavor naqueles homens, mulheres, crianças, cachorros e macacos que eles saíram correndo para salvar a sua prezada vida, e nunca mais pararam para me obrigar a postar-lhes a minha "ameude honorable".

Estava deseioso de obter desse homem observador e de espirito pratico, uma opinião sobre as vistas e teorias dos tenentes Maury e Herndon a respeito do Amazonas. Em resposta, ele me escreveu as seguintes linhas. — "Penso que o tenente Maury escreveu cartas que ultrapassem o natural; porem a sua idea a respeito do vale do Amazonas e suas possibilidades são certamente, em média, mais proximas da realidade do que as opiniões de qualquer outro autor que eu tenho lido. A sua teoria do clima e as suas razões em virtude das quais o vale do Amazonas não é igual às mesmas latitudes da Africa, etc... são certamente corretas, na minha humilde opinião; fiquei forçosamente impressiona-

do pela sua exatidão quando me achava no proprio local que ele descreveu. A estação chuvosa não é formada por aquela mesma chuva incessante da Africa e da America Central e do vale do Orinoco. Tem mais o aspeto de uma estação de chuvas intervaladas; — é verdade que, às vezes, quando a chuva “jorra” jorra de verdade, porem as pancadas de chuva são relativamente de curta duração e caem com intervalos tão regulares que se pode tomal-as para regular compromissos comerciais quasi com rigor. Nunca se passa um dia sem se ver o sol, por maior ou menor tempo.

A estação seca não é nem sujeita a febres, nem depressiva; pois difficilmente uma semana e certamente nunca uma quinzena se passa sem que haja uma ou mais pancadas d'água. Por exemplo: colheitas soffendo falta de humidade é coisa que não se conhece no Amazonas. Embora os dias possam ser quentes, as noites são sempre frescas e agradaveis, com fortes orvalhos.

As ideas do tenente Herndon, a respeito das margens baixas são justamente as que qualquer pessoa teria, viajando rio abaixo numa canoa, pois é impossivel para qualquer um, nessas condições, fazer uma idea correta da região. Seriam necessarios alguns anos, e não poucos mezes, para se conhecer o Vale como ele deve ser conhecido. Não ha assim tantas terras sujeitas à inundação, como Herndon o afirmou, não obstante isso, ha grandes porções de terras que ficam imersas nas grandes enchentes. A expedição de Herndon deixou a sua tarefa não terminada, mas prestou grandes serviços à região do Amazonas, direta e indirectamente, pois essa expedição, não tenho a menor duvida, foi a alavanca que levou o governo brasileiro a promover a navegação a vapor no Amazonas. Este o começo, o fim ainda não chegou”.

Quanto aos vapores encomendados pelo Perú, que os contratou com o Dr. Whittemore, outrora residente em

Lima, e que deviam ser construídos em Nova York e transportados desarmados, para o Pará, para navegarem de comum acordo com os vapores da Companhia de Navegação Brasileira e do Amazonas, o sr. Nesbitt me prestou as seguintes informações:

— “Levei os vapores para o Rio Amazonas e acompanhei a sua montagem no Pará e, depois que ficaram prontos para subir o rio, assumi o comando de um deles. O Dr. Whittemore, nosso chefe, comandava o outro, e foi viajando até a cidade de Obidos, onde ambos me foram confiados para serem entregues às autoridades competentes, acompanhado pelo seu amigo o Sr. Z. B. Cavaly. O Dr. Whittemore regressou então a Nova York.

Esses vapores não são de ferro, como frequentemente têm declarado os jornais, mas foram construídos de puro pinho da Georgia, armações tombadilhos e tudo mais; o menor deles, com 90 pés de comprimento, foi denominado “Ualaga”; o outro, com 110 pés de comprimento, teve por nome “Tirado”, em honra — do então secretario do Estado do Perú, Sr. Tirado”.

Em resposta à pergunta — Como funcionaram os vapores peruanos? o sr. Nesbitt respondeu da seguinte forma:

“Não funcionaram tão bem como eu esperava ou como seria de desejar para os créditos do nosso país, que os construiu. Foram construídos muito depressa e acabados e aparelhados muito modestamente; tanto assim que o funcionario do governo peruano, designado para recebê-los, recusou-os. Dessa forma, ficámos a 2.500 milhas, no rio, distantes do Oceano, com um par de navios e dois guindastes americanos, sem outra provisão que nos fosse dada quer pelo contratante quer pelo governo peruano, para o nosso sustento; e, das mercadorias, que tínhamos a bordo, grande parte ficou deteriorada. Nessas circunstancias, os agentes da companhia contratante foram obrigados, em vista das necessidades do caso, a comprometer-se com o governador

geral do Perú oriental, Coronel Francisco Alvarado Ortiz, que não tinha autoridade para isso dada pelo governo do Perú, mas que nessa desagradavel contingência, agiu muito cavalheirescamente, e mostrou-se excessivamente liberal. Pelo contrato, eu tinha que ficar tomando conta dos vapores até o governo do Perú poder resolver o assunto. Mas a controversia ainda não terminou e uma parte da quantia contratual não foi ainda paga, o governo recusando-se a pagal-a sob o fundamento de que o contrato não foi executado por uma das partes contratantes.

Um dos vapores, o "Ualaga", nunca girou a sua roda de pás, depois que chegou ao porto de Nauta; foi atirado nas margens e lá ficou enferrujando-se, durante os dias em que lá estive. O outro o "Tirado", fez poucas viagens, para varios pontos acima. Eu o conduzi duas vezes, rio Ualaga acima, quasi até Chazuta, que fica a 3.500 milhas do Oceano: — uma dessas viagens foi feita durante a vazante do rio, e eu nunca encontrei menos de onze pés d'água, em qualquer ponto, no canal do rio, tanto assim que um vapor de 10 pés de calado pode passar pelo "Pongo do Sal", até o Oceano Atlantico, em qualquer dia do ano. Esses vapores estão se tornando cada vez mais inutilizaveis. Nenhum dos dois navegou desde que os deixei, ha dezoito mezes passados, nem realmente podem ser usados, pois os peruanos pouco entendem de manobras a vapor e todos os engenheiros regressaram aos Estados Unidos. O uso deles nunca mereceu um dolar do governo e nunca o merecerá.

Os rapidos do Ualaga, abaixo de Chazuta, constituem uma curiosidade natural. As barreiras do rio, num percurso de mais de uma légua, são formadas por uma rocha salina dura e transparente como gelo, em alguns lugares, de cor azul avermelhada, e em outros quasi branca, sendo o conjunto muito puro, e em quantidade suficiente para suprir toda a America do Sul durante seculos.

Subi o Ualaga, o Ucaiali, o Pastasa, o Madeira e o rio Negro, um pouco acima da Barra. O Ualaga, como disse acima, é navegavel por vapores durante todo o ano, por navios de 10 pés de calado, nas alturas do Pongo do Sal, sem o menor obstaculo, e, até Chazuta, com os cuidados comuns, e por canoas desde Tinga Maria, somente a 300 milhas de Lima, até a foz; porem a subida em canoa é muito difficil.

A região é excelente, muito saudavel e fertil, com numerosas povoações, ao longo de todas as margens.

O Pastansa é um affluenté pequeno e navegavel para vapores, varias centenas de milhas na maior parte do ano; mas ha numerosas tribus de indios hostis na sua parte baixa. A terra é da mais excelente especie, e “casca peruana” da melhor qualidade é encontrada nesse curso d’água. Acontece muitas vezes que certa quantidade de ouro é trazida pelos indios amigos, que habitam proximo às nascentes do rio. Tive em minhas mãos belos exemplares desse ouro. O Ucaiali pode ser subido por um navio de pequeno calado até quasi 600 milhas, em certos meses do ano, e, até Saraicu, o ano inteiro. O rio Madeira é tambem um belo rio; é navegavel por toda especie de vapores fluviaes, até às cachoeiras, mas, em tempo algum pode um vapor subir os seus rápidos. Comtudo, acima de 12 desses rápidos, há água sufficiente para várias centenas de milhas, que podem ser navegadas por um pequeno vapor durante o ano todo.

As cartas do tenente Maury.

Em 1853, uma tradução de cartas do tenente Maury foi publicada no “Correio Mercantil”, que é um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro. Bem me lembro da comoção que as suas opiniões sobre o Amazonas produziram na capital, juntamente com a noticia de que uma expe-

dição de “flibusteiros” estava se preparando em Nova York para forçar a abertura do grande rio.

E’ certamente motivo de profunda tristeza, que um autor cujos escritos e investigações científicas, (não obstante a sua curteza de vistas em relação ao seu proprio país) tenham servido e continuem a servir o mundo, se tenha permitido fazer uso de uma linguagem capaz não só de excitar uma nação sensível, argumentos que podem ser interpretados como dignos de “flibusteiros”. Si o tenente Maury tivesse abandonado a sua linguagem ofensiva, grande parte de seus argumentos teriam sido legitimamente levados em considerações pelos brasileiros, como sendo nada menos que a defesa de uma teoria que pode estar com a razão e eu estou certo que teria poupado muitas suspeitas e suscetibilidades desnecessarias. Depois disso vêm aumentando os sentimentos que unem os dois paises, e, estamos certos, virá o tempo em que ambos os governos estarão fortemente ligados por interesses comerciais (65) pois não só devemos

(65) Em “United States Commercial Relations” para o ano de 1864, encontro o seguinte sobre a exportação e importação, segundo dados fornecidos pelo Consul norte-americano no Rio de Janeiro, Sr. James Monroe, Esq. A importação total de farinha de trigo no Rio de Janeiro, durante o ano de 1863, sobe a 319.852 barris, dos quais 241.362 importados dos Estados-Unidos. Em 1862 foram daí importados 261.865 e, em 1861, 302.061. Foram exportados pelo porto do Rio de Janeiro, em 1863, 1.353.273 sacas de café, contra 1.487.583 sacas em 1862, e 2.064.334 saccas em 1861. Esse decrescimo de exportação foi devido à diminuição de colheita. Durante os dois anos acima, todo o café colhido na provincia que não foi consumido no país, foi exportado por alto preço. O decrescimo da produção foi devido em parte, ás condições desfavoraveis de tempo e aos danos causados por um inseto que ataca as árvores e muitas vezes as flores e os frutos novos, mas principalmente á imperfeição nos processos agrícolas e falta de trabalho. A falta de trabalhadores pode ser em parte compensada pela introdução de maquinas apropriadas. Isso foi feito em pequena escala: nos progressos dessa natureza parece que se estão desenvolvendo lentamente nas grandes plantações do interior. A falencia parcial das colheitas em muitas

receber grande quantidade de produtos brasileiros livres de direitos, como também os produtos por nós exportados para o Brasil não deverão ser altamente taxados. As propriedades dos nossos cidadãos, que morrem sem testamento, são administradas pelo governo brasileiro de maneira pouco satisfatória. Ofensas cometidas contra cidadãos norte americanos, em distantes regiões do Imperio, no ano de 1853, só tardiamente encontraram reparação por parte dos magistrados do interior do país, cujos sentimentos em relação aos norte-americanos foram azedados pelas conclusões a que chegaram, depois de ler as cartas do tenente Maury. Muito ainda demorará até que tenhamos conquistado de novo as simpatias de que desfrutávamos em 1850, quando foi proposto que, em caso de guerra com a Inglaterra, toda a navegação costeira do Brasil seria posta debaixo da bandeira dos Estados Unidos.

No Rio, o Sr. de Angelis respondeu a obra do tenente Maury sobre "O Amazonas e o litoral Atlantico da America do Sul", (Tradução portuguesa) e seus argumentos, apoiado em Vattel e outros escritores, sobre assuntos internacionaes, com uma argumentação habilmente encaminhada. Seu volume, porem, contem no final, muitas palavras exageradas sobre o Texas e Greytown, que nada adiantam à sua argumentação.

plantações antigas é devida sem dúvida á continuada colheita de successivos anos passados sem se proceder á necessaria restauração do solo. Ao passo que a exportação de café daquelle porto para os Estados Unidos foi, em 1861, de 756.355 sacas, em 1862, foi apenas de 394.656, e, em 1863, apenas de 388.875 sacas. As causas desse decrescimo no consumo do café nos Estados Unidos são por demais conhecidas para precisarem de explicação aqui. E' um forte exemplo de como acontecimentos importantes, desenrolados em paises muito separados um de outro, se relacionam entre si, acontecimentos não tendo origem comum em causas materiais e politicas, ou na intervenção da intelligencia humana, pois a queda da produção do café no Brasil nos últimos três anos foi quasi que equilibrada pelo decrescimo da sua procura nos Estados Unidos.

Esperamos, porem, que a politica judiciosa da União saiba manter sempre um rumo, que seja digno de um país que professa os principios da justiça e da liberalidade.

Futuro do Amazonas.

Si a região amazonica, pelo menos nas visinhanças do grande rio, vier algum dia a ser povoada por uma raça mais nordica, isso ainda está para se ver. Está situada, numa zona de temperatura (não semelhante à do Mississipi que desfruta todas as variedades de clima) e, conserva-se ainda numa quasi imperturbada primitividade.

Algumas pessoas, que deram grande atenção a esse assunto, attribuem a natureza do caso ao fato de que as provincias do Pará e do Amazonas nunca poderão ser um ponto de reunião florescente para os Nordicos. Mas, como o Brasil difere de todos os outros países tropicais, pode bem se dar que a feroz primitividade do Amazonas, ainda venha sorrir à industria e à civilização. Essa foi pelo menos e minha convicção, quando percorri o vale do Amazonas, em 1862.

No caso em apreço, o Brasil, e só ele, tem o direito, de controlar os rios que estejam dentro de suas fronteiras, não importando que os mesmos nasçam ou não em outros países, e, tanto quanto o tratado que deu aos Estados Unidos o direito de navegação sobre o S. Lourenço, em que nenhum outro país, tem o direito de forçar a Inglaterra a abrir aos Estados Unidos aquele rio, pelo fato de muitos de seus tributarios terem suas nascentes no territorio da União, tambem nenhuma justiça poderá forçar o Brasil a conceder a livre navegação do Amazonas. Entretanto embora eu me rejubile em ver o Brasil progredir com seus proprios recursos, seria de incalculavel beneficio para essa nação, bem como para as nações vizinhas, que ela quizesse aplicar,

ao problema do Amazonas, os principios pelos quais se bateu no Rio da Prata, fazendo com que o poderoso rio se abra ao comércio do mundo. O Exmo. Sr. A. C. Tavares, bate-se pela immediata liberdade da navegação do Amazonas (66).

Cerca de metade da Bolivia, dois terços do Perú, três quartos do Equador, e metade da Nova Granada são regados pelo Amazonas e seus afluentes. Com a falta de navegação a vapor, o trafego de todas essas regiões se dirige para o ocidente, atravessando os Andes, até o porto de Callau. Aí, os produtos são embarcados, e, depois de dobrar o cabo Horn, e viajar oito ou dez mil milhas, encontram-se ainda na altura do estuario do Amazonas, em seu caminho

(66) — Nota de 1866: — Em 1862, J. C. F. viajou pelo Rio Amazonas, da sua foz até os limites do Perú, nos novos vapores Manaus, Belem, Icamíaba e Inca. A “Companhia de Navegação do Amazonas” (cujo presidente é o bem conhecido Barão de Mauá, titular e financista brasileiro, do Rio de Janeiro, e cujo diretor chefe, no Pará, é o enérgico Sr. Pimenta Bueno), trouxe as maiores esperanças a essa região, que ainda está fadada a grandes progressos. A Companhia aumentou o número de seus vapores e sua eficiência em geral; atualmente o Perú inaugurou uma linha de vapores nas suas margens do Amazonas e seus afluentes aquem do Solimões e do Hualaga. As colonias, a que já nos referimos anteriormente, deixaram de existir, por varias causas; mas o vale do Amazonas lucrrou com isso. E’ ainda uma vasta zona inexplorada, mas a obra de Bates (“Naturalist on the Amazon”, Londres, 1863), as observações de Brunet, um completo porém modestíssimo explorador, os trabalhos de Coutinho, Costa de Azevedo e Soares Pinto, em 1861, 62 e 63, e as magníficas observações que estão sendo dirigidas pelo professor Agassiz, despertaram a atenção do mundo para a maravilhosa bacia. O bondoso interesse demonstrado pelos Srs. Pimenta Bueno, Charles Jenks Smith, e o Dr. Christovão, do Pará; pelo Dr. Peixoto (Juiz Municipal de Cametá), Dr. Marcos, de Vila Bela, Sr. Jeffries, de Obidos, e os Srs. José de Freitas Guimarães, Henrique Antony, Dr. Gustavo e Charles Collyer muito contribuíram para que eu pudesse organizar, em 1862, as collecções que enviei ao Professor Agassiz.

para a Europa ou para os Estados Unidos; portanto, si a navegação do Amazonas for considerada livre, a produção das terras interiores pode ser embarcada no porto do Pará, muito preferivelmente a ter de ser enviada, através dos Andes, para os portos do Oceano Pacífico.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 91) Robert Southey — "History of Brazil", Londres, 1817, 1819, 1822.

(* 92) Charles Marie de la Condamine — "Rélacion abrégée d'une voyage dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale", Paris, 1745.

CONCLUSÃO

Os autores, revendo o terreno por eles percorrido na elaboração desta obra, sentem bem a imperfeição dos seus esforços, e quão difficil foi a tarefa de dar, em reduzido espaço, uma justa visão geral do Brasil. Compararam o Império, não com a Inglaterra ou os Estados-Unidos, porém com os demais países do Novo Mundo, povoados pelos descendentes da raça latina. Este lhes pareceu ser o legitimo termo de comparação. Muitos erros puderam ser assim evitados. No ano de 1857, a atenção dos autores foi atraída por uma nota editorial publicada num dos periódicos de maior influencia e circulação dos Estados Unidos, de que extraímos as seguintes linhas:

“Aqueles que desejam conhecer quão fundo a natureza humana pode descer em degradação moral e o extremo limite da imbecilidade monárquica, recomendamos a leitura da obra de Ewbank “O Brasil”, pormenores acerca da irremediável superstição, ignorância generalizada e desmoralização política, não têm paralelo”.

Já temos exposto o nosso modo de julgar o referido autor, fazendo citações directas dessa sua obra; e quem redigiu a nota, acima transcrita, devia ter lembrado que o Sr. Ewbank (ha mais de vinte anos passados) foi um estrangeiro que apenas residiu poucos menses num país novo e pouco conhecido, publicando um diario de observações e fatos que rememorou de acôrdo com impressões de momento, fazendo apenas muito poucas generalizações; assim não teria (o editor) sido tão, precipitado em condenar o Brasil. Parece, além disso, ter apenas atentado tão sómente em uma das conclusões gerais de Ewbank. Tivesse ele lido toda a obra, e sem dúvida se teria convencido de que ha algo de espe-

rançoso no Brasil. Como as opiniões do autor em questão têm sido referidas varias vezes como em desacordo com as esperanças que se possam ter acerca do Império governado por Dom Pedro II, citamos de seu último capítulo o seguinte trecho, bem significativo:

“O carater dos brasileiros, posso afirmar, é o de um povo hospitaleiro, afetivo, inteligente e cheio de esperanças. Estão em superioridade sobre os seus antepassados portuguezes em liberalismo e espirito de empreendimento. Muitos de seus jovens visitam a Europa, outros se educam nos Estados Unidos — acrescente-se a isso um aumento de intercâmbio com os estrangeiros — meios ordenados pela Divina Providência para o progresso Humano — e quem não se rejubilará com tão honesta ambição e com o futuro que se abre diante de seus olhos? — Lembre-se, porém, que nenhum povo pode servir de padrão a outro, pois não ha dois em idénticas circunstâncias. A influência do clima, sabemos, é onipotente; e do fato de ocupar o Brasil a maior e mais bela porção da zona equatorial, cumpre-lhes determinar quanto a ciência e as artes podem competir, nos trópicos, em progresso com a zona temperada. No que respeita a progresso, o Brasil é, das nações latinas, a que mais se aproxima da França. Na sua Câmara Legislativa, contam-se habeis e esclarecidos estadistas; e os seus representantes no exterior podem rivalizar em talento com os embaixadores de qualquer outra nação. Quanto aos elementos de grandeza material, nenhum outro povo debaixo do Sol foi mais favorecido e tem mais alto destino diante de si. Possam os brasileiros ter sufficiente sabedoria para alcançá-lo! (Ewbank: “Sketches of Life in Brazil”)”.

E' impossivel fazer um juizo sobre as condições presentes do Brasil, sem levar em consideração a influência da sua mãe-pátria. Não obstante a riqueza e a glória de Portugal durante o periodo de sua supremacia marítima, poucos países na Europa são menos apropriados a servirem de modelo de um estado próspero atual. Sob qualquer ponto de vista em que consideremos Portugal e suas instituições, acha-las-emos aquem do espirito do século. E, assim mesmo, esse país, tão insignificante em tamanho como inexpressivo em suas condições, manteve quasi metade da America do Sul sob o jugo de ferro da escravidão colonial durante

um período que vai de sua descoberta até 1808, — quasi poderíamos dizer, até 1822.

O curto espaço de 44 anos é tudo o que o Brasil até agora tem contado para o grande objetivo de afirmar seus caracteres de nação independente. Durante esse período, teve que lutar com grande e inúmeras dificuldades. Larga proporção de seus habitantes é constituída por pessoas nascidas ou educadas em Portugal, e consequentemente imbuidas da estreiteza de vistas e dos sentimentos autiliberais tão comuns entre os Portuguezes. As leis, a maneira de fazer negócios, assim como de pensar e agir, que aí prevalecem geralmente, são as dos portuguezes. Tudo isso está a exigir decidida renovação afim de apropriar-se às circunstâncias de um novo Império que surge para vida no meio dos progressos do Século XIX.

Tal renovação não é obra de um dia; e si poderia parecer que ainda está nos seus primórdios contudo a Nação Brasileira aparece diante do mundo como merecendo o mais elevado conceito. Rompeu os laços que a haviam manietado durante séculos. Passou de uma degradante servidão colonial a uma alta e honrosa posição entre as nações da Terra. E, o que é ainda melhor, manifesta um franco desejo de progresso. Lança seu olhar vigilante para as demais nações; observa a atividade de suas diferentes instituições, e manifesta sua disposição de adotar as que são realmente excelentes, tanto quanto e tão depressa como possam ser adotadas às suas circunstâncias.

Suas finanças estão em ótimas condições. Mas deve mostrar-se disposta e aceitar e cultivar uma maior reciprocidade para com as nações da Terra, abandonando toda política estreita que a contrarie.

As rendas do Império são quasi que totalmente provenientes de pesados impostos sobre o comércio. Infelizmente, a nação conta com poucas indústrias para poder apelar para as altas tarifas como meio de proteção. Suas taxas

sobre importação constituem um imposto direto sobre o consumo interno; ao passo que as taxas sobre exportação embaraçam seu commercio externo. Por essa forma, a agricultura se vê duplamente oprimida, e é sob o peso de grandes difficuldades que os imensos recursos do país se têm desenvolvido em grau relativamente pequeno.

Houvesse outros meios para fazer frente às despesas governamentais, e talvez fosse pouco aconselhavel empregar tão teimoso processo, a não ser sob a alegação de se tratar de um mal necessario. Mas não haveria possibilidade de encontrar rendas para o Brasil com a venda das terras públicas? Milhões de milhões de acres conservam-se ainda desaproveitados, não obstante o descuido com que as porções mais ricas e valiosas do patrimônio público têm sido concedidas a todos os que pretendam a sua posse. Não poderiam ser instituidos serviços governamentais, e a totalidade do país ser legalmente demarcada? Até aqui, nem um quinto do seu territorio foi levantado; e mesmo em alguns distritos populosos ainda subsiste grande incerteza a respeito de delimitações. Consta que uma reforma nesse sentido foi iniciada. Mas que vantagens resultariam desses serviços, si a emigração espontanea de estrangeiros não fosse encorajada?

Grandes coisas se fizeram nesse sentido, porem, mais ainda resta fazer. O sistema colonial não provou bem como o esperavam os seus partidarios. A mentalidade do povo está se orientando no verdadeiro sentido. Fazem-se necessarios emigrantes inteligentes. Abertas as portas de entrada, que o Governo retire todas as restrições de passaportes e taxas sobre emigração, e os grandes e pequenos proprietarios não terão que recorrer a meios tão dispendiosos para atrair a emigração; ela virá por si.

A educação vem día a día provocando maior interesse. No novo sistema escolar, o modelo francês foi geralmente seguido. Tendo já descrito aqui instituições de varios graus

— desde a escola primaria até às escolas de direito universitarias, — basta-nos agora observar que um alto grau de progresso já se fez notar ultimamente no primitivo estado de coisas; mas, por outro lado, a verdade é que a obra da reforma educacional apenas foi iniciada. O salario dos professores é excessivamente baixo; o interesse do público em geral precisa ser mais fortemente excitado; e um sério obstáculo resulta da falta de bons livros escolares.

E' triste verem-se, muitas vezes, opondo-se à causa da educação pessoas que deviam ser os orientadores do movimento para a preparação intelectual e moral dos jovens. Um sacerdote, residente numa das principais cidades do Império, e exercendo realmente as suas funções à sombra de uma das universidades, foi ouvido dizer: "Não gosto de livros; gosto mais de jogar". Em corroboração a estas observações são as palavras seguintes de um distinto estadista brasileiro, pronunciadas diante da Camara Imperial. "Uma estreita faixa ao longo do litoral é tudo o que o Brasil usufrue dos beneficios da Civilização; no interior, o nosso povo está ainda, em grande parte, mergulhado no barbarismo". Em complemento a essa observação, o mesmo legislador acrescentou: "Temos sido incapazes de fazer o quer que seja, e nada se poderá fazer sem a ajuda de um clero moralizado e inteligente".

Não obstante esse retrato, rápido porem fiel, ha muitos motivos para se ter esperança no Brasil nos dominios da educação. Os mestre-escolas se espalham pelo Império; a imprensa está a postos; porem o numero de escolas não augmentou em proporção com a população depois de 1855. Que a escravidão desapareça, e os próximos dez anos assistirão a grandes progressos.

A historia da literatura brasileira é curta; contudo, nas circunstâncias em que se formou, deve ser tida como bastante consideravel. De tudo o que se tem escrito em lingua portuguesa nos últimos cem anos, coube ao Brasil a maior

porcentagem quanto ao mérito. As obras do Cônego Pigneiro (Rio de Janeiro) sobre a literatura portuguesa, e de Wolf (Berlim) (*93) sobre a literatura brasileira, suficientemente o atestam. Portugal nunca deu um cientista superior a José Bonifacio de Andrada: de fato, durante alguns anos, solicitou os serviços desse ilustre brasileiro para honrar a sua Universidade de Coimbra e sua escola de Medicina de Lisbôa. O único prosador português vivo que supera os prosadores brasileiros é Alexandre Herculano, de Lisboa. E' atualmente um mestre em assuntos de Historia, e, embora muito diferente de ambos, pode ser comparado a Lord Macaulay e Prescott. Como prosador, porém, Torres Homem (*94) estadista brasileiro tão mesclado de sangue africano como Alexandre Dumas, é, pelo consenso geral dos homens de letras do Rio de Janeiro, o seu primeiro escritor. E' de lamentar que não se tenha dedicado em maior grau á literatura. Talvez o mais popular dos escritores brasileiros de ficção seja o Sr. Alencar, autor do "Guaraní". Teve o bom gosto e a intelligencia de tratar de um assunto nacional. Em assuntos historicos, embora sejam muitos os ensaios publicados, as mais importantes obras são de Varnhagem (atual Ministro do Brasil no Perú) e de Pereira da Silva. O primeiro tem reunido grande sôma de material para futuras publicações históricas, e o segundo está presentemente dando a público uma obra que constituirá, conforme promete, uma exhaustiva historia do seu país. A Revista Trimestral do Imperial Instituto Histórico e Geográfico há mais de trinta anos se vem enriquecendo de artigos bem escritos e ensaios sobre a historia e geografia. Em matéria de assuntos politicos é abundante a produção impressa no Brasil. Outrora as suas teorias políticas eram grandemente influenciadas pelos escritores francezes, mas atualmente nenhum autor estrangeiro exerce maior influência na mentalidade dos estadistas brasileiros moços e de meia-idade que John Stuart Mill. A nota dominante e realmente elevada da obra do Sr. Zacarias "O Poder Modera-

dor é a de John Stuart Mill em sua obra "Liberty". Nas escolas de direito de São Paulo e Pernambuco lecionam habéis professores e escritores jurídicos; da mesma forma, nas escolas de Medicina do Rio e da Baía encontram-se escritores igualmente eminentes na especialidade. Ha falta de discussões amplas sobre assuntos de religião; tivemos, todavia, a satisfação de vêr um ensaio sobre tolerância religiosa da autoria do Snr. I. B. Barreto, de Pernambuco. E', porem, na poesia que, atualmente, o Brasil vence a mãe-pátria. Os nomes de Magalhães e Gonçalves Dias, nesses dominios, pairam bem alto. Gonçalves Dias ocupa um pôsto supremo na poesia lírica. Seu triste e trágico fim num naufragio á vista de sua terra natal causou a mais profunda emoção em todo o Brasil. Ha muitos outros poetas de valor, mas que só escrevem poesias leves. Nos últimos anos, o exemplo de D. Pedro II vem influindo para que os jovens se dêm ao estudo dos poetas ingleses e norte-americanos. Excelentes traduções das poesias de Longfellow e Whittier foram feitas, entre outros, pelo Imperador, pelos Srs. Lisboa, Pedro Luiz e Bittencourt Sampaio. Porto Alegre, Macedo, Norberto e Assis são bastante conhecidos. Pode-se achar que seja uma desvantagem, no ponto de vista literário, que o Brasil tenha como língua o portugûes. Contra essa língua existe forte prevenção entre as nações estrangeiras; e, embora injusto, não será tão cedo dominado. Raramente os homens eruditos chegam a possuir o conhecimento do portugûes necessário para apreenderem os seus méritos reais. Aqueles que o conseguiram são acordes em fazer-lhe os mais altos elogios. O Snr. Southey, por exemplo, declarou que essa língua "não é inferior a qualquer outra das modernas", e que possui "algumas das mais originaes e admiraveis obras que jamais se escreveram". Schlegel, em sua "Historia da Literatura", dá seu alto testemunho da beleza e fecundidade da língua portuguesa e não tem restrições na sua admiração por Camões. Dos "Luziadas", um illustre escritor francês afirmou: "E' o primeiro poema épico dos tempos modernos"! (Devemos aqui lembrar que os po-

vos latinos nunca foram capazes de compreender Milton). O Snr. de Sismondi escreve: “Os homens de valor que Portugal tem produzido dotaram esses paíes de obras de valor em qualquer ramo de litteratura”. E, mais adiante: “A litteratura portugueza é completa; assim a julgamos em todos os departamentos das letras”. (“De la Litterature du Midi de l’Europe”, T. IV, pag. 262). “A língua portugueza”, diz o Sr. Sané, “é bela, sonora e rica”, está livre dos sons guturais que achamos ser tão desagradaveis no espanhol; tem a doçura e a flexibilidade do italiano e a austeridade e o poder descritivo do latim”. (Poésie Lyrique Portugaise”, pag. 90, Paris, 1808). Enfim, pode-se dizer que nenhuma outra língua viva, não excetuando mesmo o espanhol e o italiano, se aproxima tanto da língua da velha Roma imperial como a que falam os lusos. Si os brasileiros, possuindo uma língua como essa, souberem desenvolver a applicação e o gênio necessário a tão grande desiderato, ainda serão capazes, pela criação de uma obra digna dêles, de conquistar o respeito e a admiração do mundo.

Não obstante certa classe de literatos conhecer tão pouco a língua portugueza, esta ainda domina onde quer que existam ou tenham existido colônias portuguezas, não só no Brasil e nas ilhas portuguezas, como ao longo das costas da África e da Índia, da Guiné até o Cabo da Bôa Esperança, e deste até o sul da China — estendendo-se a quasi todas as ilhas do Arquipélago Malaio.

Como seria interessante vêr a luz e a verdade irradiando do Brasil e espalhando a sua influência nesses diferentes climas! Antes, porem, que isso se realize, varias mudanças se devem operar nas condições morais e religiosas do Império.

O cléro é notoriamente incapaz. Num dos Relatorios do Ministro da Justiça, não há muitos anos, liam-se as seguintes linhas:

“E’ notório o estado de retrocesso em que se encontra o nosso clero. Torna-se evidente a necessidade de medidas para remediar

essé mal. A falta de sacerdotes que se dediquem á salvação das almas, ou que se ofereçam ao menos para essa missão, é surpreendente. Note-se que o número de padres que morrem ou tornam-se incapazes, por doença ou pela idade, está na proporção de dois para um daqueles que recebem ordens. Mesmo entre estes, poucos são os que se destinam ás missões pastorais. Ou voltam as suas vistas para os assuntos seculares, como meios de conseguir maiores proveitos, vantagens e *respeito*, ou pretendem os postos de capelães, etc. que proporcionam vantagens iguais ou superiores ainda, sem se sujeitarem ás provas literárias, aos estorvos e despêsas necessárias para conseguirem uma boa posição eclesiástica. Não é aqui o lugar próprio de se averiguarem as causas de um tal estado de coisas; mas a verdade é que nenhuma pessoa de certa distinção destina seus filhos ao sacerdotício. A maioria dos que procuram a sagrada profissão são indigentes, que, pela sua pobreza, se acham impedidos de prosseguir em seus estudos. Sem dúvida o principal motivo pelo qual são tão poucos os que destinam á profissão eclesiástica deve ser procurado na pequenez dos seus honorarios. Além disso, os proventos pecuniários instituidos como remuneração de certos serviços clericais, reassumiram o carater de contribuição voluntária que tinham nos primitivos tempos, e o sacerdote que tenta coagir os seus paroquianos a pagarlhe, quasi sempre se torna odioso, e pouco ou quasi nada consegue com essa tentativa”.

Nas condições atuais, o Brasil sente apenas a necessidade de piedosos ministros evangélicos, que ganhem a sua própria subsistência. Homens que, como o Apóstolo dos Gentios, não prezam a sua vida sinão o quanto ela sirva para conquistar almas para Cristo. E isso é tanto mais para esperar quanto Deus, em Sua providência, saberá orientar devidamente tais homens para o Seu caminho, especialmente quando refletirmos que a Sua palavra não poderá voltar vazia para junto d'Ele, e que as orações fiéis nunca serão esquecidas diante do trôno do Altissimo.

Poderíamos ter mostrado ao leitor um número muito maior de incidentes no trabalho que fizemos para a causa do nosso Mestre no Brasil, porém, por motivos obvios, evitamos entrar em minúcias; acreditamos possuir todo o entusiasmo para ter esperanças no Brasil, no ponto de vista quer religioso quer político.

Varias coisas são de urgente importância para o bem estar presente e futuro do Brasil.

Primeiro: legislação imediata para por um paradeiro, através de judiciosas medidas, á escravidão no Império. As dificuldades si bem que grandes, não são como as do Estados Unidos, onde dominam desarrozoaveis preconceitos contra a côr e onde antes da recente rebelião, milhões de pessoas apellavam para o direito divino para perpetuar a execranda instituição. Os brasileiros sempre tiveram uma mais alta teoria moral sobre os direitos dos negros do que os norte-americanos. O aspéto econômico da questão não se discute. As melhores avaliações mostram que o total dos escravos decresceu, de 1851 a 1861, de mais de um milhões; e as estatisticas publicadas nos "Relatorios" dos Ministerios da Fazenda e de Obras Públicas, Agricultura e Comércio, demonstram que, ao findar-se aquele decenio, a grande produção tropical de café, açucar, algodão, fumo, etc., aumentaram mais de trinta por cento. A seriedade com que os seus estadistas vêm tratando do assunto, os sentimentos anti-esclavagistas francamente manifestados e sobejamente conhecidos do Imperador, são tão imperiosos que não serão inuteis os apêlos feitos ao Brasil por um homem sereno e sincero como Laboulaye (V. "Journal de Débats", Julho de 1865) e Cochim, de Paris, e pelos dedicados amigos da liberdade na Inglaterra e nos Estados-Unidos. Sinceramente desejamos que o Brasil não seja a última nação a conservar homens escravos, e que, numa generosa competição, possa preceder a Espanha em varrer do seu escudo nacional semelhante mancha.

Segundo: legislação adequada para imediatamente resolver as questões religiosas. Em Janeiro de 1866, as mais elegantes e fortes palavras foram dirigidas numa reunião pública, visando os mesmos propositos, pelo Dr. Furquim de Almeida, cuja largura de vistas e práticas nas coisas da economia política, emprestam-lhe algo de que distingue o orador inglês Cobden e êsse norte-americano amigo do Brasil, A. A.

Low, Esq., o esclarecido presidente da Câmara de Comércio de Nova York. Nenhum país poderá alcançar um dia um alto desenvolvimento moral, material e intelectual, si a liberdade espiritual em sua mais completa significação não fôr incorporada na teoria e na prática política do seu povo. O discurso do Dr. Furquim de Almeida, é um forte corolário do famoso discurso anti-jesuítico pronunciado por Pedro Luiz no Palarmto de 1864, das palavras de A. C. Tavares Bastos nas "Cartas do Solitario", e de I. B. Barreto no seu ensaio sobre a "Intolerância".

Terceiro: E' muito importante, no ponto de vista material, que o Brasil remodele as suas leis no que se refere aos processos de aumento de renda. Não é para desejar apenas que a guerra do Paraguai expulse da America do Sul esse fermento de discórdia que é o segundo Lopes, mas que a necessidade de aumentar a receita leve os tímidos financistas e os que ainda se deixam orientar pelos antigos métodos portuguezes, combinem as suas vistas sobre o assunto com as de certos autores de século XIX, afim de elaborarem uma legislação apropriada a uma forma direta e equitativa de taxação. Em algumas poucas cidades existem, até certo ponto, os impostos diretos; mas, na maioria dos casos, postos em prática de maneira estreita, sobrecarregando o estrangeiro e não dando á renda dos impostos, uma applicação de ordem geral. Há alguns homens, na provincia do Rio de Janeiro, fóra da área neutra da metrópole, que são capitalistas e grandes proprietarios de terras. O segundo autor da presente obra visitou um desses cavalheiros que, só tendo a sua espôsa, por familia, disse-lhe que possuia oito léguas quadradas de terras, somadas á sua fortuna, que é enorme, e que não era obrigado a pagar nenhum imposto. Ora, um dono de casa de negocio, com estrada passando pela porta, sem filhos, tendo uma renda de \$2.000 anuais, tem que pagar ao Governo, um imposto indireto pelas roupas que veste e o vinho que bebe (que são os principais artigos importados, mais em uso),

tanto quanto aquele que possui uma renda de centenas de milhares. Abaixando as taxas de importação, revendo também as de exportação, e começando com um imposto direto moderado, a agricultura e o comércio prosperarão, não ficando o Governo embaraçado com deficits frequentes.

Quarto: não deve haver exclusivismos em relação a mestres e professores nas instituições de ensino superior. De conformidade com as leis atuais, si um homem de ciência, bem dotado, fôr estrangeiro, si deseja permanecer no Brasil pelo espaço de uns seis anos para ensinar a sua especialidade num estabelecimento oficial, não poderá conseguir uma colocação: esta só pode ser concedida a brasileiros natos ou naturalizados. Não censuramos os brasileiros por cultivarem o espírito nacionalista, mas julgaremos errado tudo aquilo que implique num espírito de estreiteza. Agassiz esteve como professor durante anos numa universidade sob os auspícios do Governo da Prússia; mas não perdeu a sua nacionalidade suíça porque serviu ao Rei da Prússia, nem foi julgado um professor menos competente e dedicado por não ser prussiano. Quando o mesmo sábio veio para os Estados Unidos, aí permaneceu varios anos antes de se naturalizar cidadão norte-americano, e teria merecido a mesma consideração pública mesmo que não se houvesse naturalizado. Dificilmente se encontrará uma instituição de ensino de primeira ordem nos Estados Unidos que não possua um professor estrangeiro; e isso tem contribuído grandemente para o progresso da sua educação. Esse espírito de exclusivismo no Brasil pode ser encontrado em outras esferas de vida mais humildes que o professorado.

Quinto: Para o interesse material do Império, deve ser revogado o monopólio da navegação costeira. Como o Brasil, é, e será por muito tempo, um país quasi que exclusivamente agrícola, a navegação entre portos de escala deve ser aberta a todos os pavilhões. Na situação atual, o custo excessivo de transporte entre as diversas regiões do Império

faz com que os preços de muitos artigos de alimentação sejam muito elevados.

Sexto: O Rio Amazonas, com certas restrições, deve ser aberto ao comércio do mundo. O maior vale do globo, nessas condições, produzirá, nos próximos dez anos, incalculáveis benefícios.

Finalmente — a burocracia exige a atenção da Assembléa Geral. Ela existe em grau extensíssimo, em todos os serviços públicos, a não ser o corpo legislativo do Império. Neste ha uma grande independência em relação ao burocratismo. Si um assunto é devidamente apresentado, pelo canais competentes, segue os processos parlamentares comuns, e sofre muito menos empecilhos de que em Londres e Washington. A redação dos projéto, dos decretos e das leis está livre de quasi todas as tautologias legais que se observam nos documentos análogos do Parlamento Inglês ou Congresso dos Estados Unidos. Porém muitos dos processos nas repartições públicas são sujeitos ás maiores delongas, dos funcionarios superiores até os inferiores, e são quasi tão enleados pelas formalidades burocráticas como em Portugal e Espanha, ou como um caso afeto á “Chancery” num tribunal inglês. Ha um grande número de cidadãos, que, da mesma forma que os funcionarios, vivem exclamando: “o governo, o governo”; e como tudo se espera do governo, não se desenvolve a menor atividade individual. Aí está um bom terreno para melhorias.

Todas as reformas aqui indicadas são urgentíssimas; mas as três primeiras são de tal importância para o Brasil que o desejo cordial de todo aquele que deseja o bem desse país é que os brasileiros tenham bastante sabedoria para executa-las de maneira a lhes proporcionar os maiores benefícios.

Para terminar a presente obra, nada fariamos de melhor que transcrever alguns trechos da carta de boas vindas e instruções que o Sr. Paula Souza, Ministro das Obras Públicas, Agricultura e Comércio, em 1865-66, escreveu a alguns imi-

grantes vindos do Sul dos Estados Unidos, assim como alguns tópicos do vigoroso discurso do Dr. Furquim de Almeida sobre o assunto da tolerância religiosa.

Acreditamos que essa carta, tanto quanto o discurso de Furquim de Almeida, exprimam o pensamento de Sua Magestade o Imperador e seus esclarecidos Ministros; si todos os estadistas brasileiros nessas e noutras questões, se inspirarem em tão largos sentimentos, a sua pátria não poderá deixar de fazer os mais rápidos progressos para a mais elevada das civilizações.

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1865.

“O Brasil é um imenso território, como sabeis, limitado ao Norte, no paralelo de 4°, pelas Guianas Inglesa e Holandesa e a Venezuela, e, ao Sul, quasi no paralelo de 34°, pelas Repúblicas do Prata; a este pelo Oceano Atlantico e a Oeste pelas Repúblicas do Perú, Nova Granada, etc.. Possui todos os climas, e produz, si não naturalmente, ao menos com menor trabalho do que em qualquer outra parte do mundo, quasi todos os produtos do mundo; a fecundidade de seu solo não é inferior á variedade do seu clima, e recompensa com lucros o trabalho que exige o seu cultivo. Regado por imensos rios, quasi todos eles navegaveis, e alguns atualmente navegados, oferece o mais barato dos sistemas de viação e transporte para a exuberancia dos produtos que são consumidos interna e externamente; imensas florestas e vastas planícies existem ainda desaproveitadas, porém á espera apenas do homem que as faça produzir. Seus recursos minerais não são inferiores á variedade, abundância e excelência de sua vegetação.

Das margens do Amazonas e seus tributários até ás plagas do Paraguai e do Paraná, encontrareis um solo rico por sua composição geológica, um clima saudável, e uma configuração do solo permitindo, sem grandes obstáculos, o transporte de seus produtos, onde podereis, bem como os vossos associados, fixar residência, adotando este país como o vosso lar, para, de mãos dadas convosco (pois vos receberá fraternalmente), ergue-lo, com o vosso esforço e capacidade, á altura de seus destinos, destinos esses que nos são revelados pela magnificência da sua natureza.

A nossa forma de govêrno difere pouco, em sua essência, daquela sob a qual estais acostumados a viver. O nosso Presidente governa

vitaliciamente, e a presidência é transmitida hereditariamente; nem entrar na crítica daquilo que os nossos contemporaneos da America do Norte fazem, dir-vos-ei que encontramos nesse regime as vantagens de ordem e estabilidade que só os Estados Unidos, entre todas as demais repúblicas, são capazes de nos apresentar. Quanto a outras diferenças, a maioria é de hábitos e costumes. Nós também adoramos a liberdade como o princípio fecundo do progresso do homem e da família humana, e respeitamos as formas de govêrno como garantias dessa liberdade.

Descendentes de portuguezes, e católicos, nós, por cõsequinte, diferimos dos fundadores da cidade de Providência, em Rhode Island, e dos puritanos dissidentes de Massachusetts. Não diferimos, todavia, na veneração dos mesmos princípios. Vinde, pois, para o Brasil, onde sereis benvindos, e podereis viver felizes, como é do vosso direito.

Dentre as propriedades que podereis adquirir, uma há que a vossa legislação não vos permite: é a que se refere a escravos; devo acrescentar mesmo — a importação mesmo de africanos livres é proibida por lei.

Si, portanto, qualquer dos vossos associados possuir tal gênero de propriedade, deve desfazer-se da mesma. Isso, entretanto, não significa que, uma vez entre nós, não possais empregar o vosso capital dessa maneira; infelizmente, ainda possuímos escravos, e o tráfico dos mesmos, no interior do Império, de uma para outra província, é permitido.

Já temos zonas, levantadas e demarcadas, em várias províncias, para onde os emigrantes, que os desejam possuir, podem desde já se estabelecer: a extensão dessas zonas é, porem, pequena, e não pode comportar uma rápida e instantanea introdução de grande número de escravos. Não é, entretanto, coisa que cause dificuldades, ou retarde a emigração, pois o govêrno está resolvido a estabelecer os emigrantes em terras, em que mandará proceder, successiva e gradativamente ao levantamento e delimitação, dando títulos de posse provisória, com garantia de futuros títulos definitivos. A lei não permite a doação de terras, e exige a sua venda; mas o preço é tão baixo, e tão grande a facilidade de pagamento, que só a negligência, ou preguiça total será incapaz de não satisfazer os compromissos assumidos. O custo varia de $\frac{1}{2}$ a $1\frac{1}{2}$ real por braça quadrada (11 d. ou 20 centavos, a 2 s 8 d. ou 63 centavos, por acre), conforme a qualidade da terra e a sua situação topográfica; temos, assim, uma légua quadrada de 3.000 braças quadradas (10.764 acres) por um total de 4.500 dolares no mínimo, ou 8.250 dólares no máximo, emquanto que, no folheto que este acompanha, o Sr. Sarmento, Mi-

nistro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário da República Argentina, informa que as terras da Confederação Argentina são vendidas de 10.000 a 40.000 "patacoons" (1 1/9 dolar cada um), a légua espanhola (cerca de 7.700 acres). (N. B.: 6 réis equivalem a 1/2 "mill" dos Estados Unidos).

Em nosso país, como na Argentina, os gados vacum e bovino podem ser admiravelmente criados, bem como outros animais que o homem sujeitou ao seu jugo. Café, açúcar, algodão, indigo, quinina, baunilha, tabaco, assim como todos os produtos alimentícios, dão aqui maravilhosamente, constituindo uma fonte de riqueza pública e particular para o Império. Os estrangeiros obtêm facilmente a naturalização. O colono, no fim de dois anos, é *de fato* brasileiro. Qualquer estrangeiro, igualmente como os colonos, podem tornar-se, passados dois anos, cidadãos do País, desde que façam uma declaração em qualquer Camara Municipal. Poucos dias serão suficientes, si a naturalização se fizer no nosso Parlamento, que pode considerar os emigrantes como importadores de uma determinada indústria, ou capital, ou como pessoa disso merecedora por seus méritos pessoais. Neste caso, sereis recebidos imediatamente e podereis voltar em breve, como cidadãos brasileiros aos Estados Unidos para importar vossos bens, máquinas e objetos de qualquer espécie.

Si o nosso progresso ainda não atingiu certo grau, si o nosso desenvolvimento ainda se está processando, isso não se deve attribuir a comoções políticas ou perturbações da ordem pública; o povo brasileiro, tão digno e corajoso como qualquer outro, é mais do que nenhum sociavel e afavel, — de uma facilidade de acolhimento que quasi pode ser interpretado desfavoravelmente, e que já tem mesmo prejudicado a sua boa reputação no estrangeiro. Si ha certa indolência no seu temperamento, ha em compensação, um profundo sentimento do dever e da propriedade.

Os cidadãos brasileiros são livres, na ampla acepção do termo. Si nas grandes cidades e vilas vemos em prática todo o nosso sistema administrativo, não é menor verdade que o interior vive mais ou menos parcialmente de acôrdo com o mesmo sistema, sustentado por esse sentimento do dever e da propriedade e pela tendência que tem de ser gentil e tolerante.

Somos católicos; temos uma religião do Estado; mas não forçamos ninguem a segui-la; a Constituição simplesmente exige que os representantes da Nação a professem; todos os cultos podem ser professados, salvo em edificios com exterior de templo. A nossa vida municipal tem alguma semelhança com a das coletividades urbanas dos Estados Unidos. De quatro em quatro anos, todo cidadão que possui uma renda de 200 mil réis, ou sejam 100 dólares, pode voltar (si não é passivel de pena inafiançavel), si tem mais

de 25 anos de idade, ou 21 anos para os que são oficiais do Exército da Marinha, ordenado em ordens sacras, formado por qualquer Academia, ou casado. Os eleitores se reúnem e escolhem os cidadãos que desejam como seus representantes durante um período de quatro anos. São os juizes de paz, que constituem a Camara Municipal, isto é, o poder executivo e legislativo para um quadriênio; os funcionários da policia são nomeados pelo govêrno das províncias; temos o "habeas-corpus" aplicado a todos os casos de ofensa física, garantindo a liberdade do cidadão; o direito de queixa é sagrado; e permitido mesmo ao escravo; a imprensa é livre, e o juri julga a maior parte dos crimes.

Qualquer que possam ser as divergências de opinião dos partidos políticos do Imperio, todos são acordes em preservar aquilo que possuímos: como em toda parte do mundo, alguns esperam alcançar mais rapidamente o futuro, outros menos, mas todos partindo do princípio dos direitos adquiridos, que ninguém deseja ver desrespeitado.

As leis brasileiras garantem certos e especificados favores aos emigrantes, e o govêrno do Brasil procura amplia-los; em vossa carta, desejais conhecê-los, e eu, para dar-vos a conhecê-los completamente, ordenei que se compilasse, para vos ser entregue, a legislação em favor dos emigrantes. Aconselho-vos a iniciar a vossa viagem através do Brasil pela província de São Paulo. O Sr. Street, cidadão brasileiro naturalizado, tem ordens para vos acompanhar, e, como mantém relações conosco, está em condições de fornecer-vos todas as informações desejadas.

De São Paulo, dirija-se ao Paraná, Santa Catarina, Rio Grande, e, de volta, si o desejardes, podereis percorrer as nossas províncias centrais e do norte, onde obtereis dados e informações que vos permitirão dar uma idéa justa e segura a respeito de nós e da nossa terra aos vossos associados, e si, depois disso, resolverdes vir estabelecer-vos entre nós, a vossa resolução será o fruto de madura reflexão e estudo, o que mais ainda nos lisonjeará, porque vos abriremos os braços com fraternal solicitude, sem desejar atrair-vos com frases hiperbolicas mas sómente com a verdade dos fatos; assim sendo, poderemos afirmar-vos que não haverá males que não se transformem em bens, uma vez que os nossos irmãos do Norte, aqui se sintam bem, trazendo-nos o influxo da energia, atividade e capacidade norte-americanas; o nosso pezar em vê-los divididos será compensado pelo prazer dos novos elementos de aproximação e união que nos oferecem.

Sou, com satisfação, vosso, etc.

Antonio Francisco de Paula Souza.

TRECHOS DE UM DISCURSO PRONUNCIADO PELO
DR. FURQUIM D'ALMEIDA,

na Bolsa do Rio de Janeiro, por ocasião da instalação da Sociedade Internacional de Emigração, a 26 de janeiro de 1866.

Não é, entretanto, só uma barreira material que temos que remover para atrair uma grande corrente de emigração espontânea: a barreira moral é de muito maior importância e muito mais difícil de combater. Há os velhos prejuízos ainda encastelados em nossos costumes e nas nossas leis, e mantidos por um falso patriotismo e um espírito religioso intolerante. Poderosos inimigos, opondo em toda parte a mais tenaz resistência a toda inovação, a toda a idéa de progresso, esses preconceitos não se apresentam entre nós facéis de serem vencidos; lutarão enquanto tiverem forças e só cederão no último extremo. Devemos contar com uma luta sangrenta, mas nem por isso devemos desanimar; pelo contrário, devemos investir contra eles com mais paciência e coragem afim de dominá-los. E' a principal missão de nossa empresa.

Os entraves morais estão representados por três ordens de fatos, civis, políticos e religiosos; e podem traduzir-se em desigualdades civis, políticas e religiosas em relação aos estrangeiros que desejam adotar o nosso país como o seu próprio.

A desigualdade civil é evidente. A nossa legislação civil, anterior á lei de 11 de setembro de 1861, não reconhece casamentos não celebrados de acordo com as prescrições da Igreja Católica; isto é, o casamento puro e simplesmente civil não existe; por conseguinte, os casamentos celebrados entre Protestantes ou outra qualquer seita dissidente, ou por qualquer outra Igreja, são nulos, e portanto a legitimação das famílias deles decorrentes, base principal de toda sociedade bem organizada, não existia.

A lei de 11 de setembro de 1811, desejando satisfazer até certo ponto a justa queixa que de todos os lados se erguia, contra aquele estado de coisas, seguiu um meio termo, que não satisfizes a justa reclamação dos que pediam o casamento civil e muito desagradou os defensores de um casamento puramente religioso e católico.

Essa lei não instituiu o registro civil; contentou-se em tolerar casamentos celebrados entre os membros de seitas dissidentes conforme o ritual de seus diferentes cultos, e pelos seus respectivos sacerdotes. Nada, porém, se alterou no que concerne aos

casamentos mixtos, os quais, diante da mudez da lei, continuam a regular-se pela legislação anterior.

A desigualdade e injustiça nesses casos são manifestas. Toleram-se simplesmente o casamento entre membros de seitas dissidentes, efetuado segundo as prescrições de seu culto, quando devia ser-lhes concedido um casamento civil como um direito absoluto, sujeito a nenhuma restrição, e a nenhum dos muitos abusos a que dá ocasião um casamento não civil. Ora, o casamento dos não católicos, pelo fato de ser simplesmente tolerado, tem como consequência ser considerado ilegítimo aos olhos da religião católica, que é a religião do Estado, e as autoridades eclesiásticas se julgam com o direito de assim considerá-lo quando bem o entendam.

Suponhamos um caso que facilmente se pode dar. Um casal, de qualquer das seitas dissidentes, cujos conjuges se venham a incompatibilizar, chega á conclusão de que se deve desunir, cada qual dos seus componentes pretendendo casar-se de novo: basta que cada qual se dirija a seu respectivo sacerdote, abjure a sua religião, adote o Catholicismo, e peça licença para contrair novo casamento com quem deseje.

O sacerdote não pode opôr a menor dúvida; recebe-os no seio da Igreja Católica e assegurou-lhes a licença para casar uma segunda vez, porquanto a Igreja Católica considera com mero "concubinato" um casamento que não foi efetuado diante dela e conforme os seus preceitos. Fatos como tais já se tem dado entre nós, e a sua repetição virá solapar as bases da família, retirar-lhe toda a sua força moral e implantar a imoralidade sancionada pela lei.

Por outro lado, a lei de 11 de setembro de 1861 nada regula quanto aos casamentos mixtos: por conseguinte, continuam esses a se regular pela legislação anterior, isto é, são feitos perante um sacerdote católico e de conformidade com os ritos católicos e os usos sancionados pela lei civil. Ora, a Igreja Católica não consente casamento entre um membro de seita dissidente e um católico, a não ser com a condição de que aquele se comprometa por juramento a criar e educar os filhos na religião católica.

Que injustiça, que humilhação para o não católico que pretenda unir-se pelos laços matrimoniais com pessoas pertencentes ás famílias do país! Tem que se submeter a uma pesada e humilhante condição si deseja casar-se com uma mulher brasileira. E' obrigado a fazer calar os reclamos de sua consciência, que afirmam ser a sua religião a melhor, e a jurar que seus filhos serão educados em princípios que ele julga inferiores aos seus.

Senhores, conheceis prescrição mais injusta, mais intolerante, mais absurda?

Além do mais, isso é contrario á nossa Constituição, que institue a liberdade de consciência, e é inoperante porque não há meios para forçar o seu cumprimento. A nossa Constituição garante a todos o livre exercício de sua religião, com a única restrição de que o local do culto não tenha a fôrma exterior de um templo, isto é, não apresente torres e sinos.

Isso significa que todos podem seguir a crença que lhes agrade, podendo educar a familia nos mesmos principios religiosos, sem que qualquer autoridade tenha o poder de chamá-los a ordem. Poderá, pois, a legislação civil continuar em flagrante contração com a Constituição exigindo que o membro de uma seita dissidente que se venha a casar com uma católica se prenda ao juramento de educar os seus filhos na religião católica? Tal prescrição é uma exigencia simplesmente vexatória e humilhante, sem nenhum resultado pratico, uma vez que a nossa legislação civil não possui nenhuma sanção penal para quem a desrespeite. Qual a autoridade encarregada de sua execução?

Uma voz: — A autoridade eclesiástica.

O Sr. Furquim: — Esta não dispõe nem do braço secular nem da sanção penal: pode apenas lançar mão da excomunhão, que atualmente nada vale. (Gritos de “não”, “não”). O próprio católico pode, entre nós, abjurar da sua religião, sem que qualquer autoridade possa chamá-lo á ordem, pois a Constituição garante a todos plena liberdade de consciência. (Novas exclamações de “não”, “não”). Estamos nós por ventura na Idade-Média? Teremos caído sob o domínio da Inquisição? Assim me pareceu ao ouvir esses “nãos” tão fortes e intolerantes. Felizmente estamos no século XIX, e num dos mais livres e tolerantes paises da atualidade. Posso, portanto, dirigir-me a vós com toda a franqueza e liberdade. Sou católico, fui educado nessa religião, e pretendo pertencer-lhe até morrer; mas a minha razão me diz que é necessario dar a todos o direito de adorar a Deus de conformidade com a sua consciência. (Grandes exclamações).

Por tudo o que acabei de expor-vos relativamente á nossa legislação sobre o casamento, podeis avaliar quanto é ela incompleta, injusta e desigual.

No ponto de vista político, a mesma injustiça e desigualdade se observa; a nossa Constituição proibe aos estrangeiros naturalizados o acesso a determinados cargos públicos, tais como os de Deputado e Ministro de Estado. Há nisso uma grande injustiça e uma grande desigualdade. Convidar o estrangeiro a

formar parte da nossa nacionalidade, a abandonar tudo o que lhe é mais caro em sua pátria, solicitando-lhe que venha com a sua família, a sua indústria, o seu trabalho, o seu capital, para enriquecer e engrandecer o nosso país — e fechar-lhe as portas dos mais altos postos do país que adota como seu, — eis um absurdo tão somente explicável pelas circunstâncias e a época em que a nossa Constituição foi promulgada.

Acabavamos de proclamar a nossa independência, e o nosso país achava-se ainda em hostilidades para com a mãe-pátria. A exclusão dos estrangeiros de alguns dos cargos mais importantes do Estado foi adotada com o propósito de tomar tais cargos das mãos dos portugueses, e conservá-los fora de seu alcance. Agora, porém, é um absurdo, que não tem mais sua razão de ser. E' uma exclusão odiosa, — sobretudo num país novo que tem necessidade de atrair a emigração com todas as suas forças.

Resta-nos tratar da desigualdade religiosa em que os estrangeiros são colocados em relação aos nacionais. Essa desigualdade transpira por todos os poros da nossa legislação, a começar pela Constituição, que estabelece que a religião do Estado é a Católica, e a considerar como uma instituição civil e política que tem um lugar distinto entre os varios ramos da nossa organização social.

A ela são destinadas todas as honras oficiais; são construídas igrejas á custa do Estado; um importante lugar nos orçamentos; dos impostos pagos por todos os membros de todas as religiões, só ela, a Católica, tem os proventos. Ás demais seitas, apenas a Constituição concede tolerancia: admite-as, mas com certa desconfiança, certa reserva, na qual os membros das seitas dissidentes podem distinguir uma espécie de suspeição. Por outro lado, a Constituição exige, para o exercício de certas funções, o juramento de manter a religião católica. E' um novo obstaculo, uma nova injustiça, para o estrangeiro naturalizado que pertence a uma seita dissidente. Ou deve trair á sua própria consciência, ou ver-se-á excluído para sempre de muitos dos mais altos cargos oficiais.

Todos esses obstáculos, acrescidos áqueles já por nós mencionados na parte relativa aos casamentos, constituem a parte mais difficil do nosso programa. A questão religiosa levanta serias difficuldades dos dois lados. Por um deles, temos que vencer os preconceitos nacionais a respeito; por outro, os sectarios das seitas diferentes da católica demonstram a maior repugnancia em vir para um país onde as suas crenças são simplesmente toleradas, emquanto que o casamento, que é a base da família e da sociedade, não se apoia sobre bases sólidas e

seguras, nem certos cargos públicos elevados estão isentos de exclusão para eles em virtude de diferenças religiosas.

São esses sérios obstáculos; devem ser extintos si desejamos uma larga corrente de emigração espontanea para o nosso país. Dos países de raça latina e de religião católica, poucos são os emigrantes que nos vêm, pois a raça latina tem pouca tendencia para emigrar. Como prova, citarei a França, a qual, com todo o seu poder e todos os seus recursos, sossobrou na empreza de povoar as suas colônias. A tendencia para emigrar só existe nas raças ânglo-saxônicas e teutônicas. Si, por conseguinte, desejamos seriamente povoar o nosso país, devemos abrir as portas a todas as raças e religiões, abolindo todos os entraves religiosos que ainda existem em nossa legislação com respeito aos não católicos.

Por tudo o que aqui vos foi exposto, deveis compreender quais as nossas finalidades ao fundar uma associação internacional de emigração, e qual o programa que ela tem em vista. Reconheceis que, para obter-se uma larga corrente emigratória para o nosso país, é indispensável, primeiro que tudo, tratar de remover os obstáculos que a ela se opõem dentro de nosso próprio país. Vimos que tais obstáculos são materiais e morais; que entre os materiais figura a concorrência do braço escravo, que é necessario combater. Vimos que é necessario desenvolver e aperfeiçoar as nossas vias de comunicação, proceder ao levantamento e demarcação das terras públicas nas localidades apropriadas á colonização.

Quanto aos óbices morais, reconhecemos como principal a desigualdade civil, politica e religiosa, e vimos ser indispensavel reformar a nossa legislação sobre o casamento, instituindo o casamento civil, admitindo que os naturalizados ocupem quaisquer posições officiais, e pondo fim ás diferenças de religião em todos os casos de que vos falei relativamente aos direitos civis e politicos dos estrangeiros naturalizados.

As nossas finalidades são, pois, bem evidentes; o nosso programa bastante claro. Precisamos empregar todos os meios a nosso alcance para remover todos os obstáculos materiais e morais que se opõem á emigração. E' nesse sentido que todos os esforços da nossa associação devem ser orientados. Si desejamos de coraçaõ que o nosso país se engrandeça e enriqueça; si desejamos que a nós venha a ter uma vasta emigração de elementos pertencentes a todas as raças adiantadas da Europa e dos Estados Unidos, que professam as mais variadas seitas; si desejamos que estes se amalgamem com a nossa gente, formando uma forte e homogenia nacionalidade, e não constituindo no seio da nossa pátria pequenas nacionalidades distintas em suas

raças, linguas, religiões, e costumes, inimigas e rivais, sem coesão entre si, — si, em suma, desejamos que o nosso país seja daqui a cincoenta anos uma nação nos moldes europeus e norte-americanos, e não uma insignificante nação nos moldes africanos, chineses ou indianos, — o caminho a seguir é justamente o que vos acabei de traçar. Sigamo-lo com ousadia, perseverança e sincero patriotismo. (*Aclamações e aplausos*).

NOTAS DO TRADUTOR

(* 93) Fcrd. Wolf, austriaco, "Le Brésil Litteraire-Histoire de la Littérature Brésilienne", 1863.

(* 94) Francisco Salles Torres Homem.

José Martiniano de Alencar — João Manuel Pereira da Silva — Francisco Adolfo de Varnhagen.

Domingos José Gonçalves de Magalhães.

Pedro Luiz Soares de Souza.

Francisco Leite Bittencourt Sampaio.

Manuel de Araujo Porto Alegre.

Joaquim Manuel de Macedo.

Joaquim Maria Machado de Assis.

J. F. X. Sigaud "Du climat et des maladies du Brésil", Paris, 1844, fundou, com Joaquim Candido Soares de Meireles e outros, em 1829, a "Sociedade de Medicina", actual Academia Nacional de Medicina.

(* 95) Em sua obra "A journey in Brazil" (tradução publicada nesta "Brasiliiana", n.º 95), em final da nota á página 195, escreve o Professor Agassiz: "Tenho a acrescentar que, alguns anos antes da minha viagem ao Amazonas, fiquei devendo á obsequiosidade do Rev. J. Fletcher uma preciosa coleção de peixes dessa localidade (Iagoas José Assú e Máximo, no Amazonas) e de algumas outras. O prévio conhecimento que assim adquiri me foi de grande utilidade quando procedi depois aos meus estudos in-loqu".

NOTAS DOS AUTORES

N.º 1

Americo Vespuccio sofre mais do que Pinzon nas mãos de alguns autores portugueses. O Padre Ayres do Casal na sua "Corografia Brasílica", assevera que o florentino "nunca acompanhou Gonçalo Coelho ou Cristóvão Jaques em suas explorações na costa do Brasil". O General J. I. d'Abreu Lima, em nota á pagina 8 de sua "História do Brasil", afirma categoricamente que Americo Vespuccio não acompanhou os dois navegantes acima mencionados, ("todavia, o que se pode negar com boas autoridades é que ele acompanhasse aos dois primeiros exploradores portugueses acima mencionados"). E' verdade, tambem, que Robertson põe dúvida sobre algumas das datas de Americo Vespuccio, porem autores mais recentes, de igual autoridade, narram o fato da forma por que vai no texto. Tal hesitação da parte de alguns historiadores portugueses e espanhois, em relação a Americo, é sem dúvida influenciada pelo sentimento, de um lado, de que a utilização do florentino pelo Rei D. Manuel implica necessariamente em diminuição para os navegantes luzitanos, — mesmo que, com isso, as expedições acima referidas não o tenham tido como comandante supremo —; de outro lado, no que diz respeito aos espanhois, estes nunca perdoaram a Americo o ter suplantado, no Novo Mundo, o nome de Colombo, de quem se orgulham como si fosse um castelhano.

N.º 2

Pensa-se comumente que a madeira que produz a tintura vermelha, *Cesalpinia Brazilletto*, tem o seu nome vulgar, Pau-Brasil, derivado do fato de ser principalmente importado do Brasil e aí produzido. Isso, porém, não se dá. Tem sido demonstrado que madeiras produtoras de tinturarias vermelhas receberam a denominação de Pau-Brasil muito antes da descoberta da América, e que os primitivos navegantes deram o nome de *Brasil* a essa porção do continente, a que ainda se aplica, porque foram informados de que aí abundava semelhante madeira. — (Bancroft — "Philosophy of Colors", pg. 316-321).

N.º 3

O Padre Ayres do Casal em sua "Corografia Brasílica", escreve que a frota "entrou na baía de Santa Luzia, nome que foi mudado para o de Rio de Janeiro porque isso se deu no 1.º dia de janeiro do ano de 1532". O exame do caso como vem minuciosamente narrado em qualquer outro cronista não apoia as afirmações do Padre Ayres do Casal.

N.º 4

"Diario de Pedro Lopes de Souza", pagina 14, em que explicitamente vem escrito, "Sábado, 30 de abril, no quarto dalva, eramos com a boca do Rio de Janeiro".

N.º 5

Os cristãos da ilha da Madeira foram obrigados a procurar refugio nos Estados Unidos, em 1850; em 1852, foram sancionadas pelo governo português as mais intolerantes medidas afim de pôr um fim na chamada heresia protestante nessa ilha.

APÊNDICE A (*)

Os seguintes versos foram compostos por D. Pedro II, e escritos por ele no album de uma das Damas de Honra da Côrte. Não foram destinados ao público, tendo sido obtidos por intermédio de um membro do corpo diplomático no Rio de Janeiro. Seu carater sentencioso e grande concisão na língua portugueza torna extremamente difficil a tradução; foram bondosa e muito fielmente trasladados para o inglês para a presente obra pelo Sr. D. Bates, de Filadélfia, autor da conhecida obra "Speak Gently":

Si fui clemente, justiceiro e pio,
Obrei o que devia. E' mui pesada
A sujeição do cétro; e quem domina
Não tem ao seu arbitrio as leis
sagradas;
Fiel executor deve cumpri-las
Mas não pode altera-las. É o trono
Cadeira da Justiça; quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
A mais severa le; perde a vontade!
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delitolo
Quando no horisonte o sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem o admira, todos o conhecem;
Mas si eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se
assustam,
Todos o observam, todos o receiam;
Logo si premiei sempre a virtude,
Si os vicios castiguei, nada mereci.

Dez. 1852

P. II

If I am pious, clement, just,
I'm only what I ought to be;
The sceptre is a weighty trust,
A great responsibility;
And he who rules with faithful hand,
With depth of thought and breadth of
range,
The sacred laws should understand,
But mast not, at his pleasure, change.

The chair of justice is the throne;
Who takes it bows to higher laws;
The public good, and not his own,
Demands his care in every cause.
Neglect of duty, — always wrong —
Detestable in young or old —
By him whose place is high and
strong,
Is magnified a thousandfold.

When in the east the glorious sun
Spreads o, er the earth the light of day,
All know the course that he will run,
Nor wonder at his light or way:
But if, perchance, the light that
blazed
Is dimm d by shadows lying near,
The startled world looks on amazed,
And each one watches it with fear.

I likewise, if I always give
To vice and virtue their rewards,
But do may duty thus to live;
No one his thanks to me accords.
But should I fall to act my part,
Or wrongly do, or leave undone,
Surprised, the people then would start
With fear, as at the shadow'd sun.

(*) No original, apêndice C, pois os apêndices A e B são respectivamente um quadro cronológico da história do Brasil e extratos da Constituição de 1824, revista em 1834, que não foram aqui incluídos.

Estes versos não foram publicados da 6.ª edição em diante, provavelmente por terem chegado ao conhecimento do Rev. Fletcher dúvidas sobre a autoria dos mesmos.

APÊNDICE B (*)

TABELA

das cunhagens legais de ouro e prata no Brasil,
com seus pesos em dwts. e grãos Troy, afinação
e valor comparativo em moeda norte-americana.

OURO

<i>Denominação</i>	<i>dwts.</i>	<i>grãos</i>	<i>Valor comparativo</i>
Peças	9	5 1/3	\$ 8.20
Moedas	5	4 1/2	4.62
Soberanos (20 mil réis)	11	12 5/8	10.24
Meio Soberano	5	14 1/3	5.12

PRATA

<i>Denominação</i>	<i>dwts.</i>	<i>grãos</i>	<i>Valor comparativo</i>
Patacão	17	7	\$ 1.00
Duas patacas	5	0	30
Dois mil réis (moeda)	16	9 1/2	94
Um mil réis	8	4 3/4	47
Quinhentos réis	4	2 1/3	23 1/2

(*) No original, apêndice E. Suprimiram-se aqui Tabelas de pesos e medidas usadas no Brasil em 1868.

APÊNDICE C (*)

A FEBRE AMARELA DO BRASIL

(Escrito para "O Brasil e os Brasileiros" por
A. R. Egbert, M. D.)

Numa obra da natureza desta, seria evidentemente descabida uma dissertação médica minuciosa acerca da febre amarela do Brasil; entretanto, numa obra referente a esse país, torna-se necessario um breve esboço de semelhante doença.

Devido á sua situação peculiar, quem não esteja ao par das coisas do Império do Brasil ha-de naturalmente supor que aí existam em abundancia, como nos demais países tropicais, condições adversas em relação á vida dos estrangeiros. Tal fato não se dá, porém; muito pelo contrário. Situado imediatamente sob a linha do equador, o Brasil é, devido á sua situação, singularmente brando e saudavel quanto ao clima. Este é delicioso, e, principalmente ao longo da costa, temperado por fresca e incessante briza; quanto ao interior, a altitude compensa a proximidade do equador, demonstrando assim que um clima não deve ser apenas julgado pela latitude. Tudo isso vem mostrar por que motivo o Brasil tem-se mantido tão livre desse "terrivel flagelo" que é a febre amarela.

Como as demais epidemias, a origem da febre amarela se perde na noite dos tempos. Esses gigantes devastadores das nações não tiveram narradores que descrevessem as suas origens e princípios. Alguns médicos julgam poder encontrar nos escritos de Hipócrates as primeiras descrições da febre amarela; mas esquecem eles que os sintomas característicos em que se baseiam para estabelecer-lhe a identidade — os vômitos negros e a amarelidão da pele, — não são de modo algum peculiares á moléstia em questão. A opinião que prevalece entre aqueles que investigaram o assunto é que a moléstia é de origem moderna; e alguns fatos parecem relacioná-la com o tráfico dos escravos. Não resta dúvida que fez a sua aparição nos Estados Unidos simultanea-

(*) Não foi incluído o Apêndice I, que é um artigo publicado no "Anglo-Brazilian Times", de 24 de out. 1865, sobre Desavenças Religiosas.

mente com semelhante tráfico, estando alguns profissionais do Sul desse país convencidos de que a febre amarela, como os negros, foi importada da África.

As nossas mais longinquas informações a respeito dizem-nos que foi o padre Dutertre o primeiro autor que aludiu a esse "terrível flagelo das costas ardentes do Atlântico". Viu-o, em 1635, nas Antilhas, e afirma expressamente que antes dessa data ele era desconhecido nessas ilhas. Em 1647 invadiu Barbados. O padre Labat viu-o devastando a Martinica em 1649. A primeira vez que essa epidemia ocorreu em terras dos Estados Unidos foi em 1693, na cidade de Boston. Desde então passou a ser, desgraçadamente, por demais conhecida dos nossos antepassados em toda a costa atlântica.

No Brasil, apareceu pela primeira vez em dezembro de 1849, ou janeiro de 1850, tendo feito as suas maiores devastações nas províncias litorâneas em 1850. Mostrou-se particularmente violenta nas cidades do Pará, Baía e Rio de Janeiro. Pernambuco / Recife / escapou. Embora sérios, os seus efeitos foram exagerados pelas narrativas. Em todo o Império do Brasil, cuja população era superior a 7 milhões de habitantes, houve apenas, causadas por essa epidemia de 1850, 14 mil mortes, e, segundo os relatórios oficiais, não se contaram 4 mil óbitos por febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, que conta uma população de 300 mil habitantes. Os Drs. Paulo Cândido e Meireles/Paula Cândido e Meireles, que gosam do mais alto prestígio em sua classe, corroboram esses dados. O Dr. Lallemand, eminente profissional alemão de vasta clínica no Rio, parece-nos exagerar o número de casos e de óbitos: dá 100 mil casos de febre amarela com 10 mil fatais, — algarismos que parecem estar em desacordo com os fornecidos por outras fontes igualmente merecedoras de fé. Porém admitindo mesmo os algarismos do Dr. Lallemand, pode-se verificar quanto a mortalidade foi menor do que em Nova Orleans, cidade que conta um terço da população do Rio, e na qual, em agosto de 1853, 5.269 morreram de febre amarela. E ainda se considera a capital do Brasil como o lugar mais insalubre do mundo! De acordo com o Dr. Lallemand, morreram 475 pessoas no Rio em 1851; 1.943, em 1852; 853, em 1853, e apenas 4 em 1854. Em 1857, sómente algumas dezenas de casos se deram, cujo número exato não temos em mão.

Em 1854, a doença havia completamente desaparecido apenas surgiram alguns casos nos princípios de 1857, que cessaram no mês de março do mesmo ano.

Pouco se duvida que a causa da febre amarela seja peculiar e específica. Grandes divergencias, porem, existem sobre a natureza dessa causa. Alguns a consideram um ser microscópico,

organizado, vivo; outros, uma espécie de fermento. Fortes razões se aduzem em favor de ambas as teorias, porem nada de positivo e definido se sabe relativamente á natureza de semelhante causa.

Quanto a saber si a doença é ou não contagiosa, divergem as opiniões mais autorizadas. Começa, porem, a prevalecer agora a opinião de que não é contagiosa; e a força das provas manifesta-se a favor deste ponto de vista.

A febre amarela apresenta grande diversidade de sintomas, ocasionados por várias influências, — assumindo aspéto particular de acordo com as circunstâncias de seu aparecimento, — escorbútica, tífica, etc.

(Seguem-se os sintomas, e o autor prossegue na sua apreciação).

Esses sintomas duram geralmente de algumas poucas horas a três dias, passando então a declinar e deixando o paciente animado e esperançoso. E' um alívio enganador que se continua de algumas horas a um dia. Sobreveem então grande fraqueza e prostração. Em casos graves, essa fraqueza é extrema: o pulso apressado, irregular e fraco; a péle amarela, alaranjada, ou de aspéto bronzeado; o sangue parece parar nos capilares, e as partes correspondentes do corpo, bem como as extremidades, tornam-se arroxeadas escuro. A língua se mostra muitas vezes pardacenta e secca na porção central, ou então lisa, avermelhada e fendida, com feridas ás vezes entre as gengivas e os dentes. O estômago readquire a sua excitabilidade e aparecem os *vômitos negros*. Os intestinos dão passagem e descarregam frequentemente grande quantidade de matéria negra, semelhante á expelida pelo estômago. Dando-se tambem hemorragias por varias partes do corpo; sobrevem, então, um delírio fraco, desprendendo-se de todo o corpo um cheiro desagradavel; os olhos ficam fundos e o semblante se abate, sobrevindo depois a morte, muitas vezes serena porem algumas vezes entre convulsões.

Em certos casos, os doentes morrem de febre amarela sem apresentarem vômitos negros, amarelidão da péle ou hemorragias.

Em lugar de apresentar esse curso fatal, o organismo muitas vezes reage após o período de prostração, e surge uma febre secundária, que pode apresentar diferentes graus de violência. Segue-se um período de tempo variavel — algumas vezes levando a uma cura rápida, outras vezes continuando-se numa forma tifoidica, que pode terminar, com varios resultados, em duas, três ou mais semanas. Nos casos graves, a convalescença é sempre extremamente demorada; sendo o doente frequentemente incomodado por feridas demoradas e de mau aspéto em várias partes do corpo.

Em alguns casos as funções de relação parece conservarem-se quasi inalteradas no começo. O paciente pode andar pelas ruas e nada chama a atenção sobre o seu caso, a não ser, talvez, uma expressão fora do comum da sua fisionomia. Examinando-se-lhe o pulso, este apresentava-se extremamente fraco, si não totalmente ausente. Seguiam-se os vômitos e a morte rapidamente. Esses casos eram denominados "itinerantes" ("walking cases").

Os modos de tratamento são muitos e os mais diversos, ás vezes sem a menor applicação ao caso.

(Como o tratamento da febre amarela nos Estados Unidos vem tratado em obras ao alcance de todos, julgou-se melhor não referi-lo nesta obra, e somente dar a público o processo brasileiro descrito pelo Dr. Egbert como o empregado por um dos mais conceituados médicos do Império. — J. C. F.).

A prevenção contra a doença é naturalmente mais importante do que o seu próprio tratamento. As pessoas que não podem abandonar os lugares dominados pela febre amarela devem escolher a sua moradia nos pontos mais altos e saudáveis; devem dormir nos cômodos mais altos da casa; devem evitar o sereno da noite; abster-se de exercícios fatigantes; expor-se a mudanças de temperatura; fazer dieta nutritiva e sadia, porem não excitante, e, quando obrigado a penetrar em ambiente conhecido como infeccionado, cuidar de não o fazer com o estômago vazio ou o corpo enfraquecido por transpiração ou fadiga.

De acordo com as maiores autoridades médicas dos Estados Unidos, os cuidados para evitar a doença tais como dieta rigorosa, sangria, purgação ou uso de mercúrio, são inuteis, si não prejudiciais; enfraquecem o organismo, e quanto mais fraco menos este resiste á entrada do veneno, ou á sua influência depois de absorvido.

O seguinte modo de tratamento é o recomendado e seguido pelo Dr. Paula Cândido, do Rio de Janeiro, e tem-se mostrado em suas mãos grandemente eficiente.

"A primeira coisa a fazer é limpar o canal digestivo. Óleo de rícino, em doses de 2,4 ou mais onças, deve ser administrado sem tardança, seja qual fôr o estado do doente. Si ele obstinadamente regeita esse medicamento, empregar citrato de magnésia ou sais neutros em dose sufficiente para produzir oito evacuações. Esse efeito deve ser mantido durante os dias subsequentes, porém com crescente moderação. Nenhuma matéria estranha nem secreções intestinais devem ser deixadas ficar no canal digestivo, pois tornam-se focos de substancias venenosas. O torpor dos intestinos leva a tentar outros recursos além dos purgativos: torna-se necessário administrar clisteres, fazendo eu uso da seguinte combinação:

R — Sumo exprimido de Persicaria, cortada em pedaços e posta em infusão nágua ..	2 lbs.
Sumo de limão (casca e pólpa cortadas e esmagadas)	4 oz.
Sulfato de sódio	4 oz.
Alôes Socotrina	4 oz.
Cânfora e sulfato de quinina, cada	1 dracm.
M — Saturado com sal de cozinha. Q. S. para dois ou três clistères.	

“Caso não se possa conseguir persicaria, pode ser substituída pela mesma quantidade de infusão de camomila, folhas de laranja, ou água do mar.

“Essas lavagens devem ser dadas de duas em duas horas, e mais quente possível são imediatamente regeitadas, porem seguidas de abundante transpiração; seu emprego deve ser continuado.

“Sinapismos quentes na sóla dos pés, nos joelhos e nas coxas, devem ser empregados desde o começo, juntamente com os seguintes remédios, repetindo-se até que a febre decresça:

“Friccionar toda a superfície do corpo, principalmente o abdome, as virilhas, as axilas e os braços com a seguinte mistura:

R — Vinagre canforado	1 lb.
Sulfato de quinina	2 dracm.
Tintura de quinina	2 oz.
Creosoto	1 dracm.

“Um dracma de creosoto em meia libra de espírito de vinho, para esfregar o abdome, os braços e os flancos, é um excelente meio de provocar a transpiração e produzir outros efeitos. Essas fricções devem ser feitas embaixo das cobertas afim de não resfriar o doente, devendo ser feitas nas três ou quatro horas seguidas. Além da ação antissética, provocam transpiração.

“Infusão fraca de borragem, adocicada, de hora em hora, muito quente, preparando-se cada infusão na ocasião de ser tomada; ou então de água gomada quente.

“Si não se der a transpiração em duas ou três horas, deve-se recorrer á tintura de acônito (“cabeça de frade”), 1 dracma, em duas libras d’água, tomando-se uma colher de quarto em quarto de hora, sem interromper as outras medicações.

“Além disso, devem ser administrados, quatro horas depois das evacuações, em uso interno, os seguintes cloretos:

R —	Água de Labarraque	2 dracmas
	Água destilada, levemente acidulada com ácido muriático	½ garrafa
M —		

“Tome três colheres dessa mistura em meio copo d’água, ou simplesmente uma colher de água de Labarraque num copo d’água, tomando uma colher dessa solução de quarto em quarto de hora ou de meia em meia hora.

“Nunca se deve misturar açúcar com água de Labarraque. Deve ser misturada com cloro, facilmente reconhecível pelo cheiro, e conservada fora da luz.

“Para as pessoas mais delicadas, a dose deve ser mais fraca. Todas essas medicações devem ser contínuas; umas não se opõem às outras.

“Ao fim de 24 horas, a doença geralmente vai cedendo; os medicamentos não devem, porém, ser interrompidos, mas apenas menor o seu emprego ou maiores os intervalos.

“Alívios, ou aquela calma aparente acima referida, que tantas vezes tem sido assinalados como precedendo a morte, derivam-se da reabsorção das secreções abdominais. A medicação, portanto, deve ser contínua.

“Não dou permissão para tomar caldos, laranjas, vinho, ou qualquer outra coisa até passado dois dias depois de terem desaparecido os sintomas e quando o número de pulsações tenha baixado a 40.

“Tenho lançado o recurso às vezes de sialagogas para a secreção da saliva, tais como gengibre, canela, raiz de alcaçuz, conservadas na boca. Aconselho os fumantes a que fumem charutos.

“Tônicos, principalmente os preparados de quinina, são muito uteis em pequenas doses repetidas quando apenas subsiste a fraqueza.

“Devo acrescentar que, no caso de apresentar-se o terrível sintoma da supressão da urina, dou ao doente uma dracma de nitrato de potassa dissolvido numa garrafa d’água, para tomar meio cálice de meia em meia ou de quarto em quarto de hora; clisteres de uma onça de vinagre canforado em duas chécaras de água morna; fricções do mesmo vinagre ou óleo de amêndoas canforado no abdome, repetidas com pequenos intervalos.

“Não tenho fé em sangrias, sanguessugas, ventosas, calomelanos, quinina em uso interno, amônia, láudano, ópio, arsênico, terebentina, nitrato de prata, gelo, banhos quentes ou frios, etc.”

O tratamento do Dr. Paula Cândido difere essencialmente dos prescritos pelos médicos mais conhecidos dos Estados Unidos. Difere também do que é seguido nas Índias Ocidentais. A razão dessa divergência, presumo eu, é o carater diferente que a febre amarela apresenta no Brasil.

A febre amarela fez a sua primeira visita ao Brasil em 28 de dezembro de 1840 e manteve-se neste país desde então até março de 1854; em dezembro de 1857 apareceu de forma atenuada, desaparecendo em abril.

A tabela que se segue contem os dados officiais do número de óbitos no Império e na Capital, onde se apresentou com a máxima gravidade, ano por ano:

	População	Óbitos em 1850	51	52	53	54
Império	7.000.000	14.000	8.719	9.527	8.531	—
Rio de Janeiro	300.000	3.827	475	1.943	853	4

Esta tabela demonstra que a doença foi relativamente benigna, sendo pequena a porcentagem.

(Segue-se um trecho extraído do "Relatório do Ministro do Império", 1855).

Obras e publicações consultadas pelo autor do artigo acima:

- "Medical News and Library", 1853 e 1854.
- "Practice of Medicine" Wood.
- "New Orleans Medical and Surgical Journal" 1853.
- "Relatório do Ministro do Império do Brasil".
- "Harper's New Monthly Magazine", 1857.
- "Sketches of Brazil" (estudo médico), Robert Dundas, Sup. Hosp. Brit. da Baía.
- "Conseils contre la propagation de la fièvre jaune", Dr Paula Cândido, do Rio de Janeiro.
- "Relatório" do Dr. Lallemand, do Rio de Janeiro.

APÊNDICE D (*)

RECENTES DESCOBERTAS DE CARVÃO NO BRASIL

(Da "The Anglo-Brazilian Times", 8 - Julho - 1865)

CARTA DO PROFESSOR AGASSIZ

Nossos leitores estão lembrados de que, depois que chegou ao Rio de Janeiro, esse illustre sábio estrangeiro não teve um momento de descanso. Enquanto os seus assistentes estiverem trabalhando, cada qual no objetivo que tinha em vista na América Tropical, o professor ele próprio foi o mais ativo de todos no esforço de surpreender os segredos que encerra a natureza; fomos informados de que muitos fatos novos e interessantes foram incluídos no domínio da ciência.

Como espectadores, vimos com o máximo interesse semelhante expedição, tanto mais que sempre a consideramos como tendo um valor que ultrapassa os limites da ciência pura. As especulações do filósofo de hoje tornam-se amanhã realizações práticas, e impossível seria que as investigações de Agassiz só deixassem após si resultados teóricos. Seus esforços levar-nos-iam por fim à colheita de benefícios materiais: e efetivamente, temos diante de nós, presentemente, uma eloquente ilustração desse asserto, que, segundo podemos presumir, é apenas o primeiro passo para uma série de outros da mesma natureza.

Os nossos leitores teem, de longa data, ouvido falar das famosas camadas carboníferas de Candiota, na província do Rio Grande do Sul. As esperanças de muitos voltaram-se para essa direção como sendo a mais valiosa evidência das riquezas ocultas do Brasil. O Sr. Plant por tal forma despertou ou reavivou o interesse pela questão, que, de tempos a tempos, volta a constituir assunto de interesse público, sendo considerada como de valor comercial, e debatida com crescente interesse nas sessões do Legislativo. Não estamos agora tratando do valor desses assuntos em abstrato: a nossa compreensão já se veio familiarizando com esse aspeto; apenas desejamos mostrar como a opinião de uma personalidade como Agassiz abrange de um golpe a questão por inteiro, e deixa para os homens de negócio o desenvolvimento

(*) Suprimiram-se Apêndices sobre Exportação (Dados Estatísticos)

prático dos planos que irão permitir o aproveitamento deste importantíssimo fator de riqueza e do poderio de uma nação.

O Sr. Plant, como geólogo, submeteu ao exame do Professor Agassiz fósseis e amostras geológicas da província do Rio Grande do Sul, que ele julgou de interesse e capazes de vir completar as coleções que estão sendo feitas para os Estados Unidos. A importância desses fósseis, e as seguras conclusões que a ciência deles pode tirar, parece terem despertado o entusiasmo do grande sábio, que, poucos dias depois, enviou ao Sr. Plant a carta que abaixo inserimos. Publicamo-la na íntegra, pois julgamos que será de grande importância um dia, vindo demonstrar ao governo do Brasil que, seguindo os passos abertos pela ciência, encontrará sem dúvida fontes de riqueza.

Rio, 18 de junho de 1865.

“Prezado Senhor:

Ainda não me foi dado agradecer-lhe as belas amostras com que me presenteou, embora, desde que as recebi, tenha estado à espera de um momento disponível para fazê-lo.

Com essa demora, porém, tive oportunidade para emitir uma opinião mais amadurecida a respeito da idade geológica dessas amostras, que tive a satisfação de determinar, mórmente quando, pelo exame que delas fiz, convenci-me da legitimidade de certas opiniões relativas aos fósseis das mais antigas formações geológicas, em que eu não confiava muito. Que esses restos orgânicos pertencem todos ao período carbonífero é incontestável; e a sua estreita afinidade com os fósseis característicos da Europa é o que particularmente me interessa e de certo modo me surpreende. Fosse toda a referida coleção feita na Pensilvania, e eu não teria mais decididamente reconhecido seus caracteres carboníferos, já pelas rochas que ficam por baixo e por cima das camadas fóssíferas; as fotografias que o Sr. me mostrou do local não deixam dúvida a respeito da grande extensão e do valor dos depósitos de carvão do rio Candiota, emquanto que o carvão pode ser perfeitamente comparado com os de melhor qualidade no mercado, a julgar pelas amostras que o Sr. me mostrou e pelas que devo à sua gentileza.

“Com os meus melhores votos pelo futuro sucesso de suas explorações geológicas, entre as quais espero que possa incluir dora em diante evidências de drift e blocos erráticos, de cuja existência no Brasil está o Sr. inteirado, etc.

LOUIS AGASSIZ.

Julgamos que os nossos leitores estarão de acordo conosco em que muito se tem a esperar dessa expedição, custeada pela munificência de Nathaniel Thayer, de Boston. Essa expedição

deve ter sido projetada com a convicção do valor econômico da ciência. Estamos certos de que os seus resultados indiretos serão de grande importância para o Brasil. Uma das maiores mentalidades do mundo defrontará uma região quasi desconhecida. O seu objetivo, sabemos, é estender o domínio da inteligência e conquistar as forças da natureza, tornando-as subjugadas ás necessidades do homem; é, despedindo-nos pelo prazo de alguns meses do Professor Agassiz e seus colaboradores, apenas podemos-lhes dar as nossas bênçãos, na esperança de que em poucos meses ele esteja de novo entre nós, rico dos tesouros recolhidos no Amazonas.

Estamos também autorizados a declarar que o Sr. Capanema, cuja capacidade como geólogo é bastante conhecida para dispensar comentários, viu também a coleção de fósseis do Sr. Plant, feita nas minas de carvão de Candiota, tendo chegado ás mesmas conclusões do Professor Agassiz relativamente ás camadas de carvão pertencentes ao período carbonífero.

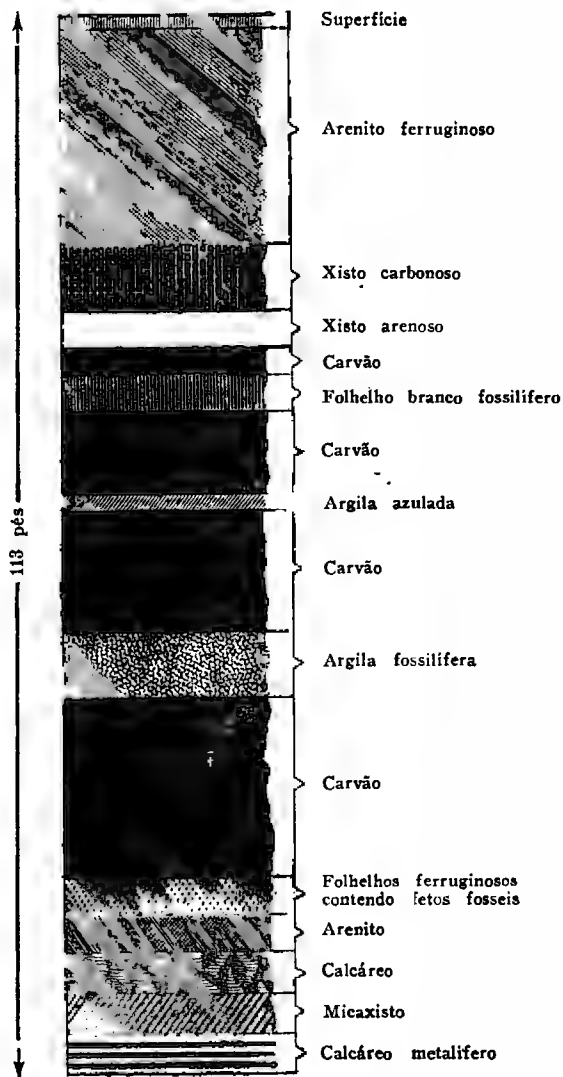
(Julgamos de tal interesse para a ciência e para a indústria a descoberta do carvão no Rio Grande do Sul, que solicitamos do Sr. Plant que nos desse informações completas sobre o assunto. Em data de 24 de julho de 1865, enviou-me as seguintes linhas, que formam a parte final do Apêndice H. — J. C. F.).

JAZIDAS DE CARVÃO DO RIO JAGUARÃO, E SEUS TRIBUTARIOS RIOS CANDIOTA E JAGUARÃO-CHICO NA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

A bacia carbonífera do Rio Jaguarão está situada na parte meridional da provincia do Rio Grande do Sul, entre os graus 31 e 32 de latitude Sul, e 324 e 325 (meridiano francês) de longitude, no vale do rio Jaguarão e de seus tributários o Candiota e o Jaguarão-Chico. Cobre uma área de cerca de 50 milhas por 30, sendo o seu maior diâmetro na direção norte-sul. As camadas de carvão, ilustradas pelo perfil geológico que este acompanha, e das quais foram obtidas as amostras juntas e determinada a espessura dos leitos, acham-se expostas numa elevada escarpa ás margens do rio Candiota, num ponto denominado "Serra Partida", onde aparecem na seguinte ordem de superposição:

A camada superior (N.º 1) é composta de arenito de natureza altamente ferruginosa; semelhando em seu aspéto o "Gres Bizarre" da Europa. Contem nódulos de peróxido de ferro silicoso, contendo de 25 a 35 por cento de metal. Varia consideravelmente de espessura, em alguns trechos completamente gasto e atingindo em outros uma profundidade de mais de 200 pés. Imediatamente abaixo dessa camada, ocorre uma outra camada de xisto-carbonoso

(N.º 2), muito argiloso, e talvez impróprio como combustível: possui uma espessura de 9 pés, e pode ser observada aflorando nos pontos em que a camada sobrejacente foi desnudada; repouza sobre uma camada (N.º 3) de xisto arenoso ocre, contendo "spetárias" de um óxido ocre de ferro, o qual, juntamente com o minério de ferro encontrado no arenito, será, muito provavelmente, aproveitado quando vierem a ser exploradas as camadas de carvão. Por baixo dessa camada, aparece outra (N.º 4) de carvão betuminoso, com 3 pés de espessura. O mineral, embora deixe uma alta porcentagem de cinzas, será julgado de utilidade para fundir os minérios de ferro das camadas interstratificadas; há toda razão para supôr que se venha a encontrar material de melhor qualidade quando fôr mais completamente explorada a camada em apreço. As amostras que foram ensaiadas foram retiradas de muito próximo da superfície, o que até certo ponto pode ser responsável pela sua aparente impureza; repouza sobre uma camada (N.º 5) de argila branca, ou xisto, contendo inúmeras impressões de plantas fosseis (possivelmente aquáticas), cujo aspéto geral parece levar a concluir que esses depósitos carboníferos pertençam a um período mais remoto que o que é atribuído às formações carboníferas ("Coalmeasures") da Inglaterra e dos Estados Unidos, não fosse semelhante conclusão refutada pelos fetos fosseis encontrados nos outros folhelhos interstratificados; tem uma espessura de 5 pés e recobre uma camada (N.º 6) de bom carvão, de 11 pés de espessura. Esse carvão lembra muito pelo seu aspéto o de Newcastle, e pode ser visto muitas milhas ao longo das margens do rio Candiota, formando algumas vezes o leito desse rio e os pequenos cursos d'água que nele deságuam; é separado de um outro filão por uma delgada divisão de argila azul (N.º 7). O carvão da camada inferior (N.º 8) parece ser de qualidade superior á de N.º 6; apresenta uma nítida e brilhante fratura, e, em alguns trechos, delgados veios de puro carvão para gás ("cannel-coal") podem ser observados ao longo da camada. Este carvão é altamente inflamável, fervendo como óleo durante a combustão. Tem sido usado como combustível de varios modos com resultados notóriamente satisfatórios. Foi ensaiado nos vapores que navegam a Lagoa dos Patos, na província do Rio Grande do Sul, e, si bem que deixe maior quantidade de cinzas do que o carvão de Cardif, foi julgado um bom carvão de briquetes ("caking-coal"), prestando-se para todas as exigências de um combustível para vapor. Por baixo dessa camada, está uma outra (N.º 9) de argila azulada, contendo vestígios de plantas fosseis. Em tudo mais assemelha-se á camada superior do mesmo depósito, tendo uma espessura de 9 pés. Repouza no veio mais delgado (N.º 10) do carvão exposto



nas estarpas da Serra Partida. E' esta a mais baixa das camadas de carvão expostas em qualquer outra parte das jazidas de carvão de Candiota; provavelmente, porém, outras camadas serão encontradas mais próximo do centro da bacia, ou então esta, assim como as camadas deitadas, podem tornar-se mais espessas, a julgar pelo fato de que todas as camadas se mostram espessando-se á medida que se aproximam da parte média do vale do rio Jaguarão. A grande espessura (25 pés) e o carater bom e homogenio do filão são importantes requisitos dessa jazida carbonífera. O mineral (embora colhido próximo da face decomposta da margem alcantilada do rio Candiota), segundo se pode verificar, deixa menos cinzas do que o proveniente do filão que está em cima. Foi empregado frequentemente em vapores com o mesmo bom resultado do carvão de Newcastle. O coque obtido desse carvão pelo Sr. W. G. Ginty, da Companhia de Gás do Rio de Janeiro, (veja-se o relatório do Sr. Ginty) foi mesmo de melhor qualidade que o obtido do carvão de Newcastle. Recobre uma camada (N.º 11) de folhelho ferruginoso, que, do ponto de vista científico, é o mais importante depósito das formações carboníferas do Jaguarão, pelo fato de conter impressões de restos orgânicos, pelos quais se pode determinar a idade geológica dessas camadas carboníferas; as plantas fósseis que foram encontradas nesse folhelho pertencem todas elas ao mesmo gênero das que caracterizam as jazidas carboníferas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, — sendo que as mais abundantes pertencem ao gêneros *Lepidodendron* e *Glossopteris*; outros foram reconhecidos como semelhantes aos fetos encontrados nas rochas secundárias mais antigas, fato esse que não deixa a menor dúvida sobre o verdadeiro carater carbonífero das "coal-measures" do rio Candiota. Esse filão é muito abundante em fósseis; e não resta a menor dúvida de que, quando essas imensas camadas de tesouros minerais forem exploradas, muitas formas novas e interessantes da vida vegetal serão trazidas á luz para enriquecerem os nossos conhecimentos acerca das formações carboníferas do hemisfério meridional. O folhelho ferruginoso é muito rico em metal, e poderá, sem dúvida, vir a ser explorado com minério de ferro, quando as minas forem abertas. Por baixo dessa camada ocorre outra (N.º 12) de arenito, semelhante em todos os aspétos á camada superior, e depois dela vem outra (N.º 13) de calcáreo muito bem cristalizado, contendo pequenos fragmentos de grafito disseminados através da sua massa; é também atravessado por veios de um carbonato de calcio muito puro sob a forma de espato bi-refringente, que atinge em alguns pontos consideravel espessura. Esse calcáreo não é sómente de imenso valor para ser utilizado como cal calcinada, mas também como solvente do

minério de ferro. Os três requisitos essenciais para a instalação de uma fundição encontram-se assim interestratificados entre si numa mesma região: o minério, o combustível e o solvente, todos da melhor qualidade, combinação essa de riquezas minerais que só estão á espera da mão do homem para torná-las realidade e que raramente se encontram juntas numa mesma região em qualquer outra parte do globo. As duas camadas inferiores dessas formações carboníferas são, evidentemente, micaxistos (N.º 14) e uma outra rocha calcárea (N.º 15) de grande dureza e natureza compacta. Torna-se difícil determinar qual delas é a que serve de base, pois, em alguns pontos, o micaxisto é visto repousando sobre o sienito que envolve a bacia carbonífera, e, em outros, o calcáreo; a denominação de "calcáreo metalífero" foi-lhe atribuída devido aos inúmeros cristais e delgados veios de sulfeto de ferro que nele se mostram. Com toda probabilidade, outros veios metalíferos serão encontrados nesse calcáreo.

Quasi toda a bacia carbonífera do vale do Jaguarão é cercada por morros sieníticos que medem de 200 a 300 pés de altura; a vertente dirigida para as jazidas de carvão inclina-se suavemente para baixo até que desaparece sob os arenitos que recobrem o carvão; na vertente oposta, o sienito, depois de apresentar um aspéto desigual e ondulado num percurso de três a quatro léguas, vai gradativamente baixando até constituir um terreno liso, que se continua por uma quasi perfeita planície até o porto marítimo do Rio Grande do Sul (S. Pedro). Assim, a companhia já constituída para fazer as explorações e estudos de uma via férrea que transporte os produtos minerais do Vale do Jaguarão, atinge um porto de mar, onde o carvão pode ser embarcado para os diversos portos do litoral do Brasil e para o Rio da Prata, e não encontrará, portanto, dificuldade em conseguir uma estrada em que se possa construir uma via férrea.

A gravura que este acompanha (de uma fotografia das escarpas em que se mostram as camadas de carvão ao longo do rio Candiota) mostrará a grande facilidade de exploração do carvão em quasi todos os pontos da bacia a céu-aberto. Podem ser empregados vagões em linhas ramais partindo em varias direções da linha tronco, de modo a atingir diretamente os filões, dispensando custosas instalações de poços.

O mergulho geral das camadas é de 5° a 10° S. W., e em ponto algum há indícios de soerguimentos posteriores ou deslocamentos de camadas visíveis, de modo que se encontrarão poucas obstruções para a passagem dos vagões ao longo dos filões no futuro desenvolvimento dos trabalhos de exploração.

Quasi desnecessário será insistir sobre o imenso valor desses depósitos de carvão no ponto de vista econômico, quando já

ficou assentado, numa rápida exploração da região entre o porto marítimo do Rio Grande do Sul (S. Pedro) e as minas de carvão de Candiota, que, com toda probabilidade, o carvão será colocado a bordo de navios que partem do Rio Grande por um custo talvez menor que 7\$000 por tonelada, quando atualmente está sendo vendido por 24\$000, e, logo que seja aprovada uma lei permitindo que navios de todas as nações naveguem entre os portos brasileiros, não haverá falta de companhias de navegação que se encarreguem do transporte do carvão do Rio Grande para o Rio de Janeiro, por cujo porto se importa anualmente a enorme soma de 180.000 toneladas de carvão, por um preço que permitirá a companhia de mineração de carvão de Candiota vender seu produto, no mercado da capital do Império do Brasil, por mais ou menos 15\$000 a tonelada, preço que excluirá qualquer competição dos mercados estrangeiros, visto que o carvão estrangeiro é raramente vendido por menos de 22\$000 a tonelada.

O consumo de carvão no Rio da Prata é talvez tão grande como o do Rio de Janeiro, e as facilidades de suprir os mercados de Buenos-Aires e Montevidéo, com o produto das minas de Candiota são ainda maiores do que para o Rio de Janeiro. O carvão pode ser mandado dessas minas, em navios carvoeiros e entregue em Montevidéo, em três ou quatro dias, por um custo próximo da metade da entrega do mesmo produto no Rio, e numa praça em que o carvão nunca atinge a um preço menor de 15 dólares por tonelada, ou sejam 30\$000. O consumo do carvão no litoral do Brasil e no Rio da Prata aumenta de ano em ano, sendo mesmo provável que, depois de se iniciar a exploração das minas de Candiota, poucos anos se passarão para que seja julgada insuficiente uma única linha férrea para o transporte do carvão de Candiota em vista da sua crescente procura.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1865.

NATHANIEL PLANT.

AS JAZIDAS DE CARVÃO DO BRASIL

por EDWARD HULL, B. A., F. G. S.

(Nota publ. em "The Quarterly Journal of Science" — Engl. N.º II, Abril de 1864)

O imenso Império do Brasil, que ocupa um terço do continente da América do Sul, com uma superfície de 3.000.000 milhas quadradas, consideravelmente maior do que a Rússia Européa, banhado pelo maior rio do mundo, o qual, com os seus tributários, é navegável muitas centenas de milhas acima da sua fóz; com os seus limites ocidentais atingindo os esporões dos Andes, e

seus limites orientais banhados pelas águas de dois oceanos, um país como esse parece apropriado a ocupar um lugar dianteiro entre as nações do Hemisfério Ocidental, desde que os seus ilimitados recursos venham a ser valorizados por um povo inteligente e sua civilização seja apressada por sábias leis.

E' satisfatório pensar que, enquanto a maioria das repúblicas que o rodeiam, — os membros desunidos da América Espanhola, — são sacudidos nas ondas da anarquia, o Brasil desfruta um governo pacífico, sob uma monarquia constitucional, liberdade individual com segurança política, os princípios monárquicos combinados com os direitos populares. Refiro-me a esses aspétos do govêrno do Brasil porque são garantia superior do progresso nacional e do desenvolvimento das iniciativas da indústria. Não faltam no sólo do Brasil as matérias primas necessárias para ele alcançar alta posição entre as nações manufatureiras do mundo.

A porção setentrional do Império não difere fisicamente das planicies do norte da Itália em muitos de seus aspétos. Coberta de matas que se alimentam num rico solo aluvial, regada pelo Amazonas e seus gigantescos tributários, é prodigiosamente fértil. A porção meridional é ondulada, ás vezes mesmo montanhosa, e dá origem ás aguas do Rio da Prata. Um dos picos da Serra dos Órgãos ergue-se ao fundo da baía do Rio de Janeiro a uma altura de 7.500 pés. Pensava-se que esse grande Império — rico em pedras preciosas e em quasi todos os metais, desde o ouro até o ferro, inclusive, — fosse privado de um pródigo natural, útil, si não absolutamente essencial, á completa utilização das demais riquezas minerais, que é o carvão; porém uma tal suposição era totalmente errônea, como o demonstraram plenamente recentes investigações.

Um escritor, em número da "Quarterly Review", 1860, menciona / passando uma revista na obra "Brazil and Brazilians" / a existência de jazidas de carvão situadas a umas 40 milha do mar / na província do Rio Grande do Sul /. Era tudo o que se sabia sobre o assunto deste lado do Atlântico até há pouco tempo.

Somos devedores a um nosso compatriótico, Sr. Nathaniel Plant, de mais amplos informes sobre a posição e os recursos de três diferentes zonas carboníferas por ele estudadas recentemente no sul do Brasil. A maior delas apresenta aspétos de particular interesse, que passamos a resumir para os nossos leitores.

As primeiras notícias desses recursos minerais parece terem sido colhidas por um Sr. Guilherme Bouleich, na província do Rio Grande do Sul. Isso parece se ter dado no ano de 1859.

O assunto, porém, caiu no esquecimento até os fins de 1861, quando o Sr. N. Plant, que, durante varios anos, estudou os

distritos minerais do Rio Grande do Sul e outras partes da América do Sul, resolveu proceder a uma mais completa exploração dos distritos carboníferos; acaba ele de enviar a este país / Inglaterra / um relatório dos importantíssimos depósitos de combustível mineral que podem ser explorados, juntamente com esses testemunhos insuspeitos — vistas fotográficas e amostras de rochas. Essas amostras foram apresentadas á “Geological Society”, de Manchester, pelo seu irmão Sr. S. Plant, Conservador do “Royal Museum”, de Salford.

As jazidas de carvão de Candiota são as maiores das três até agora descobertas. Estão situadas entre 31° e 32° de latitude Sul, no extremo da província do Rio Grande do Sul. São atravessadas pelo rio Jaguarão e varios de seus afluentes, ao longo de cujas margens afloram os filões de carvão. Há dois grandes filões de carvão betuminoso, medindo o inferior 25 pés de espessura, e separado apenas por poucos pés de folhelho da camada superior (ou séries de camadas, com 40 pés de espessura). Em alguns pontos, as faixas intermediarias de folhelho, que dividem a formação carbonifera em distintos leitos, vão se estreitando, filões de carvão betuminoso, medindo o inferior 25 pés de espessura, não ultrapassando, supomos, em dimensões verticais, por nenhuma outra formação semelhante até então descoberta. Temos em mão amostras do carvão; e, embora retiradas da porção exposta, são difficilmente distinguiveis, a não ser pela sua côr levemente pardacenta, do carvão comum da Inglaterra.

As camadas de carvão repoisam sobre uma série de folhelhos, arenitos, e calcáreos cristalinos, o todo sustentado por micaxistos e, finalmente, por sienitos.

O ferro também ocorre, como nas formações carboníferas da Grã-Bretanha, tanto sob a forma de faixas de argila-ferruginosa como sob o aspéto de cobertura dos filões de carvão. No topo da elevação formada pelo afloramento dos filões de carvão, ocorre uma massa de minério de ferro silicoso, de varias jardas de espessura, tendo sido exhibida na última Exposição Industrial, entre outros produtos brasileiros, uma folha de ferro fundida de material dessa proveniencia colhido pelo Sr. N. Plant. Assim, ocorrem, muito próximos uns de outros, o minério, o combustível, o solvente e a argila necessários para o estabelecimento de fornos para fundição de ferro.

Os diferentes minérios assim reunidos apresentam-se numa escarpa elevada, que pode ser vista prolongando-se por várias léguas, apresentando as maiores facilidades para a exploração a céu-aberto, ou por tuneis abertos nos flancos da escarpa.

Do sopé dessa elevação parte uma planície basáltica levemente inclinada, sobre a qual, por um custo muito moderado, se

pode construir uma linha férrea que vá ter a um porto sobre o rio Gonsalo.

.....
 Após uma inspecção das plantas fosseis enviadas para este país / Inglaterra /, não pode haver mais dúvida, penso eu, de que essas camadas pertençam á idade carbonífera. O Sr. Plant remeteu varias amostras de minério de ferro, em que vêm impressos visiveis espécimes de *Lepidodendrons*, e varios fetos não parecidos com os das "coal-measures" da Grã-Bretanha. Um especialista, que estudou as "coal-measures" da Nova Escócia, que são da mesma idade das da Grã-Bretanha, refere-se em carta, que tivemos ocasião de ler, a belos exemplares de *Sigilaria* e *Stigmaria*, ambas características desse período. Não vimos, entretanto, exemplares desse gênero na coleção que examinámos; mas nada pode ser mais visivel do que as frondes de *Lepidodendrons* já referidas. Ainda sobre o mesmo assunto, sou levado a observar que, si bem que pela autoridade do Professor M'Coy a idade das jazidas de carvão da Austrália tenha sido considerada como jurássica, as recentes investigações do Rev. W. B. Clarke induzem a concluir pela idade carbonífera dessas camadas. O Sr. Clarke remeteu para a Inglaterra uma coleção de fosseis das jazidas de carvão da Nova Gales do Sul, contendo espécimes de *Lepidodendron* e *Spirifer*; dando isso a entender que, durante a mesma época, tão preeminentemente Carbonífera, constituíram-se depósitos de carvão de ambos os lados da linha equatorial, maravilhoso exemplo da uniformidade das atividades naturais nos primitivos tempos geológicos.

A importância desses grandes depósitos de carvão para o comércio do litoral ocidental da América do Sul não precisa ser enaltecida. Atualmente, cerca de 200 mil toneladas de carvão são anualmente importadas exclusivamente pelo porto do Rio de Janeiro, atingindo um custo de 49 shils. por tonelada, sendo outras cidades litorâneas, supridas desse combustível. Uma vez iniciada a exploração das jazidas de carvão de Candiota, o governo brasileiro pode ser suprido por quasi metade desse preço, e : nossa pequena Ilha ficar livre da duvidosa honra de fornecer combustível para um continente situado do lado oposto do globo.

EDWARD HULL.

RELATORIO SOBRE O CARVÃO DE CANDIOTA

por W. G. GINTY, engenheiro-chefe da "The Rio de Janeiro Gas Works".

Sr. Nathaniel Plant.

Prezado Senhor. — Recebi e examinei suas amostras de carvão brasileiro proveniente de Candiota com o maior interesse,

e sinto-me satisfeito de congratular-me com o Sr. pela sua qualidade realmente boa.

As amostras que me remeteu eram pequenas demais para uma análise completa e satisfatória no aparelhamento de que disponho. Verifiquei que as amostras diferem muito em aspéto e qualidade. Isso é devido, sem dúvida, do fato de haverem sido obtidas de pontos desigualmente situados na face quasi vertical da imensa camada e de fases diferentes de exposição, o que, devido ao esmigalhamento ou desintegração dos fragmentos sob a ação incessante das intempéries, fez com que as referidas amostras possam ter sido expostas durante períodos que distam uns dos outros como segundos distam de séculos.

O carvão de Candiota assemelha-se muito ao carvão para vapor / "steam-coal" / de Newcastle, o qual ultimamente tem vindo ao nosso mercado, em estrutura, clivagem e aspéto; não difere muito, entretanto, do carvão de Newcastle no que respeita ás suas aplicações, exceto por conter mais do dobro da porcentagem de cinza, em detrimento do seu poder calorífico; porém essa desvantagem provavelmente desaparecerá em amostras recolhidas nas partes mais profundas da mina.

O coque do carvão de Candiota difere, todavia, muito em aspéto do do carvão de Newcastle, e aproxima-se do coque de Cardiff (ou do que é aqui vendido como tal) em suas palhetas prateadas.

Certa porção desse carvão de Candiota, porém, especialmente o proveniente dos filões inferiores, é muito friavel, e evidentemente pertence á qualidade conhecida por "caking coal", isto é, carvão que ferve ou funde-se durante o processo de carbonização; comtudo, todas as qualidades de coque do carvão de Candiota são muito boas.

Conforme suas informações, o mergulho ou inclinação dos filões ou camadas desse carvão de Candiota é de 5° sobre o plano do horizonte, e penso, portanto, ser razoavel esperar uma qualidade superior, mais compacta e homogênia, proveniente de mais baixas profundidades. 5° representa uma rampa de 1 sobre 11,4, ou sejam 8,77%, ou 462 pés por milha. Assim sendo, em uma tão grande extensão das formações, a julgar pelo que o Sr. me informou, julgo haver ampla margem para a obtenção de carvão que não seja apenas superficial, o qual, por óbvias razões, tanto no Brasil como alhures, não pode ser tão puro, compacto e uniforme como o carvão obtido em grandes profundidades. Aguardo o prosseguimento de seus trabalhos nesse sentido com o maior interesse.

Seguem-se os resultados das minhas análises (até onde puderam ser feitas) do carvão de Candiota, tendo as amostras de

Newcastle, Cardiff e Wigan Cannel, com que foram comparadas, sido examinadas ao mesmo tempo e nos mesmos aparelhos:

	Peso esp.	% coque	Pés cub. de gás/ton.	Poder illum. Vela padrão
Carvão de Candiota (média de três qualidades)	1.240	63	6.900	3.000
Id. id. (filão inferior).....	1.230	60	8.198	5.800
Newcastle	1.250	62	—	—
Cardiff	1.275	80	—	—
Carvão para gás (ou "Cannel coal") (Case & Morris)...	1.240	62	9.600	20.500

Pelo aspéto dos filões inferiores, não perco as esperanças de se encontrar um bom carvão para gás para nosso uso no distrito de Candiota, libertando assim a "Brazilian Gas Company" da terrível taxa que tem de pagar de importação da Inglaterra, somada ao imposto de 200 a 300% sobre o custo da matéria prima. Envio-lhe amostras etiquetadas das diferentes qualidades de coque acima referidas.

Sou, etc.,

W. G. GINTY, Mem. Inst. C. E.
Eng. da "Rio de Janeiro Gas Company"

AS MINAS DE OURO DO NORTE DO BRASIL

O ouro se mostra plenamente difundido sob as formas de veios, filões, e depósitos de terras auríferas em varios vales primitivos das montanhas do norte do Brasil. Rios e riachos, carregados de partículas gastas pelas águas do "precioso metal", atestam o fato. Mas, na ausência de capitais e cuidadoso trabalho para a sua extração, o ouro no norte do país tem a sua exploração limitada a iniciativas privadas ou a tribus indígenas. No sul do Brasil, na província de Minas Gerais, nas vizinhanças de São João d'El Rei, as minas de ouro exploradas por companhias inglesas teem sido provadamente as mais lucrativas da América do Sul. Em 1865, o enérgico brasileiro Sr. Jacomo Tasso, de Pernambuco, chamou a atenção dos capitalistas ingleses para as zonas auríferas da Paraíba do Norte, e pouco depois fundou-se uma companhia com a denominação de "Tasso Brazilian Gold-Mining Company (limited)", com um capital de £ 200.000 (com capacidade de aumentá-lo), a £ 5 cada ação. Os diretores da companhia, já de ha muito mantendo relações comerciais e de outras naturezas com Brasil, são os seguintes: Charles Capper, Esq., comerciante de Londres, — Charles Saunders, Esq., comerciante de Liverpool e Recife, — Charles Barber, Esq., de Londres, — William Cremer, Esq., de Londres, — Edward Johnston, Esq.,

comerciante de Londres, Liverpool e Rio, — Sebastião Pinto Leite, comerciante de Londres, Manchester e Liverpool, e Bonamy Price, Esq., Londres, Diretor da "St. John del Rey Gold Company".

A Companhia utilizou-se dos conhecimentos da região e dos terrenos que aí possuía o Sr. Tasso, situados esses no coração da zona aurífera da Paraíba, e resolveu empreender a exploração das minas de ouro no norte do Brasil numa escala e empregando maquinismos tão apropriados que tornarão a empresa da mais imediata e desenvolvida prosperidade. Em obediência a tal resolução, a Companhia assinou contratos para a exploração das terras de propriedade do Sr. Tasso em Piancó, na província da Paraíba, Brasil, terras essas em que oito filões auríferos já foram descobertos, bem como para utilizar dos direitos de exploração e prioridade no interior das províncias da Paraíba e Pernambuco, que acabam de ser concedidos áquele cavalheiro pelo governo brasileiro. Uma concessão imperial para tais fins incluem o direito garantido por 4 anos para explorar o interior das duas províncias no que respeita ás riquezas minerais, e desapropriar e explorar uma área de 150 "datas", ou sejam aproximadamente 25.000 acres, com possibilidades de conter ouro e outros recursos minerais.

Obtida a concessão, os Srs. William Reay e Thomas Andrew, técnicos práticos com experiência nas minas de ouro do Brasil, foram enviados da Inglaterra para as terras do Sr. Tasso no distrito de Piancó, banhadas por um dos afluentes do rio Piranhas. Varios veios ricos em ouro foram por eles localizados, e realizaram-se ensaios de certa quantidade de minério com resultados satisfatórios. Não obstante a necessária imperfeição dos processos empregados numa região como essa, o resultado de 26 ensaios deu uma média de aproximadamente 1 onça 9 dwt 23 gr. por tonelada do minério, e cinco amostras obtidas de diferentes pontos da mina da "Boa Esperança" continham 2 onças 9 dwt e 15 gr de ouro por tonelada. Novos minérios extraídos mais tarde deram mesmo resultados mais extraordinários. O Sr. Charles Martin, de Londres, referindo-se a estes, escreve: — Envio-lhe junto copia dos análises por mim feitas do seu quartzo, que é surpreendentemente rico, e que trarão enorme lucro si a massa total fôr provavelmente da natureza da amostra analisada".

N.º 5	Ouro	3 onças	10 dwt	12 gr.	por tonelada	de 20 cwt.			
	Prata	0 "	18 "	0 "	" "	" "	" "	" "	" "
N.º 6	Ouro	12 "	5 "	15 "	" "	" "	" "	" "	" "
	Prata	3 "	15 "	0 "	" "	" "	" "	" "	" "

Outra amostra analisada pelos Srs. Johnson, Matthey & Cia. de Londres, deu.

Ouro	6,350 onças	por	tonelada	de	20 cwt.
Prata	4,350 onças	"	"	"	"

Em aditamento aos oito filões acima mencionados, dois outros, descritos como ainda mais ricos, informam existir próximos ao centro das terras do Sr. Tasso. As razões pelas quais se recomendam as explorações são as seguintes: — 1.^a Que as províncias da Paraíba e Pernambuco, sobre as quais se estendem os direitos da Companhia, encerram as mais ricas minas de ouro do Império; 2.^a Que, além dos veios auríferos, a região contém enorme quantidade de minérios auríferos destacados dos veios, que podem ser aproveitados com pequena despesa; 3.^a Que a área já explorada das terras de Piancó é notavelmente favorável ás explorações mineiras; 4.^a Que as vizinhanças do local são populosas e férteis, o trabalho é barato, e o suprimento de gado, cereais e outros produtos é facil de se conseguir; 5.^a Que uma estrada principal, ao longo da qual é transportada grande parte do algodão exportado por Pernambuco, atravessa a concessão de Piancó; 6.^a Que o Sr. Tasso transfere para a Companhia não só os seus direitos de exploração e prioridade em todo o território das províncias da Paraíba e Pernambuco, e a concessão de 36 "datas", medindo aproximadamente 6.000 acres, já obtida em Piancó, como também a absoluta propriedade de todas as suas terras circumvizinhas, avaliadas em cerca de 12.000 acres, bem como construções, materiais, madeiras, e todos os direitos daí decorrentes; 7.^a E que, finalmente, um pequeno desembolso de capital parece suficiente para garantir grandes proventos. Si apenas for feita a redução de 50 toneladas de minério por dia, pode-se avaliar que a produção anual, nessa proporção, trará um lucro acima do custo da obra de não menos de 46.500 £.

UM VULCÃO NO SUL DO BRASIL

O Capitão Burton, F.R.G.S., consul da Inglaterra em Santos, escreveu uma curta porém interessante carta ao "Anglo-Brazilian Times", a respeito da descoberta de um vulcão no sul do Brasil, aproximadamente a meio caminho entre S. Paulo e Paranaguá.

"Sr. Diretor: Estou descendo de canôa o rio Iguape, neste meu distrito consular, que é denominado, com bastante menosprezo, a Ribeira — e, visitando o excelente vigário de Xiririca, M. J. Gabriel da Silva Cardoso, tive ocasião de ler, com surpresa, em seu livro de Registro (Livro do Tombo) a denominação de um lugar em língua tupi ou geral "Vutupoca", que se traduz "morro que rebenta". Na outra margem do rio, que fica um tanto a sudoeste de Xiririca, ergue-se o

morro, coberto de árvores “cap-à-pié”, em forma de cone regular isolado, com um perfil nitidamente vulcânico. A sua face nordeste é, segundo me informaram, uma escarpa a prumo.

“As terríveis chuvas de Janeiro de 1866 impediram a minha ascensão no Morro que Rebenta. O resultado, porém, de muitos inquéritos que fiz no local é que ha cerca de uns 15 anos atras, viram-se chamas saindo do morro, sendo o fenômeno acompanhado por explosões e rugidos que se estendiam ao longo da margem até á serra oposta do Bananal Pequeno.

“O Sr. receberá novas notícias minhas eu espero. Si essa notícia de um vulcão adormecido no sul do Brasil venha a ser confirmada por rigorosa exploração, não será uma descoberta de pequena valia no ponto de vista geográfico. As presentes linhas, caso eu não consiga levar avante o meu projeto, talvez possam induzir alguém em melhores condições de empreender a tarefa. Ainda não faz meio século, conforme o Sr. está lembrado, que os cientistas da Europa declararam não haver formações vulcânicas, e com certeza nenhum vulcão, neste grande Império.

Sou, Ilmo. Sr., seu servo obediente,

RICHARD F. BURTON, F. R. G. S.
Hotel Milton, Santos, Brasil.

APÊNDICE E (*)

ESCRavidÃO NO BRASIL

CONTRATO ENTRE ALGUNS NEGROS MINAS, que se libertaram a si próprios, e o comandante e consignante do navio inglês "Robert", em cujo navio viajaram para a sua terra natal, aonde chegaram com segurança:

"Rio de Janeiro.

"Aos 27 de novembro de 1851, ficou acordado que George Duck, comandante do brigue denominado "Robert", A I, receberá neste porto sessenta e três africanos livres (incluídos nesse total mulheres e crianças) bem como as suas bagagens, levando-os a Baía, onde poderão permanecer si quizerem, 14 dias, e em seguida a um porto seguro na enseada de Benin, na costa da África, não ao sul de Badagri, (sendo resolvido qual o porto na Baía) e deixando os mesmos, com as passagens pagas aqui, neste porto, devendo a importância de 800 £ ser paga antes da partida do próximo navio inglês. O comandante obriga-se fornecer ditos passageiros 60 libras de carne seca, dois e meio alqueires de farinha, e meio alqueire de feijão preto, diariamente; — uma cozinha e a necessária lenha; meia pipa isto é, 60 galões, de água diariamente. O comandante pode receber na Baía qualquer carga ou passageiro e suas bagagens que tragam lucro para o navio.

"Os passageiros e bagagens devem estar a bordo no dia 15 de dezembro ou antes desse dia, e desembarcar dentro de 48 horas após a chegada do navio ao seu porto de destino.

"Multa para o não cumprimento desse contrato: 500 £.

GEORGE DUCK
RAFAEL JOSÉ OLIVEIRA

(*) Esta carta, no original, vem precedida de um artigo sobre "Escravidão e tráfico no Brasil", extraído do "Jornal do Commercio" de 26 de maio de 1856".

APÊNDICE F (*)

OS TRABALHOS DO PROFESSOR AGASSIZ NO AMAZONAS

As maravilhosas descobertas feitas pelo Professor Agassiz sobre a fauna do Amazonas tem atraído a atenção do mundo científico. Esses resultados serão sem dúvida dados a lume oportuno pelo proprio professor. Mas tal tem sido o interesse manifestado a respeito de semelhantes explorações que me valí de duas cartas escritas pelo Dr. J. M. da Silva Coutinho (o explorador brasileiro do Purús) que acompanhou o Professor Agassiz ao Amazonas.

A primeira dessas cartas é datada de Manaus, com data de 7 de novembro de 1865, e dá-nos o seguinte resumo das pesquisas do professor.

“Em começos de setembro escrevi a minha primeira carta desta capital, dando uma breve noticia dos meus trabalhos aqui. Tinhamos então mais de 300 espécies coletadas em Pará, Taji-purú, Gurupá, Porto de Moz, Monte Alegre, Vila Bela e Serpa. Em Santarém coletamos apenas umas quatro espécies. Dispendemos 15 dias na viagem da cidade do Pará até Manaus.

“Partimos de Manaus a 10 de setembro a bordo do “Icamiaba” com destino a Tabatinga, tencionando prosseguir viagem nos vapores peruanos a partir dessa localidade até á vila de Jurimaguas, e, por canôa e a pé, daí até á vertente oriental dos Andes.

“Vários dos nossos companheiros de expedição ficarão em Tabatinga, S. Pagés, Nauta e Laguna, afim de fazer coleções nos rios Maranhão, Ualaga, Ucaiale, Napo, Javari e outros afluentes do Solimões e do Alto-Amazonas.

“Projetámos esse itinerário enquanto estivemos esperando a continuação da viagem na foz do Rio Negro, até o começo da vazante de modo a podermos fazer valiosas coleções sómente 40 dias depois.

“Em Tefé, durante a demora do navio, colecionámos alguns espécimes de *Acará petroina*, tendo na boca guardados os ovos, tendo tido o Prof. Agassiz oportunidade de estudar depois esse curioso fenômeno, de tão grande interesse científico.

“Encontrámos a vazante já muito adiantada aí, mas os habi-

(*) Não foi incluído o Apêndice I, que é um artigo publicado no “Anglo-Brazilian Times”, de 24 de out. 1865, sobre Desavenças Religiosas.

tantes da localidade disseram-nos que havia ainda grande abundância de peixes.

"Partimos nesse mesmo dia de Tefé (onde Bates fez coleções em 1857-1859).

"Em Fonte Boa, Tocantins e São Paulo, encontramos o rio mais baixo, tendo alguns moradores nos informado de que a enchente não demoraria muito.

"As circunstâncias nos obrigaram a alterar os planos de viagem, e o Prof. Agassiz resolveu regressar de Tabatinga a Tefé, continuar as suas coleções aí, aproveitando a época mais propícia á pesca no Solimões, enquanto o Dr. Coutinho e outro companheiro iriam estudar na vertente oriental dos Andes as formações geológicas e os vestígios dos antigos geleiros.

"Quando cheguei a Tabatinga, o plano acima foi novamente alterado a vista das notícias que nos chegaram do Perú. A guerra civil invadira os distritos de Caxamarca e Chachapoias, através dos quais eu deveria viajar, e não haverá segurança na travessia nem meios de realizar a viagem. Além disso, como a excursão ao Perú podia ser realizada em qualquer época do ano, ao passo que o estudo ictiológico do Rio Solimões apenas na vazante, porquanto quasi que todos os peixes desaparecem logo que começa a cheia, resolvemos deixar a tarefa dos Andes para mais tarde, e utilizar o período da vazante no Solimões.

"Encontrámos os remanescentes da Comissão espanhola em Tabatinga, comissão essa que havia descido o Rio Napo, depois de atravessar a República do Equador. Um de seus membros estava gravemente doente. / Espanhola, leia-se antes "Peruana". J. C. F. /.

Deixamos aí o Sr. Bourget fazendo coleções no Rio Javari, indo o Sr. James e um companheiro explorar o Içá, Jutai e Juruá.

No dia 24 de Setembro chegámos a Tefé. A primeira pescaria que fizemos foi nas praias de Nogueira, em frente a essa vila, distante cinco milhas. O entusiasmo do Professor Agassiz chegou ao paroxismo quando viu o grande número de espécies que foram colhidas em três lances de rede apenas. "Foi tão grande o sucesso que senti a minha cabeça rodar, confessou ele, vendo tantos peixes na praia".

Proseguimos com grande êxito os nossos trabalhos na bacia do Tefé, passando em seguida para a margem esquerda do Solimões em companhia do major Estulano, que nos proporcionou uma bela ocasião para fazermos uma linda coleção. O melhor resultado, obtivemo-lo na lagôa Boto, que é uma dessas curiosas formações d'água doce das ilhas do Amazonas.

O "paraná-mirim", canal que separa as duas ilhas, apresenta-se obstruído em sua porção mais rasa, quer devido ao banco

que se forma antes que ele corra ao lado da corrente, quer pelo aumento das praias na parte posterior das ilhas. O paraná-mirim passa então á condição de um golfo ou baía. Durante a vazante do rio, esses depósitos contribuem com o seu contingente, e, dessa fórma, as areias avançam pouco a pouco na direção da fóz. Quando o rio enche, isso não se dá á custa do esvaziamento dos golfos; ao contrário, estes recebem parte das águas do rio. Afinal, a embocadura seca no verão, crescem as plantas, os sedimentos aumentam rapidamente o solo, e o golfo se transforma numa lagôa.

Conforme acima ficou dito, os trabalhos foram grandemente satisfatórios na lagôa do Boto. O Prof. Agassiz teve aqui nova oportunidade de verificar o princípio por ele estabelecido há muitos anos sobre a semelhança entre os adultos e os filhotes dos diferentes gêneros da mesma família.

No Tefé, ele descobriu um novo gênero da família dos Scomberesoces, a que denominou *Limnobelone*. Esse gênero se distingue dos outros por ter as barbatanas dorsal e anal mais desenvolvidas, e a caudal arredondada. Os maxilares são iguais ao do gênero *Belone*.

Na lagôa do Boto pescámos um peixe jovem de um novo gênero, tendo o maxilar inferior muito maior do que o superior, completamente diferente do do individuo adulto, e, nesse ponto de vista, inteiramente semelhante ao de um outro gênero da mesma família, *Hemiramphus Braziliensis*, que é encontrado no Oceano Atlântico, sendo comum no Rio de Janeiro.

Não menos importante foi a descoberta feita pelo Professor Agassiz que alguns peixes da família dos Siluroides possuem apenas dois ossos no aparelho opercular, quando, até então, pensava-se que possuíssem três.

Em Tefé, recebemos grande auxílio do Dr. Romauldo, Juiz de Direito, do Capitão João da Cunha e do Tenente Pedro Mendes. O velho pescador Vicente Marques prestou-nos valiosas informações sobre os hábitos dos peixes, de acordo com as quais podemos firmar em seguras bases a distribuição em espécies.

No dia 18, chegou o nosso companheiro Sr. James, depois de sua visita aos rios Içá e Jutáí, porém não teve tempo de explorar o Juruá. / O Dr. Coutinho escreve com a inicial H todos os nomes dos afluentes do Amazonas que começam por J no mapa do Brasil que consultámos. /

No dia 21, o Icamaba ancorou no porto em seu regresso de Tabatinga, trazendo o Sr. Bourget. Ambos trouxeram para mais de duzentas espécies. Embarcámos no mesmo dia, e re-gressámos a esta capital a 23 de outubro.

Por motivos de saúde e falta de álcool para as coleções não fizemos aqui tudo o que esperávamos. Colecionámos ao todo setenta e seis espécies, quasi todas novas, durante os três dias que passámos na Lagôa Januari. A descoberta mais notavel foi a de um novo género da família dos Cromídios, que tem a nadadeira caudal em fórma de lança, género a que o Professor Agassiz deu o nome do Dr. Coutinho.

O Presidente da Província acompanhou-nos até o Januari, fornecendo-nos tudo o de que necessitávamos. Acompanharam-nos também o Dr. Tavares Bastos e um outro cavalheiro.

Até esse momento já colecionámos 776 espécies, das quais 650 novas.

O Professor Agassiz afirmára, antes de chegar ao Amazonas, que ficaria satisfeito si viesse a colecionar 250 espécies novas. O resultado foi, portanto, extraordinário, afirmando o professor que constitui verdadeira revelação para a ciência.

Supunhamos que houvesse diversidade de espécies nas águas escuras e claras, nas lagoas e nos rios, nos cursos superiores e nas embocaduras; mas ninguem teria imaginado que tal diversidade se estendesse a uma mesma região em que as condições se mostram idênticas.

As espécies do Pará são inteiramente diferentes das do Tajá-purú, estas das do Gurupá, estas das do Monte-Alegre, e assim por diante. Mesmo entre duas localidades vizinhas, nota-se grande diversidade, como tivemos ocasião de observar nas lagôas de José-Assú e Máximo, que não distam entre si 4 milhas, e estão situadas do mesmo lado do Tupinambaranas.

Compreende, portanto, o Amazonas grande número de faunas ictiológicas, isto é, províncias habitadas por diferentes espécies.

O conhecimento desse fato abre novos horizontes para as investigações científicas, e constitui a mais segura base para o estudo da distribuição das espécies.

Estabelecido que foi o princípio geral, cumpria conhecer o número das províncias ictiológicas, a extensão dos seus respectivos domínios, a situação dos pontos de contato e as causas determinantes das diferenças. Todas essas questões exigem longos trabalhos e estudos, mas os seus resultados devem ser extraordinariamente importantes e constituírem dos mais belos resultados jámais obtidos no estudo da natureza.

Tanto mais surpreendente se apresentam tais resultados quando se leva em conta que o clima não varia em grande parte do Amazonas.

O mesmo fenômeno que se observa no curso principal também se observa nos tributários do Amazonas; e como os nossos trabalhos foram levados a efeito apenas em alguns pontos do

Amazonas, e apenas um pouco além no Tapajóz, Javari, Içá e Tefé, algumas léguas distante de suas embocaduras, pode-se fazer uma idéa do resultado que se poderá obter numa completa exploração que abrangesse todo o curso do Amazonas e de seus tributários. Não é exagerado admitir a existência de 2 a 3 mil espécies no vale do Amazonas. Até agora somente um pouco mais de 100 eram conhecidas. Wallace colecionou 205 no Rio Negro; a sua coleção, porém, em sua maior parte se perdeu.

Com os nossos trabalhos nos rios Negro, Madeira e Maués, e em outras regiões da província do Pará, contamos encontrar, talvez, 300 espécies mais, atingindo assim um número superior a 1.000, que iguala ao número presentemente conhecido no Mediterraneo.

Quando Lineu publicou a sexta edição da sua obra "Sistema da Natureza", há pouco mais de um século, o número de espécies conhecidas em todo o globo não excedia de 300. Pois, agora, o trabalho de três meses apenas permite conhecer quasi 800 espécies no Amazonas". / Nota de Abril de 1866 — O resultado final de 5 meses, segundo estamos informados, é de 1.300 espécies. — J. C. F. /.

SEGUNDA CARTA

Manaus, 24 de novembro de 1865.

"Conforme dissemos em carta anterior, resolvemos adiar a nossa excursão ao Perú em vista das notícias recebidas em Tabatinga a respeito dos acontecimentos dessa república. A vazante das águas, por outro lado, também chegava a seu termo, restando assim pouco tempo para uteis coleções. Logo que começa a cheia, as praias ficam cobertas e as margens inundadas, abandonando grande número de espécies de peixes os rios em busca dos igapós, das matas que bordam os rios e que ficam inundadas durante o inverno. Os peixes que se deixam ficar escondem-se nos lugares mais fundos, e o emprego das rêdes e anzois torna-se quasi impossivel. Os únicos recursos dos índios são a flecha e o arpão, tornando-se a pesca muito morosa, regressando não poucas vezes o pescador de mãos vazias.

A coleção de peixes que fizemos em Tefé foi magnífica. Além de numerosas espécies, o Professor Agassiz descobriu muitos gêneros novos, adquirindo também o conhecimento de algumas leis importantes a que estão sujeitas determinadas espécies em seu desenvolvimento, cuja ignorância tem motivado enganos nas classificações.

Schomburg, por exemplo, estabeleceu como sendo um carater específico a protuberância porosa encontrada na cabeça de alguns

peixes do gênero *Cychla*; contrariamente a isso, achámos ser tal carater accidental. Tivemos ocasião de examinar o Tucunaré (nome indígena) sem a mencionada protuberância, com o seu início de desenvolvimento e depois de haver atingido o seu tamanho normal.

Esse curioso fenômeno se dá nos começos do inverno. Os pescadores explicam-no afirmando que o peixe, ao entrar nos igapós esfrega a cabeça de encontro as árvores, daí resultando a inflamação. A verdadeira razão, entretanto, é o estado crítico em que se encontra o Tucunaré nos começos do inverno, que é quando ele desova.

Pelo estudo de muitos representantes de varios gêneros da família dos Cromídeos, permitindo o estudo comparativo dos filhotes com os adultos, poude o Professor Agassiz estabelecer a seguinte lei: — as mesmas espécies apresentam caracteres radicais diversos conforme a idade.

Em determinadas espécies novas de Siluroides achou, também, dois ossos apenas no aparelho opercular, ao passo que todas as espécies anteriormente conhecidas possuem três.

Verificou de novo o princípio estabelecido por ele, faz muitos anos, sobre a semelhança dos adultos e dos filhotes de gêneros diferentes da mesma família. Descobriu um novo gênero pertencente á família dos Scomberosceos, a que *Lynnobelone*, e que se distingue dos demais gêneros por ter as nadadeiras dorsal e anal mais desenvolvidas e a caudal arredondada. Como no gênero *Belona*, os maxilares são iguais.

Pouco depois encontramos um filhote do mesmo gênero, apresentando o maxilar inferior muito mais desenvolvido que o superior, e, nesse particular, assemelhando-se a outro gênero da mesma família, o *Hemiramphus Braziliensis*, que habita o mar ao longo de quasi todo o litoral do Brasil.

Em Manaus coletámos mais 150 espécies, quasi todas na lagôa Januari, em frente á cidade.

Chegou hoje ao "Icamiba" uma bela coleção trazida pelas duas expedições que foram mandadas ás lagôas Manacápurú e Cudajás. Somente em dois bocais encontrou o Professor Agassiz 68 espécies, esperando maior número ainda nos 8 barrís ainda não abertos.

As coleções então feitas montam a 970 espécies, das quais mais de 700 novas. Imagine-se a surpresa e o prazer do Professor Agassiz diante de semelhante resultado, ele que, ao entrar no Amazonas, considerava-se feliz si pudesse descobrir 250 espécies.

Os resultados que obtivemos até agora leva-nos a acreditar que o grande rio compreende muitas faunas distintas em varias províncias ictiológicas; entretanto, quando, nas duas localidades

acima mencionadas, explorámos alguns igarapés (rios menores) e lagôas, distantes uns dos outros não mais de 1.200 jardas, verificámos ser extraordinário o número das espécies. Semelhante coleção de tão grande número de espécies durante um período de apenas 3 meses, surpreende-nos mais ainda quando se sabe que, em 1840, o Comandante Wilkes colecionou apenas 600 espécies em sua viagem ao redor do mundo, contando com três navios e a viagem tendo durado 4 anos.

Até agora não conseguimos determinar o número de espécies que contem uma só região, devido á escassez do tempo de que dispomos. Estamos presentemente tratando de fazê-lo na lagôa Januari.

A família dos Cromídeos é uma das que mostram ter maior sensibilidade ás variações do seu modo de existência, donde referirem-se a ela as mais importantes descobertas que estamos realizando. Ela compreende no Amazonas os peixes conhecidos por Tucunaré, Jacundá e Acará.

O Professor Agassiz acaba de crear 15 novos gêneros, abrangendo os peixes que vivem de preferência nos igarapés, e espera poder separar dois desses gêneros em famílias, levando em conta suas características gerais, alguns pertencendo aos Gobioides e outros aos Ciprinodontes. Esses peixes são conhecidos pela denominação de Amoré, e são encontrados apenas na parte ocidental da ilha de Marajó, no local denominado Taipurú. Essa circunstância nos faz acreditar que os Amorés demarcam aproximadamente o ponto até onde as águas do oceano atingem no Amazonas.

O gênero mais interessante, porém, na opinião do professor, é o que descobrimos no Lago Januari, em frente de Manaus. Ven, por assim dizer, fortalecer a união das famílias, servindo como intermediário a outras como os Jacundás (*Crenicychla*) e varios Acarás (*Satanoperca*, *Ilygogonus*). A estrutura da nadadeira caudal dos novos gêneros é um exagero do tipo Jacundá, consequência do prolongamento de seus raios medianos, ao passo que as nadadeiras dorsal e anal são igualmente alongadas na sua porção posterior, como nos verdadeiros Acarás. O corpo lembra o do Jacundá.

Segundo o professor, o nome *Polymorphus* convem perfeitamente aos Cromídeos. Seus gêneros se assemelham á maioria das famílias que habitam o oceano, muitos rios das Índias Orientais e outros pontos do globo. No Amazonas, portanto, encontram-se representantes de grande porcentagem dos habitantes dos mares. Essa família é uma das mais espalhadas, embora o maior número de suas espécies se encontrem na América do Sul. Com representantes em toda a extensão da Ásia tropical, estende-se á

África na costa ocidental do Cabo da Boa Esperança. Na América é encontrada em todos os cursos d'água do continente, desde a Patagônia até o Golfo do México; sendo substituída no Norte pela família dos Elictidios (Centrarquídios), que podem ser reunidos aos verdadeiros Cromídios.

O Professor Agassiz dedicou particular atenção ao estudo dos Cromídios, em razão das dificuldades que apresenta o conhecimento de suas espécies.

E' quasi impossível determinar com precisão os característicos desses peixes sem examinar um grande número de espécies, porquanto os adultos e os filhotes diferem grandemente entre si nalguns gêneros, e ha notavel diferença entre os sexos. Em alguns gêneros, o filhote tem uma forma mais alongada que o adulto, dando-se o contrario nos outros. É, todavia, pela cor que os adultos mais se distinguem dos filhotes. Os Tucunarés, por exemplo, quando completamente desenvolvidos, são notaveis por seu colorido brilhante, faixas transversais, e bela mancha azul escura na cauda, com uma franja amarelada ou cor de rosa. O individuo jovem, por outra, é de cor desmaiada, tendo apenas uma faixa longitudinal. No novo gênero Pleoropo, as faixas longitudinais que os filhotes ostentam são substituídas na adolescência por manchas escuras nos flancos e na cauda. O contrario se observa no gênero Mesonauta. Uma linha de pontos pretos, apresentada, pelos filhotes, em disposição diagonal sobre os flancos, transforma-se com a idade numa faixa contínua; e, em outros gêneros, observam-se modificações mais ou menos visiveis, variando com a idade.

É, pois, evidente que, para apreciar essas grandes diferenças, não é sufficiente a observação de um único exemplar. Por esse motivo, as descrições dadas até agora não podem fornecer uma exata noção de tais peixes, sendo muito provável que alguns deles, considerados como espécies diferentes, sejam apenas representantes de uma mesma espécie em suas diferentes idades. Ainda mais: o individuo adulto varia, também, conforme as estações, e no tempo da postura, quando ostenta suas cores mais vivas. Nesse particular, portanto, as pesquisas requerem muito tempo. A diferença de caracter entre os sexos não parece ser a mesma em todos os gêneros. As mais notaveis diferenças encontram-se entre os *Cychla* e *Geophagus* (Tucunaré e Acaráiné). O individuo macho possui, na época de fecundar as ovas, uma protuberância porosa na cabeça, como já mencionei, e que Schomburg considera como um característico das espécies *Cychla trifasciata* e *Cychla nigromaculata*.

Os hábitos dos Cromídios são muito variaveis. Enquanto alguns deles nadam na superfície das águas, como *Lepterophilum* (Acará-

pena) e *Mesonauta* (Acará-Meréré), outros descem um pouco ao fundo. Entre esses o gênero *Cychla*. *Hygrogonus* não larga o fundo e, enterrado no lodo, escapa muitas vezes da rêde. Esse gênero, que compreende o Acará-assú, é um dos mais belos, pelas manchas carmins que ostenta em sua cauda, acima das nadadeiras dorsal e lateral. Costuma deixar os ovos nos buracos que encontra nas margens, e aí demorar-se até que os filhotes o possam acompanhar.

Os peixes do gênero *Geophagus* e *Satanoperca* (Acaraiáné e Acaratinga) guardam os ovos numa bolsa formada pelos ossos faríngeos superiores, que se encurvam sobre os arcos branquiais.

O professor teve oportunidade de estudar o desenvolvimento completo dos ovos, (observando os recém-nascidos na bolsa branquial até o seu estágio de livre natação), na espécie a que deu o nome do Imperador, *Geophagus Pedroimus*, de que fez um estudo completo. (Nota: Esse peixe foi descoberto em 22 de novembro de 1862 pelos Srs. Henrique Antonil e J. C. F., quando estavam coletando exemplares de peixes para o Professor Agassiz, num igarapé da ilha dos Papagaios, em frente á cidade de Manaus).

A forma da cabeça é curiosíssima nessas espécies que guardam os ovos na bolsa branquial. Apresenta uma protuberância nervosa, lembrando o lóbulo elétrico dos *Malapterurus*, na porção posterior do cerebelo, e que serve de raiz ao nervo que daí se prolonga até o arco branquial inferior, formando, evidentemente um centro nervoso de função especializada, como se dá na bolsa marsupial. Por conseguinte, é bem merecida a denominação dada a essa protuberância de "lóbulo genético".

Há cerca de 30 anos foi creada a família dos Cromídeos, quasi ao mesmo tempo, por Heckel e Müller, com alguns gêneros de *Labroides* e *Scienuoides* de Cuvier. O número de suas espécies era então muito restrito. No catálogo do Museu Britânico, publicado em 1862, que nos dá a mais completa e recente descrição dessa família, o número de suas espécies em todo o mundo é de 110, distribuidas em 19 gêneros. Dessas espécies, apenas 12 pertencem ao Amazonas. Ora, nós, aqui, contamos 120 espécies, quasi todas novas, — isto é, um número maior do que o que se conhecia em 1862 para todo o globo.

Em outra oportunidade falarei das famílias dos Siluroides e Caracínios.

Na próxima quinzena pretendemos partir para Manaus, e daí para a cidade do Pará".

★ *Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes" Ltda., á rua Conde de Sarzedas, 38, para a Companhia Editora Nacional, em Outubro de 1941.*

